

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS - CCJE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - PPGADM

MARCOS SALES BEZERRA

**A JUVENTUDE NEGRA PARTICIPA DESCENDO ATÉ O CHÃO, CHÃO,
CHÃO: CONSCIÊNCIA POLÍTICA AO SOM DO BEKOO DAS PRETAS**

VITÓRIA - ES

2021

MARCOS SALES BEZERRA

**A JUVENTUDE NEGRA PARTICIPA DESCENDO ATÉ O CHÃO, CHÃO,
CHÃO: CONSCIÊNCIA POLÍTICA AO SOM DO BEKOO DAS PRETAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração, na linha de pesquisa Organização e Trabalho.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Prezotti Palassi

VITÓRIA - ES

2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

B574j Bezerra, Marcos Sales, 1988-
A Juventude Negra Participa descendo até o chão, chão, chão : Consciência Política ao Som do Bekoo das Pretas / Marcos Sales Bezerra. - 2021.
277 f. : il.

Orientadora: Márcia Prezotti Palassi.
Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Participação Política. 2. Consciência Política. 3. Juventude Negra. 4. Bekoo das Pretas. 5. Evento Cultural. I. Palassi, Márcia Prezotti. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65

MARCOS SALES BEZERRA

**A JUVENTUDE NEGRA PARTICIPA DESCENDO ATÉ O CHÃO, CHÃO,
CHÃO: CONSCIÊNCIA POLÍTICA AO SOM DO BEKOO DAS PRETAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração.

Aprovada em: 25/05/2021

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Márcia Prezotti Palassi
Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAdm/UFES)
Orientadora

Prof. Dr. Eloísio Moulin de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAdm/UFES)
Membro interno

Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo (PPGCS/UFES)
Membro externo

Prof. Dr. Alfredo Rodrigo Leite da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAdm/UFES)
Membro interno Suplente



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO



ATA DA 273ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Às 17 horas do dia 25 do mês de maio do ano de 2021, em Vitória (ES), reuniu-se a banca examinadora composta pelos Professores Drs. Márcia Prezotti Palassi (orientadora – presidente da banca), Eloísio Moulin de Souza (Membro interno) e Osvaldo Martins de Oliveira (Membro externo) para a defesa da dissertação de **MARCOS SALES BEZERRA**, com o título: **A JUVENTUDE NEGRA PARTICIPA DESCENDO ATÉ O CHÃO, CHÃO, CHÃO: CONSCIÊNCIA POLÍTICA AO SOM DO BEKOO DAS PRETAS**. Todos os participantes da banca estão remotos, por meio de videoconferência. Com a palavra, a presidente da banca deu início à sessão, passando a palavra ao aluno, que procedeu à exposição da dissertação. Na sequência, os membros da banca formularam as suas arguições, as quais foram respondidas pelo mestrando. Concluída a avaliação realizada pela banca, a presidente da sessão comunicou o resultado, que foi favorável à **APROVAÇÃO** do aluno. Por fim, informou que o aprovado fará jus ao diploma de Mestre após cumprir todos os requisitos, dentre eles: entrega da versão final de sua dissertação (em meio físico e digital) à secretaria do programa, conclusão de todos os créditos necessários, realização das atividades obrigatórias, e após a homologação do resultado da defesa pelo Colegiado Acadêmico do PPGADM. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual se lavra a presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora e pelo mestrando.

Profa. Dra. Márcia Prezotti Palassi
Orientadora

Prof. Dr. Eloísio Moulin de Souza
Membro interno – PPGADM/UFES

Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira
Membro externo – UFES/CCHN
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS

Marcos Sales Bezerra
Mestrando

De acordo com a Portaria n. 03, de 17 de março de 2020, em caráter excepcional, está autorizada a presença virtual de todos os participantes da banca. A assinatura do (a) presidente(a) da comissão julgadora e do examinador interno deverá ser efetuada por meio do sistema de protocolo digital da UFES. Ao assinar a ata, o (a) presidente(a) está atestando a participação do membro remoto externo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ELOISIO MOULIN DE SOUZA - SIAPE 1712712
Departamento de Administração - DAd/CCJE
Em 25/05/2021 às 18:40

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/197343?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
MARCIA PREZOTTI PALASSI - SIAPE 1490211
Departamento de Administração - DAd/CCJE
Em 25/05/2021 às 19:45

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/197380?tipoArquivo=O>

DEDICATÓRIA

Para minha amada avó, Isméria Maria Sales (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Como notas musicais, eu digo que compor este álbum (metáfora) não foi fácil. Ele possui canções gravadas em momentos felizes e inditosos. Assim, eu agradeço:

♪ A todos os Deuses, pela força vital do respirar.

♪ Aos familiares, pela capacidade de compreender as ausências.

♪ Aos meus pais (Seu Djalma e Dona Maria), que me permitiram (do seu modo) cumprir algumas jornadas da vida sem privações essenciais.

♪ As amigas (Castiel, Marcela, André, Luiz, Ângelo, Erik, Eliane, Laura, Max) que pelas andanças da cidade (saudoso Centro de Vix) experienciei o meu verdadeiro eu.

♪ Ao gerente do meu primeiro trabalho, que me fez perceber o quão para mim era pequeno aquele lugar (sarcasmo, risos eternos).

♪ A todos os Conselhos Municipais por onde atuei.

♪ As Escolas de Samba onde eu sambei (Olha? rimou).

♪ Aos diversos Coletivos que pisei.

♪ Aos Terreiros que me conectei.

♪ As Escolas Públicas de periferia que trabalhei (Alô Nova Rosa!).

♪ Aos projetos sociais que atuei (Salve a garotada de Diamantina e Carapina Grande!).

♪ Ao Bar da Zilda que deitei (gíria LGBTQIA+...).

♪ Ao Bekoo das Pretas, a Priscila Gama e Danny Borges, pelo afeto ancestral e confiança sempre. E a todos do Bonde do Bekoo (saudades do gosto da Xixá de Açaí).

♪ Ao NEAB/UFES, pelo aprendizado e trocas AFROtivas.

♪ Ao PPGAdm/UFES por possibilitar a existência desta pesquisa.

♪ A orientadora Dr^a Márcia Palassi Prezotti por aceitar fazer parte deste EVENTO.

♪ As “tias” da limpeza da UFES (verdadeiras guerreiras) por compartilhar o cafezinho e diversas histórias no Anexo II do CCJE, as “tias” da cantina, que por vezes anotaram o \$\$ do cafezinho. E as meninas da copiadora, pela paciência no atendimento.

♪ Aos servidores da UFES (secretaria acadêmica e biblioteca) pela atenção.

♪ Aos colegas da turma 2019/1, os especiais: Juliana; Andiara; Barbara; Luciana e Arthur, em profunda gratidão, a Juliana (Ju) Obrigade pelo nosso encontro, por diversas vezes ter segurado a minha mochila (você sabe para que né? risos!) Obrigade!

♪ A todos os jovens que toparam participar deste EVENTO, digo pesquisa.

♪ Aos MOVIMENTOS NEGROS CAPIXABA, o som tem que continuar ♪-♪-♪

EPÍGRAFE

#BLACKLIVESMATTER

Vidas Negras Importam!

RESUMO

Propõe-se nesta dissertação analisar como se configura a consciência política e predisposição à participação política de uma recente categoria social: a juventude negra (JN). A investigação buscou compreender a importância do espaço político não institucional, em meio ao som das madrugadas de sábado, sendo o *locus* da pesquisa, um evento cultural, o Bekoo das Pretas, organizado pelo Instituto Das Pretas (IDP). Adotou-se o marco teórico de Sandoval e Silva (2016) denominado de “Modelo Analítico de Consciência Política para a Compreensão da Participação em Ações Coletivas”. A pesquisa qualitativa de caráter descritiva exploratória realizada por estudo de caso, foi realizada junto a 8 jovens negros de 15 a 29 anos que frequentam o evento, sendo a Juventude que participa (JP) e a Juventude que não participa (JNP) de outros ativismos e/ou movimentos sociais. Os caminhos da produção de dados realizada no contexto da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) foram: a pesquisa documental; autoetnografia; diário de campo e entrevista com roteiro semiestruturado. Para análise foi empregado o método de Análise de Conteúdo com dimensões *a priori* definidas no modelo analítico, como macro categorias de análise. Os resultados revelam duas configurações de consciência: a) a juventude da lacração - a JNP, por ser aquela suscetível a mudanças e estarem envolvidas a eventos que se inscrevem em novas tendências de mercado, sempre prontas (os) para um arrasar; e b) a juventude da tradição - a JP, por estarem vinculados aos ritos com mais significados do passado (memória da cultura negra) e voltados estritamente a JN. A investigação permite apontar que, o Bekoo das Pretas, se constitui essencial, ao estabelecer na JN o desejo de encaminhar-se a outros espaços políticos e também almejar estar em outros processos deliberativos. Revela-se uma identidade coletiva compartilhada, entre a JNP; e uma identidade coletiva em construção, da JP, na medida em que a inserção em novo campo (mercado) feito pelo IDP/Bekoo das Pretas, obriga uma interação com um novo público (os jovens não negros). Este estudo contribuiu para explicar realidades onde o panorama é universalizado, e que para compreender os fenômenos sociais destes sujeitos, dois ou mais marcos teóricos seriam adequados. Conclui-se que esta análise psicopolítica possibilitou entender a situação juvenil da JN, no contexto onde a condição juvenil é universalizada.

Palavras-chave: Participação Política. Consciência Política. Juventude Negra. Bekoo das Pretas. Evento Cultural.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze how the political consciousness and predisposition to political participation of a recent social category is configured: the black youth (black youth). The research sought to understand the importance of the non-institutional political space, amid the sound of Saturday mornings, and the locus of the research was a cultural event, the Bekoo das Pretas, organized by the Instituto Das Pretas (IDP). We adopted the theoretical framework of Sandoval and Silva (2016) called "Analytical Model of Political Consciousness for the Understanding of Participation in Collective Actions". The qualitative research of exploratory descriptive nature carried out by case study, was carried out with 8 young black men between 15 and 29 years old who attend the event, being the Youth who participate (JP) and the Youth who do not participate (JNP) from other activism and/or social movements. The paths of data production carried out in the context of the pandemic of the new coronavirus (Covid-19) were: documentary research; autoethnography; field diary and interview with semi-structured script. For analysis, the Content Analysis method was employed with a priori dimensions defined in the analytical model, as macro categories of analysis. The results reveal two configurations of consciousness: a) the youth of the laceration - the JNP, for being susceptible to changes and being involved in events that are inscribed in new market trends, always ready to be swept away; and b) the youth of tradition - the JP, for being linked to rites with more meanings of the past (memory of black culture) and strictly focused on the JN. The research allows us to point out that the Bekoo das Pretas constitutes itself as essential, by establishing in the JN the desire to move towards other political spaces and also to aim at being in other deliberative processes. A shared collective identity is revealed, among the JNP; and a collective identity under construction, of the JP, to the extent that the insertion in a new field (market) made by the IDP/Bekoo das Pretas, requires an inter-relationship with a new public (young non-blacks). This study contributed to explain realities where the panorama is universalized, and that to understand the social phenomena of these subjects, two or more theoretical frameworks would be adequate. It is concluded that this psychopolitical analysis made it possible to understand the youth situation of JN, in the context where the youth condition is universalized.

Keywords: Political participation. Political consciousness. Black Youth. Bekoo das Pretas. Culture Event.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACSGRES	Associação Recreativa e Cultural, Grêmio Recreativo de Escola de Samba
APL	Arranjo Produtivo Local
BP	Bekoo das Pretas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCPHA	Comitê Cearense de Prevenção de Homicídios na Adolescência
CF-88	Constituição Federal de 1988
CNJ	Conselho Nacional de Juventude
COMJUV	Conselho Municipal de Juventude de Vitória
CONEGRO	Conselho Municipal do Negro
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
COVID-19	Doença do Coronavírus
DJ	Disc Jockey
EJ	Estatuto da Juventude
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ES	Espírito Santo
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FEJUNES	Fórum Estadual da Juventude Negra do Espírito Santo
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FNB	Frente Negra Brasileira
GELEDÉS	Instituto da Mulher Negra
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDP	Instituto Das Pretas
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IVJ	Índice de Vulnerabilidade da Juventude
JNP	Juventude que não participa
JP	Juventude que participa
LGBTQI+	Lésbicas, Gay, Bissexual Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo
LPJ	Levante Popular da Juventude
MEI	Micro empreendedor Individual

MNU	Movimento Negro Unificado
MUCANE	Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro
OBIJUV	Observatório da População Infanto Juvenil em Contextos de Violência
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organização da Sociedade Civil
PJN	Projeto Juventude Negra
PM	Polícia Militar
PNEA	Pesquisa Nacional de Eleições Americanas
PNPN	Política Nacional de Política Negra
PNPS	Política Nacional de Participação Nacional
PPGADM	Programa de Pós Graduação em Administração
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PROUNI	Programa Universidade para todos
PT	Partido dos Trabalhadores
RJ	Rio de Janeiro
RJV/RN	Rede de Juventude Viva do Rio Grande do Norte
SEAD	Secretaria de Educação a Distância
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEJURN	Secretaria Extraordinária de Juventude do Rio Grande do Norte
SEMC	Secretaria Municipal de Cultura
SESA	Secretaria de Estado da Saúde
SGPR	Secretaria Geral da Presidência da República
SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
SNPS	Sistema Nacional de Participação Social
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNEGRO	União de Negros pela Igualdade
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIAFRO	Especialização em Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - As três posições de nexos e causalidade da teoria de atribuição de Hewstone (1989).....	96
Quadro 02 - Características dos jovens negros (as) participantes da pesquisa.....	158
Quadro 03 – Dimensões da Consciência Política.....	187
Quadro 04 - Resumo das dimensões da consciência política da Juventude Negra.....	221

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Modelo Analítico de Consciência Política para a Compreensão da Participação em Ações Coletivas.....	91
Figura 02- Modelo Analítico de Consciência Política (Atualizado).....	101
Figura 03- Organograma do Instituto das Pretas (IDP).....	103
Figura 04- Primeira sede do Instituto Das Pretas (IDP).....	126
Figura 05- Segunda sede do Instituto das Pretas (IDP).....	128
Figura 06- Terceira sede do Instituto Das Pretas (IDP)	129
Figura 07- Oficina INCUBA_NÓS IDP em parceria com o SEBRAE/ES.....	130
Figura 08- Encontro Das Pretas Potências Epicentrando os Movimentos.....	131
Figura 09- Fluxograma atual do Instituto das Pretas (IDP) 2020.....	134
Figura 10- Beco das Pulgas - Centro de Vitória (ES)	136
Figura 11- Flyer de divulgação do Beco das Pulgas – Evento 17/08/2014.....	137
Figura 12- Bem Vinda (o) ao Bekoo das Pretas.....	139
Figura 13- Fila de entrada – Edição Chama na Chama.....	142
Figura 14- Entrada Bekoo – Edição 10.....	145
Figura 15- Achados e perdidos – Edição 10.....	146
Figura 16- Edição Arraiá do Bekoo.....	147
Figura 17- Libertem Rafael Braga-Edição Força Preta.....	148
Figura 18- Corpo negro Livre, Leve e Solto.....	150
Figura 19- Os Bondes que participam do Bekoo.....	151
Figura 20- DJ Drag’s - Edição Bekoo Ano Novo 2019.....	152
Figura 21- Koo Battle- Edição Bekoo Ano Novo 2019.....	154
Figura 22- Tássia Reis (no centro) e Priscila Gama (a direita) 2º Edição do Encontro Das Pretas.....	183

SUMÁRIO

PRÓLOGO	38
ATO 1, a infância no século XX.....	39
ATO 2, a juventude que trabalha no século XXI.....	40
ATO 3, no mundo do 3º grau.....	42
ATO 4, no mundo dos Conselhos Municipais.....	43
ATO 5, o retorno a minha antiga escola?.....	44
ATO 6, agora sim estou na UFES.....	46
ATO 7, não esqueçam disto.....	49
1 “MICHAEL, ELES NÃO LIGAM PRA GENTE” RE-ESCREVENDO UMA NOVA HISStory!512 ELA VEIO PARA ASSOMBRAR: QUE “BICHO PAPÃO” É ESTE?	58
2.1 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....	58
2.1.1 Panorama da Participação Política da Juventude Negra: Experiências Internacionais.....	62
2.2 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE NEGROS (AS) DO BRASIL: UM PARENTESE DA NOSSA <i>HISStory!</i>	69
2.2.1 Panorama da Participação Política da Juventude Negra: no Brasil participar é preciso. É necessário!.....	73
2.3 O MODELO ANALÍTICO DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA PARA A COMPREENSÃO DA PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES COLETIVAS.....	88
3 SE A GENTE SE ORGANIZAR? TODO MUNDO pontinho, pontinho, pontinho CHEGA NO EVENTO	103
3.1 O CAMPO DA PESQUISA NO CONTEXTO DO COVID-19: O HOME OFFICE COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO DOS DADOS.....	104
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	109
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	110
3.4 PRODUÇÃO DOS DADOS.....	113
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	118
4 O LUGAR QUE EU PARTICIPO: A JUVENTUDE NEGRA QUER FALAR, E ELA VAI	120
4.1 A TRAJETÓRIA DO INSTITUTO DAS PRETAS (IDP).....	121
4.2 ENFIM CHEGAMOS NO BEKOO DAS PRETAS. AFRODIÁSPORA URBANA QUE TE FAZ DANÇAR: ESCOLHA SUA MELHOR ROUPA, SE PERFUMA E VEM.....	135
4.3 DO PRESENTE AO PASSADO: O EU, E A TRAJETÓRIA DESTA GERAÇÃO QUE PARTICIPA.....	156

4.4 PALAVRAS DA JUVENTUDE NEGRA QUE PARTICIPA DESCENDO ATÉ O CHÃO, CHÃO, CHÃO: DIMENSÕES, CONFIGURAÇÃO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA E O “SEU LUGAR” DE ESCUTA	180
4.4.1 Quem nós somos?	187
4.4.2 Luta pela mudança social?	193
4.4.3 Nós somos diferentes ou iguais; e quem são os outros?	199
4.4.4 Afetamos e somos afetadas (os)?	204
4.4.5 É ação política ou mimimi?	209
4.4.6 Eu estou aqui, e quero estar lá?.....	213
4.4.7 Chegaremos em algum lugar?.....	217
4.5 O EVENTO AINDA NÃO ACABOU: UMA BREVE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	224
5 FINALIZANDO O EVENTO	229
REFERÊNCIAS.....	238
ANEXO I – DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO FORÇA PRETA (2017).....	258
ANEXO II- DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO 10 (2017).....	259
ANEXO III- DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO CHAMA NA CHAMA (2018)	260
ANEXO IV – DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO BEKOO ANO NOVO (2019)	261
ANEXO V - DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO BEKOO JULINO (2019) ...	262
ANEXO VI - DESCRIÇÃO DA OFICINA INCUBA_NÓS IDP EM PARCERIA COM O SEBRAE/ES (2019).....	263
ANEXO VII - DESCRIÇÃO DO ENCONTRO DAS PRETA POTÊNCIA.....	264
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	266
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	268
APÊNDICE C – CRONOGRAMA DA PESQUISA	270
APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA DA PESQUISA	271
APÊNDICE E – TERMO DE SIGILO DAS GRAVAÇÕES	272
APÊNDICE F – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	273

PRÓLOGO

“Bixistranha, loka preta da favela
 Quando ela tá passando todos riem da cara dela
 Mas, se liga macho, presta muita atenção
 Senta e observa a sua destruição
 Que eu sou uma bixa loka preta favelada
 Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada
 E se tu for esperto, pode logo perceber
 Que eu já não de brincadeira, eu vou botar é pra fuder
 Ques bixistranha, insandecida
 Arrombada, pervertida
 Elas tomba, fecha, causa
 Elas é muita lacração...
 Mas daqui eu não tô te ouvindo, boy
 Eu vou descer até o chão...
 O chão
 O chão
 O chão, chão, chão, chão
 (...)
 Bixa pre (trá... trá... trá, trá)
 Bixa pre (trá, trá, trá, trá, trá)
 Bixa pre (trá... trá... trá, trá)
 Bixa pre (trá, trá, trá, trá, trá)
 (...)
 A minha pele preta, é meu manto de coragem
 Impulsiona o movimento
 Envaidece a viadagem, vai desce
 Desce, desce... desce
 Desce a viadagem!
 (...)
 Sempre borralheira com um que de chinerella
 Eu saio de salto alto, maquiada na favela
 Mas, se liga macho, presta muita atenção
 Senta e observa a sua destruição
 Que eu sou uma bixa loka preta favelada
 Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada
 E se tu for esperto, pode logo perceber
 Que eu já não de brincadeira, eu vou botar é pra fuder
 Ques bixistranha, insandecida
 Arrombada, pervertida
 Elas tomba, fecha, causa
 Elas é muita lacração
 (...)
 Sempre borralheira com um que de chinerella
 Eu saio de salto alto, maquiada na favela
 Mas que pena, só agora viu que bela aberração?
 É muito tarde, macho alfa... Eu não sou pro teu bico...
 Não!”

Linn da Quebrada (2017)¹

¹Música **Bixa-Preta** de Linn da Quebrada – ativista social pelos direitos da comunidade LGBTQIA+, cantora, atriz e compositora. A música compõe o álbum *Showlive: Ao vivo* lançado em 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pKRpcv9hfUg>. Acesso em: 07 de fev. de 2021.

Escute: Eu quero participar. Eu vou!

O autor que aqui vos fala nasceu no outono, do ano de promulgação da Constituição Federal Brasileira. Isso significa dizer que, após longas discussões anteriores daquele ano, o Brasil se redemocratizou, conferindo a importância para o debate político, os direitos sociais das minorias, grupos que historicamente foram excluídos, sobretudo, por não estarem integrados socialmente na dinâmica social brasileira. É evidente que, naquela época, estas informações não estavam visivelmente entendidas por mim, mas o fato era que, sobre todos os brasileiros estavam resguardados, e ainda está, o direito à cidadania. Pode-se dizer que eu tive uma infância feliz, houve a possibilidade de brincar na rua após a escola, o que hoje não se pode fazer com maior tranquilidade, e não havia apertos substanciais que me colocaram a escolhas cruciais, como: comer ou vestir-se, algo que, para muitos outros amiguinhos se fazia presente, uma realidade. É importante destacar a existência de singularidades explícitas para todas as juventudes sejam elas: negras; brancas; pobres e ricas, isso não implica afirmar que, para este, que aqui vos fala, exista um distanciamento com os jovens negros (as) deste século, que são os protagonistas nesta pesquisa, pelo contrário, a algo que nos aproxima. Como minhas experiências podem ser distintas, considerando os aspectos familiares, o espaço/tempo, avanços legais, fatores econômicos e lugares que passei. Ainda assim, existe um detalhe intimista que nos une.

ATO 1, a infância no século XX

Minha infância se deu nos anos 1990, para mim, naquele momento as discussões sobre raça e participação política no contexto que me inserir socialmente não existiam, nem sequer outras, a exemplo, sobre a seriedade dos direitos humanos e sociais. É importante falar também que, mesmo estando todos os dias na escola pública (todo meu ensino fundamental e médio), lá não se falava sobre a importância da participação política de posicionar-se, e sobre raça, tendo este último assunto, uma obrigatoriedade legal como hoje. Alguns temas não eram colocados para o debate, o currículo escolar era estático e pouco atrativo. Na minha casa, lembro que havia apenas uma televisão (TV) e um pequeno rádio como canal de informação. Na TV quando assistia à sua programação, era raro nos canais abertos haver apresentadores, super heróis e personagens de

desenhos infantis como eu. Porém, já naquele momento, o conteúdo de afeição estava sempre direcionado a coisas de outros universos, eu gostava de ouvir palavras, sons e observar imagens do cotidiano político. Me lembro de ligar no jornal da TV cultura, e ficar à tarde toda observando as imagens que passavam durante as reportagens jornalísticas, aquela era a minha maneira de conhecer o mundo. E assim foi, construí esta fase da vida socialmente sem ao menos perceber que era uma criança negra, e sem entender também que, teria direitos sociais garantidos. A Constituição Federal Brasileira de 1988, que determina direitos e obrigações, não estaria tão próxima assim a mim.

ATO 2, a juventude que trabalha no século XXI

Na fase juvenil, em meados de 2003, como muitos jovens no final do ensino médio, havia aquela vontade de prosseguir os estudos. Naquele momento a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), era a única possibilidade desta continuidade. Por ser curioso e metódico, únicas explicações que tenho para a escolha do curso, tentei o vestibular para Ciências Biológicas no campus de São Mateus, região norte do estado do Espírito Santo (ES). Fui aprovado para o ingresso no segundo semestre daquele ano. Porém após a intensa investida, surgiram os primeiros impedimentos: como vou me manter em outro município? A necessidade econômica de uma família pobre que não podia custear a saída de um filho para uma formação superior em outro município foi colocada como questão, a emergência era de ter mais um sujeito, para ajudar nas despesas da família, afinal: eu já havia “concluído os estudos”, não é? frase que ouvia constantemente. Cursar uma faculdade, naquele momento, era algo que não surtia possibilidades de mudanças. Não tive escolhas, não fiz a minha matrícula e não ingressei na UFES. Foi a primeira experiência do mundo adulto que eu já vivenciava tão cedo. Naquele momento, eu não entendia exatamente o porquê não podia participar daquele espaço. Por muito tempo depois eu me vi sem ânimo, me afastei da ideia de ter a formação superior, e entendi que outro lugar me receberia de braços abertos, o mercado de trabalho.

Ainda na fase juvenil, o ingresso no mercado de trabalho se deu pela atividade comercial, ralei muito num estoque de produtos de uma loja localizada no centro da capital de Vitória (ES). A dinâmica da atividade era bem simples, separar produtos e colocá-los em seus respectivos endereços nas prateleiras. Porém, meu interesse sobre

política estava ali. Eu realizava minhas tarefas todos os dias ouvindo diariamente uma rádio local que tratava (e ainda aborda) sobre assuntos do mundo político. Num determinado dia, uma nova gerente veio transferida do estado do Rio de Janeiro (RJ), ela era diferente dos outros gerentes, além de ser uma mulher e negra, entre os 35-40 anos, tinha um jeito forte de falar e por trás daquela maneira convencida a todos da realização da ação do dia, que seriam as, metas e vendas de garantias estendidas. Ela estava em experiência, uma espécie de programa de trainee, e poderia permanecer conosco, eu disse poderia. Durante o cafezinho, parte da equipe sempre conversava sobre coisas sem sentido e de experiências de suas vivências. Num determinado dia esta gerente contou sobre sua formação, formação em Administração, havia concluído o curso, a pouco tempo numa faculdade particular carioca e estava ali como todos nós em busca de uma oportunidade, e que não estava sendo fácil. Naquele momento eu não entendi muito bem. Foi então que, numa segunda-feira na reunião com todos os funcionários reunidos, como de costume no início de cada semana, ela não estava mais conosco, havia outra pessoa no lugar. Vimos um novo gerente, este com um perfil mais parecido com os antigos gerentes, um homem branco, olhos claros, alto com aproximadamente com 1,80 de altura, este não fazia questão de utilizar o uniforme, como todos nós, de parecer-se com a equipe, ostentando apenas o crachá.

Por certo, a história da antiga gerente que hoje não me recordo o nome, mas que, sempre me remete a memória, me fez entender que, eu poderia também recuperar aquele desejo, e prosseguir para a formação superior. Com isso, decidi voltar a estudar. Neste caso, não foi fácil, pois já imerso no mercado de trabalho, eu não podia deixar tudo para trás, ajudar em casa, e me manter socialmente, é um contexto no qual ainda realizo até os dias atuais. Afinal, me perguntava: como eu iria retornar aos estudos? O desejo de participar da formação superior era imenso, a disputa por uma vaga no curso de Administração na UFES era muito concorrida também, e não só, existia outro problema, o curso naquele momento era ofertado apenas no turno diurno, horário que literalmente eu deveria estar no trabalho. Fiz a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e fui contemplado com uma bolsa integral no curso noturno de Administração numa instituição particular. Entre tantos desesperos, o caso agora seria o de comunicar formalmente no trabalho para uma possível mudança de horário que não alteraria em nada a dinâmica da empresa, assim, eu poderia trabalhar ao dia e estudar à noite. Me lembro até hoje daquele dia quando fui comunicar o gerente, ao ser chamado pelo microfone:

“*Marcos, compareça à gerência!*” naquele momento a caminho para lá, fui pensando em diversas coisas, que um dia poderia estar como trainee daquela empresa, sem aquele uniforme que, pelo trabalho intenso nunca estava tão limpo, que poderia viajar para outras regiões do país, e conhecer novas pessoas, enfim, um mundo de possibilidades. Ao chegar na gerência fiquei em pé, fui questionado pelo gerente: “*Fiquei sabendo que está com boas novas né?*” eu respondi: “*sim, passei para entrar na faculdade*”. Rapidamente ele respondeu: “*que bobo! isso não vai dar em nada! É melhor você continuar trabalhando aqui, nós estávamos pensando até promovê-lo para supervisor de caixa*”. Diante daquela fala, naquele momento, eu entendi que aquele era um recado implícito de que, eles não iriam me ajudar na mudança de horário, e não estavam felizes com a minha conquista. Saí dali (transtornado não sei como) subi para o estoque e respirei. Durante toda aquela semana fiquei pensativo. Foi então, que decidi deixar aquele trabalho e começar uma nova fase, eu decidi mudar o rumo para uma escolha que não me apresentava um caminho tão óbvio assim, não sabia como iria caminhar, mas tinha que tentar, aí tentei.

ATO 3, no mundo do 3º grau

Foi na faculdade que percebi, como são enfatizados pelos sujeitos que ocupam aquele lugar, os marcadores sociais de diferenças, desde aparelhos ultra modernos de *smartphones*, roupas da moda, relógios, tênis da Nike, estes eram os elementos que demarcavam de que lugar você era. Embora eu alcançasse todos estes marcadores, percebia que havia algo que inevitavelmente pressupunha as pessoas que eu viria de outro lugar. As pessoas logo ditavam, de onde eu vinha e quem eu era, antes de eu mesmo dizer. Ficava um dilema, um estranhamento sempre nos momentos que isso ocorria. Pois bem, ainda no primeiro ano, consegui um estágio remunerado no centro da capital, numa instituição pública federal, autarquia que visa garantir a assistência e proteção dos cidadãos brasileiros. Porém fui inserido num setor que avaliava uma das fases do processo administrativo disciplinar, destinado a apurar responsabilidade de servidores federais por infração praticada no exercício de suas atribuições. Contrário à minha antiga experiência profissional, eu percebi que ali o estilo de trabalho era outro, os servidores, nome que eles gostavam de ser tratados quando abordados (servidor fulano ou ciclano),

trabalhavam em silêncio, não havia muita conversa, mesmo no horário do intervalo, eram pessoas reservadas.

Fui me acostumando com o trabalho, e logo percebi que as condutas eram outras. Passei a vestir-me naquela época seriamente, me lembro que com o primeiro salário, comprei a minha primeira camisa polo (com o tal jacaré). Minhas roupas estavam sempre passadas, isso tudo foi me afeiçoando a entender o que era o trabalho no serviço público, com tão pouca idade, 23 anos. Eu estava seduzido por aquele trabalho, e queria muito continuar a ter aquele estilo de vida, as discussões nas formações em serviço sempre remetiam aos jargões do mundo político. Assim percebi que, o debate político era subsidiado por um abecedário rico de informações, entretanto faltava algo ali, por mais que existisse um debate qualificado, ao mesmo tempo, existia a ausência de uma realidade, que socialmente eu compartilhava ao retornar para casa, todos os dias. O debate era contextualizado por apenas um ponto de vista que todos eles compartilhavam. Assim, eu fui entender mais o que faziam as instituições públicas, o que resultou no meu trabalho de conclusão de curso, eu analisei as competências organizacionais de uma instituição pública municipal da região metropolitana.

ATO 4, no mundo dos Conselhos Municipais

Graças a todas estas vivências, assim que me formei Bacharel em Administração, logo ingressei como contratado num órgão público municipal da capital, e não só, comecei a realizar diversos processos de seleção nos concursos públicos, aos quais alguns fui classificado e ainda aguardo nomeação. Localizado neste órgão lotado na pasta da educação comecei a participar das discussões desta área e interessava-me ainda mais as discussões sobre o mundo político que envolvessem os jovens. Tudo isso, me fez candidatar-me no Conselho Municipal, por acaso, o primeiro foi o Conselho Municipal do Negro (CONEGRO) no município de Cariacica. Me afortunei de aprendizados políticos desde a primeira reunião, em especial, por entender mais sobre aquelas experiências que me sondavam até ali, e que eram temas evitados pelas pessoas e desconhecido por mim, como: racismo; discriminação e preconceito. Foi a partir do CONEGRO, ao lado de negras (os) militantes capixabas que recebi as primeiras orientações, tendo como exemplo, as muitas denúncias de racismo que chegavam e tratávamos nas reuniões, hoje nomeado como racismo institucional. No CONEGRO, eu simpatizei ainda mais,

com as políticas sociais, engajamentos em ações coletivas, e me filiei a União de Negros pela Igualdade (UNEGRO). No ano de 2017, pleiteei a candidatura em outro, o Conselho Municipal de Juventude de Vitória (COMJUV), biênio 2018-2019, no município de Vitória, fui aprovado pela comunidade para ocupar a cadeira titular da sociedade civil na pasta Raça e Diversidade, isso me aproximou ainda mais das ações juvenis capixabas, a exemplo, às ações do Fórum Estadual da Juventude Negra do Espírito Santo (FEJUNES). Com exageros sentimentais, me orgulho em dizer que: sou negro! Entendi, que o emprego de outras nomeclaturas (moreninho, queimadinho de praia e pardo) surgiram no momento histórico em que, está república se guiava para uma suposta ideia de igualdade ampliada pela Constituição Federal Brasileira de 1988, não apenas na possibilidade da participação política, mas também social, de direitos e racial. Porém, enfatiza-se aqui que, as realidades sociais que estão todos os dias sendo retratadas pelos jornais, na televisão e nas vielas dos bairros mais vulneráveis são apresentadas por dados estatísticos e apontam outras situações. Existem distinções entre os jovens que residem no mesmo estado do ES? A pergunta é: Por que?

Eu não acreditava como eu cheguei até aqui, e vivo. Durante a revisão de literatura desta pesquisa, ao ler os resultados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) de 2017, o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial, aponta que, a juventude negra está propensa a ser assassinada seis vezes mais no estado do ES do que outras etnias. Naquele momento, ainda contratado pelo órgão municipal, aquilo que era evitado dizer até ali, passou a ser utilizado no meu repertório diariamente, as palavras como: racismo; discriminação e preconceito, tomaram novos significados. Assim, estabeleci a estimar também os mais próximos sobre a importância da valorização de traços naturais e possíveis sinais de racismo em suas atitudes do cotidiano. Fui percebendo que, apesar do gosto na época, eu ficava me questionando se raspar a cabeça (estilo Ronaldinho) era minha conduta ou algo determinado socialmente. Ignorando as críticas da época, eu deixei meu cabelo crescer e vi o que dava. O resultado? Eu adorei.

ATO 5, o retorno a minha antiga escola?

Após três de trabalho no órgão municipal sob tarefas administrativas, busquei outra atividade profissional. Na época, em 2014, me inscrevi para lecionar em cursos

profissionalizando do ensino médio em escolas públicas estaduais, fui selecionado para a equipe de educação profissional e me indicaram a uma vaga de uma escola localizada num bairro da região de Cariacica, caracterizado por muitos conflitos territoriais (roubos, tráficos e violência doméstica). Eu fui, com medo e contrário as enunciações percebi que, naquela escola os jovens, em sua grande maioria negros (as), apesar de não serem totalmente dedicados nas atividades, tinham a vontade de aprender e gostavam de estar naquele espaço. No decorrer da atuação percebi que, os alunos não faltavam, estavam na escola todos os dias. É curioso porque apesar de não estarem comprometidos com as aulas, eles iam todos os dias, repito todos os dias. Eu percebi que eles denunciavam de sua maneira o que faltavam naquele espaço, para a sua melhoria. Porém, grande parte dos professores sequer os ouviam.

“Não posso fazer nada! isso é problema seu! que música de ‘bandido’ é esta? Abaixa esse som!”. Estes eram os jargões que mais se dava para ouvir dos colegas professores pelos corredores, havia uma ausência de diálogo entre professores e alunos. Nas reuniões gerais, momento em que, todos os professores do ensino técnico e do ensino regular se encontravam, eram muitas questões trazidas pelos alunos e colocadas pelos professores, as situações de racismo e preconceito eram o que mais se repetiam. Apesar dos professores estarem preparados para lecionar o currículo, naqueles relatos eu percebia uma fragilidade para o trato com o assunto: racismo e preconceito e em como resolvê-lo na prática, em sala de aula. Afinal eu pensava sobre as leituras que já havia realizado até ali sobre raça: *“os professores não foram orientados a tratar sobre estes temas, mas não está previsto no currículo pela Lei n. 10.639/2003?”*. Esta é uma lei federal implementada em 2003, e versa sobre a inclusão nos estabelecimentos oficiais de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a obrigatoriedade do ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, implementando nos currículos escolares conteúdos programáticos como: a contribuição do povo negro na formação da sociedade nacional; resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil. Assim, eu fiquei com esta questão na cabeça, ela se voltava sempre, a todo o momento.

Não demorou muito, eu fui percebendo que, grande parte dos alunos se mostravam interessados para as atividades, a não ser aquelas trazidas pelo método tradicional (pincel e lousa). Dentro da escola, alguns gostavam de produzir rimas, outros se expressavam pela dança, atividades que denunciavam suas realidades. E sobre o que ocorria

fora da escola, durante os debates na minha disciplina que, traziam questões relacionadas a importância do Estado, os alunos falavam das abordagens truculentas e descreviam situações que já haviam vivenciado, principalmente nas mãos da Polícia Militar (PM). Ainda que indiretamente eu não tenha vivido daquela maneira tal fase, alguns sentimentos que havia daquela fase em que cursei na escola pública, estavam ali, se repetindo e projetado por aqueles jovens na minha frente. De certa maneira, eles sabiam dos submundos daquela região, mas possuíam uma conduta de não falar explicitamente. Dentre os dois anos e meio que estive ali, eu perdi dois alunos na pauta (lista de chamada) por algum motivo, que até hoje eu não sei dizer exatamente, eles desapareceram. Os professores mais experientes também sabiam de algo. Entretanto, o silêncio pairava, e tal situação convivia lado a lado do currículo formal. Assim se constituía a realidade daquela escola. Meu desejo algum dia é retornar novamente como professor lá, pois acredito que, de alguma maneira, fiz parte da história de muitos alunos. Alguns deles continuaram seus estudos no 3º grau, inclusive tantos outros encontrei aqui, nos corredores desta Universidade. Fiquei muito feliz!

ATO 6, agora sim estou na UFES

Foi numa formação com todos os professores no trabalho que eu tive acesso ao edital do processo de seleção ao curso de Especialização em Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola (UNIAFRO), ofertado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB). Naquele momento quando realizei a leitura do edital, eu já sabia o que iria propor como ideia ao trabalho final. Após as etapas do processo, que foi bem concorrido, consegui ingressar no curso e na UFES. No fim daquele mesmo ano também fui selecionado no segundo vestibular, mas agora pela nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) iria cursar Bacharelado em Serviço Social na UFES pelas reservas de vagas sociais, que antes não existiam. Neste momento (2020/1), a matrícula do curso encontra-se trancada. No curso de especialização, foram dois anos de muitos aprendizados, aulas com grandes professores que escrevem sobre o tema raça de maneira brilhante, orientaram algumas disciplinas. Assim como, no curso de Serviço Social conheci mais sobre a formação social, política e econômica do Espírito Santo. Junto a tudo isso, estava realizando o processo seletivo para tutor presencial no curso de especialização em Gestão Pública, ofertado para os servidores técnicos administrativos da

UFES. Tempo depois recebi um telefonema desesperado do coordenador, dizendo: “*É o Marcos? você foi selecionado para tutor, deixe sua documentação na minha mesa o mais rápido possível*”. Eu abdiquei da minha atividade na antiga escola estadual, e fui atuar como tutor presencial. Durante as formações para esta nova atividade de trabalho, fui conhecendo o universo da Secretaria de Educação a Distância (SEAD), e ali vi a importância de ter uma trajetória de pesquisa. Eu percebi que grande parte dos tutores que atuavam lá, traziam em suas pesquisas questões que os acompanhavam, quase todos eles, eram mestres e/ou doutores para atuar naquela modalidade, e eu não (ainda né?). No final do curso do NEAB, desenvolvi um estudo de caso com jovens, analisando o discurso de professores e alunos (as) sobre a lei federal n. 10.639/2003. Mas ainda faltava algo, conversando com os colegas que estavam para finalizar o curso NEAB ao meu lado, tínhamos muitas questões a serem respondidas. Assim, o olhar sobre a participação política e raça passou a ser direcionado para a minha formação inicial.

Lembrei da minha infância, fase juvenil, experiências de trabalho, tudo aquilo veio à tona, em todos os momentos estava envolto a mim algum tipo de organização. Por vezes, sendo generosa, fornecendo notícias a cada meia hora, que foi essencial para a minha aprovação no primeiro vestibular da UFES em Ciências Biológicas, ao qual eu não pude cursar. E por outras cruel, por não me ofertar ensinamentos e estímulos iniciais para se pensar, qual o papel do Estado, de suas instituições, quais eram os meus direitos sociais e até mesmo as dimensões estruturais esquecidas pela história, foi dito apenas aquela clássica informação: “*você foi libertado por uma princesa e ponto*”. Assim, como outra organização, que não me acolheu num determinado momento quando eu mais precisava continuar uma nova fase no 3º grau. Hoje entendo na prática o que é o paradigma funcionalista, abordado na disciplina de teorias das organizações do Programa de Pós Graduação em Administração (PPGADM). Neste paradigma, não há negociação, o funcionário é apenas mais um recurso, e como tal, descartado na medida em que não corresponde mais aos objetivos organizacionais, eu pensava: “*Essas experiências eram uma singularidade que ocorriam apenas comigo?*”

Após finalizar o curso do NEAB e a tutoria na SEAD, me perguntei: “*Quais discussões naquele momento se faziam na Administração que eu podia me encaixar?*”. No final de 2018, fiz a inscrição no PPGADM, eu fui pelo tema mais óbvio, o negro empreendedor, que era a vertente mais próxima deste encaixe, a partir daí desenvolvi um projeto de pesquisa, obrigatório para participar do processo de seleção. O objetivo era ana-

lizar um dos primeiros documentos produzido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) sobre raça, intitulado: “os donos de negócio no Brasil: análise por raça e cor (2001-2014)” publicado em 2016. Na época o pressuposto no projeto era construir uma crítica da instituição que abordaria a raça de uma forma desinteressada e desarticulada com a trajetória da população negra. No projeto eu afirmava que, não existia um debate público que considerassem as condições reais dos negros (as) que empreendem. Entendia também, o documento do SEBRAE, como uma apropriação que apenas permitissem a instituição falar sobre o tema, haja vista que, naquele momento, era ético manifestar-se sobre diversidade nas organizações (pressuposições). A tentativa surtiu efeito, eu fui classificado em último lugar na minha linha de pesquisa. Porém, seguindo aspectos meritocráticos, assim como toda a estrutura social, não fui contemplado com bolsa de pesquisa. Com isso, fiz a matrícula e estou aqui, para dizer: “*Marcos, Presente!*”

Em 2019 barra um, já em outro trabalho, agora numa Organização Não Governamental (ONG) que atua na formação profissional de jovens de periferias, tive que driblar entre os horários de trabalho e as aulas do mestrado. Ao ingressar no PPGADM, foram a participação no evento Bekoo das Pretas, as discussões na disciplina de Psicologia Política e também, o momento atual (2019 a 2021) do contexto brasileiro, que avança com um governo conservador, o ambiente atual que (ainda) ameaça aquilo que foi consolidado em 1988, quiçá o Decreto n. 9.759/2019 que extinguiu o Sistema Nacional de Participação Social (SNPS) me levaram à mudança do tema de pesquisa. Nestas discussões, as experiências pessoais e do meu contexto voltaram, o interesse pelas dimensões políticas também. Assim, não tentei mais encaixar o tema, a agenda da participação política estava latente, o debate estava aí, e sempre esteve presente. Naquele momento, e agora como alguém que promove o debate e não só o ouve, eu ousei em trazer um problema que protagonize um perfil historicamente excluído inserido no debate político no ano que eu nasci, e que atualmente perde cada vez mais direitos sociais, eu pensei: “*Vou levar para a discussão o evento Bekoo das Pretas, afinal é uma organização e que compõem ações voltadas para o tema, e também para a juventude, eles têm muito o que dizer*”.

A literatura acerca da juventude na sociedade brasileira dos últimos 10 anos aponta um interesse pelo comportamento político dos jovens, e não só, nota-se um desinteresse destes jovens pelos espaços institucionais de participação política. Ao mesmo

tempo, há um crescimento pela participação em outros espaços de acesso ao mundo político, como o evento Bekoo das Pretas. Eu, não poderia estar sozinho nesta etapa da minha vida, dizia: *“eu participo do Bekoo das Pretas, porque os jovens negras (os) não poderiam participar da “minha” pesquisa?”* Aqui estamos nós.

ATO 7, não esqueçam disto

Diante disso tudo, os argumentos que trago até aqui, são reflexões que me ligam intimamente ao tema. Além de ser negro, o contexto que vivi me fez entender que observava as dimensões políticas do Estado, suas instituições, funções, relações, atores políticos, distintos ao longo da vida. Esta ideia são questões que de maneira analítica ainda precisam ser explicadas, pelo olhar do jovem negro (a) deste século. Penso que, todo fenômeno social se dá em relação, e que tais colisões das juventudes com o Estado, é uma repetição histórica deste século, assim como outros já apresentados pelos ciclos políticos, mas que ganhou maior ênfase a partir de junho de 2013. Neste momento, as novas formas de participar politicamente, agora mais bem organizadas, chamam atenção da sociedade ao evidenciar que, o Estado não atendeu adequadamente grande parte da população, inclusive aos negros (as) que, historicamente excluídos, não foram incorporadas adequadamente na dinâmica social, política, econômica e nacional do país.

Apesar da minha relação com o tema, devem estar se perguntando: *“E como fica o rigor da pesquisa?”*. Embora tal questionamento possa ser levantado, é importante dizer que, todos nós falamos de algum lugar (lugar social), e talvez a grande diferença seja que alguns podem até escrever e/ou falar sobre algo, mas não viver o que se escreve e/ou fala. Porém vivência, mas sempre de algum lugar. Penso que, estando neste lugar e querer falar sobre ele, me permitiu ofertar a discussão, e uma leitura por um diferente olhar. Com isso, também foi possível acessar documentos, pessoas, lugares, que possam apresentar outras explicações sobre o tema, o que outro (a) pesquisador (a) não conseguiria.

Eu não sou neutro, sou sentimental com as minhas colocações. Porém, durante toda a escrita deste trabalho, e na pesquisa de campo, estive sendo limitado a descrever apenas reflexões que já foram escritas por outros autores, e com base neles produzir análises. Quisera eu escrever o que eu realmente penso. Isso demonstrou uma postura, uma imparcialidade. Nesta pesquisa, mesmo que eu tenha relação com o tema, não estou

falando sobre mim, e sim de um fenômeno social que atualmente é de interesse de outros campos teóricos, ficando evidente quando, não se limita apenas às discussões da Ciência Política que conduziu o debate por algum tempo. Tenho plena consciência que os caminhos teóricos utilizados neste trabalho apontaram para resultados que avançaram para as discussões sobre o tema, enfatizando um outro olhar para os sujeitos desta análise.

Por fim, mas não finalizando esta pesquisa. Neste outono do século XXI (momento de defesa da dissertação) aspira-se com ela, além de avançar para as discussões sobre o tema, alcançar outras relações intimistas com estes protagonistas: jovens negras (os). Estima-se incentivá-las (os), para que possam chegar até aqui, pois diante de tantas (os) outras (os) ao meu redor, me vejo como uma exceção, isso já demonstra o quanto estruturalmente somos uma sociedade desigual. A outras (os) como eu, caso desejem participar deste universo, como pesquisador (a), seja de qualquer tema, eu digo: “*comecem a chegar, sejam todos (as) bem vindos (as)*”. E como diria a cantora Beyoncé em sua música Formation do álbum Lemonade: “*now let 's get in Formation X!*”.

25 de maio de 2021, data de defesa da dissertação de mestrado.

1 “MICHAEL, ELES NÃO LIGAM PRA GENTE”² RE-ESCREVENDO UMA NOVA HIStory!

All I wanna say is that
 (Tudo o que eu quero dizer é que)
They don't really care about us
 (Eles realmente não ligam pra gente)
Tell me what has become of my rights
 (Diga-me o que aconteceu com meus direitos)
Am I invisible 'cause you ignore me?
 (Eu sou invisível porque você me ignora?)
Your proclamation promised me free liberty, now
 (Sua proclamação me prometeu liberdade)
I'm tired of being the victim of shame
 (Estou cansado de ser vítima de vergonha)
They're throwing me in a class with a bad name
 (Estão jogando meu nome na lama)
I can't believe this is the land from which I came
 (Não acredito que nasci nesse país)
You know I really do hate to say it
 (Você sabe que eu odeio dizer isso)
The government don't wanna see
 (O governo não quer enxergar)
 (...)
But if Martin Luther was living
 (Mas se Martin Luther estivesse vivo)
He wouldn't let this be, no no
 (Ele não deixaria isso acontecer, não)

Michael Jackson (1995)³

Era uma vez (...). Os contos ditosos sempre se iniciam dessa maneira. As histórias nos remetem a figura dramática de personagens que enfrentam desafios diários, alguns deles são as “mocinhas”, “violões”, “heróis”, “coadjuvantes” blá-blá-blá. E por fim, tem-se, o final feliz. O fenômeno analisado nesta dissertação pretende compreender a consciência política e participação política da juventude negra, aspecto da história que certamente não se pode ao menos imaginar um percurso doce, harmonioso, quiçá ainda se pensar num “felizes para sempre”. Por este motivo, nesta pesquisa o interesse é entender o presente (o agora) trazido por histórias narradas e protagonizadas pela juventude negra com diferentes tramas e aventuras. A busca atentou-se inicialmente pela revi-

² Esta frase é apresentada logo no início da música do cantor norte-americano *Michael Joseph Jackson* (1958-2009), *They Don't About Us*.

³ Trecho em tradução livre da canção sucesso dos anos 90, está no álbum *HIStory – PAST, PRESENT AND FUTURE – BOOK I*. A letra, em sua tradução livre, descreve como autoridades políticas e militares não se importam com pessoas negras e pobres (JACKSON, 1995). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-OPJ2d86kE&feature=youtu.be>. Acesso em 11 de jul. 2020.

são da participação política das juventudes em diferentes mecanismos de participação política, observando os interesses, suas interações, os diferentes atores políticos, suas formas de organização e como a literatura vem observando tais fenômenos.

Constatou-se que os mecanismos de participação das juventudes são apontados como assunto de interesse dos últimos 10 anos, das produções acerca do tema juventude na sociedade brasileira (BADARÓ, et. al., 2011). Nestes estudos, são correntes duas abordagens: a primeira, considera que, há um desinteresse dos jovens pelos mecanismos tradicionais de participação política (sindicatos, conselhos, partidos políticos, fóruns e movimentos estudantis); a segunda, descreve o interesse aos novos formatos de acesso ao mundo político, incontestado através da participação política em espaços não institucionais, sobretudo, através de ações culturais, religiosas, esportivas, organizações não governamentais (ONG's), e entidades filantrópicas, (BADARÓ, et. al., 2011). Quanto a esta pesquisa, se estabelece uma análise situada, na segunda abordagem, baseado na ideia do protagonismo juvenil (ABRAMO, 1997).

Verifica-se que no Brasil, o protagonismo negro na participação política sempre foi atuante ao longo da história, dos desafios enfrentados, são inúmeras as mobilizações anteriores a Constituição Federal de 1988 (CF-88), a exemplo, lutas abolicionistas no século XIX, sendo o primeiro movimento social nacional da abolição da escravidão (ALONSO, 2014). No início do século XIX, os ativismos e movimentos sociais, já se constituíam, como os grupos negros para a educação, com forte atuação política, a citar: o Clube 13 de Maio; o Centro Cívico de Palmares; e a Frente Negra Brasileira (FNB). Estes grupos, já conjuravam de seu modo, um arranjo e agenciavam suas ações em busca de direitos sociais, vistas as demandas da população negra, como: o acesso à educação pública para jovens negros (as) (SANTOS, 2014).

Este conjunto de experiências resultou contemporaneamente em avanços, percebe-se que para a juventude tais conquistas institucionais, foi derivado de um ciclo de políticas iniciado em 2005, pela Lei n. 11.129, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) e dá outras providências. No cenário executivo, este ciclo constitui também, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), principais referências governamentais sobre a temática, sendo esta última, ligada à Secretaria Geral da Presidência da República (SGPR). Ambas instâncias compõem o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE), que possuem interesses que objetivam analisar, formular e avaliar políticas voltadas para jovens, aci-

onando na prática um olhar para este público. Após quase 10 anos de discussões, o Estatuto da Juventude (EJ), instituído pela lei n. 12.852/2013, deu visibilidade à agenda de participação política da juventude brasileira (PINHEIRO; ESTEVES; NETO, 2017; CABRALDOS SANTOS; HAJIME YAMAMOTO, 2018).

Ainda no contexto nacional, o marco legal instituído pelo EJ, define o jovem como, o grupamento social compreendido pelo recorte etário de sujeitos entre 15 a 29 anos de idade completos. Assim como Araújo (2016), entende-se que, para um estudo qualitativo sobre o tema, considerar apenas o critério etário para analisar este grupamento resultaria em imprecisões. O autor descreve que, é necessário pontuar os comportamentos singulares de cada jovem, pois eles são elementos importantes, e permitem demonstrar as relações individuais de cada sujeito jovem com o local inserido, com as políticas sociais e os diferentes modos que vivenciam esta convivência (ARAÚJO, 2016).

Foi possível identificar, na literatura sobre participação política deste grupamento social, muitas conceituações para o termo juventude. É corrente a tendência que muitas assumem em empregar o conceito no plural, juventudes, por considerar que há ampla diversidade de sujeitos consagrados neste grupo de jovens composto por muitas identidades (ABRAMO, 2005). Sendo assim, aponta-se que a juventude não deve ser considerada apenas como condição biológica e geracional, mas como definição cultural (MELUCCI, 1997).

Valadão (2013) ao analisar a juventude capixaba, cita Quapper (2001) para descrever quatro ciladas que os estudos sobre o tema tendem a conceber ao analisar a juventude. A primeira cilada, refere-se à universalização: os jovens são todos iguais, não há diferenças de gênero, raça e classe social. A segunda, refere-se à produção de estigmas: discursos patológicos transformando a juventude como problema social. A terceira, consiste na divisão desta fase apenas como etapa do ciclo social de vida. E a quarta cilada, incide na produção de pesquisas que transformam a juventude em salvadores do mundo (QUAPPER 2001). Abramo (1997) considera que, a construção de análise desta natureza paira no teor funcionalista que as ciências humanas apresentavam no início do século XX. Quando naquele momento, buscava-se preservar comportamentos para a manutenção da ordem social. Segundo Rocha (2011) a partir de 1950, permeiam ideias sociológicas e culturalistas que acionaram à juventude a tendência à imaturidade, a falta de algo, estando os jovens sujeitos a tais impulsos e problemas sociais (ROCHA, 2011).

Por outro lado, retoma-se em Abramo (2005) para explicar dois conceitos que podem ajudar a compreender melhor estes jovens: o conceito de condição juvenil e de situação juvenil. Para a autora, a condição juvenil refere-se ao significado social, linguístico, político, histórico e econômico que uma sociedade confere à juventude, e situação juvenil trata-se da diversidade manifestada na pessoa e nas diferentes juventudes neste contexto (ABRAMO, 2005). Nesta pesquisa adota-se o termo no plural, e compartilha-se do entendimento que, juventude são plurais, e não singular, existem desigualdades e diferenças inerentes a condição de cada jovem. Assim como, aqui entende-se, as juventudes como categoria sociopolítica (ABRAMOVAY; CASTRO, 2015).

No que diz respeito a estas diferenças, o relatório “Homicídios e juventude no Brasil” (WASELFISZ, 2013) apontou que a violência é uma constante para a juventude negra. O genocídio da juventude negra se estabelece como condição para este grupamento. Destaca-se também, nas pesquisas mais atuais sobre participação política de jovens negros (as) que, atrelado ao termo juventude negra sempre aparecem conotações da seguinte natureza: genocídio, homicídio, violência, extermínio, discriminação, maioridade penal, morte e racismo (BADARÓ, et al., 2011; DONATO, 2012; RAMOS, 2014; PRADO, 2017; VALLE, 2017). Por sua vez, tal fato não se observa em pesquisas que estudam a participação política da juventude, sem um recorte específico para a raça (LATTARI, 2011; ARAÚJO, 2016; CORRÊA LAGES, 2018).

As pesquisas sobre participação política da juventude negra no contexto nacional também revelam que, grande parte das experiências políticas não condicionam nenhuma relação com o Estado, pelo contrário, predominam a participação política em dimensões não institucionais (SOBRINHO, 2012; PERONDI, 2013; SANTOS, 2015; OLIVEIRA, 2016b; VIGENTIN, 2016; ARAÚJO, 2016; JUNIOR; JUNIOR, 2017). No cenário internacional, os dados apresentam uma redução do interesse da participação política institucional, em campanhas eleitorais e partidos políticos; e percebe-se uma relação do tema interseccional a outras pautas, como a de gênero (CASTAÑON; RANK; BARRETO, 2011; ELLIOT, 2017; ONUKIOWA, 2014; JOHNSON, 2010). E identificam-se estudos que advêm do protesto e engajamento político oriundo dos movimentos culturais, citar o: Hip-hop e Rap (MALONE; MARTINEZ, 2010; HEMPHILL, 2015).

Verificou-se então, que todos estes estudos contribuíram com resultados ao tema, ao apontar que, os jovens negros (as) concebem estes lugares como oportunidades de mudanças; e que novos ativismos e movimentos originados destes espaços implicam

na possibilidade de ruptura das desigualdades (ARAÚJO, 2016; BADARÓ, et. al., 2011). Entretanto, diante deste corpus documental encontrado, identificou-se que, estes estudos apresentam limitações, em considerar uma separação dos aspectos sociológicos e psicológicos ao analisar a participação política de jovens negros. O primeiro aspecto, dedica-se analisar as estruturas sociais, e o segundo daria ênfase às categorias sociais, como: gênero, idade e raça. Tendo o sujeito pouca influência uma vez que, os aspectos sociológicos explicariam o fenômeno do comportamento político (ROSA, 2015).

No estado do Espírito Santo (ES), localizado na região sudeste do Brasil, identifica-se um destes espaços protagonizados por jovens negras (as) que junto da ação entrelaçam objetivos políticos. O estado do ES caracterizado por praias tropicais e áreas naturais montanhosas e preservadas, poderia ser um local seguro para todas as juventudes, porém o fato é que, nem tudo são flores. O Espírito Santo apresenta altas taxas de homicídio, em especial da juventude negra. O atlas da violência elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 2017, no Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial, apresenta que, o jovem negro entre 12 a 29 anos está seis vezes mais propenso a ser assassinado no estado do ES. Ainda nos rankings, ostenta-se segundo o FBSP em 2017, o primeiro lugar do Índice de Vulnerabilidade da Juventude (IVJ), entre os estados da região sudeste. Sobre foco ao gênero, dentre as maiores taxas de letalidade, encontram-se também as mulheres negras, que neste período, contabilizaram 9,2 mortes para cada 100 mil habitantes.

Diante de tal realidade, diversos grupos negros capixabas se esforçam através de ações manifestos socioculturais para denunciar este panorama, sendo uma destas ações o lócus desta pesquisa, o evento Bekoo das Pretas. O Bekoo das Pretas, em sua origem, teve sua primeira edição de forma gratuita, ocorrendo no “Beco das Pulgas”, um espaço cultural e de empreendedorismo que ocorre desde 2013, no centro histórico de Vitória (ES), capital do estado do ES. O evento é uma manifestação composta e liderada por ativistas negras feministas, sendo criada e pensada para pessoas negras (GAZETA, 2017). A sua primeira edição foi conduzida de forma colaborativa pelas membras do Instituto Das Pretas (IDP), organização social sem fins lucrativos que organiza o evento. Segundo a mesma reportagem, a presidenta do IDP, Priscila Gama, contou que o evento começou com a vontade de apreciar uma festa de Hip-hop que tivesse um olhar feminino por trás. Além disso, queria também se sentir respeitada nos espaços, e sem ter en-

contrado na grande Vitória/ES um espaço com tal opção, junto com outros membros, criou o IDP e o evento Bekoo das Pretas (GAZETA, 2017).

Segundo Priscila Gama, o evento é um manifesto criado para pessoas negras, tendo seu lado politizado. Ao longo do evento o som é interrompido, algumas vezes ecoa do microfone diversas falas envolvendo o movimento negro, o feminismo negro e o empoderamento feminino. A presidente do IDP é categórica, o microfone é usado como manifesto. As caras e corpos pretos (as) é resistência, é protesto, as mulheres negras no comando é protesto. Uma festa de grande estrutura, na periferia da cidade e com preços populares do ingresso à cerveja, é um protesto e resistência. É uma forma de gritar a existência e a luta. A presidenta relata também que, todas as atrações escolhidas para o evento devem seguir uma orientação: racistas, machistas, misóginos e aproveitadores não sobem no palco do Bekoo (GAZETA, 2017).

Diante do que foi apresentado, propõe-se realizar uma pesquisa descritiva exploratória utilizando um marco teórico da Psicologia Política. Neste caminho, se pretende analisar pela perspectiva psicopolítica, a participação política de jovens negros (as), no contexto instituído democrático, com o seguinte problema de pesquisa: como se configura as dimensões da consciência política e participação de jovens negros (as) do evento Bekoo das Pretas? Para responder a seguinte questão, foi estabelecido como objetivo geral: compreender a consciência política e participação de jovens negros (as) no evento Bekoo das Pretas. Para alcançar o objetivo geral, faz-se necessário alcançar os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar o evento Bekoo das Pretas;
2. Analisar a trajetória de participação política dos jovens negros (as) no evento Bekoo das Pretas e em outras ações coletivas;
3. Analisar as dimensões da consciência política para compreender a participação política dos jovens negros (as) que participam do Bekoo das Pretas.

Esta pesquisa adotou uma metodologia qualitativa (CRESWELL, 2010) realizada por um estudo de caso (GODOY, 2006). Para o alcance dos objetivos foi utilizado como marco teórico o Modelo Analítico de Consciência Política de Sandoval e Silva (2016). Após buscas em bases de dados indexadas à Coordenação de Aperfeiçoamento

de Pessoal de nível Superior (CAPES), identificou que, nenhum estudo que considere a consciência política e a participação política de jovens negros (as), foi realizado utilizando o marco analítico de consciência política de Sandoval (2001) e Sandoval e Silva (2016). Justifica-se então, para o desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista que, a consciência política e a participação política de jovens negros (as) no evento Bekoo das Pretas, ainda não foi estudada no estado do ES. Portanto, é uma proposta de uma pesquisa inédita.

Ao mesmo tempo, destaca-se que, o evento é atrelado a uma organização sem fins lucrativos, e que possui estreita relação aos novos modelos de ativismos e movimentos sociais que, em especial, as juventudes do Brasil vem adotando ao incontestar a participação política para o alcance das políticas sociais, como foi demonstrado pelo resultado do levantamento, no campo revisão de literatura. Sendo assim, a relevância social desta pesquisa se estabeleceu em fornecer elementos ao Bekoo das Pretas, ou modelos de organizações similares, aos quais, possam entender melhor a conjunção das ações políticas praticadas pela juventude negra sob a dimensão psicopolítica, como um dos processos de garantia da manutenção destes espaços. E não só entender, mas explicar questionamentos sociais que ainda se tem sobre importância para jovens negros (as) da conquista de espaços políticos, como este a ser analisado.

Sobre a relevância teórica, ela se constitui a partir da análise de um evento produzido por uma organização que trata de tema pouco abordado nos Estudos Organizacionais, que são os estudos relativos à consciência política e participação política de jovens negros (as). Espera-se ainda, que esta pesquisa forneça três contribuições: aos estudos sobre consciência política e participação política, sendo para os Estudos Organizacionais; ao aperfeiçoamento do Modelo Analítico de Consciência Política de Sandoval e Silva (2016); e ao Bekoo das Pretas e modelos de organizações políticas similares, como processo de garantia da manutenção deste espaço.

Após esta explicação, esta pesquisa encontra-se estruturada em cinco capítulos. Além desta introdução, o segundo capítulo, apresenta uma revisão da literatura internacional e nacional sobre participação política dos jovens, dando ênfase ao protagonismo juvenil da juventude negra, contendo também, a descrição do marco teórico desta pesquisa. No terceiro, oferece um alerta para os aspectos metodológicos, sendo as técnicas de produção no contexto de home office e análise dos dados. No quarto capítulo, temos os resultados e discussões. E por fim, as considerações finais.

2 ELA VEIO PARA ASSOMBRAR: QUE “BICHO PAPÃO” É ESTE?

“Que beleza é saber seu nome
Sua origem, seu passado
E seu futuro
Que beleza é conhecer
O desencanto
(...)
Uh! Uh! Uh! Que beleza!
Uh! Uh! Uh! Que beleza!”

Tim Maia (1975)⁴

Este capítulo propõe apresentar uma breve revisão da literatura sobre a participação política da juventude negra no contexto internacional e nacional. Assim como, canta Tim Maia (1975), aqui apresenta-se a origem, o passado, e o presente (não o futuro) do fenômeno social participação política. Para isso, exhibe o seu conceito produzido pelos estudos seminais, em seguida, um panorama recente dos estudos internacionais. No contexto brasileiro, abre-se um parêntese, em outras palavras, documenta-se sob alertas históricos, as ocorrências do passado, necessários aos estudos organizacionais do presente. E por fim, tematiza-se tendo como panorama as descrições dos estudos nacionais.

Os resultados revelam o fazer político multidimensional, com os usos do protesto político, redes online e offline e movimentos culturais: rap e hip-hop. Tratando-se do Brasil, nota-se uma desconfiança do jovens negros (as) as instituições estatais, a ponto de o acesso a participação política ocorrer predominante de modo não institucional. Ainda no contexto brasileiro, observa-se a intersecção da participação política da juventude negra com outras pautas, a citar a de gênero. Com esta breve contextualização, a seguir apresenta-se as belezas e os desencantos da participação política.

2.1 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Em âmbito internacional um dos primeiros estudos sobre participação política foi realizado por Milbrath (1965) denominado *Political Participation*, estudo que descreveu um glossário relacionando quais seriam as principais atividades ligadas ao pro-

⁴Trecho da música “Imunização Racional (Que beleza)” do cantor carioca, Sebastião Rodrigues Maia, vulgo Tim Maia (1942-1998). A música encontra-se no quinto álbum de estúdio do cantor, chamado *Tim Maia Racional, Vol. 1 (1975)*. A música encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GB-14MXDlas>. Acesso em 15 de jul. 2020.

cesso político, destacando algumas características sociais que seriam estabelecidas ao sujeito que participa politicamente na sociedade. Dos 14 princípios listados pelo autor estariam: 1. o voto; 2. ocupar cargos públicos; 3. participar ativamente de um partido político; 4. tentar convencer alguém a votar em determinado candidato; 5. disponibilizar tempo pessoal para atividade política; 6. Contactar com funcionários públicos; 7. Participar de reuniões para tomar decisões políticas; 8. Ocupar cargos públicos; 9. Participar de discussões políticas; 10. Contribuir financeiramente para partidos políticos; 11. Participar de assembleia; 12. Pedir dinheiro a terceiros para causas políticas; 13. Ser membro de partidos políticos; e 14. Usar um distintivo político (BORBA, 2012a;).

Também interessado no tema, Pizzorno (1966) contrapõe-se com aos esforços de Milbrath (1965), e desenvolve um outro olhar para o tema, apontando que a participação política pode ser considerada, com influências também, de outras esferas. Nesta direção, Costa (2016) resume que, para Pizzorno (1966) a participação política ocorre como uma ação que é realizada em relação a outros sujeitos, no âmbito estatal ou de classe, visando manter valores (estrutura) ou alterar a ordem de interesses dominantes (COSTA, 2016).

Assim, Pizzorno (1966) estabelece que a atuação se funda na participação política derivada por: a) Profissionalismo Político, quando o sujeito dentro do espaço estatal participa da atividade política; b) Participação civil na política, na qual o sujeito possui uma relação tanto com o estado como com interesses próprios; c) Participação em Movimentos Sociais, o sujeito relaciona-se com ações fora do Estado sendo solidário politicamente com outras identidades políticas e privadas; e d) A Subcultura, surge pela identificação do indivíduo ao grupo de pertença, sendo que a mesma é construída a partir do processo de identificação (PIZZORNO, 1966).

Do mesmo modo, Pizzorno (1966) descreve que, a participação política ocorre não somente em extratos estatais, de modo institucionais conforme aponta Milbrath (1965), mas também relacionando-se com as outras esferas. Assim como Pizzorno (1966), nesta pesquisa, entendemos que o interesse na participação política deriva de ambas esferas, a Sociedade civil e o Estado.

Conforme descrito por Milbrath (1965) em seus 14 princípios, fica evidente uma única direção que caracterizam os sujeitos que participam, de modo geral, vinculados às atividades política eleitoral, tendo este autor atribuído ao analisar o comportamento político dos sujeitos, uma causalidade unidimensional aos indivíduos para a par-

participação política (COSTA, 2016). Destaca-se que, no modelo apresentado por Pizzorno (1966) identifica-se a existência da noção de interesses políticos nos indivíduos presentes em outros mecanismos de participação, a exemplo, os movimentos sociais.

Após Milbrath (1965) e Pizzorno (1966), outros estudos surgiram com intuito de conceituar e mapear o que origina a participação política. Segundo trabalho de Borba (2012a), foram produzidos os seguintes estudos: Huntington e Nelson (1976) que analisa os impactos que a modernização econômica do século XIX, incidem nas formas de participação política; os estudos de Barnes e Kase (1979) em contribuir com explicações para se entender os protestos políticos no contexto industrial, no final dos anos 1960; o trabalho de Verba, Schlozman e Brady (1995) ao apresentarem um estudo de longo alcance, para se entender o ativismo familiar, protagonizando os diferentes sujeitos da sociedade civil, incluindo os afro-americanos, latinos e anglo-brancos. Observam que, os recursos financeiros a participação política fundamenta-se como essencial, e mais claramente, o acesso a outros recursos vitais que incidem a participação, a exemplo, a formação educacional; o estudo de Dalton (2009) ao produzir um estudo comparativo com lócus nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Alemanha, ao analisar o místico e as crenças políticas, sob a política eleitoral, considerando as políticas de protesto como elementos de mudança de valor; a análise Dalton, Sickle e Weldon, (2009) que investigaram quais relações do contexto - nível macro influenciam o protesto político nas sociedades industriais (1922-2002) apresentando um modelo multinível que analisa preditores destas dimensão; o trabalho de Norris, (2007) ao discutir o ativismo político destacando a relevância das regras formais no contexto institucional, e como estas, no decorrer do tempo, se estabelecem como consequências aos membros destes partidos; e o trabalho de Teorell, Torcal e Montero (2007) que problematizam e apresentam os diversos conceitos e mecanismos de participação política na democracia representativa (BORBA, 2012a).

Dito isso, dentro dos estudos da participação política institucional observam-se o uso de outros conceitos, a exemplo, a interação, ação instrumental e ato de trocar apresentado por Scaff (1975) que podem trazer explicações para esta pesquisa. Para o autor, a interação é definida como uma ação que se estabelece a partir da vida em comum, pelo ato da generosidade, pela busca do aprendizado político, em prol da justiça e bem coletivo. A ação instrumental compreende a participação política como um instrumento, algo que pode ser trocado e negociado (SCAFF, 1975).

Aposta o autor numa discrepância, entre aquilo que preza o Estado e aquilo que realmente é praticado em seus gabinetes, com efeito, as relações que se estabelecem nestas instâncias que naturalizam a prática política. Observa-se que, a participação instrumental, opera de forma ao favorecimento privado, pelo ato de trocar, por meio de ação política que não beneficia toda a sociedade (COSTA, 2016).

Sobre a semântica, embora o termo participação política pareça algo simples, onde pela junção das palavras bastaria a quem lê atribuir significados singulares a cada uma delas, atingindo de fato a compreensão do tema. Destaca-se que, desta maneira, o resultado seria abrangente e superficial, com pouca aproximação ao sentido real destes termos, tendo em vista que o conceito de participação é compreendido nas ciências humanas sociais de maneira polissêmica (LAVALLE, 2011).

Neste campo, sobre o termo “participação”, Lavalle (2011) menciona que antes de se pensar na definição do termo em si, deve-se situar os esforços para compreender tal participação, devido à “polissemia” sistematizada entre os diferentes atores da participação. Desta forma, resultaria numa melhor compreensão de um efeito. Com este intuito, “participação é, a um tempo só, categoria nativa da prática política de atores sociais, categoria teórica da teoria democrática com pesos variáveis segundo as vertentes teóricas, e procedimento institucionalizado com funções delimitadas por leis e disposições regimentais” (LAVALLE, 2011, p. 33).

Segundo o autor, para os pesquisadores, resguarda-se o caráter múltiplo das diversas maneiras de compreender a participação entre os diferentes atores no âmbito das práxis, acadêmica (teorias) e pelas instituições (LAVALLE, 2011). Assim, este conceito conforme atribuído, torna-se um “conceito fugidivo, e as tentativas de definir seus efeitos escorregadios” (LAVALLE, 2011, p. 33). Para complementar, conforme aponta Huntington e Nelson (1976, p. 14), “o conceito de participação política nada mais é do que um conceito abrangente que acomoda formas muito diferentes de ação que constituem fenômenos diferenciados e para as quais é necessário procurar explicações de natureza diferente”. Nesta pesquisa, entende-se participação política como elemento nas relações que ocorre de modo multidimensional, se estabelece tanto no contexto estatal, assim como, fora dele, valendo-se do protagonismo dos ativismos e movimentos sociais.

Diante destas definições, desde o seminal de Milbrath (1965) e de Pizzorno (1966) os estudos da participação política é tematizado por diferentes campos que apresentam esforços e contribuições teórica-empíricas recorrendo a diferentes instrumentos,

propostas tipológicas e dimensões participativas, que envolveram tanto o poder estatal e a sociedade civil (BORBA, 2012a). Tendo o conceito estabelecido, quais aspectos são trazidos pelos trabalhos atuais que tematizam a participação política de jovens negros(as): o que se pode extrair destes estudos; que curiosidades revelam estas pesquisas no contexto internacional e nacional que sejam singulares ou distintas sobre o tema. Afinal, que movimentos para a participação política, os jovens negros (as) estão realizando pelo mundo?

Vale destacar que, os resultados encontrados para a produção deste panorama situam-se em diferentes áreas de conhecimento, por justamente em algumas delas, a produção acadêmica ser limitada. Deste modo, ao investigar a participação política de jovens negros (as), constatou-se pesquisas que analisam o tema, participação de jovens negros (as), de maneira profunda, apresentando as condições juvenis, desafios para participação política, demandas históricas e pautas reivindicatórias de jovens negros (as). E outras investigações que não, verifica-se, estudos que apresentaram uma visão mais panorâmica, não delimitando em suas discussões singularidades ao se analisar as juventudes, não só da juventude negra, mas de outros atores políticos. Nessa revisão, de acordo com Lopes (2002), considera-se ser relevante apresentar a totalidade destes resultados, por estas pesquisas apresentarem parâmetros que possam nortear as respostas à esta pesquisa. Logo a seguir, um panorama internacional da participação política da juventude negra.

2.1.1 Panorama da Participação Política da Juventude Negra: Experiências Internacionais

Nos estudos internacionais, os resultados encontrados sobre a participação política da juventude negra, centram suas análises em compreender os fenômenos, como: os usos das redes sociais online e offline; a relação entre a idade e consumo político realizado através das mídias; o engajamento cívico, entre outros trabalhos que analisam os instrumentos de participação política de jovens negros (BACHMANN, et al., 2010; CASTAÑON; RANK; BARRETO, 2011; HOPE; SPENCER, 2017).

Há, entretanto, uma outra razão, para que estes estudos sejam produzidos, os esforços direcionam em revelar um diagnóstico de exclusão, por exemplo, o apresentado pela pesquisa de Hope e Spencer (2017). Estes autores, concluem que o público, os jo-

vens negros, inseridos em comunidades marginalizadas, ausentes de políticas públicas, participam civicamente de ações e processos políticos justamente para combater as desigualdades que afetam a sua comunidade (HOPE; SPENCER, 2017).

Outros trabalhos se mostraram preocupados em entender o meio formal de participação, por exemplo, o estudo de Castañon, Rank e Barreto (2011) que analisaram o mundo político-eleitoral americano e o uso das redes online e off-line. Os autores identificaram que nas últimas três eleições um público jovem e minorias, incluindo as raciais, se concentravam num dos segmentos mais procurados pelas campanhas eleitorais e partidos políticos. Junto a isso, os autores buscaram também entender o impacto dos usos das redes online nas plataformas eleitorais em 2008, sobretudo, por ser intenso o uso destas redes pelos partidos políticos em suas campanhas. Tais constatações empíricas chamam atenção dos autores num interesse principal, entender a influência da internet no comportamento político de jovens e minorias utilizadas para fins políticos, como: o acesso a sites políticos e páginas de grupos em redes sociais que tematizam sobre participação política.

Essas implicações, produziram alguns pressupostos iniciais, como: jovens brancos teriam mais acesso a informações de candidatos políticos, ao invés de jovens negros. Segundo Castañon, Rank e Barreto (2011) a participação offline deriva do uso massivo das redes online. Sobre os resultados, os autores citam que a atividade on-line contribui para o envolvimento da atividade política offline. Sobre as diferenças e comparação do efeito da participação, em especial, entre jovens negros e latinos, a atividade on-line promove o mesmo nível de participação para jovens brancos, negros e latinos.

Nesta mesma corrente, Elliot (2017) preocupa-se com a tendência de redução do ciclo de participação de jovens em campanhas políticas desde a década de 1960, sobretudo, no ano de 1971, período em que o congresso americano votou a 26ª emenda. Esta emenda estabelece diminuir a idade mínima para o exercício do voto, de 21 para 18 anos. A autora, desenvolve uma pesquisa quantitativa com base teórica trazida pela Teoria da Participação Eleitoral. O interesse foi identificar quais são as variáveis independentes que influenciam diretamente na taxa de variação da participação de jovens nos ciclos eleitorais. Para isso, a autora utilizou a base no arquivo de dados cumulativos da Pesquisa Nacional de Eleições Americanas (PNEA).

De acordo com os valores atribuídos a candidatos eletivos, a pesquisa investigou qual a probabilidade que 295 jovens entre 18 a 24 anos, teriam se fossem induzidos com

alguma notícia positiva ou negativa relacionada a estas duas variáveis experimentais, atribuídas pela autora de: “Experimento 1: a moralidade”; e “Experimento 2: inteligência”, percebidas como variáveis correlatas à participação política da juventude. Ou seja, traços comportamentais relacionados ao candidato político do jovem. Este grupamento de idade foi selecionado pela autora, por identificar que, nos dados do PNEA, existem variações constantes de participação de eleição para eleição, comparado por estes jovens, a outras faixas de grupamento, em especial, para os grupos com idade superior a 65 anos de idade (ELLIOT, 2017).

Os elementos de idade e raça foram considerados no estudo, porém não é possível auferir com exatidão o segundo elemento, pois os grupos “não brancos” sendo todos os eleitores, hispânicos, asiáticos e negros, nos dados do PNEA, segundo a autora, estão todos inseridos dentro de um grande “pacote misto de raças” (tradução do autor). Assim, todos compõem uma mesma unidade, “*single social identity*” (ELLIOT, 2017, p. 49). E não só, o número de brancos entrevistados na pesquisa foi desproporcional ao número de não brancos, dedicando a autora a descrever que, “é amplamente aceito que hispânicos, asiáticos e negros não tem o mesmo comportamento de voto ou taxas de registro, e este estudo reconhece isso” (tradução do autor) (ELLIOT, 2017, p. 49 apud BASS e CASPER, 1999; PROJETO ELEITORAL DOS ESTADOS UNIDOS, 2014).

Em seus resultados, a autora descreve cinco principais achados que o estudo evidenciou com vistas à participação política, sendo: a primeiro contribuição, jovens entre 18 a 24 anos participam, se sobre o candidato houver ausência ou existência de moralidade, do que quando sobre este mesmo candidato nenhuma informação sobre a moralidade é relacionada; segunda, se na abordagem presencial (contato presencial com o candidato) os jovens de 18 a 24 anos que receberam a informação que o candidato tem alto potencial de inteligência, este candidato tem maior potencial de votos; terceira, entre os quatro tipos de participação analisados (votar, fazer campanha, doar e incentivar outros a votarem nas eleições), os que possuem maior efeito de participação política foram aquela que demanda a participação de baixo custo (votar e incentivar os colegas); quarta, no que se refere ao Experimento 1, raça e idade são variáveis moderadoras, e no Experimento 2, apenas a idade foi variável moderadora; e quinta contribuição, existe uma correlação positiva entre encontrar um candidato (moral e inteligente) e se orgulhar desta candidatura (ELLIOT, 2017). Sobretudo, no que se refere as discrepâncias sobre a raça em suas conclusões, a autora não menciona nenhum resultado, nem mesmo atribui

críticas ou problematiza a maneira que o sistema americano considerou classifica-las, os hispânicos, asiáticos e negros numa mesma unidade política.

Outros estudos preocupados em compreender as representações culturais protagonizadas por jovens e a sua relação com o engajamento político de Malone e Martinez (2010) e Hemphill (2015) foram encontrados. Ao refletir sobre o movimento Hip Hop nos Estados Unidos, Malone e Martinez (2010) o definem como um “globalizador orgânico” (tradução do autor), isso porque, segundo os autores, o movimento cultural nasce nos Estados Unidos, e alcança outros países se alastrando a ideia de transformação e mudança política (MALONE; MARTINEZ, 2010).

Os autores apontam que decorre deste movimento três estágios: 1) o estágio de consciência cultural na década de 1970, descrito pelo processo de identificação de grupos marginalizados por meio da arte; 2) o estágio de estruturação institucional, entre os anos 1980 a 2000, apontado pelo momento do surgimento de instituições sem fins lucrativos como, as organizações não governamentais (ONG's) com foco na reparação social; e 3) o estágio estabelecido pelos ativismos políticos, fundido pela aparição do hip-hop nos Estados Unidos (MALONE; MARTINEZ, 2010).

Neste último estágio, segundo os autores, surgem personalidades que pelo reconhecimento social podem influenciar os resultados políticos até mesmo se lançar a disputas eleitorais. Como resultados da pesquisa, os autores citam que o movimento hip-hop, se estabelece não apenas como um movimento marcado pela difusão da música e entretenimento, constatando que foi através do hip-hop que comunidades marginalizadas se “alfabetizaram” politicamente (MALONE; MARTINEZ, 2010).

Nesta mesma linha, Hemphill (2015) desenvolve uma análise com base na Política Nacional de Política Negra (PNPN) de 1993 e Projeto Juventude Negra (PJN) de 2005, dos Estados Unidos. O objetivo foi compreender como o uso do discurso rítmico com rimas e poesias, definido como o rap, está associado com o engajamento político de negros (as), em especial dos jovens negros. Para isso, o autor comparou os dados colhidos da PNPN de 1993 e do PJN de 2005. Para a produção dos dados, o autor utiliza dentre outros instrumentos, entrevistas com três líderes negros, que segundo ele, destacaram-se em figura de líderes políticos, e para o tratamento dos dados, o autor utilizou a análise de conteúdo.

Sobre os resultados da pesquisa, Hemphill (2015) revela que, não só o rap deve ser considerado, mas também, o contexto histórico e político que está inserido produ-

zindo o discurso rítmico. Por exemplo, ouvir rap em 1993, estava fortemente ligado à construção de coalizões políticas com outros grupos raciais não-brancos, do que, associado a pautas de participação política. Verificou-se que, os jovens negros estão mais envolvidos quando apoiados a política de protestos, e não por instrumentos formais participativos. Sobre a participação política, o resultado é que, mesmo existindo forte identificação de jovens negros com rappers americanos, e eles mencionarem em suas letras “menções” citadas nas músicas, induzido a participação institucional ou não, o jovem negro não seria influenciado (HEMPHILL, 2015).

Desta maneira, o autor cita que existe forte ligação do consumo de rap entre jovens racializados, apoiado pela política de protesto, derivando daí sentimento de revolta e indignação. O autor constatou que, diferem as formas de participação de jovens negros, dos anos 1993 para os anos de 2005. Identificou-se também que, os rappers descobriram que possuíam a capacidade de produzir endossos políticos (tradução do autor) em 2005, produzindo grande influência nos jovens, na qual se incluía pelas músicas problemas sociais, bem evidentes em suas letras, à discriminação do Estado contra a população de jovens negros, o que não ocorria em 1993 (HEMPHILL, 2015).

Como contribuição teórica, Hemphill (2015) aponta que, a Ciência Política precisa estabelecer um foco sobre as pesquisas que analisam a participação política de jovens negros, assim como afirmou que, a pesquisa desenvolvida por ele contribuiu, pois até então nenhum outro estudo mostrou uma relação detalhada das manifestações culturais políticas correlacionando-as com as políticas de identidade, neste estudo, a identidade racial.

Também foi resultado desta revisão, outras discussões sobre participação política que apresentaram como face realidades das juventudes do continente africano. Foi o que fez Johnson (2010) e Onikiowa (2014) apresentando em suas pesquisas, questões políticas da África do Sul, como as questões de raça e gênero estão implicadas na política. Sobre a necessidade de entender o processo de ausência de jovens mulheres negras no contexto político, a autora Johnson (2010) com base na política de juventude, que deriva do processo de libertação da África do Sul, constatou que tal política desde a década de 1980, é protagonizada historicamente por homens (JOHNSON, 2010). E não só, a autora constatou que existe um processo subjetivo que tende a não visibilizar o protagonismo das mulheres, tendo o Estado contribuído para tal feito.

Já o estudo de Onikiowa (2014), aponta que os jovens no contexto contemporâneo da África, estão sendo excluídos de instrumentos institucionais participativos, provocando assim, tensões geracionais. Frente a estes efeitos trazidos por estas tensões, estão o choque de valores locais e exigências de mudanças de posturas autoritárias dos políticos, apresentados como reivindicações dos jovens. Esclarece a autora que, devido a estas coalizões, líderes políticos promovem ações táticas para a permanência do poder, e finaliza dizendo, que os jovens africanos se ajustam isolados de ações do Estado a passagem para a fase adulta, sem as devidas responsabilidades.

Na reportagem divulgada no jornal eletrônico “*Le Monde Diplomatique*” em 20 de maio de 2020, o título “Mulheres e Participação Política Internacional”, alerta para o panorama da participação política feminina pelo mundo. A reportagem, chama atenção para a ausência ou pelo reduzido número do gênero nos espaços políticos, destacando o espaço político partidário. Cabe destacar que, no Brasil conforme vigora na atual Lei n. 9.504 de setembro de 1997, que estabelece as normas para as eleições, cada partido ou coligação (vereador/a, deputado/a estadual e deputado/a federal) preencherá no mínimo de 30% e máximo de 70% para candidatos de cada sexo. Grifa-se o uso do termo sexo na lei, que se alerta aqui, cabendo outras discussões, volta-se a reportagem. A jornalista Liz Cosmelli, chama atenção, para o número de mulheres na Câmara de Deputados do Brasil, segundo ela dos 513 deputados, apenas 77 são mulheres, e dos 11 cargos de mesa diretora (incluindo as (os) suplentes), as mulheres ocupam apenas 2, assim como, das 25 comissões especiais, as mulheres presidem apenas 4. O número revela que, o Estado, mesmo incluindo as mulheres na política, tende a revelar pelas práticas, um protagonismo coadjuvante, ao não conferir nestes locais de poder, maior articulação e possibilidades de destaque (LEMONDE DIPLOMATIC, 2020).

Ainda na reportagem, o panorama do mundo tende a acompanhar a reduzida presença do gênero feminino na representação parlamentar, ao citar o reduzido percentual de mulheres em cada contexto, tem-se: 24,1% na Ásia; 20,5% no Oriente Médio; 28,7% na África; e 17,5% no Norte da África. Entende-se assim como na reportagem que, as barreiras da inserção das mulheres nestes espaços se entrelaçam a fatores culturais e comportamentais, e também, sendo consequência do machismo estrutural. Conforme descrito por Johnson (2010) as mulheres negras da África do Sul, apresentam pouco protagonismo político, e não só, a estrutura contribui subjetivamente para isso, a exemplo, pela falta de documentos de identidade, ausência da formação escolar, falta de

apoio no financiamento da campanha, comportamentos machistas naturalizados no contexto partidário. Estes são elementos que contribuem para esta ausência da mulher nesses espaços (JOHNSON, 2010).

Diante destas constatações, tais condições acabam por corroborar nas construções políticas com base em decisões advindas de único olhar – o olhar do homem. Sobretudo, destaca-se aquelas que incidem regular direitos, que possam limitar os papéis sociais, os espaços do gênero feminino, naturalizando-a sempre para o âmbito privado, para o cuidado com o lar, com os afazeres domésticos, direcionando-a à participação de decisões deste universo. Com isso, frente a estes desafios e constatando esta desigualdade, surgem ações, onde jovens mulheres negras são protagonistas. Cita-se um destas ações, o programa Women's leadership and political Participation, em tradução livre, "Liderança e Participação Política de Mulheres" realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), que ao reconhecer estes obstáculos pelas mulheres na participação política em diferentes lugares do mundo, propôs o programa ONU mulheres que visa garantir o acesso equitativo das mulheres nas esferas políticas.

Segundo o programa ONU mulheres, após um treinamento de quase 900 jovens candidatas do sexo feminino, nas eleições do Quênia em 2013, o número de candidatas dobrou em relação as eleições anteriores. No Zimbábue, após a aprovação da nova constituição em 2013, as mulheres ganharam 35% dos assentos na eleição de julho do mesmo ano. Em comparação a eleição de 2008, o aumento foi de 18% da presença feminina. O esforço da ONU Mulheres estava num grupo denominado "grupo dos 20" que visava constituir apoio e formação no que se refere à igualdade de gênero. De acordo com os dados, neste contexto de desigualdade as ações coletivas das mulheres incorporadas em parceria com a ONU mulheres se tornaram fundamentais, os fatores culturais não foram entendidos como barreiras para o desejo da mudança do quadro político. Segundo Adan Wako, chefe da Facilitação e Assistência à Iniciativa Comunitária (CIFA Quênia) parceiro da ONU Mulheres, o trabalho se inicia na mudança dos corações e mentes dos anciões, que são os líderes das comunidades. O trabalho começa por eles, os líderes possuem a palavra final, se eles apoiam, certamente a comunidade apoiará também (UN WOMEN, 2017).

Constatou-se no âmbito internacional que a participação política de jovens negros (as) no mundo passa a exigir a mudança fazendo os usos dos diversos repertórios possíveis. Desse modo, impactam nas ações promovidas não somente pelo Estado, vigo-

rando os diferentes lugares para o alcance político como estratégia para o reconhecimento social. Destaca-se problemáticas apontadas por Quapper (2001) no que se refere a primeira cilada ao analisar a juventude, citando a universalização da juventude, o que foi identificada no estudo de Elliot (2017), na unicidade atribuída pelo sistema americano ao classificar os eleitores jovens (hispânicos, asiáticos e negros) (ELLIOT, 2017).

A autora sobre o fato, se reserva, apenas reconhece a existência de um “problema” que o sistema eleitoral americano tende a analisar o comportamento político de grupos racializados. Constatou-se também que, os espaços não institucionais de participação política apontam-se como caminhos à cidadania da participação política de jovens negros (as), sobretudo no âmbito cultural. Nota-se que, estes espaços não são simplesmente encontros recreativos e aleatórios, eles se caracterizam por lugares de disseminação ao mundo político, por ofertar ao jovem jargões e conceitos políticos utilizando outros repertórios e linguagens, por exemplo, aquelas trazidas pelo hip-hop e rap (MALLONE; MARTINEZ, 2010; HEMPHILL, 2015).

Como vasta são as produções sobre este tema, destaca-se que dentre os estudos recentes, os esforços apresentados por Borba (2012a), Bonifácio (2012) e Borges (2011), apontaram maiores caminhos a este trabalho, por: a primeira autora, apresentar um mapeamento da literatura internacional, assim como, tipologias da participação política desde os estudos de Milbrath (1965); o segundo, por trazer resultados analíticos de um estudo de grande escala (2006 a 2007, 2008 e 2010) focado na realidade latino-americana, contribuindo para a compreensão empírica da participação política no Brasil; e a terceira autora por, apresentar um estudo empírico, que sob um tópico, apresenta formas de participação política com foco em Organização da sociedade civil (OSC). A seguir apresenta-se um panorama da revisão nacional sobre a participação política da juventude negra, porém antes, abre-se um parêntese necessário.

2.2 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE NEGROS (AS) DO BRASIL: UM PARENTESE DA NOSSA *HIStory!*

De acordo com o enquadramento histórico e teórico proposto nesta pesquisa, é importante atentar-se à existência e particularidades sobre o tema, participação política, para o grupo analisado, da juventude negra. No que diz respeito a trajetória política de negros (as) no Brasil, certas condições devem ser apresentadas, e jamais esquecidas. É oportu-

no abrir um parêntese e retomar algumas ações políticas de negros (as) do passado, e citar que, o processo de escravização da população negra, é um dos principais debates do contexto atual, devido ser ainda resquícios reconfigurados pelo presente. Quanto à inserção e participação de negro(as) na sociedade brasileira, Seyferth (1989) considera respeitável citar, as particularidades das instituições do passado, e como estes “instrumentos civilizatórios” eram excludentes para negros (as), a citar: a continuidade de um longo regime escravista; e o financiamento da imigração europeia (SEYFERTH, 1989).

Nesses parênteses, antes de prosseguir, é reconhecido que a participação política de negros (as) no Brasil, não se constituiu de maneira linear emergindo a partir da redemocratização de 1988. Para que a realidade atual de negros (as), em especial no Brasil, fosse possível, amparando-nos em Santos (2014), considera-se fundamental descrever brevemente múltiplas ações que ocorreram no contexto brasileiro, antes da Constituição Federal de 1988, que demonstram forte atuação política de negros(as). Verifica-se, que tais movimentos e ativismos já existiam, negros (as) já se mobilizavam no começo do século XX, algumas delas já se constituíam no bojo social da Primeira República (ALONSO, 2014).

Sobre estas mobilizações, Alonso (2014) constatou que, pouco explorado pela historiografia, também no séc. XIX encontra-se protagonistas negros, como José do Patrocínio, Luiz Gama e André Rebouças, sendo líderes de milhares de outros atores políticos e escravizados, num contexto histórico de disputa acirrada pelo acesso e monopólio de bens, em busca de um só lugar, o lugar da liberdade (ALONSO, 2014). Porém, estes atores foram pouco enfatizados no debate político, econômico e nacional; como figuras de líderes responsáveis pela libertação da população negra e africana. Segundo a autora, este movimento de libertação pode ser considerado como o primeiro movimento social nacional na abolição da escravidão, e não a monarquia como é apresentado na historiografia e nos livros didáticos escolares (ALONSO, 2014).

Destaca-se também que, preditor ao processo de redemocratização, pautas emergentes foram entoadas por diversos ativismos e movimentos sociais, ascendendo desde a década de 1930, o desejo inicial, em denunciar a necessidade de promover a igualdade de condições para negros (as) no Brasil, e que, culminou na possibilidade de no contexto atual, a população negra poder ocupar espaços educacionais, culturais e políticos (SANTOS, 2014).

Neste entendimento, no início do século XIX, período onde emergia demandas latentes de grupos negros para a educação, as organizações negras com forte atuação política, para a emancipação cultural e educacional, como: o Clube 13 de Maio dos Homens de Pretos, o Centro Cívico de Palmares e a Frente Negra Brasileira (FNB), sendo esta última, a mais importante organização negra do século XX, já atuavam com forte ação política. Os frentes negrinos era um movimento nacionalista, defendiam a estrutura sócio-política, e questionavam o financiamento do Estado e da burguesia nacional ao importar mão-de-obra europeia, em detrimento do trabalhador negro (FELIX, 2000). Na década de 1970, temos o Movimento Negro Unificado (MNU), importante movimento reivindicatório, com estreita atuação, à pauta da educação (SANTOS, 2014).

Outro marco, da participação política, se estabelece nas ruas, com a “Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo pela cidadania e a vida”, ocorrida em 20 de novembro de 1995. Na ocasião, o movimento negro apresentou e entregou ao então presidente, Fernando Henrique Cardoso (FHC) o “Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial”, um conjunto de políticas que, incluídas pelo Estado para a população negra, promoveria a democratização do mercado de trabalho, educação, saúde, terra e apresentou um plano contra o extermínio da violência. Dentre os pedidos, esteve a incorporação do quesito cor nos sistemas de informação do governo federal, para o planejamento de políticas sociais; e incentivos fiscais as organizações que aderirem a programas de promoção racial, por exemplo (SANTOS, 2014; PASSOS; NOGUEIRA, 2014).

Ainda sobre os protagonismos negros, os esforços de Oliveira (2005), traduzem outras ações que demonstram movimentos políticos ao revelar em sua pesquisa, a existência de um projeto identitário de luta de um povo quilombola na região de Santa Leopoldina (ES). Ao analisar o projeto político dos descendentes de africanos, expressado em seu trabalho como, *Os Benvindos, no território negro de Retiro*, focaliza em dimensões políticas para construir a identidade dos habitantes daquele território. Dentre estas ações, para esta construção, encontra-se a luta pela regularização territorial, etapa que segundo o autor, é antecedida por diversas ações de luta pelos ancestrais dos Benvindos e de outros descendentes escravizados no Brasil.

Conforme observou Oliveira (2005), durante todo o processo de conquista do dispositivo presidencial, o Decreto n. 4.887 de 20 de novembro, que regula os procedimentos administrativos para a identificação, reconhecimento, delimitação, a demarcação

e a titulação da propriedade definitiva de terras ocupadas por remanescentes quilombolas no ano de 2003, foi conquistado sob muitos diálogos. No decorrer do seu trabalho constatou-se que, atrelado às discussões políticas, a participação política e articulação de sujeitos coletivos e movimentos civis, para a promulgação deste Decreto, teve o seu percurso de mobilização iniciado antes da Constituição Federal de 1988 (CF-1988). Tal participação demonstra o interesse dos quilombolas em garantir que na Carta Magna houvesse dispositivo para o reconhecimento territorial.

Após o direito estabelecido pela CF-1988, relembra o autor, do I Encontro Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, que ocorreu em 1995, em Brasília. Na ocasião, a pauta central seria debater a mobilização política e o direito à terra previsto no artigo 68, do Ato de Disposições Constitucionais Transitórias da CF-1988. No estudo antropológico desenvolvido por Oliveira (2005), ficou evidente que a atuação política dos movimentos negros para o entendimento dos aparatos legais, políticos e sociais de Os Benvindos, tiveram essencial papel junto aos organismos municipal, estadual e federal, para a defesa e garantia do território quilombola (OLIVEIRA, 2005).

Em função desse parêntese que antecede a revisão de literatura nacional, as disputas para a construção e permanência destes diferentes espaços, por negros (as) no Brasil, apresenta a riqueza valiosa de quão são múltiplos seus repertórios para a superação de condicionantes estruturados por raízes históricas. Nessa visão, parece mais apropriado apontar que, no contexto brasileiro, a participação política de negros (as) decorreu de muitas ações, estas anterior a 1988. 3) Investigar com mais afinco o percurso de inserção dos novos espaços políticos que almejam ocupar as juventudes (institucionais ou não) a partir do evento cultural. Verificou-se que, tais condições de desigualdades ainda se estabelecem como pauta no plano social e político das reivindicações de diversos grupos e movimentos negros no contexto atual. Foi possível identificar uma ligação destas ações e movimentos reivindicatórios do passado tomados por diferentes pautas, similar às pautas e reivindicações encontrados na revisão da literatura mais recente, o que será discutido adiante.

Nesse bojo, evidencia-se os sentidos e causas da participação política das juventudes, em especial, dos jovens negros (as), descrevemos uma breve contextualização dos ativismos e movimentos sociais que a juventude negra estão produzindo na contemporaneidade, juntamente com achados, de forma não aprofundada, tomados por autores brasileiros que tematizam sobre os conceito de situação juvenil e condição juvenil abor-

dados pela literatura sobre as juventudes explicações que contribuem ao entendimento da participação política.

E no contexto trazido pela juventude brasileira, se pudéssemos construir um panorama sobre a participação política da juventude, em especial da negra, que retrata dimensões do cotidiano, quais seriam suas atuais aspirações? A seguir, o panorama nacional da participação política de jovens negros (as).

2.2.1 Panorama da Participação Política da Juventude Negra: no Brasil participar é preciso. É necessário!

Sobre a pergunta no tópico anterior, a resposta mais adequada é pressupor que seriam constatadas as diversas aspirações possíveis. Por outro lado, assim como os achados descritos na revisão internacional, no contexto brasileiro o panorama encontrado não seria diferente, o cenário é bastante amplo e diversificado. A participação política dos jovens negros (as) no Brasil, é formada por uma diversidade de grupos que pautam suas propostas em lugares, como: espaços culturais, espaços religiosos, ciberespaços, conferências nacionais, poder executivo, ativismos, movimentos sociais (negros, LGBTQIA+ e ambientais), sindicatos, Organização não Governamental (ONG), protestos políticos, orçamentos participativos, terceiro setor, atividades de protesto, conselhos participativos e associativismo.

Como já apontado, nos anos 1960 do século XX, em âmbito nacional, a temática da participação da juventude é alvo de pesquisa no campo das ciências sociais aplicadas e humanas. Decorre que, a literatura apresenta dentre tantos outros conceitos, a participação política, tendo estes estudos, se preocupado em conhecer as formas de participação política, sua conceituação, analisar os tipos de engajamento e compreender suas tipologias (BORGES, 2011; RIBEIRO; BORBA, 2011a; BONIFÁCIO, 2012; BORBA, 2012a, 2012b; LAVALLE; BÜLOW, 2014; BUENO, 2012).

É no campo da Ciência Política que o termo participação política emerge, com estreita ligação a fenômenos do mundo político, como: participação em movimentos sociais, o voto e a multiplicação de informações sobre o campo político (BORBA, 2012a). Segundo Borba (2012a) sobre o conceito de participação política, muitos trabalhos já foram produzidos, tendo a Sociologia Política se dedicado sobre ele, assumindo com estes trabalhos, os principais esforços, na tentativa de definir e classificar esse fe-

nômeno social (BORBA; RIBEIRO, 2011; RIBEIRO; BORBA, 2011a; RIBEIRO; BORBA, 2011b; BORBA, 2012a; BUENO, 2012).

Sobre a participação política da população negra no contexto brasileiro, as pesquisas destacam-se sob diversas correntes teóricas e metodológicas, verbera os estudos com base em: estudos de caso, observações, narrativas, histórias de vida entre outras formas de participação institucional ou não (BADARÓ et al. 2011; SOARES, 2012; OLIVEIRA, 2016a; 2016b; CABRALDOS SANTOS; HAJIME YAMAMOTO, 2018). Sobretudo, constatou-se, que a participação política deste grupo, ocorre predominantemente em espaços não institucionais. Tal fato é atribuído principalmente ao contexto histórico desta população no Brasil. A exclusão não oportunizou as mesmas condições de acesso a mecanismos universais como: a educação, o mercado de trabalho e bens socioculturais (SAVIANI, 1999; SANTANA; MORAES, 2009; OLIVEIRA; ABROMOWICZ, 2010; SANTOS, 2014; SOUZA, 2017).

Para explicar esta condição, Guimarães (2001) com base em Lamounier (1968) e Souza (1971) aponta que a Ciência Política construiu sua interlocução sobre o tema, oferecendo três vertentes para produzir uma relação entre raça e política no Brasil. A primeira, se negros e brancos possuem comportamentos diferenciados, com base nas experiências de desigualdades; a segunda, se no comportamento político de negros, existe expressão de solidariedade racial; e a terceira, como funciona o sistema político para desmobilizar a participação política de negros (GUIMARÃES, 2001).

Na obra “O que é participação”, Bordenave (1994) trata sobre o conceito de “ação instrumental”, que traz explicações para esta pesquisa, quando o autor descreve a singularidade dos atores políticos na disputa contra outros grupos sociais. Segundo Bordenave (1994) esta disputa pode transformar a participação em algo significativo, à dinâmicas políticas-sociais contrárias onde o “fazer parte” e o “ter parte” aconteça de maneira mais “instrumental”, pelos sujeitos que participam (BORDENAVE, 1994). Neste contexto, muitos podem “fazer parte” de qualquer fenômeno social, porém poucos entendem os processos para estas escolhas, ou seja, o “tomar parte” de seus reais significados (BORDENAVE, 1994). Desse modo, é importante estabelecer que, assim como Bonifácio (2012) entende-se nesta pesquisa que, a participação política vai além de atividades representativas eleitorais, partidárias, sindicais, colegiados e conselhos. Ela ocorre nas diversas e diferentes maneiras, incluindo múltiplas formas de dialogar sobre problemas locais e através da realização da ação coletiva solucionar problemas não tra-

tados pelo Estado, protagonizada a participação política por diferentes grupos sociais, como a juventude brasileira (BONIFÁCIO, 2012).

Neste contexto, identificou-se pesquisas que analisam a participação política de jovens: em movimento ambiental (PAZ, 2017); participação sindical (GARCIA, 2018); movimentos urbanos culturais (BADARÓ, et. al., 2011; NASCIMENTO, 2011; PRADO, 2017; VELOZO, 2018); e até mesmo uma organização religiosa (CORREA LAGES, 2018). Todos eles centram-se no resgate de problemas sociais que de maneira geral, apresentam uma denúncia contra atos violentos, ausência do Estado na oferta de uma política pública, que por motivos diversos, não estão sendo acessados pelas juventudes.

No Brasil, como já apontado, iniciativas da participação política, em especial, de negros (as) já existiam anterior a 1988. Tais ações e mobilizações culminaram no olhar para este público, com o reconhecimento do Estado com a criação de políticas institucionais, uma transformação com direitos estabelecidos em estatuto para a juventude, que vigora com maior rigor após a Constituição Federal de 1988 (CF-88). As ações e mobilizações consagraram para os mecanismos de participação cidadã direta no Estado, e não só, com ela, os sistemas de controle social se fortaleceram. Após a CF-88, estratégias de fortalecimento para o debate e ampliação da participação da sociedade civil resultaram na criação do Decreto n. 8.243/2014 que instituiu a Política Nacional de Participação Nacional (PNPS) e o Sistema Nacional de Participação Social (SNPS). Todavia, com a mudança de um governo progressista para um conservador, o Decreto n. 9.759/2019, extinguiu tal política e o SNPS, estabelecendo novas regras, excluindo a participação da sociedade civil nas instituições participativas e colegiados da administração pública federal.

A CF-88, também possibilitou a existência de canais participativos institucionais, e/ou não institucionais. Este primeiro, pode ser definido como o caminho por meio do qual, o poder público entra em contato com os cidadãos (PALASSI; MARTINS; PAULA, 2016). O segundo mecanismo, os espaços não institucionais, destacam-se por aqueles cujo a participação se deriva por ativismos, manifestações ou ações coletivas (BAQUERO; BORBA, 2008), é a expressão realizada a partir de uma mobilização social (PALASSI; MARTINS; PAULA, 2016). Quanto a isso, o que se pode marcar é que, este tipo de participação em seu interior, é tomada por grupos diversos que diante de peculiaridades específicas se mobilizam, implicados pelo confronto, manifestam-se em

espaços públicos, superando neste momento, a multidão e os abismos que suas pautas de reivindicações possam apresentar (TATAGIBA, 2014; WARREN, 2014). Similar a esta participação, em 2013 no Brasil, as manifestações de rua protagonizadas pelas juventudes, podem ser citadas como um exemplo que caracteriza a diversidade de grupos e reivindicações. Diante deste fenômeno, Warren (2014) analisou ser necessário observar dois pontos essenciais,

“[...] o primeiro é recuperar o antes e depois do ato de manifestar, e o segundo é que as manifestações expressaram o momento “multidão” dos movimentos, que pode sugerir erroneamente um sentido de unidade, a qual pode ser uma unidade no ato do manifesto, ou de protesto, o de direito a voz pública, mas não necessariamente uma unidade na política ou na utopia de transformação”. (WARREN, 2014, p. 15)

Associado a isso, as conceituações que caracterizam a atuação empírica dos atores políticos fogem do controle e ultrapassam o entendimento dos próprios atores que participam destas ações e movimentos, em não compreender o que exatamente caracteriza o seu grupo de pertença. Warren (2014) recupera os discursos dos principais sujeitos envolvidos nas manifestações de rua em 2013, justamente com o objetivo de definir um quadro analítico conceitual que nos permita distinguir diversas modalidades de organização do ativismo civil a movimentos sociais na sociedade contemporânea, apresentando uma tipologia de formas de participação (WARREN, 2014).

As manifestações de 2013, podem ser observadas como um aglomerado de grupos, tomados por um conjunto diversificado de sentimentos, que reivindicaram por intermédio das intensas manifestações, respostas das autoridades à diversas pautas. O “gatilho”, em 2013, foi contra o aumento das tarifas do transporte coletivo, que de R\$ 3,00 aumentou para R\$ 3,20, porém não ficou só nesta pauta. Warren (2014) construiu uma tipologia esclarecendo diversos conceitos, dentre eles, o de “manifesto sociocultural”, caracterizada por aquelas que apresentam expressão coletiva em espaços públicos para a afirmação de direitos socioculturais de populações que se sentem excluídas, discriminadas ou sem reconhecimento de suas singularidades (WARREN, 2014), sendo uma referência conceitual utilizada nesta pesquisa.

Entendemos assim como a autora que, “as manifestações de rua constroem-se como uma forma de evento político reativo a situações ou fatos políticos indesejáveis ou para criar visibilidade a demandas coletivas nos campos socioeconômico, cultural ou político” (WARREN, 2014, p. 13). Nesses protestos de junho de 2013, Tatagiba (2014)

o define também, como um dos três ciclos de protestos que já ocorreram no contexto local, retratados em sua análise como momentos de mobilização nacional, sendo os outros: as diretas já e o Fora Collor (TATAGIBA, 2014). O emprego do conceito ciclo de protestos destacado pela autora, refere-se a uma fase onde há uma intensificação dos conflitos, no qual atores diversificados tomam parte em manifestos públicos de modo intenso não identificado em outros momentos, estabelecendo-se desta maneira, a mobilização de outros setores sociais menos envolvidos (TARROW, 2011).

A busca pelo direito ao exercício da cidadania a todos os jovens, também foi constatado em diversas pesquisas que analisam a participação política de jovens negros (as) encontradas em outros campos, ao invés da Ciência Política, que tradicionalmente centra o debate sobre os fenômenos políticos (LATTARI, 2011; NASCIMENTO, 2011; ARAÚJO, 2016; VALLE, 2017). Constatou-se que, o interesse de investigação destas pesquisas se diversificou, estando agora, ampliado para outras áreas, utilizando diversas fontes teóricas e metodológicas para analisar a participação política da juventude negra.

No contexto brasileiro, após o ciclo de políticas para a juventude, que criou em 2005, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), instâncias que objetivam analisar, formular e avaliar políticas voltadas para jovens, eles acionaram na prática um olhar para este público. Após quase 10 anos de discussões, o Estatuto da Juventude (EJ), instituído pela Lei n. 12.852/2013, aprofundou direitos da juventude, descritos na CF-88. Dos interesses a entender deste debate, demandas e suas aspirações identificamos os estudos de Gomes (2012), Pinheiros, Esteves e Neto (2017), Cabral dos Santos e Hajime Yamamoto (2018) e Silva e Macedo (2016).

Detalhando alguns deles, apresentamos o estudo de Cabral dos Santos e Hajime Yamamoto (2018) preocupados justamente em analisar aquilo que foi buscado pela juventude durante os 10 anos de discussões e as propostas aprovadas como direitos no EJ. Analisam os autores, que algumas demandas (segurança, saúde e educação) são constituídas a partir de anseios universais, que envolvem toda a sociedade, inclusive a juventude. Por outro lado, apontaram que existem demandas específicas, como a participação política da juventude no Brasil (CABRALDOS SANTOS; HAJIME YAMAMOTO, 2018). Este estudo detalha uma série de dados que apresentam condições distintas deste grupamento. Dentre eles alguns índices podem ser citados, como: as situações de violência, desemprego e vulnerabilidade social. Com base na pesquisa do Instituto de Pes-

quisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 2017, “entre 2005 e 2015, 318 mil jovens foram assassinados no Brasil, sendo 31.264 (o que equivale a 54,1% dos homicídios) somente em 2015” (CABRALDOS SANTOS; HAJIME YAMAMOTO, 2018, p. 660).

Sobre o perfil das mortes, os homens continuam sendo as vítimas principais, 92%. E com relação a cor/etnia, os autores, baseando-se no Ipea (2017), mostram que, para cada 100 mortes, 71 são de jovens negros. Os negros (as) nestes estudos, ocupam 23,5% mais chances de serem mortos em relação a outras raças/etnias. O estudo apresenta que, existe uma prevalência das mortes, quando no mesmo período a taxa de homicídios de brancos reduz para (12,8%) aumenta a taxa de homicídios para negros (18,2%). Os autores descrevem que “a prevalência de homicídios de homens jovens e negros faz com que esse grupo sofra um processo de extermínio que, em grande medida, é legitimado pela ação ou omissão do Estado” (CABRALDOS SANTOS; HAJIME YAMAMOTO, 2018, p. 660). Concluem que, para o período analisado, o EJ demonstra maior politização e maturidade de mobilização política da juventude. Afirmando ser urgente políticas que garanta o direito à vida, e que certas demandas se constituem a partir de reivindicações históricas, que segundo eles, estão longe de serem efetivadas como políticas, por exemplo, o extermínio da juventude negra (CABRALDOS SANTOS; HAJIME YAMAMOTO, 2018).

Neste contexto, dos ciclos de protestos promovido pela juventude, Silva e Macedo (2016) observando as reivindicações, manifestações e protestos nas ruas em junho de 2013, problematizam como tais demandas percorreram os canais de participação, a ponto de serem incorporadas como medidas concretas dentre as etapas do ciclo de uma política pública para a elaboração de uma política da juventude. Para isso, as autoras analisaram os caminhos para a tomada de decisão política, traduzida pelas deliberações. Os aspectos centrais desta análise voltam-se para as propostas e decisões encaminhadas e contidas nas pautas, entre 2012 e 2016 do CONJUVE, a fim de entender como este instrumento influencia o ciclo de elaboração das políticas voltadas para a juventude. As autoras tiveram como trajeto três focos: a pluralidade da participação; existência de recursos que possam contribuir para a participação; e a incidência das decisões no ciclo das políticas públicas (SILVA; MACEDO, 2016).

Com base em Silva (2009) para problematizar os espaços institucionais participativos, afirmaram que os espaços deliberativos se encontram em modelo similar ao

método tradicional de gestão (SILVA, 2009). A partir daí, Silva e Macedo (2016) constatam quatro colocações, a primeira, refere-se à ausência de articulação entre as diversas conferências ao longo do período de criação de uma política, a fim de identificar questões que se repetem ou aquelas inéditas que só surgem derivadas de um condicionante regional ou temporal. A segunda, aponta o reduzido tempo de realização de uma conferência para outra, o que diminui a possibilidade de processar resultados. A terceira, está ligada a inexistência do monitoramento das deliberações, desta maneira contribuindo para a ausência de accountability para a sociedade. E na quarta, identificou-se a não integração entre as diversas ações tomadas pelos conselhos, conferências e congresso nacional. As autoras descrevem que, a tomada de decisão não considera como relevantes as deliberações estabelecidas pela sociedade civil, ao definir na decisão final da política, apenas as discussões parlamentares (SILVA; MACEDO, 2016).

Por meio destas colocações, constatam que, nos últimos 10 anos as arenas da participação, os conselhos e conferências, se consagraram como lugares democráticos para a juventude ascender maiores conquistas aos direitos sociais. Entretanto, há contradições e limites para a efetividade dessa participação, sendo questionada e alvo de críticas dos movimentos juvenis. Para exemplificar estas críticas, dois momentos são apresentados pelas autoras: O VI Diálogo Nacional de Movimentos e Organizações Juvenis, realizado em 2011. Na ocasião, os movimentos juvenis divulgaram uma Carta Aberta à Presidência da República do Brasil. Neste documento, as entidades reconheceram os avanços legais instituídos para a juventude, porém apontaram dificuldades ao acesso à participação durante a construção das políticas; a intervenção colocada por uma jovem representante da Associação Imagem Comunitária, no Fórum Temático da Juventude, realizado em 2012. A jovem questiona os programas criados para a juventude que não apresentam canais de sugestão ou críticas. Descreve ainda que existe um afastamento dos programas com os jovens que não estão ligados a organizações estudantis, movimentos ou fóruns. Segundo ela, é preciso garantir a horizontalização das políticas também para estes jovens (SILVA; MACEDO, 2016).

No que se refere a pluralidade da participação, o CONJUVE é composto pelo total de sessenta cadeiras (titulares e suplentes): 1/3 é representado pelo poder público, 20 conselheiros titulares e suplentes; e 2/3 é representado pela sociedade civil, 40 conselheiros titulares e suplentes. No que se refere a pluralidade da participação, entre os anos de 2012-2014, o CONJUVE possuiu a presença de diversos ministérios que desenvol-

vem políticas para a juventude: associação de gestores, Fórum Nacional de Gestores Estaduais de Juventude e representantes da Câmara dos Deputados. Destacam as autoras, a ausência da participação no CONJUVE de alguns ministérios, a citar: o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o Ministério da Fazenda, o Ministério das Cidades e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o que para elas dificulta, “debater diretamente com os gestores destas áreas sobre o desenho, o planejamento, a dotação orçamentária e a execução financeira de políticas e programas de juventude” (SILVA; MACEDO, p. 29)

Além disso, no que se refere à sociedade civil verificou-se que o CONJUVE foi composto por uma diversidade de movimentos e entidades que atuam no campo dos direitos da juventude. Descrevendo em profundidade as organizações representadas do CONJUVE, entre os anos de 2014-2016, se tratando de grupos negros militantes para a promoção da igualdade racial, identificou-se a representação das seguintes organizações: Agente de Pastoral Negros do Brasil, com um membro titular; Coletivos de Entidades Negras, com um membro suplente; União de Negros pela Igualdade, com um membro titular; e o Coletivo Nacional da Juventude Negra, com um membro suplente. No eixo raça/etnia: Geledés Instituto da Mulher, com um membro titular; e Instituto Steve Biko, com um membro suplente. Além de outras organizações que não atuam diretamente com a pauta racial (SNJ apud SILVA; MACEDO, 2016).

Sobre a existência de recursos que possam contribuir para a participação, foi apontado, conforme legislação que, o CONJUVE sendo um órgão de natureza consultiva não possui força de deliberação, suas ações estão vinculadas a propostas com forte relação para o controle social e legitimação de decisões ou atos da administração já estabelecidos pelos gestores governamentais. Destaca as autoras ser importante observar a finalidade legalmente atribuída ao conselho, para a construção do ciclo de políticas públicas. Assim apontaram que, na leitura regimental das atribuições do CONJUVE verificou-se que as competências a este conselho não possuem relação direta para a formulação, desenvolvimento, planejamento de recursos dos ciclos de políticas públicas (SILVA; MACEDO, 2016).

No que se refere a incidência das decisões no ciclo das políticas públicas, as autoras constataram que, dentro os anos 2012-2014, às propostas e encaminhamentos ao CONJUVE, advêm mais sobre discussões da: organização interna (ausência de relação com o ciclo de políticas públicas); do controle social; e da formulação da agenda gover-

namental, isso revela a importância do CONJUVE na introdução de novas políticas para os jovens na pauta de políticas públicas. Porém, entre o cenário da formulação para outras etapas, existem barreiras que impedem o CONJUVE em participar (SILVA; MACEDO, 2016). No mesmo período acima das etapas do ciclo de participação, “oito referiram-se a etapa de formação de agenda governamental, seis são encaminhamentos classificados como controle social e apenas um pode ser classificado com alguma incidência na etapa de desenho e formulação de políticas públicas” (SILVA; MACEDO, 2016, p. 55).

Muito embora os canais participativos institucionais parecem ser instrumentos que congregam todos os anseios sociais, e não só, incidentes no ciclo das políticas públicas, Silva e Macedo (2016) revelam que, mesmo existindo e constituído, o CONJUVE, em seu interior agrega muitas contradições. Aponta as autoras uma congregação nestes espaços de uma parcela mais organizativa, descrita por elas de elite participativa, que possuindo um perfil distinto dos atores mais excluídos, ocupam este conselho. As características sociais dos conselheiros do CONJUVE, mostram que, ao menos nos quesitos de renda e escolaridade, os conselheiros não eram representativos das características gerais da juventude brasileira. No que se refere à renda, mais da metade dos conselheiros possuem rendimento médio, até três vezes superior à renda média, que vive a maioria dos jovens brasileiros. Para as autoras, os dados revelam a dificuldade de promover a inclusão de sujeitos mais pobres e sem escolaridade. Sugerem, o aumento e empoderamento das redes que participam, alargando o poder de mobilização de outras instituições que interseccionam outros arranjos e realidades sociais. Para que, desta maneira possa ampliar maior poder de deliberação neste instrumento participativo (SILVA; MACEDO, 2016, grifo do autor).

Analisando outras demandas que surgem no momento trazido pelo ciclo de políticas do Brasil para a juventude, os autores Pinheiro, Esteves e Neto (2017) buscaram identificar quais foram as demandas apontadas pela juventude, em especial, aquelas relativas à educação, que estavam sendo incorporadas a políticas públicas institucionais e ao EJ. Os autores em seu trabalho revelam a tendência de neste ciclo surgir um novo campo de militantes que até então não existia, como os novos feminismos e novo perfil da juventude que acessa a universidade por políticas de ações afirmativas, como a juventude negra. E definiram também, com base em Rua (1998), que tais demandas podem ser identificadas em duas vertentes: a primeira, caracterizada por reivindicações de

bens e serviços; e a segunda, a luta por maiores espaços de participação no sistema político (RUA, 1998).

Essa reflexão dos autores resultou na identificação dos jovens como atores políticos, citando o junho de 2013, como um estopim para o Estado perceber que um perfil de novos militantes e outros jovens com ativismo social, foram capazes de promover outros caminhos para nutrir a política nacional. Identificaram também que, entre as principais demandas, encontra-se a participação política nos mecanismos institucionais, assim como, o monitoramento e formulação das políticas (PINHEIRO; ESTEVES; NETO, 2017). Sobre o comportamento das novas identidades políticas, dentre as citadas pelos autores, temos os “jovens negros (as), de partidos políticos, movimento estudantil, religiosos, grupos culturais de periferia (grafite, hip hop, funk e capoeira), jovens quilombolas, terreiro, assentados, ribeirinhos, lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros” (PINHEIRO; ESTEVES; NETO, 2017, p. 28).

No que se refere à juventude negra, ela é a maioria no interior das discussões para os programas governamentais e as políticas públicas. Na 2ª Conferência Nacional da Juventude, por exemplo, realizada em dezembro de 2011, no que se refere a raça/cor, 34,7% se classificaram com pardos (as) e 23,1% como negros (as). Sobre as preocupações apontadas pela juventude no debate sobre a educação, dentre outras, foram pautadas: a ampla participação da juventude nas escolas; gestão democrática na educação; e adequação do currículo para comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas (PINHEIRO; ESTEVES; NETO, 2017).

É importante ressaltar, que o artigo n. 227, alterado pela Emenda Constitucional n. 65 da CF-1988, que institui o EJ, assume em seu parágrafo único promover para a juventude, programas e a participação em entidades não governamentais, mediante trabalhos específicos. Compreendendo o teor do artigo, contrário ao que se pretende alcançar, verifica-se que, a parceria entre Estado e Sociedade civil, especialmente com os movimentos de juventude se constituem incipientes, justamente pelas pesquisas empíricas desta revisão de literatura, apontarem as experiências de coletivos sociais sem qualquer vínculo ou apoio do Estado. A despeito destas experiências os trabalhos de Sobrinho (2012), Perondi (2013), Santos (2015), Vigentin (2016), Oliveira (2016b), Araújo (2016) e Junior e Junior (2017) apontam tais ausências.

Sobre o estudo de Araújo (2016) a autora investigou no município de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, a ação coletiva desenvolvida pelo movimento social

Levante Popular da Juventude (LPJ) que dentre tantas identidades juvenis reuni jovens negros (as) de periferia. A autora apresenta a tipologia deste movimento, os sentidos de os jovens participarem e suas formas de participação política. A autora constatou que, o contexto como a conjuntura econômica do estado está relacionado a aspectos subjetivos que se materializam na realidade objetiva das demandas destes jovens (ARAÚJO, 2016). A autora infere que, os aspectos trazidos pelo movimento LPJ, é condicionante a conjunturas específicas e possui forte influência cultural. Sinaliza que, o LPJ possui estratégias centrais, e que a luta pela justiça social é resgatada a todo o momento pela dimensão pedagógico-formativo da atividade política, acionando o sentimento de solidariedade política dos seus membros para o alcance do que trata a autora de uma utopia estabelecida numa sociedade capitalista.

Ainda no propósito de analisar mecanismos de participação política protagonizados por jovens vinculada a coletivos sociais, Valle (2017) investiga no mesmo Estado, a Rede de Juventude Viva do RN (RJV/RN) e como esta rede atuou no enfrentamento ao genocídio da juventude em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, na região nordeste. Distinta da pesquisa de Araújo (2016), esta análise aponta uma experiência que retoma a participação da sociedade civil com o estado, porém com forte protagonismo da sociedade civil. Aponta a autora que, apesar da política estadual possuir “inspirações” do Plano Juventude Viva do governo da presidenta Dilma Rousseff, a RJV/RN, alçou enfrentar outros desafios, não se limitando a denúncia em espaços virtuais e divulgação de informações acerca do enfrentamento a violência, estabelecidos na política federal. Valle (2017) descreve que, a rede planejou e desenvolveu atividades para mudar a realidade de homicídios entre os jovens estruturado em quatro eixos de ação: o primeiro deles, desconstruir a cultura da violência, propor ações de cunho formativo-educativo em prol do direito à juventude; o segundo, incluir através de oportunidades e garantia de direitos, ações desenvolvidas em parcerias com outros programas federais como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRO-NATEC), o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) e o Programa Universidade para Todos (PROUNI); no terceiro, transformar territórios, com base ações realizadas em parcerias com serviços públicos existentes com foco em áreas da educação, esporte, lazer e cultura. No último, aperfeiçoamento institucional, capacitar servidores públicos de diferentes órgãos para o combate ao racismo (VALLE, 2017).

A rede foi composta por diversos atores, dentre os quais, na pesquisa participaram: O Centro Marista de Juventude, iniciativa do grupo Marista de escolas particulares (organização do terceiro setor); A Pastoral da Juventude, ação da igreja católica que atua desde os anos 1970 inspirada da Teologia da Libertação, na Ação Católica e na Pedagogia do Oprimido, voltado para a juventude; O Partido dos Trabalhadores (PT) fundado em 1980, em São Paulo, quando o Brasil ainda estava sob regime militar com proposta de mudança sociais inclusive para o segmento específico da juventude; A Secretaria Extraordinária de Juventude do Rio Grande do Norte (SEJURN) criada pelo Decreto n. 24.949 de janeiro de 2015, atuando com políticas voltadas para a juventude; e o Observatório da População Infante Juvenil em Contextos de Violência (OBIJUV) projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A pesquisa, ofereceu contribuições importantes para a pauta e fortalecimento da juventude (VALLE, 2017). Dentre outros aspectos, sinaliza a autora que, deve-se constituir o jovem a ser não apenas o público alvo desta rede, e sim, sujeito de direitos (VALLE, 2017). A pesquisa de Valle (2017) resulta em vários apontamentos, sobretudo na capacidade de articulação política destes diversos atores.

Constatou-se também, assim como em outras pesquisas que, quando o conceito juventude negra aparece sempre está atrelado a conotações da seguinte natureza: genocídio, homicídio, violência, extermínio, discriminação, maioridade penal, morte e racismo (BADARÓ, et al., 2011; DONATO, 2012; RAMOS, 2014; PRADO, 2017; VALLE, 2017) o que os estudos antropológicos políticos de modo recente vem denominando como Etnocídios (CLASTRES, 2004). Por outro lado, não encontramos similar

⁵ Segundo Clastres (2004) o termo genocídio remete-se a vontade de exterminar uma determinada “raça”. E o termo etnocídio refere-se não apenas a destruição física da “raça” e/ou a vontade de exterminar determinada minoria racial, mas visa destruir também sua cultura. O termo caminha junto a expansão colonial do século XIX, momento que se inicia as práticas de violência/criminalidade contra as populações nativas das Américas visando a constituição de grandes impérios colônias. Desse modo, o termo etnocídio visa a destruição dos modos de vida e também das diferentes maneiras de pensamento. Ambos fenômenos possuem uma visão similar sobre os Outros. Os outros, aquele que precisa ser eliminado, é o diferente. Mas não só, ele é a má diferença. Tanto o genocídio e etnocídio se referem a morte. Tendo o primeiro a missão de assassinar o corpo, e o segundo o espírito. Por isso que, no etnocídio admite-se a relativa perversa do outro, em contrapartida, existe a valorização do ser mal na diferença. Ou seja, os Outros podem até serem maus, mas podemos aperfeiçoá-los ao ponto de tornarem idênticos daquilo que é bem visto. Desse modo, quando os Outros negam a si, conduzem a uma identificação dado pelo sistema. Na América do Sul, os primeiros praticantes do etnocídio foram os evangelizadores missionários que propagaram o cristianismo contra o paganismo e crenças dos bárbaros. Nesta ideia a constituição espiritual do Outro deveria ser recusada, mas por eles mesmos. Do mesmo modo, houve o etnocídio praticado aos povos indígenas determinado por dois axiomas. O primeiro com base na hierarquia das culturas, a superior e inferior. O segundo, determinado pela superioridade da cultura ocidental. Assim, o etnocídio não se trata apenas de um mecanismo de destruição, ele embrenhasse no

associação em pesquisas que estudam a juventude que não possuem um recorte específico, como as características de raça/cor (LATTARI, 2011; SANTOS, 2016; CORREA LAGES, 2018).

Para tentar explicar esta constatação, Abramo (2005) traz dois conceitos que podem nos ajudar a compreender melhor. A autora descreve os conceitos de condição juvenil e situação juvenil que parecem mais adequados para explicar tais particularidades do grupo analisado. Para a autora “condição juvenil” refere-se ao significado social, sendo o linguístico, político, histórico e econômico que uma sociedade confere à juventude, e situação juvenil trata-se da diversidade manifestada na pessoa e nas diferentes juventudes neste contexto (ABRAMO, 2005). Destaca-se que neste último conceito, as características específicas da condição juvenil dentro de um contexto maior, está criada socialmente e é entendida como processos de significação que estes jovens apontam para sua existência enquanto pertencentes a este grupo.

Segundo Valadão (2013), ao analisar a juventude capixaba, cita Quapper (2001) para descrever quatro ciladas que os estudos sobre o tema tendem a conceber a juventude. A primeira refere-se à universalização: os jovens são todos iguais, não há diferenças de gênero, raça e classes sociais. A segunda, refere-se à produção de estigmas: discursos patológicos transformando a juventude como problema social. A terceira, consiste na divisão desta fase apenas como etapa do ciclo social de vida. A quarta, consiste na produção de pesquisas que transformam a juventude em salvadores do mundo. (QUAPPER 2001). Valadão (2013) destaca que para analisar a juventude não devemos considerar os seus aspectos singulares. Para a autora, “os jovens são homens, mulheres, negros, brancos, indígenas, urbanos, rurais, quilombolas, lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros, sem-terra, agricultores, trabalhadores, cristãos, ateus, místicos” (VALADÃO, 2013, p. 32). Esta singularidade representa os modos de vivenciar as juventudes e diz respeito aos processos subjetivos que atravessam suas condições (VALADÃO, 2013).

No que diz respeito a um destes processos, o relatório Homicídios e juventude no Brasil aponta que, a violência é uma constante na juventude negra (WAISELFISZ, 2013). O genocídio da juventude negra, se estabelece como condição para esta população. Tal questão foi encontrada na pesquisa de Ramos (2014) que buscou apresentar uma genealogia da morte identificada nos próprios discursos trazidos por jovens negros

núcleo ocidental, e age determinando o monopólio e padrão da própria cultura ocidental (CLASTRES, 2004).

(as) ao longo de sua atuação e trabalhos realizados dentro dos movimentos negros, e pela luta à espaços em instâncias governamentais (Plano Juventude Viva e Conselho Nacional da Juventude). Como resultado Ramos (2014) apontou que, a dívida histórica da escravização, se estabelece como pauta dos movimentos negros, assim como, novas formas de organizações e militantes derivam destas reivindicações.

Um outro olhar sobre o genocídio da juventude negra foi produzido pela análise de Barros et al. (2019) face às altas taxas de Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) do estado do Ceará, em especial, com dados de sua capital Fortaleza, em 2017. Essa pesquisa analisou o trabalho desenvolvido pelo Comitê Cearense de Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA), instância pública responsável pelo diagnóstico e produção de relatórios sobre a violência. O estudo problematizou os relatórios produzidos entre 2017-2018, à luz de entender, a partir dos conceitos de precariedade e vida e necropolítica, como a produção de vidas visíveis e vidas matáveis, se expressam em tais documentos, o relatório foi nomeado de: Cada Vida Importa (BARROS, et. al., 2019).

A discussão tomou por base três aspectos: 1. a criminalização de adolescentes e jovens como aspecto natural para o seu extermínio; 2. a incidência do gênero, aumento da morte de meninas e mulheres dentre o grupamento de mortes e da violência urbana; e 3. o que o CCPHA define como infantilização dos homicídios (BARROS, et. al. 2019). Sobre o primeiro aspecto, os autores abordam a construção ficcional do outro, o que com base em Barros e Benício (2017) caracteriza-se por uma produção psicossocial do suspeito, daquele que é desumano, a ponto de ser eliminado da sociedade justamente por sob está construção, a base difundida ser as seguintes características: sujeito jovem, do sexo masculino, origem de periferia, com tatuagens, e principalmente, ser negro. Segundo os autores, para conter este perigo, o sistema de técnicas de vigilância é amplamente acionado, como estratégia para não se deparar com este inimigo social (BARROS, et. al. 2019).

No segundo aspecto, os autores chamam a atenção inicialmente para um fenômeno ocorrido em Fortaleza, não registrado até aquele momento, entre os meses de janeiro a julho de 2018, no estado, foram registrados, sete chacinas e 275 assassinatos de mulheres. Dentre estas vítimas 77, tinham entre 10 a 19 anos, o número ultrapassou o total de mortes de todo o ano de 2017, 88 adolescentes assassinadas. Os autores descrevem que se aprofundarmos para os dados, apenas da capital, identifica-se um crescimento de 412,5% de adolescentes do sexo feminino, com base nos dados de 2017. Dentre

estes registros, três chacinas ocorreram entre os meses de janeiro e início de fevereiro de 2018, tendo em julho este número ultrapassado para sete chacinas no total, sendo que a maior delas ocorreu no mês de janeiro, resultando em 47 pessoas mortas (BARROS, et. al. 2019).

Os autores apontam a vitimização letal do gênero, a exemplo, na chacina de Cajazeiras, a maior registrada no Estado até janeiro de 2018. Nesta chacina, oito das quatorze vítimas eram adolescentes e jovens mulheres, os estudos do CCPHA, vem apresentando o crescimento das taxas de assassinatos de adolescentes do sexo feminino. Segundo os autores, os dados alertam ao CCPHA a transposição do campo para além da violência doméstica, incluindo-as nas tramas da violência, a urbana. Consideram os autores que neste caso, trata-se de postular a sensibilidade analítica, a partir do pensamento interseccional entre gênero, raça, classe e precarização dos corpos, para assim, problematizar as condições do crescimento da violência urbana, no que tange a mortes de mulheres (BARROS, et. al. 2019).

No terceiro aspecto, os autores apresentam que, dentre este contexto destaca-se nestas dinâmicas sociais de violência, a prevalência da infantilização das mortes, os homicídios em 2017 de pessoas entre 10 a 14 anos aumentaram 207%, ao passo, dos 92% de pessoas de 15 a 19 anos no mesmo período. Descrevem ainda, o quanto a noção de proteção em âmbito familiar não se atribui apenas a instintos naturais e biológicos, se estende a uma rede de instituições, que devem dar suporte socioinstitucionais necessários. Porém, o marcador social descrito como “criança de periferia”, vem sobrepor a qualquer fase da vida, mesmo estando tendo a proteção garantida na lei, definido pelo Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 2014).

Diante deste contexto, atribuído a políticas que apontam a infância pobre como problema a ser combatido socialmente, junto a invisibilização das infâncias periféricas contribuem para o ciclo de mortes viciosas, desta fase da vida, na cidade do Ceará (BARROS, et. al. 2019). Tais reflexões analisadas na pesquisa, apontam para o “debate político e ético sobre o extermínio de certas populações, tais como segmentos infantojuvenis negros, mulheres, populações LGBT’s” (BARROS, et. al. 2019, p. 41).

Para os autores, os dados podem ser observados, e pensados a partir de dois olhares. O primeiro, analisado como casos isolados, e segundo, sustentado como efeito colateral de políticas públicas. Neste estudo, os autores estabelecem outro olhar, observam os dados como dispositivo que sustenta a ordem política atual articulada com o

conservadorismo e o pensamento neoliberal. Defendem que, a gestão de certas zonas e corpos matáveis se estabelecem como a base da ordem atual capitalista. Com isso, estabelecem que a lógica das dinâmicas sociais, influenciam na produção subjetiva, tendo como um destes efeitos a produção objetiva, agindo na ordem social e escolhas de quem é abjeto, e quem é detentor da condição de existência social (BARROS, et. al. 2019).

Percebe-se que são inegáveis as contribuições que tais pesquisas apontam para compreender o panorama das condições juvenis e que leva as juventudes a participar politicamente. Por outro lado, verifica-se que, as pesquisas endossam em suas análises limitações, apresentando uma separação de aspectos sociais e cognitivos ao analisar a participação política de jovens negros (as).

Com base nisso, propomos a realização de um estudo exploratório sob uso de um marco teórico da Psicologia Política. Neste caminho, se pretende analisar pela perspectiva psicopolítica, a participação política da juventude, no contexto instituído democrático, buscando compreender como se configura a consciência política e participação política de jovens negros (as). Para isso, utilizaremos o marco teórico proposto por Sandoval e Silva (2016) por justamente os autores do modelo, não considerarem uma separação dos aspectos sociais e psicológicos. A seguir, apresenta-se o modelo analítico proposto pelos autores.

2.3 O MODELO ANALÍTICO DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA PARA A COMPREENSÃO DA PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES COLETIVAS

À que se diz que o mundo social é muito dinâmico na medida em que nele ocorrem diversos fenômenos sociais, como: o surgimento de novas classes, o aumento do desemprego, o aumento da violência, a escassez de alimentos, as manifestações sociais, entre outros. Grande parte destas mudanças derivam das relações de convívio entre os sujeitos e as consequências destas relações podem resultar em mudanças da consciência política ao longo do tempo (GAMSON, 1992). Considera-se que, neste convívio é possível construir outras formas de contar um fato, uma história ou mobilização, pois eles sempre existiram. Nesta ideia, encarna a figura do enunciado e enunciador do evento narrado, que derivam destas interações, cuja linguagem tornou-se elemento de construção das idéias (SOUZA; CARRIERI, 2014). Além disso, não só os processos entre os indivíduos são possíveis, por outro lado, ocorrem as relações dos indivíduos com outros

atores do mundo social, sendo estes atores, as instituições públicas, por regradar grande parte das decisões no mundo político.

Neste contexto, os discursos entre os indivíduos e as instituições, se caracterizam com maior intensidade, figuram com maior presença, a aparição de: partidos políticos, movimentos sociais, ativistas, organização não governamental (ONG 's). Assim, estes distintos atores se constituem a partir destas experiências da relação com o Estado, dando a elas significados, de forma que o produto desta relação, aponta na direção do aprendizado político (ou não). E não só, para o entendimento das formas e níveis de participação. Ao certo, na direção desta participação, grande parte destes atores buscam permanecer neste mundo, assim concorrem ao acesso dos espaços institucionalizados e/ou não-institucionais, ao mesmo tempo, em busca de maiores possibilidades de macroparticipação (BORDENAVE, 1994).

Associado a isso, diversos campos do saber buscam entender as dinâmicas destes diferentes atores políticos, em particular, na tentativa de alcançar o seu interior e suas formas de organização. Dentre os diferentes campos do saber que busca essa compreensão aponta-se, a Psicologia Política. No Brasil a Psicologia Política desenvolvida pela linha de pesquisa de Salvador Sandoval, atua de maneira interdisciplinar se relacionando com ela, campos como a Sociologia, História e a Psicologia Social (SILVA, 2012).

Segundo Silva (2001) autores como: Touraine (1996), com seu estudo de consciência operária; Gamson (1992), com seu trabalho que se refere às formas de participação; e Tilly (2003), que aborda em seus estudos os movimentos sociais, influenciaram Sandoval (2001) na construção de um modelo de consciência política dispondo de dimensões capazes de compreender a consciência política dos sujeitos predispostos ou não às ações coletivas e movimentos sociais. Sandoval (1994) constrói seu modelo de consciência política e participação, a partir da análise do “esquema de consciência operária” proposto por Alan Touraine no seu estudo clássico “La conscience ouvrière” (1966). Este autor estabelece três dimensões básicas para analisar a consciência operária: “identidade (percepção da identidade de classe), oposição (percepção que o indivíduo tem da relação entre sua classe e outras classes) e totalidade (percepção que o indivíduo tem da sociedade em termos de dinâmica, distribuição de bens e sistemas de dominação)” (PALASSI, 2011, p. 135).

Abarcado numa conceituação preocupada com categorias psicopolíticas e não apenas em fatos específicos como ocorrem na análise de frames (quadro ou moldura para entender algo), Sandoval (1994, p. 67-68) reserva críticas ao esquema de Touraine (1966) pelo fato de o autor ignorar, “(...) a percepção que o indivíduo tem de sua capacidade de intervenção para alcançar seus interesses, um fator estritamente associado ao conceito no sentido voluntarista (...)”. Entendido que, o conceito de consciência estaria relacionado ao engajamento do comportamento social em busca de autointeresse de interesse de classe, Sandoval (2001), acrescenta uma nova dimensão, denominada de predisposição para intervenção ou vontade de agir coletivamente (ações dos indivíduos na defesa de seus interesses).

Neste sentido, a análise dos significados deste universo para os grupos sociais são elementares para a constituição da consciência, após a inserção da dimensão predisposição para intervenção ou vontade de agir coletivamente. Sandoval (1994, p. 59), descreve uma definição própria da consciência, sendo articulado aos processos de participação. Para ele,

“(...) consciência é um conceito psicossocial referente aos significados que os indivíduos atribuem às interações diárias e acontecimentos em suas vidas”
 “(...) A consciência não é um mero espelhamento do mundo material, mas antes a atribuição de significados pelo indivíduo ao seu ambiente social, que servem como guia de conduta e só podem ser compreendidos dentro do contexto em que é exercido aquele padrão de conduta (...)”.

Sendo assim, o modelo analítico de consciência política para a compreensão da participação em ações coletivas de Sandoval (2001) é composto por sete dimensões (Figura 1). Para fins meramente explicativos organiza-se da seguinte maneira: identidade coletiva; crenças, valores e expectativas societais; interesses antagônicos e adversários; eficácia política; sentimentos de justiça e injustiça; vontade de agir coletivamente; e metas e ações dos movimentos sociais (SANDOVAL, 2001).

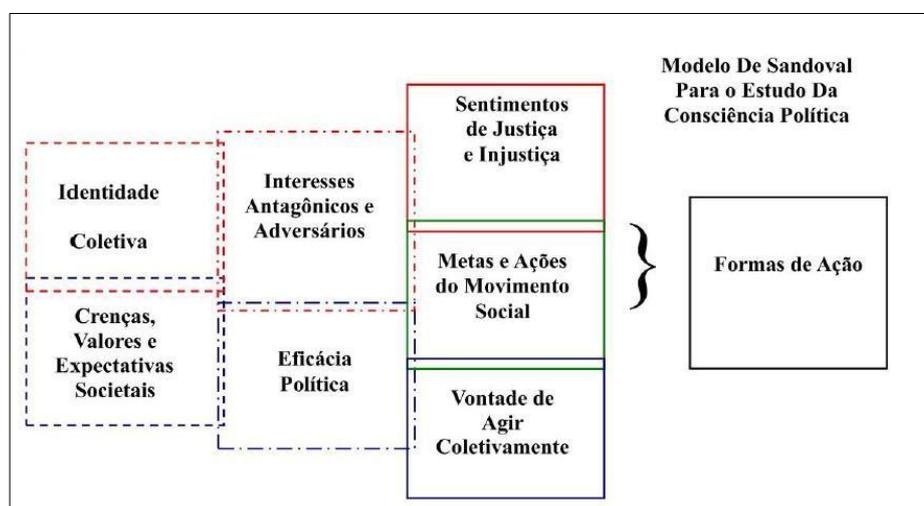
Palassi (2011) explica que estas dimensões não são hierárquicas e interagem entre si. Continua a autora, que ao observar o modelo de consciência política percebe-se que cada dimensão é distinta e também pode ser analisada individualmente (SOUZA, et. al, 2019). Sandoval (1994, p. 185), explica que, “este modelo de consciência política representa as várias dimensões psicossociais que constituem o saber político de um indivíduo sobre a sociedade e si mesmo/mesma como membro dessa sociedade (...)”. De acordo com Ansara (2008), as dimensões são configuradas com uma estreita ligação aos

fatores culturais, assim como as interações que os sujeitos possuem com outros atores e instituições políticas ao longo da vida cotidiana.

Palassi (2011) aponta que, para compreender o modelo é necessário observar não só as sete dimensões apontadas, mas também as emoções, pois as dimensões “são conceituadas em termos de sentimentos, permitindo visualizar as mudanças nas estruturas e relações sociais e como elas afetam a predisposição das pessoas para agirem em defesa de seus interesses” (PALASSI, 2011, p. 137). É necessário compreender ainda, que o modelo de Sandoval (2001) contribui na compreensão dos pensamentos coletivos e individuais dos sujeitos que participam ou não de ações coletivas, analisando as dimensões de consciência política deles, sendo necessário compreender cada dimensão do modelo. Segundo Sandoval (2001) o modelo é voltado para analisar a consciência individual.

Neste sentido, Bordenave (1994) descreve que a aprendizagem pode ser explicada pelo micro e macro participação. Para o autor, a microparticipação cumpre objetivos de relevância social e está relacionada à participação na família, escola, trabalho, sindicato, grêmios estudantis, na comunidade, grupos escolares, entre outros. Por outro lado, a macroparticipação compreende o envolvimento em processos dinâmicos que constituem ou modificam toda a sociedade, quer dizer, a história da sociedade (BORDENAVE, 1994). Desta maneira, ambos os espaços são possibilidades de participação, o indivíduo envolve também, aspectos psicológicos de pertença, reconhecimento e prestígio por diferentes tipos de participação (BORDENAVE, 1994).

Figura 01 - Modelo Analítico de Consciência Política para a Compreensão da Participação em Ações Coletivas



Fonte: Sandoval (2001)

A dimensão identidade coletiva, segundo Palassi (2011), é o ponto de partida para compreender a participação dos sujeitos em ações coletivas, pois diz respeito ao processo de identificação para a ação coletiva, e também se caracteriza como o sentimento de “nós”, de pertença ou identificação com grupos ou outras categorias sociais. Prado (2002) ao analisar a constituição da identidade política descreve esta relação intergrupala (NÓS-ELES) que para ele, precisam ser sentimentos constantes e contínuos implicados nas práticas sociais mobilizadoras. Neste sentido, a mobilização social, é um processo que caracteriza a constituição das ações coletivas, e pelos quais, grupos sociais estabelecem para desenvolver e alcançar condições, sejam estes materiais, políticas ou psicossociais para suas práticas sociais. Tais práticas se estabelecem nas sociedades modernas a partir de discursos antagônicos, ocorrendo a partir dos conflitos sociais (PRADO, 2002).

Nestas relações estão presentes os sentimentos de crenças, valores, sentimentos de pertença (ou não), que o sujeito atribui significados a partir desta passagem que se dá em relação entre um nós e um deles. Prado (2002) descreve a diferença entre identidade social e identidade política, para logo em seguida explicar o que seria o sentimento de (NÓS-ELES). Para o autor identidade social, se estabelece a partir de um conjunto de referências e atribuições que decorrem quando se pertence a um grupo social. E identidade política, significa um conjunto transitório e temporário com emprego de significados que é delimitado por fronteiras sociais, por isso é experienciada pelo sentimento de nós que, está sendo impedida por eles em realizar suas conquistas sociais, se estabelecendo a partir de relação antagônica (PRADO, 2002).

Nota-se que, os sujeitos neste processo experienciado pelo sentimento de nós, atribuem outros significados definindo suas relações sociais e com o mundo. Dentre estes atores, cita-se a relevância das instituições políticas, e como o Estado se relaciona (sendo adversário ou não) com o seu grupo de pertença (SANDOVAL; SILVA, 2016). Neste bojo, experiências anteriores trazidas pela memória constituem-se essenciais para tornar o sujeito acolhido a este grupo. Assim, pertencente ao grupo, certamente os sujeitos estarão mais capazes de se mobilizarem e participarem de ações coletivas, tendo como fruto resultados para todos os envolvidos (COSTA, 2007).

Nesta dimensão aponta-se também o passado como elemento que pode conectar o indivíduo a esta identidade coletiva. Silva (2008) menciona que a identidade coletiva pode revelar uma conexão do passado com o presente estabelecendo assim, comparações com outros períodos históricos. Melucci (1996) descreve a identidade coletiva co-

mo ideal para constituir um novo caminho para os atores envolvidos coletivamente. De acordo com Ansara (2009) é necessário ter um processo de identificação social capaz de promover nos sujeitos hábitos e os mesmos interesses coletivos.

A dimensão crenças, valores e expectativas sociais referem-se ao modo como o sujeito observa a realidade que ele compartilha, está inserido e faz parte, tendo como base sua ideologia política e visão sobre o contexto partilhado, pois estes fatores contribuem para a constituição de mundo dos sujeitos (SANDOVAL, 2001). No contexto social, as experiências advindas das práticas são significativas, estas podem contribuir para a constituição de quais expectativas sociais o indivíduo constrói de si e do coletivo, a partir do mundo que diariamente ele acessa e recebe informações, sendo estas interações sociais, essenciais para a representar sua realidade (SANDOVAL, 2001).

As relações no cotidiano singularizam as maneiras do contato com o mundo. A importância atribuída a esta realidade, seja das instituições ou interações sociais, advém destes significados. Portanto, os significados conferidos pelos sujeitos, é o resultado destas relações estabelecidas (COSTA, 2007). Assim como a identidade coletiva e individual, os significados não são fixos, pois o contexto que os sujeitos se relacionam produzem e estabelecem distintos significados de pertença ou não pertença; ao longo do tempo, estes significados se alteram, podendo desenvolver a politização dos sujeitos. Num dado momento, os sujeitos se sentem acolhidos pelo grupo, num outro momento, surge um sentimento totalmente contrário. Para completar, as interações diferenciam-se produzindo sentimentos de pertença e não pertença, inclusão e não inclusão dos grupos sociais (TAJFEL, 1981).

As crenças, valores e expectativas sociais, se relacionam com a memória e os mecanismos de controle social, ambos elementos também influenciam a realidade individual e coletiva dos sujeitos. A memória política oportuniza que o sujeito estabeleça sua ideologia (ANSARA, 2009). Por outro lado, o mecanismo de controle social, atua como uma membrana que permeia condições específicas à emancipação dos sujeitos, tanto individual ou social. Nisso, a reunião em espaços participativos, contribuiria para uma visão crítica sobre o contexto compartilhado, nesse caso, o lugar ocupado confere ao sujeito maior possibilidade de autonomia e reflexão.

Portanto, este cotidiano aproxima os sujeitos ao desenvolvimento de uma consciência de senso comum (SANDOVAL, 2001; SANDOVAL; SILVA, 2016), tornando-se barreira para a politização e aproximação de uma consciência crítica. Deste modo,

“favorece o desenvolvimento do pensamento superficial” Sandoval (1994, p. 64). Palassi (2011, p. 138), baseando-se nas explicações de Tilly (1978), “(...) relata que a totalidade neste nível de consciência é descrita de forma fragmentada”. Assim como apoia-se em Berger e Luckman (1967) para descrever que a consciência se baseia na realidade óbvia, corriqueira e do cotidiano. Por meio da releitura de Sandoval (2001), de acordo com Heller (1972), a autora continua e afirma que,

“(...) o cotidiano significa continuidade, estabilidade, segmentação, irreflexão, imediatismo, utilitarismo, cristalização, naturalização, alienação e conformismo, estimulando o desenvolvimento de uma consciência de senso comum, cuja possibilidade de desenvolvimento está associada à ruptura, para gerar o questionamento e a reflexão” (PALASSI, 2011, p. 138).

Sandoval (2001) aponta que é necessário interromper este ciclo (ANSARA, 2009; SANDOVAL; SILVA, 2016) para que haja rupturas que acionam um alerta no cotidiano dos sujeitos, o retirando do lugar confortável, na maneira como ele percebe as oportunidades definidas fruto destas relações. É importante pensar, tal como propõe Sandoval (2001), que localizado neste lugar (de mobilização ou não em ações coletivas), um ponto relevante dentre tantos encontrados, é a possibilidade do (s) sujeito (s) expressar (em) sua visão de mundo, a partir da relação não só objetiva, mas dos significados subjetivos atribuídos pelo sujeito com relação ao meio social.

A dimensão de interesses antagônicos e adversários do modelo de Sandoval (2001), explica como as ações identificando intenções opostas, podem eleger quais grupos são adversários, assim como, apontar quais ameaças eles podem criar para desmobilizar suas ações. E não só, os interesses antagônicos e adversários, explicam também, como os interesses individuais podem ser incompatíveis com os interesses de outros grupos. Esta dimensão ocupa um seletivo lugar na análise da ação coletiva, pois seja em qualquer ação, é importante que os sujeitos tenham uma noção visível do seu adversário (SANDOVAL, 2001).

Se pensarmos nos movimentos sociais, incorporado ao tema nos estudos de Sandoval (2001), nos movimentos mais populares, reconhecer de forma visível um adversário poderá dar uma lógica crítica às ações, gerar maiores significados, assim como, introduzir um pensamento racional frente às práticas cotidianas (SILVA, 2007). Esta personificação do adversário, mesmo que de maneira simbólica, acionará um alerta nos sujeitos, sendo que no universo que estão inseridos, e que compartilham signos e significados, estes sujeitos questionarão a todo o momento e com maior consciência as in-

formações compartilhadas, enfocaram as discussões e assim, identificaram elementos antes não percebidos.

Nesta linha, Silva (2007, p. 108) sobre o pensamento de Sandoval (1994), menciona que, “o estabelecimento dessa dimensão pressupõe o rompimento com a rotina cotidiana e a introdução da racionalidade frente às práticas diárias”. Nesta dimensão, o mesmo autor descreve que, em especial para os movimentos sociais, o comodismo, o pensamento superficial e o pensamento utilitário, incorporam efeitos nefastos ao indivíduo e ao seu grupo de pertença, por estarem mais visíveis socialmente numa arena onde os perigos dos interesses antagônicos e adversários partem de diferentes locais. Por vezes, a identificação de adversários não é fácil ou possível, é necessário portanto, que sempre haja uma forte ideia compartilhada pelos sujeitos frente a um objetivo comum, desta maneira, os adversários serão mais visíveis (SILVA, 2007).

A dimensão eficácia política nos traduz a partir dos sentimentos, a capacidade de intervenção que os sujeitos possuem para alterar uma situação política (SANDOVAL, 2001; SANDOVAL; SILVA, 2016). Palassi, Martins e Paula (2016, p. 442) com base em Sandoval (2001), descrevem que esta dimensão, seria,

“(...) como as pessoas interpretam as causas, circunstâncias e os motivos de situações vividas por elas. Assim, o autor menciona que os sujeitos podem adotar uma postura conformista devido ao sentimento de baixa eficácia política, buscando soluções individualizadas para situações sociais, ou adotando ações individualizadas ou coletivas que lhes permitam tornar-se um ator social”

Sandoval (2001) amparado pela teoria da atribuição de Hewstone (1989) explica que a causalidade atribuída aos fenômenos que ocorrem com as pessoas, pode ocorrer pautados em três aspectos: no primeiro deles, diante de situações advindas de causas naturais, contato com o místico e a religiosidade; segundo, pelos eventos empreitados pela vontade individual do sujeito diante de problemas sociais; e terceiro, pelos eventos movidos através da vontade de outros grupos ou indivíduos diante de problemas sociais (SANDOVAL, 2001).

O autor explica que, para cada uma destas três maneiras possíveis de intervir, os sentimentos podem emergir de diferentes modos. Sendo assim, na primeira maneira para os sujeitos envolvidos na ação coletiva, o sentimento gerado é o de baixa eficácia política frente às ações de forças naturais (SILVA, 2007). Na segunda, o sentimento compartilhado será o de auto culpa, por não possuírem habilidades para a ação, assim

como, não saber lidar com a angústia social (SILVA, 2007). Na terceira maneira, o sentimento compartilhado será o de potencialidade nas ações, para lidar contra os interesses antagônicos e adversários mais visíveis (PALASSI, 2011).

Desse modo, é na terceira maneira possível de intervir, cujo a origem resulta na identificação de interesses antagônicos adversários produzidos por ações de outros grupos ou indivíduos, que se denota maior possibilidade de o sujeito tornar-se um ator social, alterando o seu próprio percurso e do seu coletivo (SILVA, 2007). No Quadro 1 abaixo, observamos os três tipos, de maneira explicativa:

Quadro 01- As três posições de nexos e causalidade da teoria de atribuição de Hewstone (1989)

Posições	Nexo de causalidade	Sentimentos do indivíduo ou grupo
1ª posição	Causas naturais, contato com o místico e a religiosidade	Sentimento de baixa eficácia política
2ª posição	Ações individuais	Sentimento auto culpa
3ª posição	Ações de outros grupos ou individuais	Sentimento de potencialidade

Fonte: Elaborado pelo autor

Na dimensão de sentimentos de justiça e injustiça, Sandoval (2001) se baseia no conceito de justiça social de Moore (1987) que se refere ao sentimento de obrigações e recompensas (MOORE, 1987). Esta dimensão reflete como indivíduos e grupos observam as relações sociais, ela apresenta elementos descritivos para entender como os sujeitos percebem as mudanças que o afetam gerando o sentimento de justiça e injustiça. Para isso, são utilizados critérios estabelecidos ao longo do tempo, sendo considerados os fatores sócio históricos (SANDOVAL, 2001).

Dessa maneira, se no interior destas relações for identificado, uma violação social por outros indivíduos ou grupos que compartilham as mesmas visões de mundo, este desequilíbrio nas relações recíprocas entre os sujeitos, cessará a reciprocidade, sendo entendidas como situações injustas, daí surge o sentimento de injustiça (SANDOVAL, 2001). É comum verificarmos que os conflitos sociais surgem a partir do sentimento de injustiça, e quando estes atores se inserem em ações ou movimentos, algumas referências às noções de injustiça são decisivas e compartilhadas entre todos os atores.

Como já exposto na dimensão de valores e expectativas sociais, o que se observa, é que esta coalizão entre as situações injustas e que geram os sentimentos de in-

justiça, é mais visível por reivindicações das minorias, trazidas para os espaços públicos, seria, neste caso, os movimentos sociais, através dos protestos (SILVA, 2008). Essa ação tem consequência direta na construção da consciência destes sujeitos, pois o ato de protestar demonstra não só o interesse pela mudança, mas também, significa buscar caminhos, superando a situação que consideram injustas, identificando os autores da injustiça e os seus adversários (SILVA, 2008).

Sandoval (2001) baseia-se em Klandermans (1992) para descrever a dimensão de vontade de agir coletivamente. Para Sandoval (2001, p. 189) esta dimensão é “[...] mais instrumental e se refere à predisposição do indivíduo em fazer parte de ações coletivas como uma forma de procurar reparar as injustiças que são cometidas contra ele mesmo”. A predisposição à participação em ações coletivas é analisada por meio dos sujeitos já inseridos na ação, e não só, é considerado também, o nível de engajamento político sobre a ação dos sujeitos já envolvidos (PALASSI, 2011).

Dada sua instrumentalidade para analisar sua inserção na ação coletiva, Klandermans (1992) considera quatro situações para atuar (sozinho ou coletivamente) contra as injustiças sociais: 1) a relação do custo/benefício, agindo como caráter determinante na decisão; 2) os gastos perdidos ou as perdas ou ganhos materiais se envolto nas ações; 3) os riscos percebidos que derivam da participação nas ações e nas condições desta participação; e 4) a avaliação da capacidade da organização na implementação de suas propostas (KLANDERMANS, 1992).

Destaca-se que, a quarta situação analisada, refere-se à inserção de suas próprias ações (individuais) ao grupo analisado (SANDOVAL, 2001). Para completar, é nesta dimensão que Sandoval acrescenta com base no estudo de consciência operária de Tournaine (1966) que, de modo geral os sujeitos são predispostos a não participar do que participar, avaliando racionalmente as quatro situações (SANDOVAL, 2001). Para completar, esta dimensão assim como a próxima, tem como base os trabalhos de Olson (1999), como os enfoques apontados por Klandermans (1992).

Sandoval (2001) ao explicar a dimensão metas e ações do movimento social, demonstra que o sujeito analisa se as metas do movimento estão condizentes com os seus aspectos ideológicos, materiais e simbólicos que originaram a compor a ação coletiva. Para entender esta dimensão, antes é necessário compreender o que é uma ação coletiva. Reiteramos as explicações de Prado (2012) que para defini-la descrevê antes que, a mobilização social, é um processo que caracteriza a constituição das ações coleti-

vas, e pelos quais, grupos sociais estabelecem para desenvolver e alcançar condições, sejam estes materiais, políticas ou psicossociais para suas práticas sociais (PRADO, 2002).

Evocamos, Reck (2005), baseando-se nos preceitos de Melucci (2001) para explicar como ela se organiza. O autor explica, que uma das maneiras de compreender como a ação coletiva se organiza é que, ela se insere num sistema orientado por múltiplos atores, sendo assim, se caracteriza por um sistema em meio a múltiplas oportunidades e que integra, também, a constituição de diversos vínculos. Continua o autor que, estas interações não ocorrem somente de maneira linear, contudo é marcada por diferentes formas de interação e negociação, tão variadas que envolvem debates tanto similares e convergentes entre os sujeitos, que orientam e são capazes de edificar todo este ambiente. Reck (2005, p. 117-118) afirma que,

“os atores formam um “nós” (identidade) colocando em comum e ajustando laboriosamente três ordens de orientações: aquelas relativas aos fins da ação (fins); aquelas relativas aos meios (meios) e por fim aquelas relativas ao ambiente (ambiente)”.

É possível dizer, que é nesta dimensão que o sujeito de maneira consciente analisa seus próprios interesses quanto às metas e ações (propostas) do movimento social. Aqui, denota-se que esta dimensão tende a produzir um olhar do sujeito predisposto para a intervenção, a optar (ou não) pela ação coletiva, considerando as dimensões descritas anteriormente e as dinâmicas internas e externas do sistema que a ação se envolve. Sendo assim, nesta dimensão, os demais sentimentos são revisitados pelo sujeito, uma espécie de validação do seu rapport com as atividades que interessam tanto a ele, como aos interesses do coletivo (RECK, 2005).

Em profundidade, as metas e ações do movimento social partem não só ao atendimento dos demandados dados por estas relações, elas devem acompanhar os anseios e expectativas de seus membros, buscando mostrar a eles sua importância, tendo em vista que, a avaliação da capacidade de organização na implementação de suas propostas é um elemento apontado também na dimensão de vontade de agir coletivamente. Silva (2008) explica que esta dimensão é a responsável pelo reconhecimento do sujeito às diversidades no coletivo, cuja alteridade representa a capacidade dos sujeitos reconhecerem e serem reconhecidos no grupo.

A partir dos anos 2000, começa a ser sinalizado por pesquisadores que analisam os movimentos sociais, o caráter emotivo dos sujeitos que se envolvem em ações coletivas e movimentos sociais, o papel das emoções também imerso neste processo da participação. Assim, em 2005, o modelo recebe alterações integrando as emoções na formação da consciência dos indivíduos (SANDOVAL, 2005; SANDOVAL; SILVA, 2016). Sandoval e Silva (2016), preocupam-se com, “[...] a falta de atenção ao papel das emoções no processo de participação em ações coletivas dos movimentos sociais.” (SANDOVAL; SILVA, 2016, p. 45). Assim como, a análise das emoções já se apresenta como uma preocupação de pesquisadores norte-americanos, como Jasper (1997) e Goo-dwin, Jasper e Polleta (2001).

Com base nestas análises, segundo estes autores, as emoções se constituem num elemento que impulsiona os sujeitos à ação de protestar e vivenciar suas diferentes formas de participação nos movimentos sociais (SANDOVAL; SILVA, 2016). No entanto, estes estudos analisam o papel das emoções na perspectiva de frames, conforme estudos de Goffman (1986), Gamson (1992) e Klandermans (1997). Sandoval e Silva (2016) consideram que os frames e as emoções são analisados de maneira fragmentada, como dois processos separados. Desta maneira, não haveria como entrelaçar uma (sociocognitivo) com a outra (emoções) num único processo de consciência (SANDOVAL; SILVA, 2016).

Reiteramos que, o modelo analítico, se insere no campo do saber psicopolítico, sendo utilizado para compreender os processos de mobilização das ações coletivas e movimentos sociais (SANDOVAL; SILVA, 2016). Desta maneira, integra dimensões capazes de entender como os sujeitos, frente ao mundo, escolhem suas direções (ou não), ou mobilização (ou não), dentro de contextos políticos. A respeito a isso, o modelo tende a ser articulado com teorias que analisam as diversas identidades: social, política, culturais (SANDOVAL, 2001).

Dessa forma, aspectos psicológicos ou sociológicos são considerados, dentre eles, e a partir da reformulação dada em 2005, os estudos das emoções, que se integra aos processos de conscientização política, por ser essencial nas trajetórias dos sujeitos, ao se envolverem em ações ou movimentos sociais. Assim, os sentimentos emotivos frente a participação cumprem quatro funções para os sujeitos predisporem-se a estar em movimentos sociais: 1) atribuem significância aos sujeitos que participam e aos significados que elas têm do seu passado; 2) conscientizam os sujeitos, os influenciando na

seleção de fatos, eventos, experiências que ganham explicações pelas emoções; 3) impactam na sociabilidade dos sujeitos com o desejo de estar juntos (ou não) com outros grupos ou pessoas; e 4) impactam na disposição de agir individual ou coletivamente, atribuindo significados consequente a eventos ou fatos já ocorridos anteriormente (SANDOVAL; SILVA, 2016)

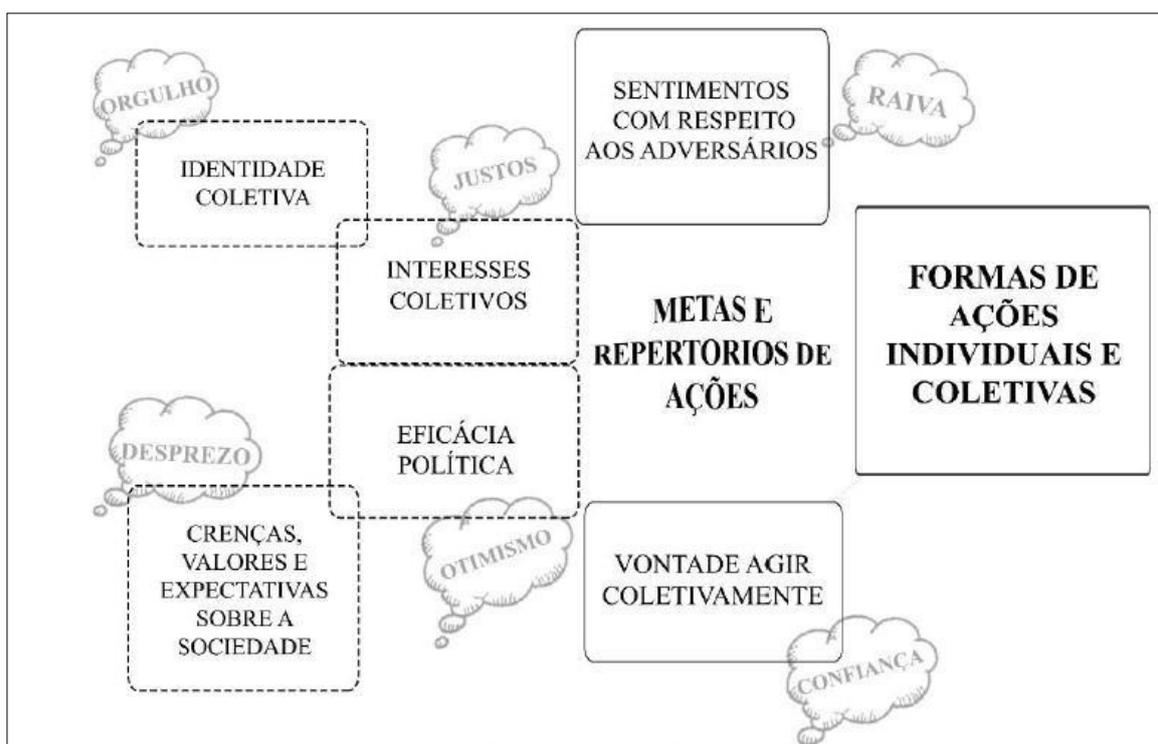
Desta maneira, verifica-se ser importante na análise da consciência, considerar o estudo os sentimentos emotivos, por também impactar no processo de consciência para o envolvimento nas ações e movimentos sociais, tendo três características relevantes: na primeira delas, pôr os sentimentos emotivos atribuírem significados emotivos as ações ou aos movimentos, e o mesmo tempo, a si mesmo definindo como se comportou frente ao fato; no segundo momento, não pressupõe um posicionamento neutro frente às ações, o sujeito tende a concordar ou discordar quando se posiciona (TURNER, 2005); e no terceiro momento, os sentimentos emotivos carregam significados, mesmo que em ações ou movimentos que tendem a ser experienciada pelos sujeitos com bastante intensidade (SANDOVAL, 2005).

Frente a esta necessidade de análise, a versão (2001) do modelo de consciência de Salvador Sandoval foi alterada. Sandoval (2005) pressupõe que as emoções também são importantes, influenciando por vezes as dimensões do modelo e a constituição da consciência política dos sujeitos (SANDOVAL; SILVA, 2016). Acrescenta-se então, os sentimentos emotivos que podem remeter o sujeito às lembranças, resgatando o passado e influenciando os processos de conscientização do presente (TURNER, 2005).

Sandoval (2005) avalia que os sentimentos de justiça e injustiça compõem os sentimentos emotivos, e elimina esta dimensão no modelo reformulado, pois entende que, estes sentimentos estão presentes (interseccionais) nos demais elementos da constituição da consciência política, ou seja, o sentimento de justiça e injustiça pode aparecer nas demais dimensões do modelo; portanto, não cabe ter no modelo uma dimensão somente para analisá-lo. O modelo reelaborado (Figura 2) pode-se perceber também outras alterações, a inserção da dimensão interesses coletivos, que antes apareciam juntamente com outras dimensões como, a identidade coletiva, as crenças e os valores sociais e as metas e ação do movimento social. Assim como, houve alteração do nome das dimensões sentimentos de justiça e injustiça e metas e ações do movimento social, para sentimentos com respeito aos adversários e metas e repertório de ações, respectivamente.

No diagrama, a nova versão do modelo reformulado (Figura 2), é apresentado as dimensões sociocognitivas com significados emotivos interseccionando em cada uma delas, atribuindo novos significados aos demais elementos do modelo de consciência política (ação individual e coletiva). Os sentimentos surgem, alteram-se e são apreendidos a cada realidade investigada, tendo o pesquisador a função de revelá-los aos participantes da ação coletiva ou movimentos sociais (SANDOVAL; SILVA, 2016).

Figura 02- Modelo Analítico de Consciência Política (Atualizado)



Fonte: Sandoval e Silva (2016)

Neste sentido, o Modelo de Consciência Política reelaborado (Figura 2) pode ser apresentado, com as seguintes conceituações das setes dimensões, juntamente com as emoções, para fins explicativos: crenças e valores sociais, dimensão da consciência que refere-se a símbolos que são constituídos pelos indivíduos sobre a sociedade em que vivem, observando suas relações de poder, derivando geralmente da vida cotidiana; Identidade coletiva, dimensão da consciência relacionada com os sentimentos de pertença a grupos sociais, tendo como uma desta base a solidariedade; Adversários e interesses antagônicos, dimensão da consciência relacionada à identificação de interesses opostos ao grupo de pertença, a maneira de perceber o outro; Eficácia política, refere-se a dimensão que trata dos sentimentos que um sujeito percebe ter para intervir numa si-

tuação política, e sua eficácia num dado contexto; Interesses coletivos, correlacionado com a dimensão de identidade coletiva, esta dimensão refere-se, a como o sujeito percebe o interesse do grupo de pertença (dimensão pouco sistematizada, foi acrescentada na reformulação do modelo em 2016); Metas e repertório de Ações, está vinculada a percepção da capacidade individual que o sujeito leva a participar ao movimento (repertórios) e o que está sendo estabelecido para corresponder-lo, enquanto estratégia, ações, interesses e eficácia política; Vontade de agir coletivamente, trata-se de condições instrumentais que o indivíduo possui para participar e/ou assumir ações, a exemplo, custo/benefício e gastos; e Emoções e sentimento de justiça e injustiça, dimensões que configuram a predisposição ao engajamento a participação. Aqui os sentimentos de justiça e injustiça (aparece transversal a todas as outras dimensões) (SANDOVAL; SILVA, 2016).

Após as considerações sobre o Modelo de Consciência Política e sua proposta reformulada acima, é importante ressaltar que, o modelo propõe alçar uma compreensão abrangente considerando privilegiar neste recurso analítico aspectos sociológicos, psicológicos e emotivos para entender as formas como os sujeitos aderem às ações coletivas e movimentos sociais. Contudo, chama atenção que, baseando-se no modelo derivam pesquisas de outros fenômenos sociais, ampliando o diálogo dos pesquisadores que analisam por este modelo as ações e movimentos sociais. Essas pesquisas contribuíram também para a reelaboração do modelo, não restringindo apenas o seu uso nos movimentos sociais, mas também para compreender a participação em ações coletivas e políticas em outros contextos. Assim, decorrem as alterações nestas dimensões para ampliar a utilização do modelo analítico em diferentes contextos e locais do mundo social. Dito isso, a seguir, apresenta-se o percurso metodológico desta dissertação.

3 SE A GENTE SE ORGANIZAR? TODO MUNDO pontinho, pontinho, pontinho CHEGA NO EVENTO

Work, work, work, work
 (Trabalhar, trabalhar, trabalhar)
Work, work
 (Trabalho, trabalho)
You see me I be
 (Se você me olhar estarei)
Work, work, work, work
 (Trabalhar, trabalhar, trabalhar)
Work, work
 (Trabalho, trabalho)
You see me
 (Você me vê)
Do me dirt, dirt, dirt, dirt
 (Seja sujo, sujo, sujo comigo)
Dirt, dirt
 (Sujo, sujo, sujo)
So me put in
 (Então eu tenho que)
Work, work, work, work
 (Trabalhar, trabalhar, trabalhar)
Work, work
 (Trabalho, trabalho)
When you gonna learn, learn
 (Quando você vai aprender, aprender)
learn, learn, learn, learn
 (aprender, aprender, aprender, aprender)
Me no care if him
 (Não ligo se ele me)
Hurt, hurt, hurt, hurt, hurt
 (Machucar, machucar, machucar, machucar, machucar) (...)

Rihanna (2016)⁶

Este capítulo visa descrever os aspectos metodológicos (aqueles que requerem maior trabalho), a fim de alcançar os objetivos geral e específicos desta pesquisa. Assim, situou qual o percurso escolhido, as etapas e razões delimitadas por referências, que incorporou e consolidou os caminhos desta produção. Portanto, descreve-se: o campo da pesquisa no contexto da doença do coronavírus (Covid-19); o tipo de pesquisa; os sujeitos da pesquisa; a produção dos dados; e análise dos dados. Para a produção dos

⁶ Trecho em Tradução livre da música Work (trabalho) da atriz, cantora, compositora e empresária Robyn Rihanna Fenty, vulgo Rihanna. A música encontra-se no oitavo álbum de estúdio da cantora, chamado *ANTI* (2016). A música encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HL1UzIK-flA>. Acesso em 23 de abr. 2021.

dados, os caminhos adotados foram: 1. pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009); 2. autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019; TULLIS, 2019; SANTOS, 2017); 3. o diário de campo (MINAYO, 1993); 4. entrevista com roteiro semiestruturado (GASKELL, 2002).

E para análise dos dados: 5. análise de conteúdo (BARDIN, 2006) com categorias a priori, utilizando as dimensões da consciência política como macrocategorias de análise. Esta pesquisa foi desenvolvida de acordo com o cronograma do APÊNDICE C. E conforme descrito no contexto a seguir, destaca-se que, as técnicas 2, 3 e 4 foram realizadas, por meio dos usos das tecnologias remotas.

3.1 O CAMPO DA PESQUISA NO CONTEXTO DO COVID-19: O HOME OFFICE COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO DOS DADOS

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus Sars-CoV-2 (COVID-19), constituiu o mais alto nível de preocupação sanitária internacional. No mundo, em 27 de janeiro, já havia 2.798 novos casos confirmados, a China totalizava a maior parcela, com o número de 2.761 (98,7%) destes casos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). No Brasil, por meio da Portaria n. 188, de 3 de fevereiro, o Ministério da Saúde (MS) instituiu emergência em saúde pública de importância internacional em decorrência da infecção pela nova doença (BRASIL, 2020a).

Em 11 de março, o COVID-19 foi caracterizado como uma pandemia (OPAS BRASIL, 2020c). Simultaneamente no mesmo dia, a Portaria n. 356, estabeleceu no Brasil medidas para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional. Assim, o MS regulamentou os critérios das ações de isolamento e quarentena, aplicáveis pelas autoridades locais. Em termos gerais: a primeira ação visou a separação de pessoas classificadas como contaminadas; a segunda, objetiva garantir a manutenção dos serviços, mediante ato administrativo em prazo de 40 dias e estendido se necessário (BRASIL, 2020b).

O primeiro caso da COVID-19 registrado no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020: o vírus chegou de avião trazido por um senhor branco que havia retornado recentemente da Itália. Neste contexto, como consequência ao argumento de contenção para o contágio, operou-se mudanças organizativas, como o fechamento de supermercados,

áreas de lazer e instituições escolares. Em terras capixabas, foi em 5 de março que a Secretaria de Estado da Saúde (SESA) confirmou o aparecimento do vírus, esta foi a data de confirmação pelo órgão, o perfil do contaminado? um morador da grande Vitória (ES), com histórico de viagem recente, a um dos países 27 países relacionados como críticos, que em 21 de fevereiro, apresentaram um número expressivos de total de casos confirmados, a citar alguns deles: Alemanha (16), Austrália (17), China (75.569), Coreia do Sul (204), Estados Unidos (9), França (12), Japão (727), Malásia (22), Singapura (85), Tailândia (35) e Vietnã (16) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Contudo, a data do primeiro caso de confirmação lançada no Painel Covid-19 capixaba - plataforma online de informações sobre o Covid-19, foi contestado pela imprensa local. Segundo reportagens, seria em 26 de fevereiro de 2020, uma quarta-feira de cinzas, o dia exato de confirmação. Na ocasião, a contaminada foi uma mulher, que havia contraído o vírus no dia 20 de fevereiro e retornado também da Itália (A GAZETA, 2020a; 2020b).

No contexto nacional, no que tange aos totais de casos novos notificados⁷, de acordo com os boletins epidemiológicos disponíveis eletronicamente pelo MS, no primeiro deles apurou-se que entre: 18 a 27 de janeiro, haviam 10 casos; no segundo, entre 18 a 7 de fevereiro, 107 casos; no terceiro, entre 18 a 21 de fevereiro, 154 casos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Logo em seguida, com a criação da plataforma online Coronavírus Brasil, se pode aferir o total de novos casos acumulados⁸: em 31 de março (5.700); em 30 de abril (85.507); em 31 de maio (514. 200); em 30 de junho (1.402,041) e até 30 de julho (2.610,102) casos acumulados (CORONAVÍRUS BRASIL, 2020). Este total também é expressivo no contexto capixaba, verifica-se no mesmo período os seguintes números: em 31 de março (84 casos), em 30 de abril (2.574); em 31 de maio (13.690); em 30 de junho (46.893) e até 30 de julho (81.885) casos acumulados (CORONAVÍRUS BRASIL, 2020). Até 30 de julho, os quatro municípios do Espírito Santo que lideram no total de novos casos acumulados, foram: Vila Velha com 12.191 casos confirmados e 395 óbitos; Vitória com 11.063 casos e 348 óbitos; Serra com 10.457 casos e 422 óbitos; e Cariacica 8.922 casos e 332 óbitos. (CORONAVÍRUS ES, 2020).

No trânsito deste contágio, no Estado do Espírito Santo, este panorama requereu ações emergenciais. A primeira foi conduzida pelo primeiro Decreto n. 4593-R, de 13

⁷ Número de casos novos confirmados por COVID-19 registrados pelas Secretarias Municipais e Estaduais em relação ao dia anterior (CORONAVÍRUS BRASIL, 2020).

⁸ Número de casos registrados por um determinado período (CORONAVÍRUS BRASIL, 2020).

de março de 2020, que adotou medidas sanitárias para o controle de riscos, danos e agravos de emergência da saúde pública do estado do Espírito Santo devido ao surto do COVID-19. O Estado continuou a legislar em torno do tema, a citar o Decreto n. 4597-R, no que tange a educação; o Decreto n. 4599-R, de caráter complementar às demais ações, tendo ênfase na regulamentação do funcionamento do transporte público; o Decreto n. 4600-R, no que tange a regulamentar o sistema estadual de saúde; o Decreto Estadual n. 4601-R, no que se refere a regulamentação da circulação e aglomeração em órgãos públicos; e o Decreto n. 4625, destacando a suspensão das aulas nas escolas públicas. Todos estes esforços estabelecem a guarda da vida em sentido amplo, seja pela exigência dos organismos internacionais ou pelo governo federal.

Atrelado numa posição defensiva na vida, o Espírito Santo lança em 15 de abril, um sistema público para consulta dos dados oficiais do COVID-19. O sistema divulgado na plataforma online, denominado “Painel COVID-19 do Espírito Santo”, organizado pelo governo com dados repassados pelos 78 municípios a Secretaria Estadual da Saúde (SESA), propôs apresentar a sociedade capixaba dimensões da doença, a citar: o que é o COVID-19; sintomas; formas de transmissão; orientações de prevenção da doença; ações institucionais SESA; e informar o número de casos de contaminação do COVID-19 (CORONAVIRUSES, 2020). Entretanto, este ato recupera um antigo exercício do passado reconfigurado pelo presente, de não considerar nesta plataforma, a divulgação da categoria raça/cor dos infectados e óbitos cometidos pela doença.

Este quadro com o quesito raça/cor interseccional as categorias dos números de infectados e óbitos, entre os meses de fevereiro a abril de 2020, é descrito e problematizado por Forde e Forde (2020) de modo exploratório em seu estudo Impactos do COVID-19 na população negra capixaba: breve análise capixaba: breve análise comparada à luz da categoria raça/cor. Os autores revelaram que, a população negra apresenta taxa similar na primeira categoria de infecção e maior índice na segunda, a de óbito. Na primeira categoria, o índice é próximo, 29,9% para não negros e 33,9% para negros (diferença de 4%). Ao passo que, no número de óbitos, negros são a maioria. Tem-se, 23,4% não negros e 41,6% para negros (diferença de 18,2%) (FORDE; FORDE, 2020).

No que tange ao recorte de gênero, entre os homens, 29,5% de infecção corresponde a não negros e 30,3% a negros (diferença de 0,9%); entre mulheres, 30,3% não negras e 36,6% de mulheres negras infectadas (diferença de 6,3%). Ainda neste recorte de gênero, na categoria óbito, entre os homens não negros constata-se, 27,3% e de ne-

gros 40,9% (diferença 13,6%). Em mulheres não negras verificou-se a taxa de 18,2% e de negras 42,4% (diferença de 24,2%). Houve o compromisso do Estado em propor ações advindo pela nova dimensão na saúde capixaba pela Covid-19. Entretanto, no panorama institucional o discurso oficial produzido pela autoridade local contém a participação política das entidades representativas, não considerando no percurso dos atos administrativos a participação em diferentes discussões frente aos desafios do COVID-19 para a população negra capixaba.

Assim como, para os autores, incorporou-se políticas universais, sem a devida profundidade adequada acerca das condições da população negra capixaba. Ao fato também, de não considerar o impacto entre os diferentes grupos étnico raciais do Estado, quiçá o Painel COVID-19 do Espírito Santo, plataforma online de acompanhamento do COVID-19 no Espírito Santo (FORDE; FORDE, 2020). Diante da crise estrutural, os movimentos capixabas reuniram-se alertando a sociedade contra ações face as atuais políticas-institucionais criando mais a diante, a Unidade Negra Capixaba de Combate à Covid-19 (UNCC-19) que se constituiu uma organização política composta por mais de 60 organizações de pesquisadores, movimentos negros e unificado por cerca de 2.500 pessoas do estado capixaba (UNIDADE NEGRA CAPIXABA, Facebook, 2020). Este movimento, como retórica retomou o protagonismo da participação política engajada pelos Movimentos Negros Capixabas (MNC), ao denunciar as dimensões das desigualdades da população negra aprofundado com o advento da contaminação.

Em face a este contexto na esfera nacional, o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) em parceria com Fundação Roberto Marinho, Rede Conhecimento Social, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Movimento Visão Mundial, Para Educação e Porvir, produziram em junho de 2020, o estudo Juventude e a Pandemia do Coronavírus, com a participação de 33.668 mil jovens de todo o Brasil. O perfil dos jovens apontou uma prevalência ao gênero, 66% de mulheres, 33% homens e 1% Não-binário. No tocante a raça/cor, 46% se autodeclarou branco, 38% parda, 14% preta, 1% amarela e 1% indígena. Um total de 52% de jovens negros. Dentre alguns objetivos do estudo, estavam: a produção de análises sobre suas vivências, assim como, os efeitos do COVID-19 face a suas realidades; levantar debate público da sociedade e ação dos agentes de decisões públicos e privados na manutenção de programas para a juventude; e instituir processo articulado entre as políticas com as juventudes, destacando o protagonismo juvenil (CONJUVE, 2020).

No que tange ao foco de análise do estudo em relação a esta pesquisa, a observação confirmou uma inclinação da participação política a mecanismos não institucionais, sendo que da amostragem, 39% empregavam grupos religiosos, 35% a nenhuma organização, 30% apontou estar imerso em alguma Organização não governamental (ONG) ou organização social, 27% a coletivos ou grupos juvenis, 18% a movimentos sociais, e apenas 5% disseram participar de partidos políticos. A pesquisa revelou também que, as condições de vida dos jovens mudaram em decorrência da pandemia, devido a perda da ocupação de trabalho, 10% dos jovens regressaram para o antigo lar e hoje a maioria reside com mães ou madrastas, certa de 69% (CONJUVE, 2020).

O recorte racial também merece ser mencionado, 31% dos jovens negros perderam sua ocupação de trabalho, em contraste aos 27% da população não negra. A renda da família do jovem negro foi reduzida a 50%, assim buscaram outras formas de complementá-la – seja por trabalho informal ou a realização do cadastro no programa de transferência de renda do governo federal (auxílio emergencial). Quando perguntados sobre o sentimento de otimismo, o jovem negro foi incisivo, cerca de 60% disseram ser otimistas em relação ao futuro. A pesquisa revelou também que, 60% dos jovens estão ansiosos, 49% tristes, 46% assustados e 36% responderam estar solitários (CONJUVE, 2020).

Em tempos de *fake news* – notícia mentirosa publicada na imprensa ou redes sociais, a pesquisa apontou que os jovens possuem instabilidade na crença quando recebem alguma informação. As diversas plataformas digitais como, Youtube, Facebook, Instagram revelam ser instrumentos de socialização, quando o assunto é o Covid-19. Porém, para grande parcela, há um fenômeno de desconfiança. Por exemplo, 67% dos jovens confiam pouco ou nada quando recebem alguma informação no WhatsApp, 11% dão créditos aos canais do Youtube e 5% tem crença nas informações do Facebook e Instagram. Por fim, fica a cargo dos sites oficiais do governo, o acesso à informação mais adequada, para 65% dos jovens. Por outro lado, mesmo 91% dos jovens terem acesso a informações sobre a doença, na medida em que não perfaz o grupo de risco – apesar da demanda de contaminação deste grupamento ser crescente, a juventude demonstra pouca preocupação com a vida, 27% tem medo de perder a vida, ou seja, 1 a cada 3 jovens não tem medo de morrer devido a complicações trazidas pelo Covid-19. Sobre o impacto da pandemia na economia do país, 7 a cada 10 jovens apontam que o país irá piorar, e mais da metade acredita que o governo não apresentará mudanças

(CONJUVE, 2020). Com a pesquisa em mãos, cabe ao Estado propor medidas no que resulta as vivências das juventudes aprofundadas com o COVID-19.

Diante deste panorama, a pandemia também exigiu a reorganização da produção de dados na pesquisa acadêmica. Os protocolos sanitários proibindo aglomerações de pessoas em único lugar como forma de evitar o contágio da doença, impactou as técnicas de produção de dados, em especial, nas pesquisas de abordagem qualitativa. Neste atual panorama, contrário aos processos onde o pesquisador vai ao campo e entra em contato com os sujeitos, as técnicas de produção se adaptaram ao modelo home office - entendida como processo de produção de dados realizado pelo pesquisador de sua casa, até que os números de infecção e mortes diminuam e se estabeleça pelos órgãos sanitários orientações para o retorno.

Desse modo, nesta pesquisa e no IDP, organização responsável pelo lócus desta análise, a promoção do evento Bekoo das Pretas também sofreu algumas alterações, tendo o seu último evento Edição *Rec-Edition* entre os dias 22/04 (quinta-feira) a 25/04 (sábado) de 2020 produzido de modo híbrido, ou seja, utilizando as plataformas digitais. Desse modo, o Bekoo das Pretas garantiu o distanciamento dos jovens que participaram interagindo com os usos destas plataformas. No caminho da produção de dados nesta pesquisa, também se adaptou alguns métodos, seguindo os protocolos das autoridades sanitárias, como forma de preservar a vida dos sujeitos entrevistados.

No decorrer da produção de dados, foram adotados outros métodos distintos daqueles pensados inicialmente para esta pesquisa visando alcançar os objetivos, como: a autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019; TULLIS, 2019; SANTOS, 2017; TULLIS, 2019) e entrevista com roteiro semiestruturado (GASKELL, 2002). Em ambos, se utilizou os recursos remotos, como maneira de testar as contribuições destes métodos neste contexto de home office, que podem (ou não) ser uma realidade, daqui em diante, para as pesquisas qualitativas. A seguir, apresenta-se o tipo de pesquisa e algumas direções pensadas para a produção de dados considerando o contexto da pandemia.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Entendeu-se ser adequado o emprego da pesquisa com abordagem qualitativa, tendo em vista que se buscou compreender fenômenos e significados percebidos por

indivíduos e grupos (CRESWELL, 2010). A pesquisa qualitativa foi relevante, em consonância com o modelo de Sandoval e Silva (2016), porque privilegiou a análise de microprocessos, através dos estudos individuais e coletivos (MARTINS, 2004). Conforme apontado por Sandoval e Silva (2016), desde que o modelo analítico de consciência política foi utilizado pela primeira vez, ele trouxe uma nova oportunidade de analisar diversas facetas até então não reveladas, “[...] evitando, assim, o viés do sociologismo ou do psicologismo [...]” (SANDOVAL; SILVA, 2016, p. 50), tendo em vista que Sandoval (2001) não considera adequada a separação destes aspectos.

A pesquisa é classificada como descritiva exploratória (CRESWELL, 2010), pois sobre os sujeitos a serem analisados, jovens negros (as), nenhum estudo foi escrito sob a perspectiva psicopolítica e/ou utilizando o modelo de Sandoval (2001) e Sandoval e Silva (2016). Como método de pesquisa, optou-se pelo estudo de caso, definido por Godoy (2006) como uma investigação de um fenômeno, dentro de um contexto social, em especial, quando este, não está claro e definido. Neste estudo, considera-se a consciência e participação de jovens negros (as) em ações e/ou movimentos não institucionais.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Para compreender a consciência política e participação da juventude negra, além do entendimento biológico, não se pode recusar o fator social e histórico de se pensar as juventudes. Assim como sinaliza Valadão (2013) ao descrever que estes sujeitos são cercados por discussões estando em disputa, as questões políticas, sociais, econômicas e culturais, segundo descreve Abramovay e Castro (2015) às diferentes formas de vivenciar as juventudes, neste sentido, as “juventudes”, em termos plurais, socializam inúmeras maneiras de compartilhar suas trajetórias no plano social (ABRAMOVAY; CASTRO, 2015). Considerou-se também nesta pesquisa que, as juventudes é uma construção social e histórica. Para Carrano (2011) é necessário avaliar o aspecto biológico como fator para se pensar, em especial, a formulação de políticas públicas. Nesse contexto, que congrega breve explicações para se pensar as juventudes, apresenta-se o emprego da definição de quem é jovem para esta pesquisa, para fins metodológicos.

Para definir quem é jovem adotou-se o marco legal da lei n. 12.852/2013 trazido pelo Estatuto da Juventude (EJ). Assim, considerou-se o “ser jovem” para esta pesquisa, o grupamento social compreendido pelo recorte etário de sujeitos entre 15 a 29 anos de

idade, de acordo com o EJ. Esta definição passou a vigorar em 2013, com a aprovação do Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE), instituído pela lei n. 12.852 de agosto de 2013. A discussão sobre as juventudes em âmbito do poder executivo, também levou à alteração da Carta Magna, foi assim, trazido pelo Projeto de Emenda Constitucional n. 65 (EC n. 65) de 2010, que ficou conhecida como “PEC da Juventude”.

Segundo o IPEA (2013), existem 51 milhões de jovens, representando 26% da população brasileira, em 2012. No estado do Espírito Santo (ES), verificou-se que esta parcela de 15 a 29 anos de idade, no mesmo ano, contabilizou em torno de 874,084 mil jovens, do total de 3.636,942 milhões de habitantes, representando em torno de 24% da população capixaba (Centro de Estudos Sociais – IJSN apud IBGE, 2012), o que pressupõe a urgência de políticas públicas, face a recortes mais específicos, como este, tratado nesta pesquisa, a juventude negra.

Outra definição apontada nesta pesquisa é a de quem é negro (a). Santos (2014) descreve que, a categorização do termo não se vincula a determinismos biológicos, ela opera como categoria social. Para o autor, ela se apresenta estruturalmente como mecanismo relevante e potente que opera determinando símbolos, colocando em locais, ou em determinados lugares, indivíduos na estrutura social, prevalecendo no imaginário a classificação dos sujeitos com base em características distintas, como a cor da pele (SANTOS, 2014).

Conforme marco legalmente já instituído, foi definido como negro (a), aquele (a) que se autodeclara como preto (a) ou pardo (a), conforme o quesito raça/cor utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou que adotam autodefinição análoga ao artigo 1, inciso IV do Estatuto da Igualdade Racial, lei n. 12.288/2010. Esta pesquisa acompanhou esta definição por ser aquela já utilizada por instituições nacionais, como IBGE e IPEA. E também por ser adotado por Políticas de Ações Afirmativas (PAA), conhecida categoricamente como “Lei de Cotas”, a exemplo: na educação superior, lei de n. 12.711/2012, que determina a reserva de 50% de vagas a estudantes oriundos de escola pública nas Universidades, Institutos e Centros Federais, assim como um percentual específico destinado a candidatos negros (as) (auto identificados como de cor preto (a) ou pardo (a)); e no serviço público, com a lei de n. 12.990/2014, que institui a política de reserva de vagas para negros (as) ou pardos (as), no ingresso por via de concursos públicos na Administração Pública Federal.

Estabelecida a definição dos sujeitos, os critérios de seleção dos entrevistados para a pesquisa foram: (1) jovens e negros (as) que residam (ou não) no estado do Espírito Santo (ES) que possua (ou não) histórico de participação em outras ações coletivas/movimentos sociais; (2) que participaram do Bekoo das Pretas por no mínimo 3 edições até outubro de 2020, estando excluídos da seleção aqueles jovens negros (as) cuja participação no evento tenha ocorrido na função de colaborador em qualquer uma das 3 edições. Este critério de exclusão dos jovens negros (as) que colaboram de maneira remunerada, foi entendido que, nesta condição, o motivo da participação está posto. E (3) a disponibilidade do jovem negro (a) em conceder uma entrevista individual de modo online com horário e local acordados utilizando um dos recursos da modalidade remota, como: o Google Meet, Skype, WhatsApp ou ligação telefônica. De acordo, com os critérios estabelecidos, foram selecionados um número de 8 jovens negros (as) para participar da entrevista com roteiro semiestruturado. Desse modo, foi elegido “[...] pessoas ou grupos escolhidos em função de sua representatividade social dentro da situação considerada” (THIOLLENT, 2005, p. 67).

Estabelecida a definição e critérios dos sujeitos, para encontrá-los foi utilizado inicialmente informações já obtidas pelo IDP em seu banco de dados, em busca dos sujeitos que possuem os critérios estabelecidos, junto a parceria de fornecimento de dados (APÊNDICE D). Desta configuração, a formalização do convite para a participação na pesquisa foi conduzida da seguinte maneira: a) Identificou-se no banco de dados do IDP, os sujeitos que possuíam os critérios estabelecidos nesta pesquisa; b) Foi realizada uma abordagem via e-mail ao participante, neste caso, o contacto via ligação telefônica, apresentando em ambos os casos, uma breve explicação da pesquisa; c) Verificando a intenção da participação do jovem, foi providenciado a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE A), para cumprir os procedimentos éticos da realização da pesquisa; d) Logo após a assinatura, foi acordado com o participante a realização da entrevista semiestruturada individual conforme roteiro (APÊNDICE B), com horário acordado e utilizando um dos recursos da modalidade remota, a ser realizado utilizando um dos recursos remotos de comunicação, descritos a seguir, na produção dos dados.

Considerando os critérios estabelecidos de acordo com as etapas acima, foi verificado no banco de dados que o número de sujeitos não era suficiente, sendo adotada a técnica *snowball* (bola de neve) já empregada pelas pesquisas das ciências sociais apli-

çadas. Segundo Baldin e Munhoz (2011) esta forma se estabelece como um suporte para se alcançar uma referência de todos os membros de uma comunidade. Assim, os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que por sua vez, apresentam outras referências até alcançar o objetivo proposto, um grupo que representa qualitativamente o universo a ser analisado (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Para o uso da técnica Albuquerque (2009) destaca duas utilidades: a primeira, refere-se a facilidade da identificação de outros participantes quando o fenômeno ou grupo são complexos (poucos estudados); e segunda, é que os próprios pesquisadores podem realizar este contato por meio do conhecimento sobre a realidade do grupo ou de uma determinada comunidade (ALBUQUERQUE, 2009). A seguir, as direções utilizadas para a produção de dados considerando o contexto da pandemia do Covid-19.

3.4 PRODUÇÃO DOS DADOS

De acordo com o contexto exposto, nesta esta etapa, foram escolhidos os seguintes procedimentos para a produção de dados: 1. pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009); 2. autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019; TULLIS, 2019; SANTOS, 2017; TULLIS, 2019); 3. o diário de campo (MINAYO, 1993); 4. entrevista com roteiro semiestruturado (GASKELL, 2002), esta última técnica terá como cenário os recursos virtuais (remotos). Ao adotar essas quatro técnicas, buscou-se alcançar maiores explicações para o alcance do objetivo geral e específicos, assim como, complementar possíveis lacunas que possam surgir no decorrer das etapas, apresentando maiores detalhes e informações.

Para a técnica de pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009) os autores orientam adotar como fonte secundária: plataformas online; fontes advindas dos grupos no facebook e instagram que buscaram discutir a participação de jovens negros (as), e que compartilharam experiências de jovens em ações coletivas relacionados a raça (ou não) no estado do Espírito Santo (ES). A pesquisa foi realizada também, com visita a documentos impressos e online: reportagens jornalísticas nacionais e estaduais; legislações municipais e estaduais; imagens da imprensa; flyers de chamada para eventos e ações coletivas; que constituem a história do IDP.

Estes dados objetivaram mapear, informações relativas à construção da história do Bekoo das Pretas e conseqüentemente do IDP, suas formas de organização (trajetória

de realização nos diferentes espaços capixabas – escolas de samba, casas de shows, etc.), tipos de mobilização, abertura do diálogo do Bekoo das Preta, com outros grupos sociais do estado, com vistas a entender à constituição do IDP a partir dos registros que se aproximem ao primeiro objetivo específico desta pesquisa. Bem como, compreender os sentimentos que podem (ou não) ser evidenciados nestas fontes. Sendo assim,

“(…) em vez de aplicar ou testar uma dada teoria, as histórias e os documentos devem ser vistos como recursos que os intervenientes usam para clamar, repudiar, resistir ou imputar, de forma justificável e responsável, certas relações entre biografia e história. A memória e o esquecimento são mobilizados ou não para fazer algo, para justificar atitudes e ações” (MENDES, 2003, p. 18).

Destaca-se que o acesso a determinados documentos só foi viável pelo fato do pesquisador ser integrante de alguns espaços de ativismos e mobilizações, em especial, do evento analisado. Esta coleta proporcionou também, subsidiar o pesquisador na revisão do roteiro da entrevista, a fim de compreender o cenário histórico e social que os jovens negros (as) estão inseridos no contexto capixaba e apontar como ocorre a organização destes jovens capixabas que participam do evento Bekoo das Pretas.

Como trata-se de uma pesquisa exploratória, constituir um contexto de pesquisa apenas com fonte documental advindas de *sites*, e considerando o contexto para a produção de dados (*o home office*) onde o acesso físico ao IDP para consultar os documentos (ata de reuniões, boletins informativos e regulamentos) não foi viável qualificar o alcance do primeiro objetivo específico, assim, foi utilizado também a técnica da autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019; TULLIS, 2019; SANTOS, 2017). Nesta técnica, os autores apontam que, o sentido etimológico da palavra revela a explicação do método: auto (alusão à uma autodescrição do sujeito imerso em uma cultura); etno (cultura) e grafia (escrita, registro). Assim, se pretende com o uso das experiências pessoais (eu) reconstruir um contexto ou evento de modo interpretativo-analítico a uma experiência cultural de um grupo (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019).

Nesta técnica, o pesquisador realiza o método como um processo e produto. Como processo, o pesquisador faz a junção de duas técnicas, a autobiografia e etnografia para construir a autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019). O uso da autobiografia no método irá reunir experiências que tiveram impacto significativo ao analisar os principais momentos, vivências e trajetórias de vida, que tiveram impactos e que foram situações intensas, ao recordar a partir de uma imagem, memória ou sentimentos

um contexto (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019). Os autores apontam para os usos das “epifanias” – momento/experiência vivida que ao ser lembrados revelam impactos significados, e não só, que produziu efeitos de transformação. E a etnografia no método da autoetnografia é justamente por ele ser usado para análise de uma prática cultural, crenças comuns, valores, experiências. Por isso, o método implica que o pesquisador já tenha grande envolvimento com o campo. A autoetnografia é realizada por pesquisadores que já vivenciaram/possuem profundo contato e experiência no campo estudado (membros internos e externos do grupo), aqueles que já compartilham de valores, memórias, imagens e crenças comuns com o objetivo de analisar a maneira como os seus membros se relacionam e entendem melhor a sua cultura, seja por aspectos da linguagem, símbolos e objetos (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019; SANTOS, 2017).

Como produto, não existe uma regra, existem diversas formas de apresentar o texto, porém, é esperado que o pesquisador ao utilizar o método faça o uso de alguns elementos que o caracterize como uma autoetnografia, a citar: narrativas de casos; existência dos sujeitos, descrições do lugar e dos sujeitos, descrição cronológica ou fragmentada do caso. Os autores Ellis, Adams e Bochner (2019) apontam para o uso de um texto estético, evocativo que envolve o leitor ao evento, perfazendo os usos de cenas, personagens e enredos, com a utilização de outras técnicas, preferencialmente o uso das mídias. Aqui, optou-se pela pesquisa documental. A autoetnografia se inicia sempre com um fato que leva o leitor ao contexto, isso significa que o leitor entrará na cena junto ao pesquisador vivendo a experiência. Com isso, as descrições da autoetnografia são densas para analisar o local, aspectos das ações e emoções dos sujeitos que participaram da experiência (SANTOS, 2017). Desse modo, o pesquisador pode fazer o uso da escrita em primeira pessoa para descrever um momento em que esteve presente e viveu (ou observou); em segunda pessoa, para evocar o leitor ao lugar que ele descreve, situações difíceis ou ação vivida que chama atenção do leitor. E em terceira pessoa, para contar fatos ou apresentar resultados de momentos vivenciados. Para apresentar uma escrita com relação cronológica ao leitor é orientado que os situe, com horários, datas ou tempo em que é apresentados os fenômenos (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019).

Também como resultado trazer o detalhamento de uma experiência não é fácil, com isso, a autoetnografia preza por: a) detalhar o evento pela experiência do pesquisador; b) aproximar os processos de tomada de sentidos dos sujeitos no detalhe do evento; c) apresentar um escrita interpretativa e analítica; d) analisar um evento/experiência

fruto de um acesso privilegiado; e) descrever as normas culturais, experiências e práticas; e f) acessar outros sujeitos para alcançar as descrições destas experiências (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019). Assim, os autoetnógrafos geralmente fazem suas escolhas a fim de chamar a atenção para as vulnerabilidades, as perguntas, as injustiças e os silenciamentos (SANTOS, 2017, p. 231).

No que se refere à ética ao método, Tullis (2019) aponta que o caráter de descrição não confere ao pesquisador livre expressão para descrever analiticamente suas experiências e do evento analisado. Desse modo, o pesquisador precisa ter alguns cuidados durante toda etapa de construção da técnica. Assim, como em outras pesquisas, na descrição de temas, lugares, sujeitos e situações o pesquisador deve proteger a privacidade destas informações, alterando características dos sujeitos e lugares para não os evidenciar (SANTOS, 2017). Como membro do grupo analisado, o pesquisador não deve observar os sujeitos apenas como fonte de dados, que forneçam informações. O pesquisador como parte deste grupo possui o compromisso ético de preservar o anonimato dos sujeitos participantes. Com isso, ele deve garantir os laços interpessoais com o seu grupo (SANTOS, 2017). Com o uso desta técnica, foi possível alcançar o primeiro objetivo específico desta pesquisa.

Foi empregado também, os usos da fonte primária, a entrevista junto ao roteiro semiestruturado (GASKELL, 2002). A entrevista seguiu um roteiro prévio (APÊNDICE B) com questões definidas a priori, conforme as dimensões da consciência política (SANDOVAL; SILVA, 2016). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e/ou vídeo mediante autorização do entrevistado. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelo jovem entrevistado (APÊNDICE A) e as entrevistas foram transcritas de modo literal utilizando um software de transcrição gratuita Speech Texter. Os dados obtidos foram arquivados (APÊNDICE E) e permitirão analisar as dimensões da consciência política e participação política dos jovens no evento Bekoo das Pretas para alcançar o segundo objetivo e terceiro objetivo específico desta pesquisa. Para isso, valeu também do uso do diário de campo (MINAYO, 1993) para pontuar sob anotações os dados do percurso da pesquisa em contexto home office e compreender o fenômeno da geração tombamento que está imersa na juventude analisada.

Este conceito é autodenominado pelos jovens negros (as) recentemente, justamente por este grupo possuir características bem vibrantes, sejam na estética, nos gestos, e nos seus discursos (GELEDÉS, 2017). Castilho (2011) revela que esses discursos

levam a perceber uma espécie denominada de quilombos contemporâneos, assim tratado pela autora, em seu livro de mesmo nome. Nesta alusão, é comparado o lugar de quilombo do passado com o olhar do presente, lembrando este espaço como forma de resistência de um povo, e não de dor e sofrimento (CASTILHO, 2011).

Bauman (2007) descreve que o conceito de geração, assim como o de “nação ou classe é uma expressão ‘performativa’, que produz saberes, pois, de algum modo é uma maneira de se expressar e transmitir algo” (BAUMAN, 2007, pág. 370). Para Domingos e Nogueira (2017) o conceito de geração de tombamento se estabelece como um posicionamento político, através da estética e pela ocupação de novos lugares. Nestes espaços, os jovens negros (as) assumem os cabelos naturais, adotam o estilo Black Power afirmando suas identidades. Para os autores, o conceito tombamento refere-se a gíria “tombar” que significa causar forma e/ou impressão diferente dos demais. A gíria viralizou após o hit “Tombei” da rapper Karol Conka que foi popularizado em 2015, sendo a rapper uma referência desta geração tombamento quanto aos meios de comunicação digitais em massa.

Segundo Ícaro Jorge, coordenador do movimento Ocupa Preto e militante do Coletivo Ousar, em reportagem ao Instituto da Mulher Negra (GELEDÉS), organização da sociedade civil que atua online com informações e posicionamentos em defesa de mulheres e negros, o termo geração não se refere apenas a idade. O coordenador chama atenção que, em diferentes contextos históricos e sociais, sempre existiu uma geração que foi tombamento. Para ele, negro (a) entrar na universidade é tombamento, a quantidade de intelectuais negros (as) no contexto acadêmico é tombamento (GELEDÉS, 2017). Na mesma reportagem, afirma Samira Soares, ativista do Coletivo Nacional da Juventude Negra, que a estética negra jamais foi padrão. Para Samira, o ato de tombamento, afirma a identidade negra, e afronta a estrutura que ainda atua com forte discriminação e tende a inferiorizar a juventude negra (GELEDÉS, 2017).

O modo remoto foi realizado para este método sendo utilizado umas das ferramentas remotas, a citar: a plataforma do Google Meet, Skype, WhatsApp, ligação telefônica, momentos que possam garantir aos participantes uma interação. As discussões foram gravadas em áudio ou vídeo/áudio, com a autorização dos (as) participantes (APÊNDICE E), e foi norteada pelo seu diálogo com base nos conceitos trazidos pelos autores, baseado nas dimensões da consciência política de Sandoval e Silva (2016).

Assim como, os dados obtidos anteriormente com a entrevista com roteiro (GASKELL, 2002) foram debatidos e aprofundados, a fim de dirimir dúvidas e esclarecer polêmicas, caso ocorram. Destaca-se que, os procedimentos para o desenvolvimento de toda a pesquisa respeitaram os preceitos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde n. 510, de 07 de abril de 2016, com a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes das entrevistas (APÊNDICE A, B, C, D e E).

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados, o procedimento adotado foi a análise de conteúdo (BARDIN, 2006) sob categorias descritivas e definidas a priori, ou seja, as dimensões de Consciência Política de Sandoval e Silva (2016), como macrocategorias de análise, sendo: identidade coletiva; crenças, valores e expectativas sobre a sociedade; interesses coletivos; sentimentos com respeito aos adversários; eficácia política; vontade de agir coletivamente e metas e repertórios de ações. Não se analisou de modo hierárquico as dimensões, pois elas inter-relacionam-se entre si, apenas para fins didáticos foram apresentadas de forma separada.

Colbari (2014) aponta a importância dada a inferência neste conjunto de técnicas, o que Bardin (2006) por sua vez complementa que, tende a oscilar entre dois polos: a objetividade e subjetividade, dado aos diversos códigos. Encontra-se associado a este conjunto de técnicas, quatro abordagens: 1. a propriedade objetiva (regras precisas); 2. sistematicidade (categorias estabelecidas tendo em vista o problema de pesquisa); 3. aspecto quantitativo (elementos repetidos e seus significados, permitindo a análise adequada); e 4. aspecto qualitativo (ausência e/ou presença de temas, significados, aspectos valorizados ou não, empregados pelos sujeitos) (COLBARI, 2014).

É importante ressaltar que, para Bardin (2006) a análise de conteúdo (AC) se baseia na relação assimétrica entre o emissor, o estímulo e o receptor. Para a autora, ela deve orientar a todo o momento a prática científica no uso desta técnica. E não só, é necessário que o pesquisador tenha um manejo com as intenções, símbolos, referências (estado mental), atribuídas pelos sujeitos, expressos nos diversos códigos: linguístico (oral e escrito), semióticos e comunicação não verbal (BARDIN, 2006). Nestas análises, buscou-se identificar os tipos de consciência e participação política existentes (Ver capítulo 4, item 4.4) estando atento a aspectos que direcionam a frequência que determina-

dos códigos (textuais ou simbólicos) se apresentam. Deste modo, encontrou-se associar características comuns que possam implicar numa compressão do mesmo sistema valores. E, revelar quais compreensões dentre estas, se associaram (ou não), dentro deste mesmo sistema, compartilhados pelos sujeitos (COLBARI, 2014).

Cabe ponderar também que, conforme apontado por Sandoval e Silva (2016), para a análise, foi dado ênfase para ao lugar das emoções e sentimentos. Assim, a utilização de expressões informais, altura e entonação da voz, entre outras, foram considerados como elementos que revelam os sentimentos emotivos, como: orgulho, desprezo, justiça, otimismo, raiva e confiança, etc. (SANDOVAL; SILVA, 2016). A seguir, são apresentados, os resultados das análises.

4 O LUGAR QUE EU PARTICIPO: A JUVENTUDE NEGRA QUER FALAR, E ELA VAI

“Baguncei a divisão, esparramei
 Peguei sua opinião, 1-2 pisei
 Se der palpitação, não dá nada, conta até três
 Negrita de Lacaia Carla que samba no bass
 Se quiser conferir, vem cá, pra ver se aguenta
 Miro muito bem, enquanto você tenta
 Enquanto mamacita fala, vagabundo senta
 Mamacita fala, vagabundo senta
 Depois que o alarme tocar não adianta fugir
 Vai ter que se misturar ou se bater de frente, periga cair
 Já que é pra tombar... Tombei!
 Bang bang
 Já que é pra tombar... Tombei!
 Bang bang (...)”

Karol Conka (2014)⁹

No estado do Espírito Santo (ES), foi identificado o evento que, sob a Organização de Economia Mista Criativa Afrocentrada do Instituto das Pretas (IDP), junto às ações para o enfrentamento ao racismo e combate a todas as opressões e violências, caracteriza-se como espaços de participação política da juventude negra capixaba. Em buscas, sobre o IDP, poucas publicações que estudaram o lócus desta pesquisa em domínio científico foram encontradas. Igualmente, identificou-se na área de educação física, apenas duas pesquisas que analisaram a construção do IDP a partir das relações com o corpo, consumo e identidades políticas, realizadas por Carneiro e Gomes (2018) e Carneiro (2017). Para Carneiro (2017) o Bekoo das Pretas é uma festa organizada pelo coletivo e possui objetivo de integrar sujeitos num espaço fortalecendo a cultura urbana e negra. Acrescenta o autor que, o evento se constitui uma das principais formas de arrecadação financeira para o IDP, voltado para o pagamento do aluguel da sede física localizada no centro histórico de Vitória, e para o financiamento das demais atividades de ações afirmativas (CARNEIRO, 2017).

Outros dois trabalhos foram encontrados, porém, apenas citam brevemente, mas não analisam o evento. O primeiro foi o estudo de Monteiro e Anjos (2019) que ao realizar um estado da arte sobre corpo, educação física e temáticas étnico-raciais, encontram justamente o trabalho de Carneiro (2017), citado anteriormente. O segundo estudo

⁹ Trecho do rap “Tombei” da feminista, cantora e compositora curitibana Karolina dos Santos de Oliveira, vulgo, **Karol Conka**. O rap foi lançado em 2014, ano que marcou a chamada geração tombamento.

foi a pesquisa de Ferraz (2019), no campo da arquitetura e urbanismo, sob um estudo cartográfico, que analisou a construção de narrativas do centro histórico de Vitória (ES). Este estudo teve como problemática a relação dos sujeitos frente ao uso dos espaços públicos tendo o contexto do carnaval. Nesta pesquisa, o modo que Ferraz (2019) construiu a escrita se deu, através do que a autora denominou de “capítulos-blocos”, entre eles o evento Bekoo das Pretas é citado justamente por fazer parte, dentre tantas outras atrações, desde 2018 do Carnaval de Vitória que ocorre anualmente no centro histórico.

Em contraste, a esta ausência do lugar acadêmico, em campo empírico, há inúmeros documentos como, reportagens online, sobretudo trazidos pelos jornais locais, por exemplo: o jornal online A Gazeta; que define o evento, como uma manifestação composta e liderada por ativistas negras feministas, sendo criada e pensada para pessoas negras (GAZETA, 2017); pesquisas de laboratórios audiovisuais, associado a instituições privadas e públicas que ofertam cursos na área de comunicação; entrevistas em redes sociais sobre o evento, como o facebook, instagram e youtube, que estão disponíveis na internet, foram utilizados como fonte para esta pesquisa.

Este capítulo visa descrever os resultados das análises: no primeiro momento, analisar o que constitui a história do Bekoo das Pretas e IDP, com o uso da pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009); autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019; TULLIS, 2019; SANTOS, 2017) e o diário de campo (MINAYO, 1993). No segundo, apresenta-se a análise das trajetórias de participação política da juventude negra, por meio das entrevistas com roteiro (GASKELL, 2002) e o diário de campo (MINAYO, 1993). Em seguida, analisa-se a Consciência Política e Participação política da juventude negra por meio das entrevistas com roteiro (GASKELL, 2002) por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006) com categorias a priori, utilizando macrocategorias das dimensões de Sandoval e Silva (2016). E por fim, é apresentada uma breve discussão dos resultados.

4.1 A TRAJETÓRIA DO INSTITUTO DAS PRETAS (IDP)

No sítio eletrônico do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Espírito Santo (NEAB-UFES), o Instituto Das Pretas (IDP) é descrito como um dos lugares de vivência e difusão da cultura negra em Vitória/ES. Nesta reportagem, o IDP é tratado como Organização de Economia Mista Criativa Afrocentrada. Na pesqui-

sa de Carneiro e Gomes (2018) e Carneiro (2017) ao abordarem em suas análises o IDP, descreve-se ora como um Coletivo, assim como Instituto, embora seja também considerado, uma Organização (CARNEIRO; GOMES, 2018; CARNEIRO, 2017). Nesta pesquisa, entende-se que, o evento Bekoo das Pretas está vinculado a uma Organização de Economia Mista Criativa Afrocentrada, e como tal, se estabelece como pessoa jurídica, e não só, se estrutura com ênfase em suas principais ações, descritas a seguir, voltadas ao enfrentamento do racismo e outras violências.

O trato que, Carneiro e Gomes (2018) e Carneiro (2017) apontam com o nome Coletivo, se deu justamente por o IDP derivar seu nascimento como Coletivo Das Pretas, que surge em 2013, inspirado na geração tombamento, para posteriormente se personificar em pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. O autor Carneiro (2017), com base no sítio eletrônico (www.daspretas.org), que atualmente não se encontra em funcionamento, descreve que:

“[...] Em 2013 começamos a nos reunir em volta a discussões de empoderamento estético de mulheres negras. Em 2015, institucionalizamos o INSTITUTO DAS PRETAS.ORG, a primeira organização de Economia Mista Criativa Afro-centrada de protagonismo feminino do país. Em 2016, inauguramos nossa sede. Nossas ações já atingiram, direta e indiretamente, cerca de 2.000 mulheres. Com ações focadas no empreendedorismo e consumo negro, estética & autoestima, Cultura e Educação, o Das Pretas.org, segue seu caminho de maneira autônoma e independente, com recursos vindos de doações e nenhum grande patrocinador. Tendo a transformação pelo Empoderamento Coletivo como lema e o Ubuntu, como principal fundamento, o DAS PRETAS.ORG segue agregando pessoas ao longo do caminho e a perspectiva é que todos os espaços sejam ocupados”. (CARNEIRO, 2017, p. 57)

Em sua pesquisa, Carneiro (2017) constrói um organograma exposto na Figura 3 – Organograma do Instituto das Pretas, como forma de apresentar os principais projetos que compõem o IDP. Quanto às ações que estão na base do IDP, o autor descreve nove principais ações, sendo:

“1. Promoção da assistência social; 2. Promoção da Cultura; 3. Promoção gratuita de Educação e Formação técnica; 4. Promoção do voluntariado; 5. Promoção do desenvolvimento econômico e social em ações de afroempreendedorismo e rede de consumo diferenciado; 6. Promoção de combate à pobreza; 7. Promoção de direitos estabelecidos, construção de novos direitos e assessoria jurídica gratuita de interesse suplementar; 8. Promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais; e 9. Estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologias alternativa, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos que digam respeito às atividades mencionadas”. (CARNEIRO, 2017, p. 63).

De acordo com o mesmo autor, foram identificados quatro projetos centrais realizados pelo IDP, sendo: 1. A Loja colaborativa (Colab das Pretas); 2. O Encontro das Pretas; 3. O Quilombinho; e 4. Bekoo das Pretas. Destaca-se que, todas as ações desenvolvidas pelo IDP são protagonizadas por mulheres negras (identidades cis, transexuais, travestis e lésbicas). Assim como, foi identificado que todas elas possuem estreita relação para o enfrentamento ao racismo e combate a todas as opressões e violências. Carneiro e Gomes (2018) descrevem que o IDP possui aproximadamente cem mulheres associadas residentes, em diferentes locais do estado, e que é através de palestras e ações formativas que consistem nos seus principais modos de ação formativa (CARNEIRO; GOMES, 2018).

Figura 03- Organograma do Instituto das Pretas (IDP)



Fonte: Carneiro (2017, p. 59)

Dentre todas estas ações verifica-se que, o uso das redes sociais facebook e instagram perfaz das estratégias de divulgação dos produtos, serviços e eventos do IDP. Dentre estes diversos eventos efetivados, foi possível identificar que desde os anos 2013, os temas são variados, a atuação vem ocorrendo de forma a: divulgar os produtos

dos afroempreendedores (Encontro das Pretas - 2015, Encontro Das Pretas Potência – Parque Botânico da VALE - 2019); oferecer formação inicial sobre finanças e negócios (Educação Financeira – Formação Das Pretas - 2017, Workshop Cosmético Natural - 2016, Corte Cabelo Crespo – Formação Das Pretas - 2017, INCUBA NÓS – CICLO 3 Finanças - 2019); fomentar o debate sobre o empoderamento de mulheres negras (Curso de Tranças e Penteados Afro – 2016; Marcha do Orgulho Crespo - 2017); promover a integração de mulheres negras de diferentes gerações, a assuntos que são comuns, como violências e sexualidade do corpo negro (Papô de Preta- Coletivo Das Pretas - 2017, Afetiva Especial Mês da Mulher - 2019, Sessão Cineclube Afoxé em parceria com os Das Pretas - 2018) (DAS PRETAS, Facebook, 2021).

Em buscas em suas páginas nas redes sociais constatou-se que, para o trabalho do IDP suas ações abrangem diferentes espaços e sujeitos, colocando a mulher preta e periférica no centro de todas elas. Com isso, a ideia de estar em movimento, de ocupar diferentes espaços da grande vitória, seria a estratégia mais adequada. O cenário seria perfeito, desde que, estes espaços constituíssem acessíveis para todas pessoas, inclusive as negras. Neste caminho, foi no Clube de Pesca Santo Antônio Mar e Terra localizado na região 2, no bairro Santo Antônio, na capital Vitória (ES) que, o IDP realizou diversas edições do Encontro Das Pretas. Este local, em outras ocasiões é bem utilizado para eventos de estilos musicais como o pagode, samba, e fica próximo a barracões de algumas escolas de samba capixaba. Assim como, está junto ao sambão do povo, a passarela do samba onde acontecem os desfiles do Carnaval do Espírito Santo.

Para entendimento, o Encontro das Pretas é um evento público e de entrada gratuita. Conforme Carneiro (2017) o objetivo é incentivar o resgate da consciência negra por meio de ações de afirmação da estética afro. Neste encontro, as atividades desenvolvidas são as mesas de discussão, formações práticas, oficinas, cases de empreendedores de sucesso que discutem os desafios dos negros empreendedores contemporâneos (CARNEIRO, 2017).

Outro local escolhido de passagem dos eventos do IDP foram: as Associações; Grêmios Recreativos; e Quadras das Escola de Samba Capixabas. Neste quesito, destaca-se a passagem pelo Grêmio Recreativo e Escola de Samba Pega no Samba (GRES Pega no Samba), escola que é representada no carnaval de Vitória pelas cores Azul, Vermelho e Branco, e representa a comunidade da Consolação. Este espaço foi a primeira escola de samba, após o IDP sair do beco das pulgas, a agraciar as edições do

Bekoo das Pretas no ano de 2016. Em seguida, a parceria do IDP com a Associação Cultural Social e Esportiva Grêmio Recreativo Escola de Samba Novo Império (ACS-GRES Novo Império) representada pela cor Azul, Rosa e Branco, sediada também na região 2, que representa a comunidade de Caratoíra em Vitória (ES) que, entre os anos, de outubro de 2016 a início de 2019, foi a próxima a sediar as edições do Bekoo das Pretas. No rol das escolas de samba, temos a passagem do IDP também pela Mocidade Unida da Glória (MUG) localizada no bairro Glória no município de Vila Velha (ES) que entre o final de 2019 até a presente data é sede das últimas edições em formato presencial do evento.

Para complementar as passagens por diferentes espaços, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura (SEMC) vinculada a PMV, o IDP promove no Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (MUCANE), no centro de Vitória (ES), diversas edições do Quilombinho. O Quilombinho é uma colônia de férias afrocentrada direcionada para qualquer criança entre 4 e 10 anos de idade. Segundo a reportagem, “Colônia de Férias ‘Quilombinho 2019’ será realizada no Museu do Negro”, disponível no site da Câmara Municipal de Vitória, cuja concepção da colônia de férias surge a partir de uma vivência de um menino negro, de três anos. Relata a reportagem que, numa outra colônia de férias em Vitória (ES), o menino negro foi impedido de ser protagonista como príncipe ou rei, nas brincadeiras e histórias lúdicas desenvolvidos naquele dia.

Esta ação teve seu início quando ao chegar em casa, um menino negro contou esta situação a família, que contrário a colônia o associavam sempre como protagonista quando contavam alguma história infantil. Foi, a partir desta, e outras histórias que, o IDP realizou sua primeira edição em 2016, e volta-se a partir deste período com edições no período de férias (janeiro-fevereiro) com atividades lúdicas (música, dança e artes plásticas) voltadas ao resgate da valorização da cultura afro-brasileira. A sua última edição foi realizada no MUCANE, localizado no centro histórico da cidade de Vitória (ES) (CÂMARA, 2019).

Segundo o facebook do IDP, no evento da sua última edição realizada entre 27 a 31 de janeiro de 2020, o quilombo não se resume apenas a uma colônia de férias gratuita sem qualquer patrocínio ou subsídio financeiro. As experiências lúdicas infantis com diálogo com a ancestralidade negra são trazidas nas brincadeiras, contos, histórias, jogos, pinturas. Por isso, o local escolhido para sediar as edições do Quilombinho, não poderia ser outro, a não ser, o MUCANE. Na sua página do facebook, foi possível com-

putar que, na última edição foram inscritas 84 crianças, tendo 150 no cadastro de reserva.

Tal como verificou, o IDP sempre buscou estar em movimento. Ainda assim, desde 2013, enquanto Coletivo das Pretas manteve o desejo de institucionalizar-se procurando estar localizado no seu endereço, num espaço físico mantendo os trabalhos produzidos pelos afroempreendedores. Em 2015, o IDP foi fundado em 20 de novembro, associado a práticas de afroempreendedorismo estético-político (CARNEIRO, 2017). Foi possível identificar quatro sedes físicas, todas até o momento, estão situadas no centro histórico de Vitória (ES).

Figura 04- Primeira sede do Instituto Das Pretas (IDP) 10



Fonte: BAÚ VIAJANTE, site (2017)

A primeira sede, Figura 04 - Primeira sede do Instituto Das Pretas, esteve localizado na Rua Nestor Gomes, n. 174, Centro de Vitória (ES), inaugurado em 27 de fevereiro de 2016. A escolha foi o polo do Arranjo Produtivo Local (APL), explicado com detalhe mais adiante. Assim como outros prédios da região, o lugar escolhido apresenta a arquitetura do antigo centro histórico, sendo bastante arborizado ao seu redor. Por

¹⁰ Disponível em: <http://www.obaudoviajante.com.br/das-pretas-empoderamento-negro/>. Acesso em 21 de out. 2020.

dentro, se constitui em um espaço de dois andares com uma escada pequena ao lado esquerdo ligando um andar ao outro. Foi nesta sede que Carneiro (2017) em seu trabalho com inspiração etnográfica realizou sua pesquisa de campo. Pelos trechos das entrevistas que realizou junto ao Coletivo, ele conseguiu entender a importância da formalização do IDP trazidas pelas membras. Nas palavras de Natália, uma das entrevistadas:

“[...] Tipo assim... porque... quando a gente vai falar, institucionalmente em outro espaço para formação de professores, escola... não dá pra você ir enquanto Das Pretas, por exemplo, você vai como organização. Organização que faz essas atividades”. (CARNEIRO, 2017, p. 58)

Outra entrevistada de Carneiro (2017), a Mariana, membra da diretoria do IDP, também descreveu com suas palavras, na tentativa de apresentar ao pesquisador, como o IDP se encontrava organizado:

“[...] uma organização...no organograma (faz gesto com as mãos para ilustrar) ela é uma organização... e aqui (sinal com as mãos) tem várias pontinhas assim né... que faz dela essa grande organização. Que é o Coletivo, o Encontro, o Quilombinho, o Bekoo”. (CARNEIRO, 2017, p. 58)

Em 2016, já recém criado, as principais membras já incorporaram uma ideia mais formalizada do que se constituía o IDP. É possível identificar os usos de conceitos que remetem ao cotidiano de empreendedores que desempenham uma atuação mais formal. Nas entrevistas do autor Carneiro (2017), chama atenção o emprego pelas participantes, das palavras “formação, organização e organograma” para se referir às ações do IDP. Cabe salientar que, naquele momento, as diversas ações de formação empreendedora ainda não haviam sido implementadas.

Também foi possível inquirir nas pesquisas na rede facebook que, a preparação para inauguração da transição a uma nova sede, foi anunciada em 13 de fevereiro de 2017, o status utilizado pelo IDP nas redes para representar o novo ciclo foi: sentindo-se muito feliz. Um dos motivos para esta nova mudança foi devido a antiga sede não está comportando o tamanho do Instituto – aqui em termos de projetos e ações. Em 2 de março de 2017, o endereço foi apresentado nas redes sociais, sendo: Rua Gama Rosa, n. 194, Centro de Vitória (ES).

A segunda sede, Figura 05 – Segunda sede do Instituto Das Pretas, entre os meses de fevereiro a março de 2017, sofreu diversas alterações (adequação elétrica, sanitária, layout e design visual) nos seus 240 metros quadrados. A que mais se destacou foi incorporar ao espaço a identidade visual do IDP como forma de veicular ao público, a

cultura afrocentrada da mulher preta. Em sua fachada, foi demarcada logo na entrada, a imagem de duas mulheres negras, com cabelos black, lábios grossos, nariz largo, grandes brincos, turbantes e com cores vibrantes. Assim, representou todas as características das empreendedoras que estão associadas ao IDP e além disso, buscou homenageá-las.

É importante dizer que esta imagem traz em seu registro, um contexto interessante. Nela há um homem branco segurando uma câmera de filmagem registrando a fachada da nova sede. O contexto se dá exatamente pela visibilidade que o IDP incide a ter no estado. Com isso, as marcas locais já demonstravam proximidade com o posicionamento de suas ações, e uma destas marcas decide patrocinar o projeto visual, que é desenvolvido pela mulher negra e artista visual capixaba, Kika Carvalho. Nesta ocasião, a artista se inspirou na perspectiva da mulher negra contemporânea a colocando com sua ancestralidade. A artista afirma que, naquele momento, o mural seria o único no centro da cidade, a centralizar uma mulher preta. Foi neste contexto que foi produzida esta reportagem e esta imagem foi registrada.

Figura 05- Segunda sede do Instituto das Pretas (IDP) 11



Fonte: DAS PRETAS, Facebook Instituto (2017)

Em meados de março de 2019, foi publicada uma foto na rede facebook do IDP já sinalizando (marcando) o terceiro endereço de sua nova sede, agora localizada na Escadaria do Rosário, n. 126, Centro de Vitória. Na Figura 06 – Terceira sede do Instituto das Pretas, o IDP está acima do prédio azul, logo à frente de sua entrada, existe uma grande varanda com um parapeito de grades brancas. Oposto ao primeiro espaço, o destino escolhido foi um casarão com arquitetura mais moderna, o IDP neste período, ficou localizado ao lado do Sindicato da Central Única de Trabalhadores (CUT). Cabe destacar que, a loja abaixo (de fachada azul de porta e vitrine aberta) do IDP, é o Espaço Hip-Hop, magazine tradicional de Vitória (ES) destinado a propagação da cultura hip-hop com produtos e serviços, que foi referência por algum tempo para o público que procurava o novo endereço do IDP em 2019. É importante frisar que, as sedes físicas se constituem da Loja colaborativa (Colab das Pretas), reunindo os produtos de afroempreendedores vinculados ao IDP. Em sua concepção, os produtos desenvolvidos são capazes de conectar os consumidores a estética da ancestralidade, os produtos/serviços ficam localizados fisicamente na sede do IDP na capital Vitória (ES) (CARNEIRO, 2017).

Figura 06- Terceira sede do Instituto Das Pretas (IDP) 12



Fonte: GOOGLE, INC. Google Maps, print screen (2020)

¹² Disponível em: <https://goo.gl/maps/A7QHEB8EBw9PGXP97>. Acesso em 21 de out. 2020.

Pôde-se constatar em dois momentos que, o IDP promoveu o protagonismo feminismo negro em espaços, que em regra, não é tão socializado por mulheres, em especial as mulheres negras, sendo os espaços dos negócios. O primeiro se constitui a parceria do IDP com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/ES) que no dia 31 de agosto de 2019 promoveu a imersão de empreendedoras negras no INCUBA NÓS Ciclo 3 (Finanças) (Figura 7- Oficina INCUBA_NÓS). No facebook do IDP, foi apontado que, o público alvo para este dia seriam: empreendedoras; mulheres em situação de rua; idosas (60+); imigrantes; negras; indígenas; mulheres com deficiências; mulheres em situação de reclusão; refugiadas; mulheres transgêneras; mulheres vítimas de violência (Ver ANEXO VI).

Figura 07- Oficina INCUBA_NÓS IDP em parceria com o SEBRAE/ES13



Fonte: DAS PRETAS, Facebook Instituto (2019)

O objetivo do INCUBA? fomentar estratégias empreendedoras como oportunidades de geração de renda e trabalho. Assim como, transformar a vida destas diferentes

mulheres que venham a ser protagonistas de sua própria história, incluindo-as socialmente. Os temas tratados nos quatro dias do INCUBA, foram diversos, desde momentos de: imersão da ideia a imagem; controle de finanças e gestão financeira; e orientações de como acessar crédito. Todas estas mulheres com estes diferentes perfis estiveram juntas na sede do SEBRAE/ES no bairro Enseada do Suá.

Figura 08- Encontro Das Pretas Potências Epicentrando os Movimentos¹⁴



Fonte: DAS PRETAS, Facebook Instituto – Foto: Mosaico Imagem (2018)

O segundo momento, teve início numa manhã de primavera, foi a quinta edição do Encontro das Pretas, denominado “Encontro das Pretas Potência - Epicentrando os Movimentos” (Ver Figura 8), que ocorreu no bairro Jardim Camburi na capital Vitória (ES) em 2018, especificamente no Parque Botânico Vale. Na descrição do evento no facebook é possível perceber as palavras: terremoto e orgulho preto, assim como, o propósito e significado do IDP de ocupar aquele ambiente (Ver ANEXO VII). O evento, além de promover os negócios das empreendedoras negras, veio denunciar os altos índices de violência contra os corpos negros que vem acontecendo, e anunciou que as mu-

14

Disponível

<https://www.facebook.com/daspretas.org/photos/a.1365077693623001/1365086036955500>. Acesso em: 02 de abr. 2021.

em:

em:

lheres negras precisam ser incluídas e respeitadas, e também se constituiu com o propósito de resgatar a identidade da mulher negra.

Como uma das premissas do IDP, na coordenação de seus eventos, o lema é ser acessível para todas as pessoas, inclusive as negras. Foi identificado que, o acesso ao parque Botânico Vale, seria difícil para as empreendedoras negras que, residindo em comunidades como: Caratoíra; São Pedro; São Benedito; Gurigica em Vitória (ES), talvez não conseguissem acessar facilmente o local, por que não existem linhas de transporte público que ligam estas comunidades diretamente ao parque, e pelo seu acesso ocorrer com maior facilidade utilizando veículo particular. Com isso, foi realizado entre o IDP o parque Botânico Vale uma parceria disponibilizando duas linhas exclusivas de ônibus gratuitos para levar este público, com saída dos terminais da empresa mineradora em Carapina (ES) e outra com saída da praça do Papa, localizada em Vitória (ES) garantindo o acesso com maior facilidade.

Em meados de agosto de 2019, é identificado outra publicação na rede social instagram da quarta, e atual sede. O local escolhido? Literalmente, o IDP chegou nas alturas, o processo criativo agora é realizado no décimo andar num edifício comercial, próximo à sede do SEBRAE/ES no centro histórico de Vitória (ES). No contexto atual, em 2020, mesmo com a pandemia trazida pelo COVID-19, o desenvolvimento dos programas não descontinuou, o site do instituto que, entre meados dos anos 2018-2019 estava desativado, foi restaurado. Assim, pôde-se constatar que os programas do IDP agora direcionam-se a duas frentes: o Escritório de Projetos e Projetos Institucionais.

Com base no sítio atual do IDP, foi possível identificar seis projetos em desenvolvimento. Conforme a Figura 09 - Fluxograma do Instituto das Pretas (IDP) 2020, dentre aqueles programas identificado por Carneiro (2017) (Figura 03), houve a exclusão do projeto Loja colaborativa (Colab das Pretas), em passagem para a vitrine virtual/marketplace - chamada Fortalece, e a inclusão de outras duas ações, o Energizze e Afetiva, todas voltadas ao empreendedorismo e economia criativa. A sede física agora é estabelecida para o funcionamento do Laboratório de Inovação e Tecnologia Social, e não apenas para a venda de produtos físicos. Sobre as três novas ações, Energizze, Afetiva e Fortalece para todas elas, foi adotado como premissa que a participação fosse gratuita, com foco na inclusão sociocultural e econômica, em especial, para as mulheres negras.

O Energizze – a energia que transforma, foi concebido em 2020, ainda no contexto da pandemia do COVID-19, e é entendido como um programa em parceria com a empresa privada Espírito Santo Centrais Elétricas S. A, atual EDP, tendo como objetivo auxiliar o público que reside em territórios periféricos, e que querem começar a empreender ou que já empreendem, a aperfeiçoar o próprio negócio e se organizar. Para isso, o Energizze utiliza como recurso uma plataforma que oferta diferentes formatos de cursos 100% gratuitos e totalmente online que auxilia as diversas pessoas em seus diferentes contextos a se qualificar (ENERGIZZE, 2020).

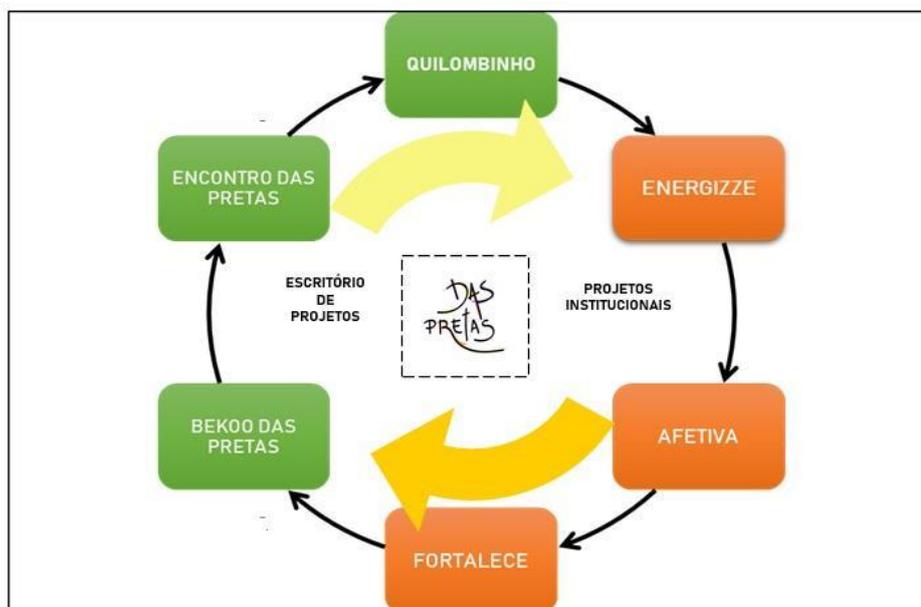
O programa tem foco na produção de conhecimento utilizando as ferramentas de tecnologias que abarcam temas, como: empreendedorismo; marketing; finanças; e fotografia. Por atender um público específico, todo o planejamento para a entrega do conteúdo considerou os diferentes contextos, assim, há formatos de cursos *e-learning*, e-books, vídeos-aulas síncronas e assíncronas, com isso, a pessoa pode se inscrever a qualquer momento que ela quiser, e se qualificar neste curso ao seu tempo, pois trata-se de uma metodologia que busca redes de ressignificação considerando os diferentes contextos de vida dos públicos que reside nas periferias (ENERGIZZE, 2020). Cabe enfatizar que, na condução destes cursos é possível constatar a presença da mulher negra como articuladora dos conteúdos, o que confirma os preceitos do IDP.

O Afetiva é um programa financiado por concorrência de um edital do Consulado Geral dos Estados Unidos que premia todos os anos, organizações sociais para desenvolver acurados projetos. O Afetiva foi desenhado como um projeto específico para mulheres negras periféricas que fazem parte do grupo LGBTQI+ e que já tem um negócio próprio. O objetivo é possibilitar que as mulheres impactem os seus territórios, e também melhorar o próprio negócio, e tem a dimensão mais de jornada de imersão interior, como uma das tentativas de minimizar o impacto da raça, gênero, machismo e outras opressões, na vida das mulheres e como elas se compreendem como empreendedoras e mulheres negras (AFETIVA, 2020). O projeto segue em planejamento no Laboratório do IDP, e entrou em meados de dezembro de 2020.

O Fortalece – segurando a onda na e com a periferia, é uma vitrine virtual que oferece os produtos, prestação de serviço e logomarca de afroempreendedores de todo o Brasil, antes funcionava como Loja colaborativa (Colab das Pretas), agora o programa se expandiu, atendendo não só afroempreendedores capixabas. Os interessados se cadastram via link disponível na página do IDP apresentando o nicho do seu negócio, e após

receber assessoramento da equipe, e aceitar alguns termos, terá o seu afronegócio cadastrado, tendo o seu produto/serviço divulgados nesta vitrine online gratuitamente (FORTALECE, 2020, grifo do autor).

Figura 09- Fluxograma atual do Instituto das Pretas (IDP) 2020



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Após este breve panorama, embora não se tenha datas precisas, os períodos extraídos das redes sociais do IDP apresentam um cenário combinando diferentes projetos desenvolvidos em diversos espaços. Assim como, constatou-se que todas as sedes do IDP, foram concebidas a estar localizadas no centro histórico de Vitória (ES) para a implementação destas ações. Esta breve apresentação do IDP descreve passagens relevantes. Aqui, embora nem todos os personagens foram citados. No entanto, a figura que mais se destacou nas fontes consultadas, é da mulher negra, produtora cultural e produtora executiva Danny Borges, que em diversas entrevistas foi mencionada por Priscila Gama, *Chief Executive Officer* (CEO), diretora criativa e presidente do IDP, seja na ideia de conceber o primeiro evento Bekoo das Pretas, e seguindo a parceria até os dias atuais. Em entrevista concedida ao canal do *youtube* Vai Vendo, em 10 de fevereiro de 2018, Priscila Gama conta brevemente como foi a ideia de criar o Bekoo das Pretas e cita o nome da produtora. No seguinte relato,

“(...) Aí eu virei para Danny e falei, cara, o que vamos fazer? Aí ela falou: “Vamos fazer, vamos fazer nós duas”. A gente juntou um dinheirinho e fomos lá, botamos o Bekoo na rua, que foi no Beco das Pulgas. No beco das

pulgas, por isso o nome Bekoo”. (Priscila Gama, em entrevista ao canal do Youtube VAI VENDENDO, 2018).

Após esta discussão, no subtópico a seguir, será apresentada uma análise mais profunda da quarta ação desenvolvida pelo IDP, que é o lócus desta pesquisa, tendo como um dos métodos para apresentá-lo, a autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019). Adotou-se nesta técnica, o uso do eu, como elemento essencial, na medida em que o pesquisador com memórias de suas imersões no campo, narra os diferentes momentos que já cumpriu nele, registros históricos com base em fontes documentais, perfazendo a tentativa de conduzir o (a) leitor (a) aos processos que constituem o evento cultural Bekoo das Pretas, como espaço de participação política e protagonismo juvenil negro. Em muitos casos destas experiências, haverá um movimento onde o entendimento pleno não seja suficiente apenas com a leitura, o jeito é dar ao leitor descrições dos sujeitos que estão envolvidos e participam desses momentos, dentre outros elementos. Estão todas (os) preparadas (os)?

4.2 ENFIM CHEGAMOS NO BEKOO DAS PRETAS. AFRODIÁSPORA URBANA QUE TE FAZ DANÇAR: ESCOLHA SUA MELHOR ROUPA, SE PERFUMA E VEM

Sem dúvida ela tomba ao dizer: **Racistas, Machistas, Misóginos, LGBT-
QI+fóbicos não são bem vindas (os) e não passarão!** Esta frase foi a que durante as diversas passagens ao encontrar-se no Bekoo das Pretas (BP) chama atenção, e eu não poderia começar esta autoetnografia se não fosse com ela. A frase fora dita em todas as edições, em alto e bom tom, pelo microfone, tendo como autoria a preta, mãe, periférica, empresária, esposa, Priscila Gama, fundadora e presidente do IDP - Organização de Economia Mista Criativa Afrocentrada, única com protagonismo feminino do país, que mantém e organiza dentre outras ações o Bekoo das Pretas. Priscila Gama tomba¹⁵!

Foi na Rua Nestor Gomes, ou conhecido popularmente como Beco das Pulgas, que em 2013, o BP teve sua primeira edição. Em 2013, o Beco das Pulgas foi mobilizado pela passagem de vários coletivos culturais tendo a *design* Gabi King e o Instituto Quorum a frente desta ação (MAPA CULTURAL, 2017). O espaço se constituiu no

¹⁵ Gíria oriunda dos espaços LGBTT, popularizada pela cantora Karol Conka. Aponta para uma chegada impactante e orgulhosa de si, chamando a atenção das demais pessoas (CARNEIRO, 2018, p.3).

centro histórico de Vitória (ES) e visou mostrar a criatividade dos empreendedores capixabas, a partir da arte, música, ateliês de roupas e produtos capixabas.

Segundo o site MAPAS DA CULTURA (2017) alimentado pela Gerência de Produção e Difusão Cultural da PMV/ES, o beco das pulgas é um importante espaço para o cenário cultural capixaba, pois ressignifica o lugar cultural do centro histórico, atrai turistas, novos mercados e agrega valor aos imóveis da região. Como os eventos que ocorreram no beco das pulgas são públicos, desta maneira, atraíam muitas pessoas. Um desses eventos foi o Bekoo das Pretas em 2013, que ainda era configurado por um coletivo, organizado de forma colaborativa entre as membras do coletivo e totalmente gratuito. As pessoas não pagaram para entrar, pois o evento aconteceu literalmente na rua da cidade, não teve ninguém na entrada, pois não havia portas, todas, todes e todos eram bem vindos (as).

Figura 10- Beco das Pulgas - Centro de Vitória (ES) ¹⁶



Fonte: PINTEREST, site (2020)

Conforme Figura 10- Beco das Pulgas - Centro de Vitória (ES), o beco das pulgas é um lugar que ainda preserva as características da antiga arquitetura da cidade, é um corredor estreito e bem fechado. Com isso, o trânsito de veículos automotores não

¹⁶ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/270145677627048646/?lp=true>. Acesso em: 22 de out. 2020.

trafega por ele com facilidade. É possível analisar como se dá o acesso e passagem pelo local que ocorreu o evento. Naquela data haviam muitas pessoas na rua, não havia qualquer maneira de ver o chão, as pessoas se esbarravam uma próxima a outra, de modo que o contato fosse imediato, sem diferenças e acessos privilegiados, como em regra, ocorrem em algumas casas de shows na grande Vitória, nos espaços conhecidos como camarote. O beco das pulgas recebeu o Bekoo das Pretas durante a noite, e por carência de iluminação pública, teve que ser organizado por produção artesanal até mesmo para acessar a energia elétrica. O som, as luzes caseiras foram geradas por alimentação feita nos carros, foi desta forma o layout da primeira organização do evento.

Em 2014, verificando uma consolidação do corredor, enquanto espaço que se propõe trazer o destaque local, diversas instituições e coletivos culturais envolvendo mais de 100 profissionais, com a atuação mais ativa de 12 empreendimentos, dentre eles, a citar: o Estúdio Cômica; Instituto Quorum; Folgazões Companhia de Artes Cênicas; Instituto Goiá; Coletivo Expurgação; Livraria Cultura Capixaba; Ser Vivo; Estúdio Criativo Experimental e Espaço Atelier; assinam um Termo de Compromisso objetivando participar do projeto Vitória Criativa. Esta ação, visou promover os empreendimentos localizados no corredor criativo Nestor Gomes, a se tornar um Arranjo Produtivo Local (APL) chancelado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e do Núcleo Estadual de Apoio aos APLs (CDV, 2014).

Figura 11- Flyer de divulgação do Beco das Pulgas – Evento 17/08/2014¹⁷



Fonte: BECO CULTURAL DAS PULGAS, Facebook (2014)

¹⁷ Disponível em: <https://fb.me/e/3G0wIW4d5>. Acesso em: 20 de out. 2020.

Segundo o site da CDV (2014) dentre as propostas para o corredor se tornar um APL, seria promover mensalmente eventos culturais que deveriam ocorrer preferencialmente aos finais de semana. Assim, com o apoio da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) o Beco Cultural das Pulgas, com o uso das redes sociais cria sua página no facebook, como um dos mecanismos de promoção dos eventos para chamar atenção do público, uma vez que, grande parte dos frequentadores estão conectados nas redes sociais. Em sua página no facebook, o Beco Cultural das Pulgas, conforme Figura 11 - Flyer de divulgação do Beco das Pulgas – Evento 17/08/2014, começa a expandir a divulgação destes eventos.

Com o apoio da PMV e a produção de outras iniciativas, um ano depois criou-se o projeto de lei nº. 207 de 2015, que dispõe sobre a criação do corredor cultural Nestor Gomes. No projeto, o corredor cultural ficou compreendido entre a Escadaria Maria Ortiz, a Rua Nestor Gomes (até o Palácio Anchieta), a Praça João Clímaco e o Beco Duque de Caxias. Tendo a promulgação desta lei, sancionada no meio do ano de 2016, o projeto foi aprovado tornando-se pela Lei Orgânica Municipal n. 8.693 um espaço legal cultural capixaba (VITÓRIA NEWS, 2016). Após a aprovação desta lei criando o corredor, o Bekoo das Pretas agora organizado pelo IDP produz o seu único e último evento neste local, em 9 abril de 2016, a Edição Lacre aconteceu de forma gratuita com início numa tarde de sábado e findando na manhã do domingo.

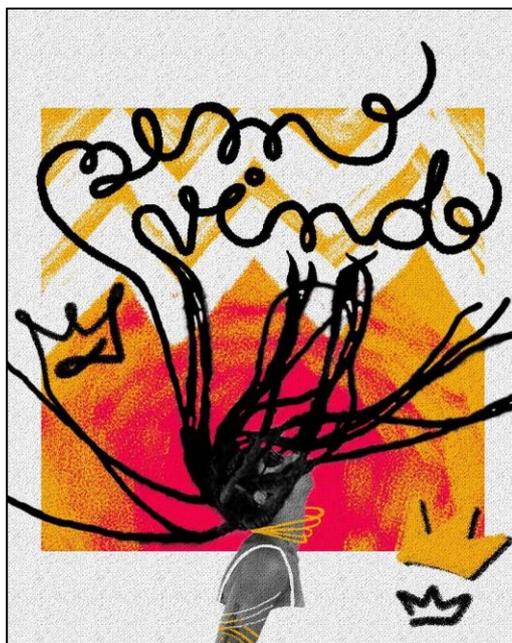
A partir de setembro de 2016, o IDP começa a promover suas edições em quadras das escolas de samba, no qual elegeram as noites de sábado para o evento acontecer. Porém, é a partir de 2019 que, constata-se um crescimento exponencial do evento, de tal modo que, grandes marcas de bebidas nacionais e outras tornam-se patrocinadoras do evento, a ponto de tornar-se conhecido, não só no estado do ES, mas em outras capitais do Brasil, como São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). É a partir destas madrugadas de sábado que a seguir se descreve, de modo não cronológico, pois aqui atenta-se para os fatos, como o evento é organizado e como acontece a magia do evento, por meio da autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019; TULLIS, 2019; SANTOS, 2017; TULLIS, 2019), tendo como enredo as análises de algumas edições que ocorreram na ACSGRES Novo Império, entre os períodos de 2017 a 2019, tendo todas as edições, a presença do pesquisador. Hoje é sábado? Se não for, imagine que é. “Borá” conhecer o que acontece no evento Bekoo das Pretas?

4.2.1 O Bekoo das Pretas na ACSGRES Novo Império: aqui tem batida e tombamento.
Seja bem vinda (o)!

“Eu só quero é ser **feliz**
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é!
E poder me **orgulhar**
E ter a **consciência** que o pobre tem seu lugar
Fé em Deus, DJ
Eu só quero é ser **feliz**
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é!
E poder me **orgulhar**
E ter a **consciência** que o pobre tem seu lugar
Mas eu só quero é ser **feliz, feliz, feliz, feliz**
Onde eu nasci, han
E poder me orgulhar
E ter a **consciência** que o pobre tem seu lugar
Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu sinto medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
Eu faço uma oração para uma santa protetora
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
O pobre é humilhado, esculachado na favela
Já não aguento mais essa onda de violência
Só peço a autoridade um pouco mais de competência (...).”

MC's Cidinho e Doca (1995)¹⁸(grifos do autor)

Figura 12- Bem Vinda (o) ao Bekoo das Pretas



Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook (2020)

¹⁸ Trecho do *funk* **Eu só quero é ser Feliz**, dos funkeiros cariocas da Cidade de Deus, Sidney da Silva e Marcos Paulo de Jesus Peixoto, dupla de MC 's (mestres de cerimônia) Cidinho e Doca (1995). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w3HssAzkdS4>. Acesso em: 08 fev. 2021.

O trecho do funk *Eu só quero é ser Feliz* de Cidinho e Doca (1995), descreve a minha realidade, de no cotidiano do mundo social, em especial, no período da noite, de não poder caminhar sem correr o risco de ser abordado e/ou sofrer um “baculejo” truculento da Polícia Militar (PM), pelo simples fato de estar na rua e ser confundido com algum, abre aspas, suspeito, fecha aspas. O manifesto de Cidinho e Doca (1995) apresentou uma realidade que ocorria nos anos 1990, e como um ciclo vicioso, ainda acontece nos anos de 2020. Porém, qual é esta realidade? Eu respondo: de que negros (as), assim como eu, de comunidades e/ou bairros periféricos, denunciam de sua maneira (seja pela arte, música, teatro, dança, na política e/ou produções acadêmicas) as desigualdades do país, dizendo: “Chega! eu só quero é ser feliz!”. O grito ecoa das comunidades do Rio de Janeiro (RJ) para o Espírito Santo (ES), e aqui nas noites do Espírito Santo buscamos esta pequena fração de felicidade em espaços e eventos como o Bekoo das Pretas.

Mas o que é o Bekoo das Pretas (BP), de onde surgiu este nome? Quais foram os motivos que levaram um grupo de mulheres pretas da grande Vitória (ES) realizarem esse evento? O que se verifica até aqui, é que o evento se destacou no contexto cultural capixaba e tem sido marcado por ser um local de encontro de muitos jovens, em especial, a juventude negra. Como explica Priscila Gama, em entrevista ao canal do Youtube *Vai Vendo* (2017) quando apresenta a ideia do surgimento do BP, da seguinte maneira:

“(…) Assim, na verdade eu não faço parte do movimento hip-hop porque eu entendo que as pessoas aqui principalmente vêm no movimento hip-hop com quem batalha, com que veste a camisa. Enfim, não era o meu ambiente, eu fui nascida e criada dentro de escola de samba mesmo, dentro do terreiro com roda de samba, mas lá sempre você tem muito de hip-hop. E aqui em Vitória, o movimento hip-hop, de uma forma geral, ele é machista, e as festas, e aí eu não vou nem falar do movimento hip-hop, porque eu não acho que essas festas fazem parte do movimento hip-hop que eu respeito muito, porque se fosse não seria assim. Mas a maioria das festas de rap e hip-hop ou enfim elas estavam “gourmetizadas”, e ainda estão muito né, estão na área nobre da cidade, comandadas por pessoas não negras, e aí esse negócio de viajar, muito do Movimento Nacional de Empoderamento de Mulheres Negras, em que tá todo mundo junto, geração tombamento e as festas em geral são julgamento em todas ligadas ao movimento hip-hop fora do estado e eu cheguei em Vitória já nesse rolê cara, eu quero fazer uma festa minha. Eu me achando a Carol Sampaio, a favorita. Eu quero um baile funk. Aí eu virei para Dani e falei, cara, o que vamos fazer? Aí ela falou: “vamos fazer, vamos fazer nós duas”. A gente juntou um dinheirinho e fomos lá, botamos o Bekoo na rua, que foi no Beco das Pulgas. No beco das pulgas, por isso o nome Bekoo. Para você ter uma ideia, na primeira vez que a gente fez no Beco das Pulgas, nós tínhamos 600 pessoas e sete pessoas trabalhando, todos voluntários, inclusive nossos maridos que trabalham aí até hoje. Hoje a gente emprega 70 pessoas. Saca? 70 pessoas. São 70 pretos trabalhando em cada Bekoo. E esse dinheiro é revertido à uma pá de coisas, o aluguel da sede, pessoas que abrem e fecham a

sede, a sede que eu falo é a sede física do IDP.org, o ponto que é a única instituição de criativa de protagonismo negro e feminino do país. São 9 projetos de ação afirmativa, que tem um subsídio principal a verba do Bekoo". (VAI VENDO, 2018).

Eu estive em todas as edições citadas nesta autoetnografia, elas ocorreram nos sábados, com início às **21h** da noite. E neste dia, eu saio para ser feliz neste lugar. O Bekoo das Pretas ou Bekoo, que em sua concepção foi pensado por mulheres negras, emprega pessoas negras e concebem suas edições para o fortalecimento da cultura negra. No dia do Bekoo, eu me arrumo com a beca (roupa) que posso, pois não há regras estéticas, e ao menos de gênero. Eu posso ir de calça, saia, bermuda, chinelo, tênis, vestido, salto alto, o mais importante, é que você vá e divirta-se do jeito que eu sou, ou do jeito que você é. Neste dia, são nas redes sociais do Bekoo, seja no instagram ou facebook que é anunciado como estão ocorrendo os preparativos, o que o público irá encontrar naquela noite, se ainda há ingressos para venda e/ou onde comprá-los. Para cada evento, existe uma espécie de tema que é evidenciado, a organização sugere os usos de acessórios, cor de roupa, porém não é obrigatório. A escolha do line-up que é a relação dos disc jockey (DJ 's) que irão conduzir durante toda a noite, com a seleção de músicas previamente gravadas e/ou produzidas no momento, também são escolhidos de acordo com a temática. Os DJs determinam o clima da festa através da escolha das músicas e também podem influenciar na bilheteria da noite, pois alguns deles podem estar se apresentando de forma inédita no estado, e por isso, influenciam na venda de ingresso e locação do evento.

Por volta das **20h** da noite, a caminho do evento, é possível observar que as linhas de transporte coletivo, em suas filas dos terminais urbanos que atravessam (passam próximo) a quadra da Novo Império, ficam lotadas, com diferentes jovens usando seus melhores looks para o Bekoo. Neste momento, é possível notar os estranhamentos nos olhares de outras pessoas que estão retornando do trabalho e/ou trabalhando por ali mesmo no terminal. Pois, não é muito comum ver muitos jovens negros (as) reunidos, e vestindo peças com um conjunto de elementos estéticos que os associam ao pertencimento racial, como: cabelos *black-power*; tranças gigantes; cabelo rastafari; turbantes altos; batons coloridos; roupas com estampas africanas; sandálias altas (salto 15 cm, por exemplo). É assim o caminho para o evento, e também como fica a concentração na frente da quadra nos dias que acontece o Bekoo.

Chegando na concentração do evento, ao passo das **21h**, já é possível para quem está do lado de fora, ver os canhões de luzes sendo acesos, ouvir os primeiros sons, seja

do primeiro DJ se preparando para iniciar sua *line*, ou dos microfones sendo “testados”, o que já causa euforia para muitos jovens que estão próximos. Em frente à entrada, muitos começam a dançar logo ali, já inibidos descendo até o chão. Durante os primeiros momentos de preparo dentro da quadra, este intervalo de espera aqui fora, contribui para que, os diferentes grupos se encontrem, seja para socializar suas bebidas, preferencialmente as “quentes” (*vodka*, *catuaba*, *caçaça*, *vinho*) ou se reencontrar, de um longo intervalo entre uma edição do Bekoo para outra, que geralmente dura cerca de 15 a 30 dias. Este encontro (ali na concentração) é chamado de “esquentá”.

Do lado de fora, também em frente a portaria, ficam instaladas várias barracas dos microempreendedores individuais (MEI) que já sabendo do evento Bekoo (divulgado pelas redes sociais) elegem a festa para a venda dos seus produtos/serviços durante toda a noite. Esses MEI’s não possuem nenhum vínculo com IDP, porém a cada edição lucram com a venda de bebidas (água, cerveja, vinho, conhaque, *catuaba*), sanduíches (*hot-dogs*, mistos, pão com calabresa) e acessórios (brilhos, óculos pisca-pisca, anéis, maquiagem de neons) todos voltados ao público jovem que buscam estes serviços e/ou produtos, para evitar o mal-estar pós-bebedeira comendo os lanches antes de ingerir bebida alcoólica. E ajudam outros, que por vezes, não possuem tempo de se produzir para ir à festa – se “arrumam” ali mesmo na portaria, pois encadeiam um dia de trabalho e vão direto para o Bekoo.

Figura 13- Fila de entrada – Edição Chama na Chama



Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook – Foto: Luara Monteiro (2018)

Ainda na concentração, enquanto toca a música, e o “esquenta” vai acontecendo, na Figura 13 – Fila entrada edição Chama na Chama, outros jovens começam a organizar uma “espécie de fila” próxima a bilheteria, pois justamente não possuem em mãos o ingresso de acesso ao Bekoo que é vendido durante a divulgação do evento por: comissários (preço entre R\$ 5,00 a 10,00); postos de lojas comerciais parceiras; sede do IDP (preço entre R\$ 15,00 a 20,00); e internet (preço entre R\$ 20,00 a 40,00), pois a venda dos ingressos se encerra horas antes, para que a organização contabilize o número total vendido, e estabeleça a oferta restante, comportando o número máximo permitido dentro da quadra. Os jovens sem ingresso, todos produzidos, se preocupam com o número de pessoas do lado de fora, e ali mesmo começam a gritar uma espécie de: Gente, alguém tem ingresso aí para vender? Alguns, desta maneira, conseguem adquirir um ou mais ingressos, seja de um amigo de outro jovem que é desistente, que por algum motivo não irá. Porém outros, precisam aguardar a bilheteria abrir para saber se há (ou não) ingressos disponíveis. A música começa a ficar mais alta, não é possível ficar parado quando você ouve Glamurosa do MC Marcinho (2002),

“Glamurosa, rainha do funk
 Poderosa, olhar de diamante
 Nos envolve, nos fascina, agita o salão
 Balança gostoso, requebrando até o chão
 (Som da Batidão)
 Glamurosa, rainha do funk
 Poderosa, olhar de diamante
 Nos envolve, nos fascina, agita o salão
 Balança gostoso, requebrando até o chão
 Se quiser falar de amor, fale com o Marcinho
 Vou te lambuzar, te encher de carinho
 (Som de Tamborzão)
 Em matéria de amor todos me conhecem bem
 Vou fazer tu vibrar no meu estilo vai e vem
 Minha catita doida vou te dar beijo na boca
 Beijar teu corpo inteiro, te deixar muito louca
 Vêm, vêm dançar, empine o seu popozão
 Remexe gostoso e vai descendo até o chão
 (Som de Batidão)
 Glamurosa, rainha do funk
 Poderosa, olhar de diamante
 Nos envolve, nos fascina, agita o salão
 Balança gostoso requebrando até o chão (...)”

(MC Marcinho, 2002)¹⁹

¹⁹ Trecho do *funk Glamurosa*, do funkeiro carioca MC Marcinho do seu álbum falando com as estrelas de 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BiuxHS66T2E>. Acesso em: 02. fev. 2021.

As portas começam a abrir, a bilheteria inicia as vendas dos ingressos que faltam, o volume da música começa a ficar mais alto, a equipe de segurança se posiciona à frente da entrada, e o esquentar vai terminando. Eu observo que, contrário a outros eventos que há duas filas de “homem” e “mulher”, no Bekoo não existe esta divisão, a organização da fila não é determinada pelas diferentes identidades de gêneros, pelo contrário, as duas filas que se formam são repletas delas. Todas as pessoas já devem ter em mãos, o ingresso e algum documento de identificação com fotografia, onde informe a data de nascimento, que comprove a maioridade (acima dos 18 anos). O segurança verificando que está tudo correto, autoriza a pessoa a passar pela catraca. E ao som da Drag Queen Gloria Groove, todo mundo começa a bater o bumbum,

“(...) Essa mina é um tesouro, bumbum de ouro
Dezoito quilates de bunda ela tem
Sabe que é um estouro, já fez pegar fogo
Então bate que brilha e se joga também

Vai ostentando toda essa riqueza
Joga na malícia, joga com delicadeza
Sente o movimento, vai devagar
Prepara menina é sua vez de brilhar (...)”²⁰

Após a verificação de maior idade e entrega do ingresso, antes de entrar na quadra, num corredor específico, a depender da identidade de gênero que a pessoa se identifica e apresenta, é direcionada a outro (a) segurança, este, irá realizar uma revista minuciosa para impedir que a entrada de materiais, bebidas e outras substâncias seja feita na festa. Na Figura 14 – entrada Bekoo – Edição 10, podemos ver como é realizada a entrada, o (a) segurança do gênero feminino e/ou do gênero masculino, ambos realizam a revista, pedindo que os jovens abram a bolsa e outros procedimentos. Nas edições que participei, verifiquei que, o procedimento de revista com a identidade de gênero masculina é mais demorado, alguns seguranças desconfiados podem pedir que batemos os pés no chão, um de cada vez, posicionando com a lanterna para os sapatos. E se a pessoa estiver com muitas coisas na mão, por exemplo, um capacete, bolsas maiores? Existe um guarda volume com o valor de R\$ 2,00 que é disponibilizado como opção para guardar com segurança os pertences, a pessoa paga este valor na bilheteria e mostra o ticket a equipe de segurança que armazena os pertences, colocando alguns dados pesso-

²⁰ Letra da Música Bumbum de Ouro (2018) da cantora Gloria Groove. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWaOGMntBIY>. Acesso em: 02. fev. 2021.

ais, para caso da pessoa se esquecer de retirar no final da noite. E quando isso acontece? A equipe liga ou posta as imagens dos pertences num post específico (Figura 15- Acha-dos e perdidos – Edição 10) um dia depois do evento nas redes sociais do BP, o dono do pertence busca em local acordado pela equipe.

Figura 14- Entrada Bekoo – Edição 10



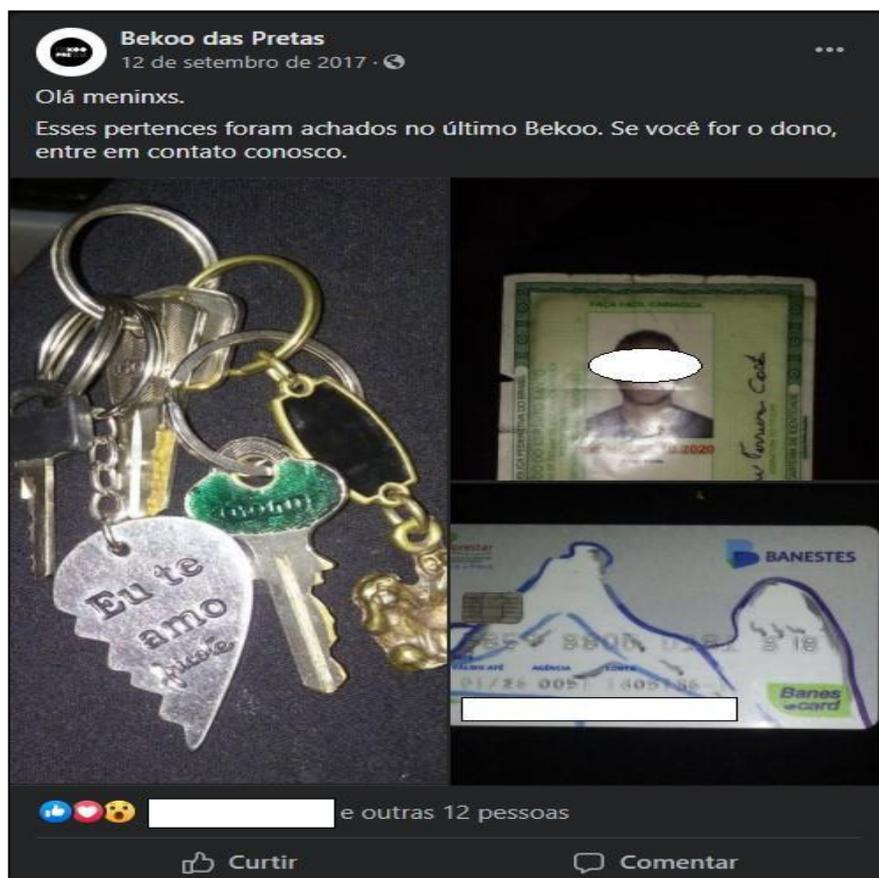
Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook – Foto: Luara Monteiro e Akin Olorin de Ogun (2017)

No meu caso, o acesso se deu por outra área, que está localizada ao fundo da quadra do lado esquerdo. Este local é destinado a entrada da Equipe do Bekoo, profissionais que fazem o evento acontecer, assim como, convidados que irão tocar na line up. Entrando por este local, a host identifica o nome numa lista, e te entregará uma pulseira que dará acesso *Very Important Person* (VIP) aos locais exclusivos do Bekoo (backstage, open food, open bar, acesso aos artistas e DJs).

Na quadra ACSGRES Novo Império, ao descer para o centro é possível ver logo de frente o bar, e ao lado, os empreendedores que associados ao IDP vendem sanduíches diversos, bebidas dentro da quadra durante todo o evento. Logo à esquerda, temos o palco central, que toca os DJs e onde ocorrem grande parte das atrações da noite, inclusive os “recadinhos” da Priscila Gama. A quadra é ampla, e por volta das **23h** da noite, ela começa a ficar mais cheia. Antes de me aproximar do palco, vejo que as pessoas já se direcionam para a fila do caixa, que fica localizado ao lado do bar, para comprar as fichas e ter acesso às bebidas durante a noite. Outra forma de adquirir as fichas é buscar

os colaboradores (jovens que trabalham no Bekoo por freelance) que identificados com placas sinalizam a venda por máquinas eletrônicas de cartão (débito ou crédito).

Figura 15- Achados e perdidos – Edição 10



Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook (2017)

Apesar de haver duas opções de compra dos bilhetes, os jovens reclamam, pois para ter acesso às bebidas, é preciso enfrentar as filas, e mesmo assim ao longo da noite, elas permanecem longas. Como é uma quadra de escola de samba, não há locais planejados para sentar, no espaço central da quadra fica aberto um espaço justamente porque a intenção é que as pessoas o usem como pista de dança, e mesmo aqueles que não dançam, em regra, ficam de pé socializando com sua bebida nas mãos. Quando existe a possibilidade de sentar, isso acontece, por conta dos vendedores de sanduíches que trazem suas mesas de plástico e deixam disponíveis apenas para aqueles que compram seus produtos, ou alguns jovens depois de cansados do “rolê” se sentem no chão mesmo.

Como eu busquei o acesso às fichas logo no início do evento, foi possível evitar durante o evento as filas, e assim aproveitar melhor o evento. Outro detalhe importante

para se destacar, são os usos dos banheiros, no Bekoo as diferentes identidades de gênero se encontram também nos banheiros. A construção de espaços como o banheiro, trazida pela ideia binária que organiza outras casas de shows da Grande Vitória (ES) é diferente no Bekoo. Por exemplo, é comum o compartilhar dos mesmos banheiros por pessoas cis normativas com pessoas Lésbicas, Gay, Bissexual Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo (LGBTQIA+). Esta relação para quem frequenta o evento é socializada por Priscila Gama e também compartilhada pelas redes sociais da Comunidade Bekooniana, nos slogans de todas as edições do evento, “Racistas, machistas, LGBTfóbicos não são bem vindos(as)”. Dessa forma, quem irá no evento a qualquer momento neste espaço pode se deparar com outras identidades de gênero, seja nos banheiros ou fora dele.

Figura 16- Edição Arraiá do Bekoo



Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook (2019)

Buscando explorar mais o espaço, o palco central é onde acontecem quase todas as atrações, como na Figura 16 – Edição Arraiá do Bekoo, a depender da temática da edição, ele é decorado levando o público a envolver-se na proposta do Bekoo para a noite. No caso do palco da ACSGRES Novo Império ele é fixo, feito de concreto, não é muito alto (não chega a 1,5 metros de altura), pois foi planejado justamente para a promoção dos ensaios da escola, e neste ritual dos ensaios não há hierarquia, pois, a bateria

da escola compõe é a própria comunidade. No Bekoo também não há hierarquia, porém, durante o evento com o consumo de bebidas, as pessoas começam a ficar altivas, desse modo, para proteger os equipamentos de som e preparativos no backstage dos DJ optou-se pela instalação de grades estabelecendo uma distância entre o palco e a equipe que trabalha sobriamente.

Figura 17- Libertem Rafael Braga-Edição Força Preta



Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook – Foto: Luara Monteiro e Akin Olorin de Ogun (2017)

É na decoração que o evento se destaca para evidenciar que sua proposta não se trata apenas de algo recreativo. Por exemplo, na Figura 17 - Edição Força Preta (2017), o caso Rafael Braga, foram um dos exemplos que ganhou destaque, o sentimento de injustiça que cotidianamente a juventude negra tende a vivenciar advinda pelas instituições policiais, seja pela abordagem truculenta, seja pelo preconceito e racismo, simplesmente por ele ser um jovem negro e morador de rua. É curioso dizer que a prisão inicial de Rafael Braga se deu em junho de 2013, mesmo ano em que milhares de manifestantes se reuniam em diversas capitais do Brasil exigindo das autoridades políticas um país mais justo. E naquele momento, exatamente em 20 de junho de 2013, no centro do Rio de Janeiro, mais um jovem negro estava sendo preso injustamente, e desde aquele ano, tornou-se um símbolo contra o racismo estruturado e seletividade do judiciário brasileiro. Em 2017, o caso retoma a mídia, pois após longa discussão naquele ano foi

concedido a ele prisão domiciliar, e o Bekoo apresentou esta história justamente para contar como somos fortes. Por isso, a Edição Força Preta.

Nos anos 2000, quando o pesquisador Felix (2000) desenvolveu sua dissertação de mestrado sob título, Chic Show e Zimbabwe e a construção da identidade nos bailes black de São Paulo, analisou as práticas sociais dos frequentadores sob uso da etnografia em duas casas de shows na região da grande São Paulo. Em olhar mais profundo, ele conseguiu realizar, uma análise sobre a construção das identidades dos frequentadores daqueles bailes, e avançou na medida, em que, naquele momento apenas descrições etnológicas, sem outro modelo de produção de dados, como o uso de entrevistas aos frequentadores, nunca haviam sido realizadas.

Uma das questões a serem respondidas ao longo da pesquisa foi: o que levam os frequentadores irem aos bailes? De modo a constituir a resposta a esta questão, o autor aplicou uma série de questionários in loco, tendo dois resultados chamado a sua atenção. O primeiro foi que, apesar da rádio na década de 1990 ser uma ferramenta de comunicação bastante utilizada, entre os frequentadores de ambos os bailes, da Chic Show, entre os homens, 77,3% responderam que costumam ouvir rádio e no Zimbabwe 98%. Entre as mulheres, de ambos os bailes, 100% responderam que escutavam rádio. O autor verificou que, o que toca nos bailes do Chic Show e Zimbabwe dificilmente será apresentado nas rádios comerciais de grande circulação (FÉLIX, 2000). No que se refere ao acesso às músicas a partir da promoção dos programas na televisão direcionada para o público que frequenta bailes black o autor também constatou que,

“No período em que apliquei os questionários havia somente um programa sobre bailes funk, de uma equipe do Rio de Janeiro denominado “Brasil 2000” – mesmo nome do programa-, exibido na CNT, nas tardes de sábado. Esse programa, por sua vez, não foi citado nenhuma vez pelos pesquisados, provavelmente por só abranger a realidade do Rio, ou porque o estilo de música que se toca é o funk carioca, que não tem nenhuma influência nesses bailes. Outras experiências televisiva foi o programa “Axé, Se Liga Brasil”, exibido na TV Bandeirantes, de São Paulo, no início de 1988. Foi apresentado durante dois meses e tirado do ar segundo a direção da Bandeirantes por falta de “Audiência” e de patrocinador” (FÉLIX, 2000, p. 68).

Aqui nos anos 2020, no Bekoo, a beca e a animação dos DJ's também são elementos importantes, eles trazem as lines ups, e contrário à pesquisa de Félix (2000), elas podem ser acessadas facilmente pelas mídias sociais de música (youtube, spotify, youtube music). No Bekoo as músicas, entre elas, das antigas (Cidinho e Doca, Deize Tigrona, Mc Leozinho, Gaiolas das Popozudas, Mc Coiote, Mc Marcinho, Mc Marcinho,

Claudinho & Buchecha, Mc Perla), geração tombamento (Linn da Quebrada, Karol Conká, Rico Dalasam, Lineker, Tássia Reis, Mc Carol, Iza) e das cantoras pop “famosinhas” (Beyoncé, Nicki Minaj, Mc Ludmilla, Karol G, Pabllo Vittar, Rita Ora, Madonna, Rosalía, JoJo Todinho, Anitta, Katy Perry) são todas tocadas, a depender do tema do evento. Entretanto, assim como na pesquisa de Félix (2000) constata-se que em 2020, não há programas atuais com músicas de funk ou hip-hop das antigas, com destaque na tv aberta brasileira. Porém, as músicas de outros gêneros, os sons mais atuais (da geração tombamento) é possível constatar em alguns programas de grande circulação nacional, por exemplo: o Domingão do Faustão na TV Globo; Programa da Eliana no SBT; e Hora do Faro na TV Record.

Figura 18- Corpo negro Livre, Leve e Solto

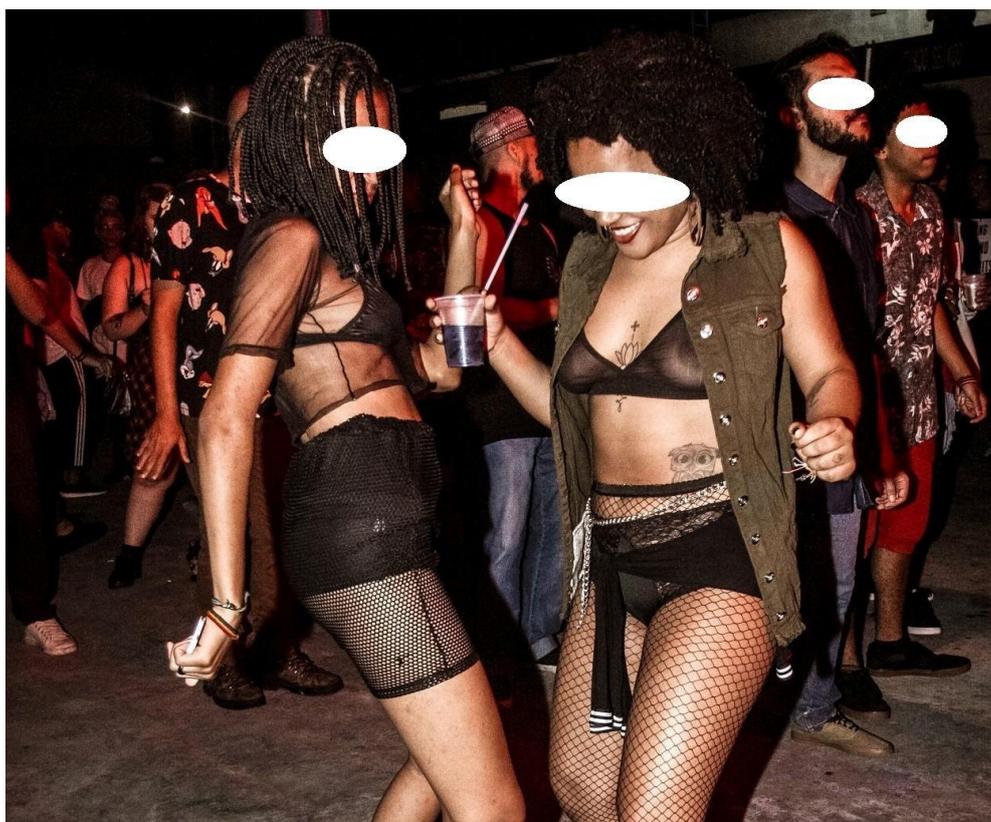


Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook – Foto: Luara Monteiro (2018)

No Bekoo, os DJ’s ficam de frente para o público, é contrário aos antigos bailes blacks dos anos 1990, em que as músicas eram tocadas por discos de vinis e as mixagens feitas nas mãos (estilo mixar movendo o disco manualmente). No Bekoo grande parte dos DJ’s usam equipamentos mais modernos, por exemplo, das mesas controladoras eletrônicas, com efeitos sonoros inéditos e/ou reproduzidos. Além disso, os DJs podem fazer os usos dos microfones e chamar atenção do público no início de sua entrada na line. Durante a troca de um DJ para outro, quem fica no microfone é Priscila Gama

que conduz o evento, uma espécie de mestre de cerimônia (MC): “Machistas, Racistas, Misóginos, Transfóbicos não são bem vindas(os)!” são palavras que, em todas as trocas de Line Up é pronunciada pela anfitriã, inclusive quando alguns “engraçadinhos” ultrapassam dos limites e tentam coagir ou assediar, as pessoas que vão ao Bekoo com roupas e corpos, que fogem do padrão binário ou estabelecido socialmente. No Bekoo “homens” não vestem só azul e “meninas” não vestem apenas rosa.

Figura 19- Os Bondes que participam do Bekoo



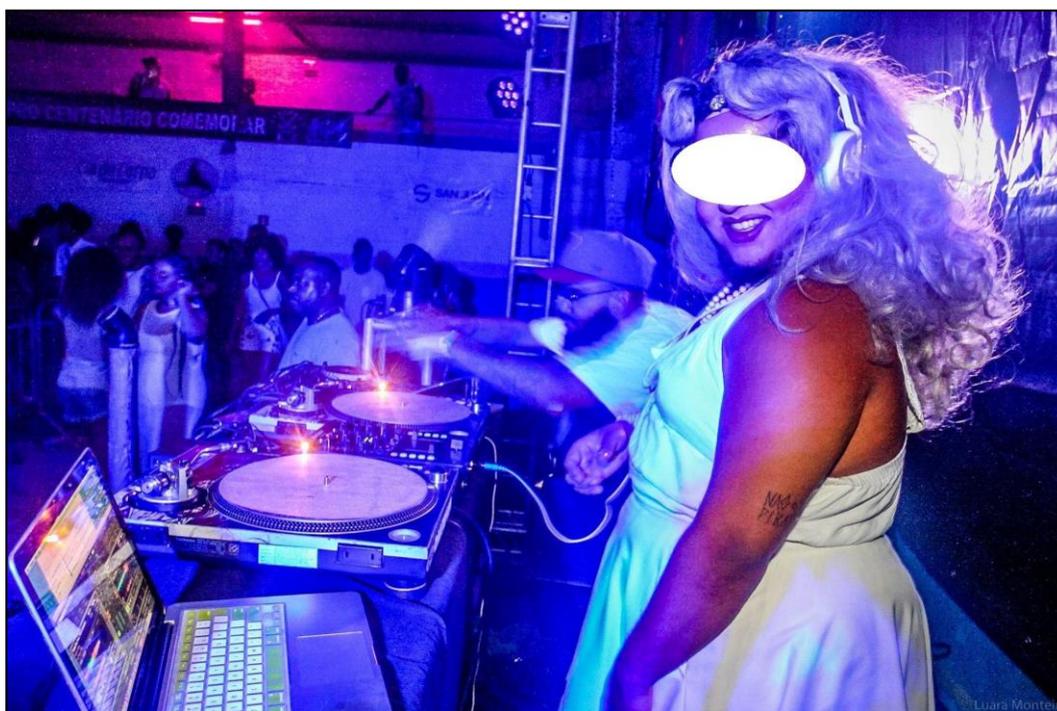
Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook – Foto: Luara Monteiro (2018)

Mas quais os grupos que eu vi, ao passar por algumas edições Bekoo? A pensar dos diferentes grupos que frequentam o evento, sem dúvida, o público que o define é negro e jovem. Entretanto, dentre este recorte tão amplo, existem outros participantes com expressões de gêneros, orientações sexuais e geracionais diversas. Os jovens chegam em grupos ao evento de diferentes lugares, a grande maioria chega de transporte coletivo, e outros utilizam o transporte particular por aplicativo (Uber, 99pop). Este tipo de transporte utilizado para chegar no Bekoo, também pode apontar o lugar de origem de quem participa, se originam dos bairros de periferias ou se estão localizados nos bairros que são entendidos como os mais “elitizados” da cidade. Destaca-se que, com a

grande veiculação do evento, o espaço tornou-se point com maior presença de outros grupos sociais - jovens não negros de classe média, sobretudo, a partir das edições de 2019, quando a presença de artistas nacionais no evento torna-se mais constante.

O público também representa a animação do evento, eles chegam em “bonde”, uma gíria utilizada pelos jovens de periferia, que significa grupo de pessoas que andam sempre juntas. Estes “bondes” estão ligados por várias características: renda; território; geração; vivências pessoais. Todos eles chegam animados e querem curtir. Falando desses bondes, eles possuem diversas identidades musicais, aquelas eu vi no Bekoo, podem ser citadas como: funkeiros; rappers; pagodeiros; sambistas; rockeiros; góticos; e sertanejos.

Figura 20- DJ Drag's - Edição Bekoo Ano Novo 2019



Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook – Foto: Luara Monteiro e Akin Olorin de Ogun (2019)

Dentro deste público, não me cabe querer essencializá-lo ou definir estas expressões, o que me debrucei ao passar pelo Bekoo foi ver pessoas de todos os estilos produzindo com suas estéticas e/ou corpos expressões, uma linguagem política. No que, se refere a identidades de gênero, no Bekoo podemos evidenciar com mais frequência a presença da população T (transgêneros, travestis e transexuais), que estão por lá, apenas para se divertir com seus amigos. Porém, existe também o comparecimento maciço de mulheres negras cisgenero. Percebo que estas identidades transitam pelo salão de modo a propor que os demais sujeitos possam iniciar um possível diálogo com o corpo T, ne-

gro feminino que utiliza pouca roupa e/ou a roupa que quiser, sem o direito de ser julgada ou sexualizada, apenas pelo simples fato de sentir-se à vontade, para dançar e se divertir, ou afirmar sua existência e liberdade. Por exemplo, que corpos gordos podem usar qualquer roupa, sendo livres com estas escolhas.

Circulando pelo Bekoo, estas diferentes identidades de gênero socializam, desde assuntos variados sobre a música que está tocando, ou até existem momentos em que, a conversa está baseada na situação política, econômica ou social, que são trazidos por pequenos exemplos, como: o que você acha sobre a prisão de Rafael Braga? A partir desta pergunta, é desencadeada várias conversas trazidas por diferentes argumentos e perspectivas políticas, ou seja, dessa maneira os grupos trocam suas preferências sobre como que ele entende, os acontecimentos sobre o mundo.

A estética e as roupas sem dúvida é uma linguagem política que está representada não apenas nos participantes que vão ao evento, ela permanece estampada na escolha da equipe do Bekoo, seja na line up, dos DJ's ou dos comissários, e até mesmo na equipe desde a pré-produção e pós-produção do evento. Quando se vai ao Bekoo é possível se deparar com identidades drag's tocando, por exemplo, na line up como DJ, o que, em outros eventos da grande Vitória (ES), não é possível ver com frequência, ou quando vemos, é apenas algo temático, ou pontual. Mas no Bekoo, o protagonismo é diverso, porém feminino,

“(…) Sem dúvida nenhuma. Para vocês terem uma ideia a gente tem protagonismo feminino do design do line-up, até a produção, execução, a chefe de segurança é uma mulher. O backstage é todo feminino, o corpo é todo feminino, a gente fala bota uma mulher para tocar, quando de fato assim, por exemplo, KL Jay foi tocar no Bekoo, porra KL Jay, a gente, desculpa. Aí a gente tem problemas com os homens porque não é que a gente não gosta do trabalho dos homens, eu curto pra caramba, eu escuto todo mundo. Mas, o Das Pretas é um espaço de protagonismo e se a gente puder demarcar esse espaço porque, via de regra, as mulheres não estão em outros espaços em outras festas. Quantas vezes eu saí daqui pra em festa do hip-hop em boate na Praia do Canto e dentro de um recorte que me pertence porque a história do hip hop do Povo preto sim, eu sei questionada a minha presença naquele local ser maltratado porque sou mulher preta, né? Então, uma mulher preta hip-hop “gourmetizadas” de branco não pode. E aí não pode o acesso, não pode você pagar uma cerveja de R\$15, não pode você pagar entrada de R\$100, e aí a acessibilidade do povo preto numa festa de um recorde que é dela não existe. E aí, eu queria fazer com que nós negros tivéssemos um espaço, principalmente as mulheres, de ocupar, tivesse um espaço de tempo de contempla. E eu estou indo para minha festa. Eu gosto muito quando as meninas, quando eu vejo os comentários às vezes as pessoas falam, ah, a minha festa é arrasa. Porque é a nossa festa mesmo, pra cima”. (VAI VENDENDO, 2018)

Não posso finalizar esta autoetnografia, sem deixar de registrar um dos momentos mais esperados do evento, a Koo Battle (Batalha de Koo). Neste momento, os DJs dão uma pausa da line e Priscila Gama sobe no palco para anunciar que irá começar a Koo Battle (“batalha” de koo). Esta ocasião, é quando várias pessoas disputam ao som de uma música em busca de um prêmio realizando passinhos, dando saltos, descendo até o chão e rebolando durante alguns minutos. A escolha de quem sobe ao palco ou fica no centro da roda, é aleatória, os comissários do Bekoo identificam as pessoas que querem concorrer, não há nesta disputa linearidade de gêneros, as identidades de gênero feminina disputam com a masculina e outras. Priscila chama os participantes trazidos pelos comissários ao palco, eles chegam todos empolgados e desinibidos, pois já estão ativos pelos usos das bebidas.

Figura 21- Koo Battle- Edição Bekoo Ano Novo 2019



Fonte: BEKOO DAS PRETAS, Facebook – Foto: Luara Monteiro e Akin Olorin de Ogun (2018)

Na Figura 21 – Edição Bekoo ano novo 2019, é possível ver um momento de Koo Battle (Batalha de glúteos, tradução do autor) o momento em que, alguns participantes sobem no palco para dançar a mesma música, e concorrer ao tão esperado prêmio. O ganhador(a), é aquele (a) que conseguir chamar a atenção do público com mais aplausos, gritos e apresentar uma boa performance. O grande prêmio, será ganhar a vi-

sibilidade durante toda noite, com fotos exclusivas com a “marcação” do seu nome (citado em termos tecnológicos) e sua foto divulgada nas redes do Bekoo na página do evento. Assim como, depois dali o ganhador(a), terá acesso a área VIP, tendo os benefícios, a todas suas vantagens até o final da noite. Durante a “batalha” não existe rivalidade, os participantes sobem ao palco para se divertir. Após o fim da “batalha”, uma nova line up é colocada e o evento tende a se aproximar do fim.

Mas cabe destacar que o Bekoo não é um evento que se pode descrever facilmente apenas com palavras, apresentando situações/momentos, por documentos. Para entender o Bekoo é necessário vivê-lo, experienciá-lo. De toda maneira, para ir é necessário despir-se e levar-se pelo momento. Assim,

“(…) Às vezes a gente ouve, tem muitas pessoas que frequentam o Bekoo não negras e falam (...) Priscila como mudou minha percepção, em relação a isso, porque visivelmente aquele é um espaço de vocês, o protagonismo é de vocês. Mas, eu nunca fui desrespeitada porque sou branca, e é exatamente isso que a gente quer, sim né acessibilidade. Seria muita besteira a gente achar que o mundo é azul só. E ele não é. Na verdade ele é cor de rosa”. (VAI VENDO, 2018).

Por volta das **5h** (nossa já são 5h?), Priscila Gama retorna ao palco para anunciar que o Bekoo irá se encerrar, e que o DJ estará tocando a última música. Neste momento, um coro de aplausos e gritos dizendo para não encerrar se inicia, a quadra ainda cheia, e o público suado depois de descer dançando, descendo até o chão se entristece. A música se encerra, o DJ começa a desmontar a mesa de som, e enquanto isso, uma música é colocada e Priscila Gama agradece pelo microfone em alto e bom tom, a presença de todas (os) informando que a saída é feita pelo portão lateral, e caso a noite não venha acabar por ali, para tomar todos os cuidados possíveis.

Durante a saída eu percebo que, a noite no Bekoo das Pretas foi repleta de representatividade, trazida pelos ritmos musicais (artistas escolhidos negros (as) ao palco, sets e djs, batalha de Koo, o “Koo Battle”). Todos estes momentos referenciam a valorização da cultura afro-brasileira. Os ritmos escolhidos como o charme como, trap, dub, hip hop, afrobeats e o funk (LACOS; FAESA 2017). Vejo que, as pessoas que participam do Bekoo, são as protagonistas, eu me vejo responsável para que o evento venha acontecer. Ao voltar para casa eu sinto que, àquela fração de segundo e felicidade cantada por Cidinho e Doca (1995) eu vivi com intensidade. Por que a emoção, e que sen-

timentos são estes? Penso logo comigo: **“que venham outros Bekoo's, eu quero ser feliz de novo!”**.

4.3 DO PRESENTE AO PASSADO: O EU, E A TRAJETÓRIA DESTA GERAÇÃO QUE PARTICIPA

“Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá
 Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá
 Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá
 (...)
 Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá
 Que a fé 'tá na mulher
 A fé 'tá na cobra coral
 Oh oh!
 Num pedaço de pão
 (...)
 A fé 'tá na maré
 Na lâmina de um punhal
 Oh oh!
 Na luz, na escuridão
 Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá olêê
 Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá
 Olálá
 (...)”.

Gilberto Gil (1982)²¹

A música do cantor Gilberto Gil (1982) retrata alguns dos caminhos que qualquer sujeito tende a percorrer ao longo da vida. Porém, na canção existe algo que Gil (1982) destaca como intimista a cada um, a fé. Sem barreiras para a origem da discussão sobre a fé, na letra, é possível identificar que ela, para o cantor não é fruto (apenas origem), contudo está presente, e sempre ao lado do homem. Assim, seja nos momentos ruins, quando este se depara com algum desafio do seu cotidiano difícil de superar, uma serpente, ou “*cobra coral*”. Ou em momentos bons, naqueles de bonança, dos encontros e reuniões com os entes queridos, diante de uma mesa farta, de um “*pedaço de pão*”, por exemplo. A fé se destaca na canção, pois, como uma prece, o cantor convida o ouvinte a repetir por diversas vezes, que “ela não irá faiá”. Destaca-se aqui, o uso colo-

²¹ Trecho da música “*A fé não costuma faiá*”, do cantor Gilberto Passos Gil Moreira, vulgo Gilberto Gil - gravado no álbum Um banda Um em 1982.

quial trazido pelo cantor, quando emprega a palavra “*faiá*”, ao invés de falhar – uso correto conforme língua padrão portuguesa. Este uso da língua comum, revela que, seja na riqueza e/ou pobreza, na vida de qualquer homem (rico ou pobre), ela estará presente.

Assim, como na canção de Gil (1982), os jovens desta geração que participam, são repletos de fé, suas andanças apontam que eles apresentam confiança em algo, creem numa mudança, seja esta derivada de uma ação, realizada pelos outros ou por si. Por isso, caminham e participam (ou deixam de participar) de diversos espaços políticos. Para alguns, estas crenças possuem valores bem definidos, como prole herdada de uma linguagem transmitida pelos pais, que já os inseriram em ambientes participativos desde a infância. A outros, que assumem as lutas sociais como desafios diários do presente, são os únicos a estarem inseridos em debates políticos, e convivem com o desafio diário de apresentar para os pares e/ou a quem convivem, os significados e resultados das análises que aparecem na televisão, jornais, por exemplo, e como estas ações podem impactar no cotidiano deste lar/comunidade.

Neste contexto, o lar para estes jovens, e os desenhos familiares são os mais diversos possíveis, não há uma “norma” imposta, seja esta trazida pelo “modelo tradicional” binário (derivado de uma relação heterossexual) ou configuração parental (residir com um parente consanguíneo). Verifica-se que, estes jovens negros (as) estão em constantes migrações de lugares, que signifiquem a busca pelas oportunidades de trabalho, estudos; relações afetivas; ou ambos. E isso influencia na ideia de lar, no compartilhar o íntimo com outros sujeitos que os constituem, seja este lugar momentâneo, que denominam como sua família. Outro exemplo que se aplica da canção de Gil (1982), foi manter quando transcrita literalmente [sic] nos fragmentos destas trajetórias – o uso coloquial, os ditos reais, as gírias, signos e significados. Esta linguagem fez com que, atentos (as) às transformações sociais e políticas, este terreno seja melhor entendido, as situações interpretadas, a compreensão dos desafios de ser negra (o) e jovem, reveladas no tempo atual.

Com isso posto, parte deste subcapítulo pretende apresentar a juventude negra que participou desta pesquisa, e analisar suas trajetórias de participação política. A outra almejada, é essencialmente não escrita em palavras, mas em sentimentos. Tenta-se aqui, promover os sujeitos desta pesquisa, com o protagonismo juvenil.

4.3.1 Rainhas (Reis); Princesas (Príncipes); Consulesas (Cônsul); Duquesas (Duques) a realeza de Wakanda²²

Togo, Gâmbia, Angola, Chade, Benin, Ruanda, Senegal e Quênia, são os jovens que aceitaram com entusiasmo participar desta pesquisa. Não seria pouco aferir que, estes jovens negras (os) naturais e residentes não apenas no estado do Espírito Santo, desbravam diariamente cotidianos de lutas, seja estas trazidas pela raça, gênero, geração, região, política, idade. Em especial, quando o panorama do estado do Espírito Santo em números, reflete um dos maiores índices de mortes da juventude negra, liderando o Índice de Vulnerabilidade da Juventude (IVJ), entre os estados da região sudeste (IPEA; FBSP, 2017). Mas quem são estes jovens que sobrevivem neste estado santo? *Ladies and gentlemen*, a juventude negra que participa e desce até o chão, chão, chão:

Quadro 02 - Características dos jovens negros (as) participantes da pesquisa²³

Nome	Idade	Raça/Cor	Local que reside	Escolaridade	Atuação Profissional	Movimentos Sociais/Tempo de participação	Renda per capita (R\$)
Angola	27	Preto	Vitória (ES)	Superior Incompleto	Não respondeu	Jovem que participa do Movimento Estudantil/ 2 anos	1.400,00
Benin	28	Preta	Juiz de Fora (MG)	Superior Completo	Publicitária e Design	Jovem que não participa	1.200,00
Chade	20	Preta	Serra (ES)	Superior Incompleto	Estagiária	Jovem que participa do Movimento de Religião Matriz Africana/ 2 anos	Não respondeu
Gâmbia	27	Preta	Cariacica (ES)	Superior Incompleto	Consultora	Jovem que participa da Organização Nacional do Movimento Negro/Núcleo de Mulheres Negras/ 3 anos	1.000,00

²² O nome *Wakanda* faz referência ao filme *Black Panther* (Pantera Negra, tradução livre do autor) da *Marvel Comics* lançado no Brasil em 2018. No filme, *Wakanda* é um país fictício localizado na África. Dentre suas grandezas estão: os diversos idiomas oficiais da África do Sul, tendo a língua *Xhosa* a materna de *Wakanda*; a avançada tecnologia, advindo do metal precioso chamado *Vibranium*; e a existência de uma nação que é capaz de conviver com o novo respeitando a natureza e os ancestrais do passado. *Yibambe, Wakanda Forever!*

²³ Os nomes fictícios escolhidos são denominações de países e regiões localizados na África. A raça/cor, conforme Estatuto da Igualdade Racial, lei n. 12.288/2010, foi constatada por meio de autodeclaração confirmada pela (o) jovem. Considera-se renda per capita, a soma total da renda familiar, dividida pelo número de moradores da residência. A renda foi apontada pelo jovem como um valor aproximado de referência de sua renda. O item “não respondeu” é justificado por ausência de resposta exata à pergunta, ou quando o jovem não soube como responder.

Ruanda	21	Preta	Vitória (ES)	Superior Incompleto	Estagiária	Jovem que participa do Movimento de Defesa da Saúde Pública / 1 ano e meio	900,00
Senegal	22	Preto	Cariacica (ES)	Superior Incompleto	Não respondeu	Jovem que não participa	Não respondeu
Togo	25	Preto	Vitória (ES)	Superior Incompleto	Estagiário	Jovem que não participa	1.045,00
Quênia	22	Preta	Serra (ES)	Médio Completo	Estagiária	Jovem que não participa	3.500,00

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Togo (2020), possui 25 anos, tem ensino superior incompleto – é universitário, cursa licenciatura em pedagogia numa instituição particular, atua como estagiário num órgão público, e não tem filhos. É natural do município de Vila Velha (ES), mas segundo ele, apenas nasceu “por lá”. Saindo do hospital, foi dito a ele que foi encaminhado direto para Vitória (ES) tendo sua infância, adolescência e fase juvenil ocorrida na capital. Reside desde pequeno no bairro Santos Dumont com seus pais – tendo renda per capita em torno de um salário. Aponta que, o bairro apresenta boa infraestrutura, como: praçinha (área de lazer); escola pública (modalidade de Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI e Ensino Fundamental); água encanada; comércios locais - que não são muitos desenvolvidos, apenas alguns segmentos (destaca-se o setor alimentício – lanchonetes delivery); acesso à internet banda larga (paga) e pública (ofertada na praça pela PMV). Descreve ainda que, no seu bairro as ruas são praticamente todas pavimentadas e que possui um centro comunitário bastante ativo, que consegue mobilizar a comunidade com assuntos pertinentes à realidade da região.

Neste momento, Togo (2020) pausa e inicia uma espécie de desabafo, contando com detalhes sobre os aspectos de violência que incidem na sua região, ele descreve que no seu bairro, não há tanta violência, o considerando-o ser, um dos bairros “*menos violentos*” da região de maruípe. Houve, porém, uma ocasião que Togo (2020) reconheceu que a realidade do tráfico de drogas é constante – batendo na porta de muitos jovens, apesar de acontecer em quase todos os bairros daquela região. Porém, o cenário de violência explícita que mobiliza a toda comunidade do bairro, e surge o sentimento de injustiça ocorre quando, “*(...) violência mesmo só quando a polícia chega no bairro*”. Para Togo (2020), existe um excesso de força empregada pela PM, na abordagem não só, aos envolvidos “nos corres”, mas também, praticado aos demais moradores da região, “o cidadão trabalhador”.

Togo (2020) se autodeclara negro, gay e cisgenero. Apesar de não estar envolvido em nenhuma atividade política, tem muito apreço pelas lutas da educação pública. Mesmo que atualmente seja estudante do ensino superior, este caminho até chegar nesta etapa foi difícil. Conta Togo (2020) que esteve presente, em praticamente todas as modalidades da educação – infantil; fundamental; médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo esta última justamente para “*acelerar*” (palavra de Togo, 2020) o seu processo formativo que estava atrasado. A escolha do curso superior de Licenciatura em Pedagogia, derivou desta relação afetiva com seus professores que, em momentos difíceis, o incentivaram a terminar o segundo grau, e ingressar numa faculdade. E não só, descreve ele que, “*(...) estou na educação justamente por sentir pertencente a este mundo e querer retribuir de alguma forma sabe? tentar corrigir algumas injustiças que eu sofri na escola*” (TOGO, 2020). As injustiças ditas por Togo (2020), se referem a situações de homofobia²⁴, preconceito racial e discriminação racial²⁵ que experienciou na escola na infância em fase juvenil, seja por ser negro e/ou gay.

Gâmbia (2020), é uma jovem negra, hétero, cisgenero e tem 27 anos. É a caçula de três irmãos. Atualmente cursa o ensino superior – área de turismo, atua a dois anos, como consultora de vendas de materiais de limpeza, em uma empresa de atacado, e mora com três pessoas – sua renda per capita gira em torno de um mil reais. Seus pais, sempre foram “*trabalhadores assalariados*” (palavra de Gâmbia, 2020) e envolvidos em movimentos sociais, mormente sindical e racial. Tal inserção não a fez escapar das discussões políticas – desde cedo foi envolvida nestes movimentos. Assim, este lugar foi de extrema importância em sua vida. O pai exerceu a função de pedreiro por algum

²⁴ Oliveira (2017) mulher negra e travesti, professora e pesquisadora, contribui com o tema ao discutir, da maneira como ela mesmo diz: “*(...) fazer intersecção entre homofobia e racismo no Brasil ainda é uma novidade*” (OLIVEIRA, 2017, p. 86), fornecendo discussões de como os dispositivos de raça e sexualidade se manifestam no percurso de vida das gays afeminadas, viados e bichas pretas no espaço escolar. A autora, analisou de modo interseccional os dispositivos destas identidades que fogem a norma cis heterossexual. Com base na obra de *Michel Foucault* e outros marcos teóricos, ela constatou que a homofobia é um dispositivo de poder, e se manifesta na escola de modo explícito, por práticas, discursos e atitudes. Ela compõe a linguagem diária de estudantes e professores por meio de – apelidos, chacotas, piadinhas e violências físicas e simbólicas. Como dispositivo de poder – garante a condição de inferioridade da **bicha preta**, sendo interpretado como patológica, uma identidade que é entendida como defeituosa (OLIVEIRA, 2017, grifos nosso).

²⁵ Embora as categorias **preconceito racial** e **discriminação racial** serem fenômenos bastante relacionados – tendo origens no saber médico-científico, ambas funcionam de modo bastante singular (OLIVEIRA, 2017, grifos do autor). O **preconceito racial** diz respeito a opiniões e julgamentos de indivíduos que pertencem a grupos raciais baseados em estereótipos pré-concebidos, que podem ou não ser (em) dito(s) e/ou praticado(s). Já a **discriminação racial** é o tratamento diferenciado de indivíduos a grupos raciais identificados (ALMEIDA, 2019, grifos do autor).

tempo, e depois foi para a função de armador – atuando no porto de Vitória (ES). A sua mãe, de modo contínuo, desenvolveu a atividade de empregada doméstica.

Sua infância e juventude ocorreram no município de Cariacica (ES), local onde ela denomina de “*periferia*” (palavra de Gâmbia, 2020). Desde a infância foi socializada, como “*morena*” (palavra de Gâmbia, 2020), mesmo naquele momento, o termo não embutia tantas explicações, a única ilustrada, era por não ter a pele tão retinta (pigmentação de melanina na pele mais acentuada). Um tempo mais tarde, teve sua formação básica – fundamental e médio, realizada numa escola local particular, onde protagonizou, segundo ela, um período da dita “elite” cariaticuense, com padrões estéticos e financeiros socializados pela instituição escolar. Gâmbia (2020), explica que atualmente se considera uma mulher livre, “(*...*) *sou uma mulher negra livre empoderada (...)*” (palavras de Gâmbia, 2020), e que, agora inabalável ressignificou as experiências vividas até aqui, e aprendeu a lidar com suas crises internas de insegurança, tendo como porto seguro sua família e verdadeiros amigos.

Angola (2020), é natural de Belo Horizonte (BH/MG), se autodeclara preto, gay cis gênero, possui 27 anos, é universitário – cursa licenciatura em história numa universidade pública federal no sudeste do Brasil, e não tem filhos, possui renda em torno de um mil e quatrocentos reais. Sua infância e parte da juventude ocorreram na periferia de BH, estudou sua maior parte em escolas públicas, e quando particular – na condição de bolsista integral. Possui o olhar afável a questões políticas, e flexível ao debate, por este motivo na atual universidade, é atuante em movimentos estudantis – compõe a gestão de um Centro Acadêmico (CA), por isso, desenvolve uma participação ativa, sobretudo nas discussões de raça. Sempre sorridente (no momento da entrevista ouvi gargalhadas) ao falar da sua família biológica, demonstrando que possui uma relação afetiva e harmoniosa. Atualmente na capital Vitória (ES), reside com outra. Numa república, compartilha as vivências de ser um negro universitário com outros jovens. Mas afirma que, quando pode, retorna a BH para rever seus familiares.

Chade (2020), se autodeclara mulher preta, possui 20 anos, sem filhos. Atualmente é estagiária numa instituição pública municipal e cursa o terceiro ano de Artes Visuais numa universidade pública federal no sudeste do Brasil. Destaca que, no atual semestre (2020/1), devido aos custos (condições de infraestrutura), encontra-se com a matrícula trancada, por não poder se manter minimamente no período da pandemia. É natural da Serra (ES), município que reside atualmente. Lá, cursou toda a escolaridade

básica, só veio transitar para a capital Vitória (ES), quando ingressou na universidade. Desenvolve sua atividade de trabalho e política num terreiro de Umbanda – religião que faz parte já faz dois anos e meio, tal relação projetou sua compreensão especialmente para sua sexualidade e política. Sobre isso, Chade (2020) disse o seguinte,

“(...) eu sou da umbanda e eu trabalho dentro da umbanda. O trabalho no terreiro de umbanda tem me ajudado muito em relação a descobrir a sexualidade e saber sobre atividades políticas, mesmo sabe? Porque amanhã ele já é muito político, eu não tenho como você sentar, uma coisa da outra porque é uma religião que tá muito ligada da sexualidade aos povos originários da terra. Enfim, tudo isso e quando se fala sobre eu ter alguma atividade política eu logo penso na religião né? porque tem aberto muito a minha cabeça em relação a isso”. (JP CHADE, 2020)

Após este momento, o diálogo ficou mais informal – houve um “quebra gelo”, Chade se sente mais à vontade e compartilha que recentemente mudou-se da casa (dos pais), residindo ainda na Serra (ES), porém com a sua companheira – uma mulher lésbica que, segundo ela é “*lida como branca*” (palavras de Chade, 2020) que também é integrante de movimentos sociais populares. Hoje ela vive um relacionamento não oficial, “(…) *eu não tenho não tenho um papel que prove isso, mas assim eu sou casada eu e a minha esposa a gente mora junto e a gente tá num relacionamento faz um ano e pouco*”. Para Chade (2020), de criação católica, a umbanda - religião que está hoje, é concebida como um divisor de águas para a sua ampla compreensão de mundo.

Benin (2020), é uma mulher preta, possui 28 anos, é natural do interior do Espírito Santo e residiu parte de sua infância por lá. Com seis anos de idade, foi para Vitória (ES) vivendo sua juventude, e atualmente mora há um ano, em Juiz de Fora (MG). Formada em publicidade e sem filhos, hoje atua como designer numa empresa local, possui renda per capita em torno de um mil e duzentos reais. Afirma que, no percorrer de sua formação já trabalhou em vários lugares, a que se destaca, foi uma empresa de telemarketing e como “*marqueteira*” (palavra de Benin, 2020) em uma campanha política.

Ruanda (2020), uma jovem preta, tem 21 anos, reside no bairro Resistência na capital Vitória (ES) com os pais, possui renda per capita em torno de novecentos reais, e estudante de serviço social de universidade pública federal no sudeste do Brasil. Se assume, enquanto, mulher preta e periférica LGBTQIA+, a primeira de seu núcleo familiar, de parte de duas gerações familiares (mãe e pai), a integrar a educação pública e superior. Quando questionada, como se sentia com este feito? se havia alguma responsabilidade. Ruanda descreve que, é resultado de muitas lutas de mulheres pretas e periféri-

cas que enfrentaram diversas violências para ela estar naquele espaço. Neste momento, há uma pausa – levou alguns minutos para que Ruanda (2020) terminasse a frase, [ao fundo alguns suspiros]. Após longa pausa, Ruanda (2020) relatou o seguinte: “(...) *eu acho que é isso é muito difícil responder essa pergunta (...)*”. E continua, a dizer que: “(...) *minha mãe e minha avó tiveram trajetórias muito difíceis para que hoje eu uma mulher preta também periférica LGBTQIA+ pudesse estar nos espaços que eu acesso (...)*”. A respeito desta posição, Ruanda (2020) julga ser importante ser integrar a atividades políticas, sendo bastante envolvida em espaços de discussão, de pautas LGBTQIA+ e de mulheres negras.

Senegal (2020), é um jovem negro, gay, cisgenero tem 22 anos, natural de Vitória (ES) tendo sua infância e juventude na capital, foi estudante de serviço social, em busca de um sonho trocou de curso, agora realiza bacharelado em psicologia, em uma instituição particular localizada em Vitória (ES). Descreveu que por algum tempo escondeu sua sexualidade, “revelando” a sua família sobre sua orientação sexual, situação que no início resultou em diversas brigas familiares, que mais tarde, com o tempo, elas diminuíram. Atualmente reside no bairro nova palestina, no município de Cariacica (ES) com o seu companheiro.

Quênia (2020), é uma jovem negra de 22 anos, que reside com a família – composta por seu pai, mãe e sua irmã, no bairro morada de Laranjeiras no município da Serra (ES), possui renda per capita de três mil e quinhentos reais. Sua infância se deu na Serra (ES), lá estudou toda a educação básica, até o ensino médio numa escola particular na condição de bolsista. Findando parte do ensino médio, é aprovada no curso técnico de uma instituição federal no sudeste do Brasil, cursando a modalidade concomitante. Ao término deste curso e do ensino médio, realizou novo processo de seleção, e foi aprovada novamente, hoje estuda na mesma instituição, porém na modalidade subsequente. Desenvolve como atividade de trabalho, o cargo de estagiária, numa empresa pública estatal de economia mista, que tem como objeto captar, tratar e distribuir, bem como a coleta e tratamento da água.

Estes, são os jovens negras (os) desta pesquisa e um breve contexto de suas características. Todos eles viram eventos que certamente outras gerações não experienciaram, sobretudo passagens com o advento e ampliação das políticas sociais. Entretanto, é importante analisar que caminhos, preocupações e são estas diferenças, a importância da socialização política, e qual o entendimento destes jovens sobre o conceito de participa-

ção política. No próximo subtópico, se analisa a trajetória de participação política da juventude entrevistada.

4.3.2 Trajetórias de Participação Política da Juventude Negra

Como já citado na revisão de literatura, no Brasil há uma diversidade dos espaços de participação política da juventude (BADARÓ et al. 2011; SOARES, 2012; OLIVEIRA, 2016a; 2016b; CABRALDOS SANTOS; HAJIME YAMAMOTO, 2018). Entretanto, há uma tendência que a participação política da juventude negra, se localize, em regra, nos espaços não institucionais, devido ao contexto histórico de desigualdades do Brasil. Isso se dá, dentre outros fatores, pelo acesso tardio da população negra à educação e bens socioculturais (SAVIANI, 1999; SOUZA, 2017). Essa premissa, aos jovens desta pesquisa foi constatada em suas trajetórias. Aqui, se observa suas inserções em contextos institucionais; e com maior ênfase em espaços não institucionais; e outros que não ocupam firmemente nenhuma ação e/ou movimento social. Assim como, deve-se salientar que, estes espaços refinam e norteiam a totalidade do mundo destes jovens negros, sobre o que é participar politicamente.

Nesta pesquisa, como já explicado, o conceito de participação política é estabelecido como, originário e relacional de ambas esferas, a Sociedade Civil e o Estado (PIZZORNO, 1966). Esta compreensão ao sujeito é influenciada pela sua interação, ação instrumental ou ato de trocar ao compartilhar suas experiências em seu cotidiano (SCAFF, 1975). Assim, a participação política é fenômeno das relações que ocorrem de modo multidimensional, se estabelecendo tanto no contexto estatal, assim como, fora dele, valendo-se do protagonismo dos ativismos e movimentos sociais. A definição acima apresenta dimensões individuais e sociais, tanto que, para evidenciá-la utiliza-se aqui, a abordagem psicossocial de Sandoval e Silva (2016), a compreensão do eu em relação ao contato com outros grupos.

As trajetórias da juventude negra entrevistada, se constituem de discursos envolvidos por sentimentos e emoções. Há uma busca da compreensão de suas identidades, e ao mesmo tempo depoimentos sobre “crises pessoais”, advindas da relação com a família e/ou experiências afetivas. Houve momentos de silêncio (reflexão, emoção, desabafo, raiva) em que, indagavam não reconhecer o espaço que partilham como espaços políticos, e sim outros, como um local de encontro para discutir algo esporádico. Nos relatos,

foi possível perceber como o “estilo de vida”, acessos a bens sociais e materiais, irá influenciar nesta trajetória, ou promover de certa maneira o afastamento aos espaços de participação política. Fato que demonstrou a literatura, ao apresentar pistas de que, as juventudes negras se inserem nos debates cívicos, por estarem envoltos e contestarem a ausência de políticas sociais, denunciam genocídios, e lutam contra a injustiça social causada por conjunturas políticas enraizadas sob contextos culturais (ARAÚJO, 2016; VALLE, 2017; PRADO, 2017; HOPE; SPENCER, 2017).

Após o “aquecimento” – derivado das questões que mapearam compreender as características dos participantes da pesquisa, similar ao que ocorre na entrada do Bekoo das Pretas – quando os jovens socializam para se conhecer. O pesquisador aprofundou num ponto central da pesquisa, em compreender o que esta juventude entende sobre participação política, com a introdução da seguinte pergunta: “*O que você entende por participação política?*”. Dessa forma, o objetivo foi analisar a trajetória de participação política, discutindo um conceito interdisciplinar com base no marco teórico de Sandoval e Silva (2016), assim como, os autores base do marco analítico, analisaram esta compreensão. Com isso posto, como a juventude lida e entende a participação política?

“(...) Eu entendo que para nós negros né? Nós mulheres negras periféricas porque eu considero o município onde eu moro, uma periferia. O meu existir é uma participação política, o meu corpo, a cor da minha pele - a minha pele negra, o meu cabelo crespo, o meu corpo robusto com pernas grandes, seios grandes e bumbum avantajado, meus lábios. Essa foi toda a iniciação nessa questão da participação política, porque ao meu entender não tem como existir como pessoa e não ter participação política, né?”. (JP GÂMBIA, 2020)

Início com este posicionamento, começo destas trajetórias, com uma fala negra incisiva, impessoal e realista, ao descrever como se dá para Gâmbia (2020) o significado da participação política, e seu entendimento sobre a iniciação neste fenômeno social. A afirmação de Gâmbia (2020), aponta que elementos identitários são fundamentais para a participação política, no depoimento existe uma conotação que estas características podem impulsionar no engajamento para a inserção num espaço e provocar discussões sobre algo. Gâmbia (2020), a mais jovem da família, ao nascer já estava inserida num lar imerso e participativa em movimentos sociais, isso favoreceu a sua inclusão em espaços políticos, contribuiu para sua identidade enquanto mulher negra, e não só, na escolha de espaços que a recebesse com maior afeto. Nas palavras de Gâmbia (2020), “(...) *a participação política vem daí, no dia você se entender com pessoa, entende? o*

seu local que te faz sentir bem e você defender o que você acredita que aquele passo te faz bem por causa dos motivos né? que você tem (...)”. Tendo em mente os significados da realidade, percebe-se que a jovem, nas palavras de Sandoval e Silva (2016) já rompeu o chamado ciclo do senso comum.

Para Angola (2020) complementar a Gâmbia (2020), definir participação política é colocar em evidência a atuação do sujeito. Para ele, quem participa deve ser, “(...) agente político e a gente que entende minimamente no que está acontecendo no entorno (...)” (palavras de Angola, 2020). Ou seja, ser um indivíduo que possui uma participação efetiva - constante. Esta posição pode refletir justamente, por Angola (2020) atuar na gestão de um Centro Acadêmico (CA) e está frente, requerer dele responsabilidades na representação dos interesses dos estudantes do seu curso, em especial dos negros. Destaco isso, pois o primeiro convite que ele recebeu para participar da composição de uma chapa de eleições para o CA, derivou-se de uma situação muito peculiar. Em 2017, quando ele ingressou na universidade, logo foi convidado a compor uma chapa, o motivo? Nas palavras de Angola (2020), “(...) porque você é um preto que fala bem e a gente tá precisando de alguém que fala assim, igual você (...)”, esta abordagem foi dita por outros estudantes ao reconhecer em Angola um diferencial – que seria apenas dele? Enfim, a abordagem o incomodou, e de certa maneira, foi um engenho para que outros caminhos fossem traçados, diferente daquele que ele pensava ao vir para Vitória (ES), que seria concluir o curso e voltar para Belo Horizonte, uma estadia que não deveria ter qualquer envolvimento político, mas o destino reservou outro percurso. A partir daquele convite, ele decidiu se organizar para propor uma chapa majoritariamente negra na universidade, ação que logrou êxito – em 2019, eles conseguiram. Porém, atualmente encaram desafios institucionais bastantes singulares, por episódios explicados mais adiante.

Chade (2020) define que a participação política é estar sempre conhecendo as decisões políticas, em especial, as decisões governamentais que podem afetar, “*mais a vida*” (palavras de Chade, 2020) dos sujeitos. Na fala de Chade (2020), há uma restrição em reconhecer que a atuação dos movimentos sociais pode ser capaz de promover a mudança macrossocial citada por Bordenave (1994). Segundo ela, a atuação dos movimentos sociais não afeta a todos, “(...) por exemplo, se eu sou um homem branco, não vai me afetar diretamente, mas aí ele ia voltar nesse movimento político para fazer para utilizar a voz a minha voz como instrumento (...)” (palavras de Chade, 2020). Ao dizer “*esse movimento*” refere-se aos movimentos sociais – que não alcançaria a todos, se-

gundo ela. Complementa a jovem que, o “*homem branco*” pode utilizar deste movimento para atuar em seu benefício, pois conforme explicado mais à frente, em sua trajetória a categoria: homem e branco, foram elementos que definiram bastante seu percurso de atuação política.

Para a jovem Ruanda (2020), ao apontar a definição do fenômeno social participação política, verifica-se a existência de marcadores de memória política muito definidos, o que faz ela construir a sua ideologia sobre algo (ANSARA, 2009). A jovem quase sempre canaliza suas respostas da seguinte maneira: “(...) *ao que dizia ser lutas e violências, das trajetórias das mulheres que sofreram*” (palavras de Ruanda, 2020). Aqui, refere-se a memórias do passado – aliás, ela não se importa ao atrelar na explicação deste fenômeno, o sucesso colhido por ela hoje, o seu ingresso numa instituição pública federal. Entende que, “*ocupar a universidade*” (frase de Ruanda, 2020) e a sua estadia no movimento de defesa da saúde pública, não decorre à toda, é sim, fruto de conquistas de pessoas antes dela. Além disso, refleti que participar politicamente é um efeito do tensionamento que é necessário ser realizado, de lutar para que ninguém fique fora do processo decisório.

Para os demais jovens: Togo (2020); Benin (2020); Senegal (2020); e Quênia (2020), o fenômeno da participação política foi conduzida por dois elementos: 1) ora trazida por notícias do panorama atual - situações socializadas na mídia, aquelas que estão em evidência; ou 2) abordado sob exemplos poucos elaborados, localizado na vida rotineira, como aponta Sandoval e Silva (2016) no cotidiano do senso comum. Neste segundo elemento, Togo (2020) utiliza a seguinte frase para explicar o fenômeno, disse ele: “(...) *se eu vou à padaria e tem uma pessoa pedindo comida na porta da padaria, o que você vai fazer em relação aquilo é ato político (...)*”. Com este ponto de vista, foi pedido que ele elaborasse melhor sua explicação, então ele complementou: “(...) *você pode ajudar entregando o alimento para ela de imediato, ou você pode passar direto finge que não viu, e você também pode ligar para algum órgão responsável do governo para denunciar aquela*” (TOGO, 2020). Apesar de Togo (2020) ter modificado a perspectiva na sua explicação citando um, “*órgão responsável do governo*”, foi lembrado, assim como explica Silva (2007) e Sandoval e Silva (2016) ao explicar na dimensão de interesses antagônicos e adversários, a ausência de um adversário visível – que coordenasse sua explicação para a concepção desta existência (simbólica e/ou material) ao descrever o que é o fenômeno, o que demonstraria a partir de um sentimento contraditório.

rio, entre o eu, e outro grupo e/ou categoria social de modo linear (SANDOVAL; SILVA, 2016), o que não aconteceu. Razão também, que o fez fragmentar sua explicação (TILLY, 1978), usando alguns elementos e outras frações dos atores políticos – como por exemplo, “*órgãos governamentais*” (palavra de Togo, 2020), não citando quais seriam estes órgãos que atuariam, no caso exemplificado pelo jovem. Neste momento, constatei certa dificuldade na condução das respostas, e com as que vieram posteriormente. Desse modo, sugeri que continuássemos em outro dia, de modo que pudesse adequar melhor meu percurso do questionário. O jovem concordou, a entrevista foi agendada em outra data.

A jovem Benin (2020) com entrevista via pela plataforma do Google Meet, ao explicar o fenômeno foi mais direta em sua resposta, não apresentou “molduras” em sua fala, apenas disse: “(...) *então, eu acho eu acho que é muito importante para mim eu entender o que que tá acontecendo e aonde que algumas coisas da onde surgiu algumas coisas entendeu? para eu poder saber me posicionar*” (BENIN, 2020). Ao ser questionada sobre quais “*coisas*” (palavra de Benin, 2020) seriam estas, a que ela mencionou, a resposta não veio, houve um silêncio – não houve resposta. Decidi então continuar as próximas questões. O segundo jovem a ser direto em suas explicações foi Senegal (2020), que adotou a seguinte definição: “(...) *para mim aí está ativo nos movimentos de direita ou esquerda, né? movimentos populares que buscam a manutenção de políticas públicas ou contestam algumas coisas né?*” (SENEGAL, 2020). E a jovem Quênia (2020) descreveu que: “(...) *participação política é quando nós voltamos nas eleições, participação de coletivos, associações, debates sociais, manifestações, atos que lutam por uma melhoria coletiva*” (palavras de Quênia, 2020). Apesar de Quênia (2020) trazer a resposta com elementos mais elaborados, o retorno veio com um atraso de aproximadamente trinta e cinco minutos. Desse modo, a convidei para continuar a entrevista utilizando outro método contrário ao adotado – áudios de WhatsApp. Assim, migrou-se em dia posterior para a chamada em tempo real pela plataforma do Google Meet.

É importante dizer que, o caráter espontâneo, as explicações poucos complexas destes últimos quatro jovens, são trazidas por Sandoval e Silva (2016) quando se referem à realidade corriqueira, aquela que se baseia num contexto óbvio, sem significados subjetivos trazidos pela interação com o meio (SANDOVAL; SILVA, 2016). Estes quatro jovens mostraram-se em relação ao responder sobre o fenômeno, tampouco informados, ou seja, escapou inicialmente o entendimento de possuírem baixo grau do sen-

timento de identidade coletiva, e pouca ou nenhuma trajetória política – o que já havia sido confirmado por eles. E em contraste a eles, e para os demais jovens Gâmbia (2020), Angola (2020), Chade (2020) e Ruanda (2020)? Estes inseridos em diferentes contextos de participação política, verifica-se com entusiasmo que, as trajetórias nos espaços políticos os influenciaram em sua compreensão e trouxeram diversos significados sobre o mundo.

Quais os motivos apontados Gâmbia (2020) que provocaram sua trajetória nos seus grupos políticos? Atualmente ela coabita em dois espaços: um movimento nacional do movimento negro; e outro voltado a debater, as vivências das mulheres negras. Segundo ela, a dois temas de bastante desgaste nestes lugares, o primeiro é o empreendedorismo negro, e o segundo o extermínio da juventude negra. O primeiro tema, se constitui na dificuldade que a mulher negra tem de sobreviver com seus negócios num mercado onde exige capital. Segundo Gâmbia (2020), “(...) *porque o empreendedorismo no geral é um conceito branco né? Foi disseminado como conceito branco: ‘o empreendedor’, é que ele tem dinheiro para empreender*”. Com isso há uma barreira de acesso a manter negócios. E continua citando quais estratégias compartilham neste grupo para superar esta barreira, ela explica,

“(...) O empreendedorismo negro a gente não tem esse dinheiro esse começo é mais difícil, a questão de empréstimo né? O fato de ter o dinheiro que a gente começa a entender (...) como diz a minha mãe, nós somos muitas trutas né? Nós temos ideia, nós temos vários conhecimentos que outras pessoas não têm. Então, por que não ‘vender o nosso conhecimento’ e a partir do nosso conhecimento ensinar outras pessoas a fazer o que você queria o produto? O que você queria fazer para vender aí você conseguiria fazer você vai querer dois produtos: um você não precisa de dinheiro e talvez né? Nem de material quero dar a aula, o ensinar. E o segundo que é os frutos da aula que você pode vender e a partir daí criar o seu dinheiro né?”. (JP GÂMBIA, 2020)

Com o relato, é possível compreender uma consciência de que para mudar as formas do já estabelecido, “empreendedorismo branco [sic]” (citado por Gâmbia, 2020) é preciso também se adaptar a ele, alcançando objetivos a partir da oferta ao mercado, do conhecimento que possui apenas o empreendedor negro, para que, com o retorno financeiro oriundo desta oferta, ele possa financiar novos produtos/serviços.

Atrelado a este tema, o extermínio da juventude negra, é outro assunto que motiva sua participação. Segundo ela, existe uma mobilização para dialogar sobre os planos de governo, que em resumo, “(...) *esses projetos que eles têm de invés de nos levar livros comida, levam armas e helicópteros com a polícia para nos exterminar a gente*

tenta o diálogo às vezes até acredita que somos ouvidos, mas no final não é isso (...)” (GÂMBIA, 2020). Aqui, destaca-se uma forte influência do conceito de identidade social e identidade política de Prado (2002) quando o sentimento do Nós-Eles é demarcado por Gâmbia (2020). O “eles” citado por Gâmbia (2020), é o Estado e seus órgãos responsáveis pela segurança pública. Ao fim, o papel da memória que abre o enunciado da jovem aponta para o conceito de identidade coletiva trazida por Salvador e Silva (2016). Aqui, percebe-se que ele foi capaz de alterar os hábitos e valores, como apreendido na ideia compartilhada pelo grupo sobre o tal, “*empreendedorismo branco*”.

A existência destes caminhos em ambos espaços constituiu Gâmbia (2020) para o ideário que não existe hierarquia, para ela todas (os) possuem igual importância e lugar de fala, “*(...) eu participo como mulher negra colaboradora de ideias e pensamentos (...)*” (frase de Gâmbia, 2020). Este ponto de vista abrevia ao fato dela justificar sua participação no grupo, quando aponta para uma semelhança entre as pessoas, um movimento que promove um sentimento de felicidade, ao atingir, por exemplo, um resultado de alguma ação que resulta a um benefício coletivo. Para ela, “*(...) vão me fazer sentir melhor não apenas a mim como outras pessoas próximas a mim, ou pessoas não próximas que têm o mesmo tipo de dificuldade que eu (...)*” (frase de Gâmbia, 2020). Este trecho, marca uma reflexão sobre preocupar-se não só individual, mas partindo dele, para entender todo aquele universo coletivo.

A participação em ambos os espaços, segundo ela, é definida como um momento de estar junto com outras pessoas para pensar a questão política, para defender o seu posicionamento. Para isso, estas ocasiões se estabelecem como, “*(...) a parte do colaborar em reuniões questão de ata, de levar os pensamentos de dar sugestões sobre as situações, correr atrás de resolver algumas pendências (...)*” (GÂMBIA, 2020). Mas não se reduz apenas a discussão com protocolos definidos, como ela mesmo diz: “*(...) atos mecânicos, atos frios, e sim a questão do afeto do estar junto aos seus aos próximos (...)*” (GÂMBIA, 2020). Em outros momentos, compartilham pela via cultural e promovem encontros criativos, por exemplo, o sarau cultural que devido a pandemia do Covid-19, teve suas dinâmicas alteradas para o modo virtual nos anos (2020-2021). Neste sarau há momentos de reflexão, reclamação, assim como, teatro, dança, música, declamação de poema, “*(...) um evento de resistência, um evento com microfone aberto*” (frase de Gâmbia), o evento ocorreu assim durante todo o período de escrita desta pesquisa.

Em contraste, a trajetória de Chade (2020) carrega uma história cheia de significados onde o sagrado e político atravessam. Aos 13 anos, decidiu sair da igreja católica, se sentia mal devido aos assédios vividos, segundo ela: “(...) *na verdade é porque tinha uma pessoa, tinha um homem lá que eu sentia, eu tinha a sensação de que ele ia abusar de mim a qualquer momento porque ele me olhava no jeito muito bizarro (...)*” (palavras de Chade, 2020). Foi este homem mais a perda da identificação de alguns valores contribuíram para que Chade (2020) buscassem novos caminhos. Num intervalo sem religião, mas acreditando na existência de Deus, aos 16 anos após realizar um trabalho escolar no ensino médio surgiu o interesse em conhecer a religião de matriz africana – ela visitou uma comunidade de terreiro²⁶. Lembra Chade (2020) com sentimento de tristeza daquele trabalho, dizendo: “(...) *eu não tinha conhecimento, não falei por mal, mas é muito difícil. Você tem uma informação da internet de uma religião de matriz africana porque é uma coisa que se passa por oralidade e que tem um conhecimento muito oral (...)*” (palavras de Chade, 2020). O trabalho resultou num material repleto de informações rasas, preconceituosas, momento de sua vida, que ela não se orgulha.

Em meados dos seus 18 anos, já na universidade foi convidada por uma amiga a visitar um terreiro de umbanda, ela se afeiçoou ao local, iniciando naquele momento seu início na religião. Começou a trabalhar por quase dois anos (a jovem tem o poder de mediunidade – ela é médium), estava convicta de que, ali seria acolhida e respeitada. Porém, relatou que aos poucos as práticas foram se revelando naquele terreiro, para situações que apontaram ser de racismo, explicando: “(...) *por motivos de racismo mesmo, ser bem honesta com você (...)*” (palavras de Chade, 2020) circunstâncias que afetaram sua saúde mental. Para ela, estas práticas são resultado do processo de embranquecimento da umbanda. Ela disse assim, “(...) *a religião ela constantemente ela tá sendo apagada (...) assim a pessoa branca, ela entrou dentro da religião, ela pega todos os arquétipos (...), ela pega o poder de cura, ela pega a identidade esquece de onde o orixá vem (...)*” (palavras de Chade, 2020). Após estes episódios, ela se afastou dos trabalhos da casa parando suas atividades de mediunidade no terreiro. Neste momento da

²⁶ Nogueira (2020) define Comunidade Tradicional de Terreiro (CTTro) como um espaço legalmente constituído como parte da identidade nacional, tem origem africana, que mantém saberes ancestrais africanos. De origem quilombola, o lugar é constituído como (re) existências, **espaço político**, território de deuses e entidades espirituais pretas. Neste lugar, existem diferentes práticas de religiosidade, que agem, ao mesmo tempo, de modo terapêutico e sócio-histórico-cultural. As bases destas práticas voltam-se aos saberes do Continente Africano (NOGUEIRA, 2020, grifo do autor).

entrevista, Chade (2020) pausa o diálogo por alguns minutos, e logo em seguida, envia um longo áudio contando o seguinte,

“(...) Eu tava pensando aqui agora como que entra esta questão da religião de matriz africana dentro desse movimento político e dentro dessa questão de inserção na sociedade porque eu fico pensando que o papel do terreiro é além de prestar o trabalho espiritual. Ele vai prestar, ele precisa de prestar esse trabalho para comunidade porque a igreja evangélica para esse trabalho sabe querendo ou não a igreja evangélica tá lá na cracolândia, todo dia dando marmita dão comida nem que seja para evangelizar e consegui um fiel. Mas tá bom. Então, é muito complicado acho que o papel do terreiro é fazer a caridade fora do terreno por que fazer a caridade dentro do teu é muito fácil é muito conveniente”. (JP CHADE, 2020)

No relato, a jovem apresenta a importância social que possui para ela o terreiro, trazendo elementos que fogem daqueles socializados pela margem, dos sujeitos que não participam do espaço, ou que conhecem apenas pela mídia. No início de 2020, Chade (2020), recebeu um convite para outro terreiro, em vistas a este novo local conversou com o pai de santo e com a mãe pequena, e após confirmação do seu guia espiritual (caboclo) migrou para este novo terreiro, permanecendo lá até então. Neste novo espaço, as ações são totalmente distintas da casa anterior, ela disse assim,

“(...) nessa casa são pessoas que tenham a consciência política muito grande a gente sempre conversa muito sobre isso sobre como que não adianta você, por exemplo, você recebeu um espírito de um caboclo dentro de um terreiro, você trabalhar com ele, você receber todo a instrução de cura de trabalho espiritual de trabalho de saúde que aquele caboclo vai te dar. Mas você vota numa pessoa que ela é contra a demarcação de terra indígena, você apoiar incêndio no pantanal ao sabe você achar que só coisa irrelevante. Então, você precisa de ter uma consciência política que vá de acordo com a religião sabe você não tem como você receber um espírito de um preto velho que é um ancestral (...)”. (JP CHADE, 2020)

Segundo ela, não pode haver contradição daquilo que é essência da religião para os sujeitos que possuem dons e lidam diretamente com as divindades, ela disse: “(...) *quando você trabalha dentro de um terreiro você precisa sempre de ter essa consciência*” (palavras de Chade, 2020). Em outras palavras, a relação que Chade (2020) possui são valores que perpassam os muros do terreiro, é concebida também nas práticas do seu cotidiano, uma atenção necessária, que a torna justamente membra daquele espaço. Para Chade (2020) não há espaço para fenômenos como racismo e machismo na umbanda, pois a concepção da religião é africana e matriarcal, disse: “(...) *não tem como você fazer isso dentro das religiões, e fora da religião você é totalmente seu oposto.*

Você ser racista, ser misógino, você ser sabe homofóbico, você prestar o ódio” (palavras de Chade, 2020). Porém, disse que na religião existem sujeitos que fomentam tais discursos de ódio gratuitamente, o que nos leva à dimensão de interesses antagônicos e adversários. Ao que constata, a existência de diferentes interesses individuais na sustentação deste lugar – seja operando pelo valor simbólico do discurso como apontado por Chade (2020). Ou seja, diferentes sujeitos desejam partilhar este lugar, mas há uma disputa constante de narrativas de poder, que constrói o lugar do subalterno – como o lugar da mulher, e o lugar do dominador – aquele que dita as regras, rituais, comportamentos, um dos motivos que justamente fez a jovem se afastar do seu primeiro terreiro.

Em próxima questão, sobre os desafios do movimento umbandista, Chade (2020) aponta o tema da intolerância religiosa, que grande parte da sociedade ainda tem contra os rituais, e também na posse de um espaço físico (sede própria), pois a atual casa que compartilha é um espaço transitório (alugado). Para ela, existe uma certa dificuldade ao buscar o local, pois quando explicam ao comprador que o terreno será utilizado para constituir um terreiro de religião de matriz africana, as portas logo se fecham. Em alto e bom tom se alinhando ao sentimento de indignação, ela falou, “*o racismo religioso [sic]*”²⁷ (palavras de Chade, 2020) logo aparece.

Em outra situação similar à de Chade (2020), vivida por Angola (2020), após o ingresso na universidade, alimentou sua ideia de pleitear uma candidatura de uma gestão no CA majoritariamente negra, perfazendo sua trajetória recente aqui no Estado. O percurso começou em 2018, quando ele ingressou numa chapa mista – composta por estudantes de diferentes posições políticas (esquerda, centro, direita), naquele momento, ele se consolidou e realizou alianças. Em 2019, correspondendo a uma demanda simbólica, Angola (2020) registra sua candidatura com mais 13 estudantes negros e 2 não negros, a atual chapa vence as eleições. Sobre a vitória, Angola (2020) relata que ela veio como surpresa, pois o seu curso, segundo ele, com aproximadamente, “*1615 matriculados*” (palavras de Angola, 2020), é majoritariamente de alunos não negros. Assim como

²⁷ Como uma das explicações teóricas para o fenômeno, Nogueira (2020) descreve que, o **racismo religioso** tem origens históricas, e possui base na **intolerância religiosa** – que se constitui uma das tragédias de grandes nações mundiais, como: inquisição, caça às bruxas, apartheid e organização de campos de concentração, por exemplo. Seguindo o fenômeno da discriminação racial, o **racismo religioso** está baseado na expressão, prática e ação da superioridade de uma religião (branca, hegemônica) sob a outra. Neste caso, não só afirmar ser inferior as religiões que cultuam tradições da religiosidade africana, mas prejudicá-las – silenciar, apagar, excluir, seja pela prática criminosa, ou não. Aponta também que no Brasil, o **racismo religioso** encontra no seio do processo colonizador, e afirma que se constitui também como um projeto político e de poder que se aliaram com vistas a demonizar tudo que é negro, incluindo o CTTro (NOGUEIRA, 2020, grifos do autor).

Gâmbia (2020), para Angola (2020), os membros da nova gestão do CA entendem constituir um espaço sem hierarquias, ao se referir sobre como se estrutura o CA. Ele disse: “(...) a gente ia abolir essa cadeira de presidente a gente não abriu esse cargo de presidente do centro acadêmico, somos todos os diretores com funções diferentes” (palavras de Angola, 2020). Ele descreveu com paixão que, desse modo, a gestão do CA fluirá, e todos empenharam melhor o seu trabalho.

Em outro momento, Angola (2020) confessa que, os maiores desafios dessa trajetória são institucionais – a relação do CA com o departamento do curso, ele descreve esta relação com sentimento misto de tristeza e alegria. Aos olhos dele, até “*ontem eles*” (palavra de Angola, 2020), se referindo ao departamento do seu curso, estavam acostumados com o diálogo, segundo ele: “*com distanciamento e desdenho*” (palavras de Angola, 2020), com os estudantes não negros. E hoje, eles precisam lidar com uma chapa majoritariamente negra, o que torna a relação com mais atritos. Ao detalhar sobre esta triste relação, ele cita um exemplo, “*(...) as diretrizes, os documentos que a gente escreve tem que ser impecáveis e não podem ter nenhuma brecha de erro. É assim que a gente consegue ser respeitado e ouvido. Então, nosso maior desafio é esse mesmo*” (ANGOLA, 2020). O curioso é que, segundo ele, tal fato não ocorria com a outra gestão. Por outro lado, com alegria descreve que, a nova gestão do CA vem realizando ações de representatividade propondo discussões sobre raça. Sobre isso, ele falou assim, “*(...) a gente fez um cine debate em relação a negritude e representação do corpo negro foi bem interessante*” (ANGOLA, 2020). Ele complementa dizendo que, para o ano de 2020, novas ações estavam previstas, porém, foram canceladas até o momento, devido a pandemia do Covid-19.

Assim como Angola (2020), para Ruanda (2020) o espaço universitário implica não apenas um lugar de aprendizagem, mas também, a recrutou para ressignificar sua história de vida, por meio dos espaços políticos ofertados por lá. Tal como verifica-se na pesquisa de Palassi, Martins e Paula (2016). Sobre esta pesquisa, as autoras constataram que existem num ambiente universitário instrumentos participativos que contribuem na construção de diversas consciências, seja este, um espaço que garante oferecer percepções ao estudante – dando condições a leitura crítica sobre o lugar, ou não. Assim, verifica-se como na pesquisa de Palassi, Martins e Paula (2016), que para ambos os jovens, Angola (2020) e Ruanda (2020), ficou do mesmo modo comprovado que, estes espaços dentro da universidade têm cumprido seu papel de transformação. Entretanto, como

revelam as autoras, ainda há carência de observar que ações concebidas por gestores com olhar a estes espaços, que ultrapasse a formação curricular, e que contribua para outras dimensões, como a cidadania (PALASSI; MARTINS; PAULA, 2016).

Neste contexto, ao ingressar na universidade, Ruanda (2020) logo buscou espaços de participação política. Nesta busca, se tornou membra e bolsista de um grupo de pesquisa - que discute temas, como: Estado; movimentos sociais; práticas sociais; instituições públicas, que certamente a influenciou na participação do movimento em defesa da saúde pública – na luta em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), movimento externo a universidade que integra hoje. A quase um ano ela compõe este grupo que possui como foco discutir a saúde pública. Como tão universal e complexo é o tema, pois as discussões perpassam diversos setores da sociedade, nossa jovem possui maior atenção às discussões sobre saúde mental. Isso talvez seja porque, hoje ela atua como estagiária num órgão público que atende pessoas com transtorno mental, sua atuação no grupo possui um papel definido.

Ao ser questionada sobre o que realiza de fato no movimento, ela de forma pragmática respondeu, “(...) *eu sou mais da equipe da comunicação, né? Faz parte mais da comunicação responsável pelas redes sociais do movimento social, e também pela divulgação pela construção de algumas atividades nas redes sociais*” (RUANDA, 2020). Isso não significa ausência de identidade coletiva, pelo contrário, ficou evidente que o grupo possui tarefas bem definidas. Entretanto, há possíveis conflitos no interior deste movimento, fato que ficou comprovado quando Ruanda disse, “(...) *é um grupo que tem uma questão muito geracional*” (palavras de Ruanda, 2020). O pesquisador perguntou: *explica melhor sobre esta “questão”?* A jovem continua, e revela: “(...) *na luta da saúde há muito tempo são pessoas mais velhas, né? que tem outras formas de levar os processos de luta né? uma forma mais engessada, uma forma menos coletivizada. Eu acho que esse é o maior desafio*” (RUANDA, 2020). Desse modo, reconhece que o seu grupo concentra sujeitos muitos diferentes, justamente por estes atores terem passagens, interações em graus geracionais distintos, o que pode influenciar nas diversas formas de produzir crenças, valores, e expectativas societais. Porém, verifica-se com estas interações geracionais novas percepções, sobretudo, aquela trazida por influência das redes sociais.

No contexto ocasionado pela pandemia, requereu que os jovens ganhassem maior protagonismo, no que tange a organização dos trabalhos do movimento, que foi reali-

zado neste período de modo totalmente online – os usos das redes tecnológicas. Disse Ruanda (2020) que, “(...) *nós estamos mais conectados com as tecnologias e neste momento de pandemia principalmente a gente é muito importante nos processos porque nós estamos mais à frente*”. Portanto, ela reconhece que neste período eles foram mais atuantes, de modo que em outros momentos tão poucos. Contudo, sobre os registros que possuem sobre eventos promovidos para a juventude negra dentro deste movimento, ela disse que, “*ainda não foi organizado nenhum*” (palavras de Ruanda, 2020). Ou seja, não conseguiu citar nenhuma ação, ou se houve a ação. E complementa, “(...) *não foi desenvolvido nada cultural e alusivo não. Para chamar atenção dos jovens foi pensado numa parceria com os movimentos sociais aqui de Vitória*” (RUANDA, 2020). Para cumprir as discussões do SUS e outros temas da saúde pública, a jovem segue neste movimento que se apresenta configurado conforme o sistema que luta em defesa, sendo complexo e composto por muitas gerações.

Para concluir parte do “aquecimento” foi levantado a seguinte questão: “*O que você acha da participação política da juventude negra no estado do Espírito Santo? Explique*”. Estes jovens ao descreverem a análise sobre o panorama da juventude negra, afirmaram que, a vida política é uma vida de compromissos, e verificam que tais compromissos a juventude negra assume, porém com dificuldades. Tal fato é justificado pela necessidade de estarem em busca de sua sobrevivência, seja esta, por fatores causados pelas diversas violências, quando dizem, “(...) *quando você é jovem e negro você tá ocupado em não morrer né?*”. Assim como, “(...) *a polícia ela pode te matar a qualquer momento*” (palavras de Ruanda, 2020). Ou “(...) *é sobre isso porque você tá, quando você é uma pessoa jovem e negra você tá consequentemente preocupado e não morrer sabe? não ser preso e não cair dentro de um tráfico e não cai dentro de prostituição e não sofrer racismo sabe? (...)*” (palavras de Chade, 2020).

A ausência da participação política da juventude negra, pode ser expressada no relato pronunciado por Chade (2020), que contextualizou um momento ainda recente em sua memória, ocorrido em meados de dezembro de 2020 (ano entrevistado). Abaixo, discorre-se um longo relato dito por ela (foi necessário mantê-lo na íntegra devido a unidade de contexto),

“(...) Assim, eu vou citar um exemplo de que aconteceu comigo ontem, não antes de ontem. O que aconteceu, a minha esposa estava voltando do trabalho, ela trabalha até umas 3 horas da tarde no sábado e ela geralmente volta de uber, né? do trabalho porque ela mora perto do trabalho. Mas nesse dia específico ela resolveu passar pelo terminal de laranjeiras. Quando ela tava descendo do ônibus, ela estava com a minha mãe, a sogra dela. Tipo assim,

aconteceu uma confusão, ela e minha mãe disseram que aconteceu uma confusão e entrou uma pessoa no terminal correndo com o braço todo ensanguentado, o braço rasgado parece que tinha sido esfaqueada e essa pessoa era uma mulher trans, era negra. O que aconteceu? entrou no terminal fugindo de alguma pessoa, e ela bateu muito nessa pessoa que ela tava, que ela tinha sido esfaqueada, mas essa pessoa acabou fugindo né? Eu não sei se essa pessoa é uma pessoa negra também, enfim, não importa também, pouco importa o motivo da briga ou o motivo da discussão. Quando a minha esposa desceu do ônibus, já estava acontecendo isso já. E tinha muitas pessoas em volta porque ela tava com uma fratura exposta e tava sangrando muito ela tava perdendo muito sangue estava jorrando sangue (isso eu não sei porque eu não tava lá) mas foi uma cena horrível pelo que minha esposa me contou e ela tava numa situação de muita vulnerabilidade. Ela estava alcoolizada sabe-se lá, por qual motivo também não importa, e ela é uma pessoa que está em situação de rua, se ela não tava bem vestida, não tava limpa, e é mais um motivo de preocupação. Porque para você ser uma pessoa negra você acaba na situação de rua é muito mais fácil do que uma pessoa branca. Mas quando você é uma pessoa trans, e você é uma pessoa negra e você é mulher, para você acabar na situação de rua é muito fácil e depois ela me contou a história dela. Mas enfim, o que aconteceu? várias pessoas se reuniram e ninguém fazia nada, sabe? ninguém ajudava ela, e ela não me deu resposta perdendo muito sangue e sabe tem um surto e todo mundo assim as pessoas em reunião ninguém fazer nada - minha mãe foi uma das pessoas (a minha mãe ela é branca e a minha mãe saiu foi para casa ela falou com a minha esposa assim ah eu tenho que ir porque eu tenho que trabalhar depois tá bom e foi) foi embora e falou assim com ela não se envolve nisso não, isso aí é briga tá bom? E a minha esposa, ela entrou no meio e começou a ajudar a pessoa. Começou, a tipo assim, ajudar ela recuperar consciência sabe porque ela tava no estado de surto, tava no estado de muita fragilidade e ninguém fazia nada. Teve uma pessoa que consequentemente é uma pessoa em situação de rua também, né? que eu conversei com essa pessoa depois, ela foi e tirou a camiseta, era um homem, tirou a blusa rasgou, essa pessoa que tava com braço rasgado para espantar o ferimento isso até o socorro chegar. Alguém chamou o SAMU, até o socorro chegar demorou muito tempo. Mas aí a polícia chegou primeiro. A polícia sempre chega primeiro, sempre chega, sempre chega primeiro impressionante! Aí a polícia chegou foram extremamente truculentos com ela extremamente Transfóbicos foram racistas com ela sabe tipo não de falar alguma coisa, mas o comportamento porque se fosse uma pessoa branca isso não estaria acontecendo sabe? Se fosse uma pessoa que és, isso não estaria acontecendo e foram extremamente Transfóbicos com ela. Eles ficavam falando: - não esse aí não morre não, deixa Tangará mesmo, e tipo fazendo chacota com ela, e nisso, nesse momento a minha esposa me ligou e falou: ... vem para cá urgente porque tá acontecendo essa situação preciso que você venha logo urgente preciso de ajuda aqui porque se eu não tivesse aqui essa pessoa ela estaria morta já, a polícia ela mata mesmo sabe e principalmente quando uma pessoa Trans uma pessoa negra. E essa pessoa tinha muita consciência porque ela sabia que ela falava alcoolizada ela falava com os Policiais: É porque vocês estão me tratando dessa forma é porque eu sou negra? é porque eu sou travesti? Tipo assim, ela falava mesmo porque ela tem muita consciência. E os policiais, tipo assim, eles eram extremamente escrotos com ela sabe? muito muito baixo o único policial que não era assim era o sargento, mas ele não fazia nada para fazer com que os outros policiais parassem de fazer isso com ela, e ela por habitar em situação de vulnerabilidade ela não conseguia se defender, e ela não queria entrar no carro da polícia porque a gente já sabe, porque se ela entrasse no carro da polícia eles vão arrumar um jeito de prender ela, pode machucar ela, de bater nela, de matar ela, o que seja. E ela não queria entrar no carro da polícia, e a minha esposa falando com ela: olha você precisa ir porque eles vão te deixar no hospital eu posso ir no carro da polícia com você se você preferir. Não, não vou, não vou não, vou nessa ambulância e aí ela entrou no carro da polícia. O carro da ambulância por causa da ambu-

lância, perdão, aí o que aconteceu eles ficaram lá um tempo prestando socorro para ela e recolher informações e depois a minha esposa ela foi na ambulância com uma pessoa. Chegando lá no hospital, mais transfobia da parte da administração do hospital, ficam fazendo chacota com ela, e eu e minha esposa. Eu fui para lá depois que o ônibus que eu estava lá no terminal não cheguei a ver ela nem nada, assim, mas aí depois ficamos lá até umas 8 horas da noite até ela ser liberada. E depois eu comecei a conversar com ela, comecei a saber da história dela, resumo da obra: ela tava numa situação de que ela se prostituir; ela saiu da casa da família dela por causa de transfobia; ela veio para cá recentemente a alguns meses, ela teve o celular dela furtado porque ela fazia programa pelo celular, também ela usava muito celular para conseguir clientes, e quando ela teve o celular dela roubada ela não teve mais como conseguir esse trabalho né? E ela, ficou sem dinheiro e ela teve que mora na rua, não tinha mais dinheiro para pagar hospedagem aqui, aí o que aconteceu a ela? acabou numa situação de vulnerabilidade ainda maior, porque ela teve que começar a se prostituir por muito pouco, porque ela não tinha o que comer, né? E aí ela começou a usar droga, começou a beber, começou a usar crack e acabou naquela situação, mas assim, ela é uma pessoa que, ela estudou, pelo que eu entendi ela tem ensino médio completo, estudou. Ela fala muito bem, ela conversa muito bem, não tem dificuldade de se comunicar, ela tem muita noção do que tá acontecendo no mundo, sabe? Ela tem muita noção, conversei com ela sobre música, sobre religião, e ela tem muita noção política, sabe? Ela tem muita noção política, ela sabe, mas não por ela ser de nenhuma organização, mas por ela estar dentro dessa situação de ser uma pessoa trans é uma pessoa negra, e isso faz com que ela já tenha essa noção política porque ela vive. Resumindo: quando você me pergunta assim, sabe? Ela é uma pessoa jovem, no caso ela tem 20, 22 anos ela tem quase a minha idade sabe? E é muito complicado quando você me pergunta assim? Ah! O que você acha da participação de jovens negros no movimento político?”. (JP CHADE, 2020)

Como preocupar-se em participar se socialmente estamos buscando acesso à sobrevivência? Além de outras, esta foi uma das reflexões trazidas pela jovem Chade (2020) no longo relato acima. O episódio, pode apresentar explicações do quanto a estrutura (Estado, Instituições – públicas e privadas, agentes públicos, políticas públicas) fracassou com uma jovem negra, em não oferecer aparatos institucionais e mecanismos de proteção, não a ofertando uma cidadania plena, em virtude de não reconhecer seu modo de vida e identidade que socialmente se identifica perante a sociedade. Chade (2020) denuncia o quão perversas são os cotidianos; e singulares as vivências da juventude negra, e comprova desafios estruturais balizados pelos sentimentos de ódio, nojo e abjeção. Estes são rudimentos psicossociais que influenciam nas diversas maneiras do sujeito identificar-se coletivamente, por exemplo.

Para ela, existem dentro da juventude negra singularidades das mais diversas possíveis, e que cada um jovem negro, é atravessado por presságios diferentes. Porém, ao que parece, e que há uma compreensão autodidata de todos (as) eles deste augúrio, circunstâncias de um diário corriqueiro, pois elas se repetem, todos os dias. Seja pela presunção das pessoas em criar concepções sobre quem os jovens são, ou pelos erros

institucionais do Estado, aliás, o que se aplica no caso trazido pela jovem de Chade (2020). Tal fato revela-se, quando ao se tratar especificamente sobre a juventude negra, todos eles estarem mais envolvidos sobre o tema. Contra tudo isso, afirma-se: *Vidas Negras Transvestigêneres*²⁸ importam!

Os jovens também abordam que certas dificuldades ocorrem, pela urgência dos acessos aos recursos materiais, como pronuncia a jovem Ruanda (2020). Ao explicar a ausência da juventude negra nos espaços dos conselhos, ela disse, “(...) *para estar nesses espaços se priva e é muito difícil mesmo para a gente acompanhar esses passos e que é muito difícil né? É muito complicado compor muitos espaços e ainda dá conta das demandas da vida né? material*” (RUANDA, 2020). A jovem refere-se à composição dos espaços dos conselhos estaduais de assistência social e saúde, lugar que ela está mais incluída, e ao dizer “*material*” (palavra de Ruanda, 2020) explica ser, recursos para se manter, como: vestir-se e alimentar-se, coisas que são básicas para sobrevivência, segundo ela. Em síntese, os jovens descrevem que, “(...) *eles precisam entender que a política não é só essa questão de período eleitoral*” (palavras de Ruanda, 2020); ou “(...) *tem que batalhar pelo que eu quero porque a política não é para você pensar apenas em si*” (palavras de Chade, 2020).

Nas palavras dos jovens, mesmo diante desta realidade avaliam que a juventude negra capixaba tem participado mais ativamente de espaços não institucionais, como diz o jovem Angola (2020), “(...) *são líderes comunitários, aqui que eu conheço pessoas que estão em lideranças de juventude, partidos políticos que estão envolvidas no movimento negro então eu tenho aprendido*”. E ainda nos espaços institucionais, “(...) *nos conselhos de saúde e nos conselhos de assistência eu acho que a participação da juventude negra tem sido bem efetiva e tem aumentado né o número de jovens negros nesses espaços*” (RUANDA, 2020). Os jovens também apontam limites para esta participação, em especial, quando eles envolvem riscos físicos voltando-se para a instrumentalização desta participação, o que se regressa nas quatro situações trazidas por Klandermans (1992) na ocasião de quando se luta contra as injustiças sociais, posto na dimensão von-

²⁸ Transvestigêneres é um conceito criado pela vereadora paulistana, negra e travesti, **Erika Hilton** e pela travesti ativista **Indianara Siqueira**, para englobar identidades travestis, transexuais e transgêneres (JESUS, 2019). Para melhor explicações, em 2020, Hilton foi a vereadora mais votada nas eleições municipais de São Paulo (SP) e concedeu em janeiro de 2021, uma entrevista à Youtuber e também travesti **Luisa Marilac**, e explica o conceito com detalhes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tpcgbmbd7G0&t=1984s>. Acesso em: 01 de fev. 2021.

tade de agir coletivamente, já discutida no referencial teórico. Porém, para a juventude negra, num confronto em protestos pela redução da tarifa de transporte coletivo, por exemplo, a cor da pele é uma situação que deve ser fator a ser considerado. Apontam que mesmo em condições iguais de participação, possuem maiores riscos de serem agredidos e/ou atacados em relação a um jovem não negro (a). Eles marcam para uma maior vulnerabilidade, em serem prejudicados, simplesmente por serem negros (as).

Caminhando até aqui, por meio dos documentos e entrevistas, constatou-se características de jovens muitos distintos (diferentes entre si), nos seus variados repertórios: jovens mais libertários, inclusive ao expressar seus sentimentos por palavras; e outros mais à comedidos em suas respostas, o que se verificará também nas dimensões discutidas adiante. Por se tratar de um paralelo, aliás, isso se deve pelo fato de alguns jovens estarem inseridos em espaços políticos e outros não, a compreensão sobre a participação política seguiu influenciadas pelos espaços de vivências, organizações que estão inseridas, facilidade de acessos aos bens, "*materiais*" (palavras de Ruanda, 2020). Entretanto, no que se refere a participação de negros (as) e no que se refere a raça, analisado em ambos os grupos (que participam e não participam de ação e/ou movimentos sociais) mostraram similaridades aparentes. Constata-se também, um vigor e otimismo nas palavras destes jovens, quando ultrapassam o entendimento sobre a participação política, não a resumindo apenas na busca da participação eleitoral inicialmente apontada por Milbrath (1965), verifica-se que daquele século para o atual houveram avanços significativos. Porém, existe a necessidade de busca e reconhecimento por outras plataformas.

A seguir, no próximo subcapítulo, discute-se os resultados – questões para análise de consciência política e participação política; e aponta-se alguns achados. Abro parênteses. Momento que abarca escurecer questionamentos sociais para a sociedade sobre a importância dos espaços políticos como o analisado (grifo do autor). Fecho parênteses. Sendo esta, uma das contribuições que pretende esta pesquisa. Ao leitor (a) que chegou até aqui, "bora" descer até o chão-chão-chão?

4.4 PALAVRAS DA JUVENTUDE NEGRA QUE PARTICIPA DESCENDO ATÉ O CHÃO, CHÃO, CHÃO: DIMENSÕES, CONFIGURAÇÃO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA E O “SEU LUGAR” DE ESCUTA

“Ninguém é melhor que ninguém, pelo que sei, ein!
 Por mais dinheiro que diga que tem
 Por mais riqueza que sabe que vem
 Farinhas do mesmo saco
 Partilham do mesmo prato
 Quando conhecem os mesmos fatos
 Se protegem com os mesmos tratos
 No fundo são todos fracos
 Dependentes de acordos
 Sem modos no lodo
 Enquanto eu, povo, me fodo
 No meu bairro não há esse jogo
 Subiu mais oito de novo
 E só esse mês
 Famílias esperam, mas nunca entenderam a vez
 Vários louco, é
 Eu disse
 Vários louco
 Resolvem no pipoco
 É Deus por nós
 E um contra o outro
 Subindo o morro é diferente
 Cidadão de outra visão
 E defensor só quer, mé-mé, foder com a gente
 É indecente, é angustiante
 Formar uma **mente** já conflitante
 Para que ela seja mais **consciente**
 E não se torne um assaltante
 Mas não oferecem nada decente
 É revoltante e alarmante
 Como eu me sinto impotente
 E ainda me acho importante
 Eu só quero ser decente, ser relevante
 Ser o bastante para mostrar pra nossa gente
 Que eu também vim
 (...)

Quer saber
 O que me incomoda, sincero
 É ver que pra nós a chance nunca sai do zero
 Que, se eu me destacar, é pura sorte, Jão
 Se eu fugir da pobreza não escapo da **depressão**, não
 Num quadro **triste**, realista
 Numa sociedade machista
 As oportunidades são racistas
 São dois pontos a menos pra mim
 É difícil jogar
 Quando as regras servem pra decretar o meu fim
 Arrastam minha cara no asfalto
 Abusam, humilham
 Tiram a gente de loco
 Me matam todo dia mais um pouco
 A cada cláudia morta, a cada alan morto
 Se não bastasse essa injustiça e toda dor
 Transformam adolescentes
 em um filho da puta de um malfeitor
 É complicado essa anedota, não acha?
 Mas hoje ouvirão verdades vindas dessa racha
 No rap, ego inflado
 Os cara se acha
 Mano, ninguém se encontra

E geral arrasta
 À margem de tudo a gente marcha
 Pra manter-se vivo
 Respirando nessa caixa
 Eu quero mais
 Eu vou no desdobramento
 Nem que pra isso eu tenha que formar um movimento
 E agora é apertando o comendo no empoderamento
 E eu vindo logo de bando
 Vai vendo
 Com a fral alaranjado
 Chegando no talento
 Gritando mãos ao alto
 E atirando argumento, pow
 De zona de conforto pra zona de confronto, valendo
 Isso mesmo, me chame de afrontamento”

(Tássia Reis, grifos do autor)²⁹

Tássia dos Reis Santos, Ah Tássia Reis, uma das primeiras rappers feminista do Brasil, descreve em sua música *Da lama/Afrontamento* com participação de Stefanie MC – outra mulher preta, que numa sociedade construída e condicionada por “acordos” (palavra de Tássia, 2016), ainda se incomodam com sua presença, e que mesmo diante das dificuldades da vida ela precisa construir uma mente consciente (REIS, 2016). Pois é, assim como Tássia, a juventude negra desta pesquisa que caminha em “bonde”, também. Na letra, ela descreve diversas vivências, dentre elas, que a sociedade está acostumada a conviver como: “(...) *farinha do mesmo saco*” que “(...) *partilham do mesmo prato*”, e “(...) *quando conhecem os mesmos fatos*” eles “(...) *se protegem*” (REIS, 2016).

Tássia, não escolhe estas palavras por mera coincidência, ela denuncia de modo metafórico o consumo alimentar que é fator sine-qua-non a sobrevivência de qualquer sujeito. No entanto, nesta ocasião, o alimentar-se é empregado simbolicamente para explicar o modo que grupos se utilizam para garantir a manutenção do status quo quando agem similares a acuradas ocorrências (pois, eles têm fome), e se protegem compartilhando o mesmo sentimento – equilibrando assim, uma pirâmide social, estando a mulher negra localizada na base dela.

É importante dizer que, Tássia é formada em moda (possui nível superior, o dito diploma u-n-i-v-e-r-s-i-t-á-r-i-o), e que antes de ser *rapper* tentou (com insucessos) ingressar neste mercado. Contudo, a cor de sua pele e seu cabelo crespo foram determinantes para sua exclusão, nos processos de seleção das grandes empresas e marcas da

²⁹ Parte da música *Da lama/Afrontamento* do álbum *Outra Esfera* (2016) – da *rapper*, cantora e compositora, Tássia dos Reis Santos, conhecida no cenário fonográfico como: Tássia Reis.

alta costura (CARMO; LIMA, 2017). Um tempo depois, após esta experiência, ela surge em 2014, com seu primeiro álbum intitulado: Tássia Reis. Numa leitura particular da cantora, ela se apresenta como: mulher negra, rapper, feminista e dona de um cabelo *black power* e/ou tranças mutantes – pois ele varia de cor, a cada ocasião. Em suas músicas, ela questiona e alerta a toda a sociedade para questões como o racismo; e segundo, contra o machismo estrutural que naturalizam o comportamento de homens e mulheres, como: posicionar-se a determinados assuntos; reação diante a situações de violência simbólica e física contra a mulher; pré-avaliar a capacidade de uma mulher a ocupar determinados lugares; naturalizar a violência policial contra negros (as).

Figura 22- Tássia Reis (no centro) e Priscila Gama (a direita) 2º Edição do Encontro Das Pretas³⁰



Fonte: DAS PRETAS. Facebook Roda de Conversa – Foto André Christo (2015)

No mundo, o machismo estrutural, inclusive na política, foi discutido anteriormente, na revisão de literatura, onde constatou-se que tal fenômeno ocorre como um processo subjetivo que incentiva a ausência de formação escolar, o machismo nos partidos políticos. E também cultural, com a contribuição do Estado cooperando para a ausência de jovens mulheres negras na política da África do Sul (JOHNSON 2010; ONU-KIOWA 2014).

³⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/daspretas.org/photos/2112236348907128>. Acesso em: 02 de abr. 2021.

Tássia Reis canta sobre mudanças, e não usa otimismo ao falar sobre o que vê, mais do que isso, ela emprega o diálogo da rima para denunciar inúmeras violências. É possível “ver” a dor nas letras de Tássia, que utiliza também de notícias do (seu) cotidiano, que se apresenta perverso, e que cerca a maioria da população negra, narrados por nomes de personagens reais que figuram marcados em sua memória vítimas do crime, e que merecem ser destacados nos discursos de suas músicas. Na letra de Da Lama/Afrontamento, do trecho que introduz parte desta pesquisa, ela utiliza nomes de dois personagens reais: “cláudia” e “alan” com letras minúsculas – justamente para denotar o extermínio, pouca importância e naturalização da morte de pessoas negras que padecem sem ter a sua identidade reconhecida não figurando nas manchetes jornalísticas dos grandes veículos midiáticos. Ou quando isso acontece, é construída outra história para os personagens (CARMO; LIMA, 2017), que em regra, caem no esquecimento após algum tempo.

Como o caso da morte da negra, mulher e mãe **Cláudia Silva Ferreira** (conhecida como Cacau), auxiliar de serviços gerais, de 38 anos, moradora do morro da Congonha – comunidade da zona norte do Rio de Janeiro (RJ), do bairro de Madureira que, em março de 2014, foi arrastada por ao menos 350 metros por uma viatura da Polícia Militar (PM) e veio a óbito horas depois. Segundo Mônica Francisco – membra da Rede de Instituições do Borel – Cláudia Silva Ferreira, foi assassinada pela PM do RJ, enquanto levava um saco de pão para sua casa. E complementa dizendo que, a morte de Cacau está relacionada à luta pelo direito das mulheres negras (GELEDÉS, 2015).

Nesta mesma canção, a rapper menciona também, a morte de **Alan de Souza Lima**, um jovem negro de 15 anos, que foi morto em 22 de fevereiro de 2015, por dois disparos no abdômen, na favela da palmeirinha em Honório Gurgel, outro bairro da zona norte do Estado do RJ. O motivo de sua morte ainda não foi explicado, a PM do RJ apura o caso. A suspeita é que os policiais tenham criado uma cena de crime falsa. A versão oficial da PM do RJ até o dia 25/02/2015, era de confronto com quatro “criminosos armados”. Porém, em 27/02/2015, novas provas surgiram. E como descobriram? O jovem Lima, no momento de sua execução estava com o celular em mãos improvisando um vídeo com seus amigos e por ironia do destino, ele gravou a sua própria morte. O vídeo tem cerca de nove minutos: mostra o jovem conversando; em seguida correndo; ele houve alguns disparos; e logo após, o jovem caiu ao chão (o celular é arremessado,

mas continua gravando); e ali, Lima morre no local. As imagens viralizaram nas redes sociais pelo Brasil e pelo mundo (EL PAÍS, 2015).

São alguns destes episódios que incomodam Tássia, e que a motivam a produzir uma mensagem sincera. De modo pessoal, “ela abre o coração” e mostra que pessoas como ela, estão mergulhadas em sentimentos de injustiça, angústia, revolta e dor. Entretanto, estes mesmos localizados na beirada, respiram (stop, do you remember a George Floyd³¹?), marcham e tentam se manter vivos. Ainda que para isso, seja necessário cultivar um movimento afrontoso liderado por uma “racha”³² (REIS, 2016) como a organização analisada nesta pesquisa: do IDP o Bekoo das Pretas, liderado por mulheres pretas. Diante de tudo isso: escute (m) a (s) Tássia (s)! escutem as juventudes negras!

Aqui, temos por objetivo aprofundar a análise dos dados obtidos pelos jovens negros (as) por meio das entrevistas com roteiro semiestruturado realizadas no período de novembro a dezembro de 2020. Como já descrito, foram utilizado para as entrevistas, diversos instrumentos de comunicação remota (*WhatsApp, Google Meet, Skype*, ligação telefônica) em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, o que estabeleceu certos limites ao pesquisador, ao passo que, em algumas entrevis-

³¹ George Perry Floyd Junior (1973-2020) um afro-americano, foi pai, esposo, apreciador do *Hip-hop* e praticante de esportes, o que mais amava o basquete, o que fez ele cursar a faculdade *South Florida Community College* por dois anos sendo jogador de basquete. O fim de Floyd, foi em 25 de maio de 2020, em *Minneapolis* cidade de *Minnesota* nos Estados Unidos da América (EUA), onde foi morto asfixiado ao chão (estrangulado) pelos joelhos de um policial branco (Derek Chauvin) por aproximadamente 9 minutos e alguns segundos. Ele morreu no chão, com sua morte sendo exibida para o mundo gravada por pessoas locais que tentavam ajudar, mas foram impedidas pela ação policial. Com esta morte brutal, o movimento *Black Lives Matter* que surgiu em meados de 1960, voltou a denunciar as diversas violências do Estado, em especial, constituída pelas forças policiais, contra a população afro-americana e outros grupos. O movimento engloba também, os mulçumanos, árabes, gays, travestis, transexuais, deficientes e mulheres negras. O *slogan*, traduzido para o português por **Vidas Negras Importam**, criou múltiplas manifestações de diversos movimentos negros, atores institucionais e celebridades negras que em público denunciaram a natureza da violência policial no caso *Floyd*, que na história América, não é um caso isolado. Taylor (2018) ao descrever o movimento, aponta que, existem outros casos de mortes, como: o assassinato do jovem *Oscar Grant*, por um policial em *Oakland* na Califórnia; e o assassinato de *Trayvon Martin* num condomínio na Flórida, que também levantaram confrontos nas ruas pelos ativistas deste movimento. A autora chama a atenção ao fato de que, mesmo com a natureza perversa dos crimes, as vítimas e a família convivem com a impunidade dos tribunais americanos, pois os policiais envolvidos nestes crimes, são absolvidos ou recebem uma pena menor, o que leva a autora a afirmar que, na América, a impossibilidade da morte de um jovem negro para obter justiça adequada num tribunal é algo constante (TAYLOR, 2018). A autora pontua que, as relações institucionais dos agentes envolvidos, contribui para um julgamento injusto na maioria das vezes, e finaliza seu texto com as palavras de *Martin Luther King* escrita como um texto de esperança, dizendo: o país (EUA) precisa mudar (TAYLOR, 2018). Sobre o caso Floyd, em decisão histórica para os afro-americanos, numa terça-feira, data de 20/04/2021, o júri do tribunal de *Hennepin* condado de *Minneapolis* foi unânime, após 3 semanas de julgamento o policial *Derek Chauvin* foi considerado culpado, sua pena poderá chegar a 40 anos de prisão (EL PAÍS, 2021).

³² No dicionário Pajubá – dialeto/repertório vocabular utilizado pela comunidade LGBTQI+, Racha significa: mulher. E a palavra refere-se também, ao órgão genital feminino.

tas pelo *WhatsApp* (mensagem de áudio – único recurso que o jovem tem acesso, devido ao seu pacote de internet), por exemplo, o contato visual (observar/analisar/descrever as expressões visuais) não foi possível. Neste caminho, serão analisadas as questões que foram “embaladas” pelo marco teórico de Salvador e Silva (2016) e aprofundadas no que “dedilha” as dimensões da consciência política – almejando entender como ela se configura.

Embora as dimensões sejam dadas a priori por Sandoval e Silva (2016), e já explicadas nesta dissertação (Ver capítulo 2, item 2.3), foi considerado constituir e interpretá-las, como uma espécie de mensagem enunciada pelos participantes imersos dentro da realidade do lócus analisado, que consistem de unidades de registro relacionado ao problema analisado (BARDIN, 2006). Após as transcrições das entrevistas, os resultados foram que, as unidades de registro ligadas ao fenômeno analisado, que se repetiam de modo objetivo (número das palavras), apresentaram subjetividades semelhantes originada pela juventude, a indicando para uma ideia comum, do que eles enunciam, frente ao conjunto de perguntas.

Como pesquisa descritiva e exploratória (CRESWELL, 2010) e conforme orientada Bardin (2006) foi necessário o manejo com as intenções da análise, visando chamar atenção da (o) leitora (or) para o desejo de encontrar o possível significado sobre determinadas mensagens. E também, por ficar evidente que, sobre os sujeitos entrevistados pairavam, uma espécie de incerteza de suas respostas, quanto às questões levantadas, o que explica o excessivo uso do termo coloquial “né?”, empregado pela juventude. Assim, as entrevistas indicaram que ali deveria haver uma confirmação sobre o que estava sendo discutido (por isso categorias como perguntas). Baseado nisso, as dimensões foram erguidas formatada pelo olhar da juventude negra, com base nas entrevistas dos sujeitos entrevistados, sendo considerado este contexto.

Como já descrito, nesta pesquisa foram entrevistados jovens que já possuem histórico de experiências em outros espaços políticos, ação coletiva ou movimento social, denominados como: a juventude que participa (JP) e outras que não participam de nenhum, apontados de: a juventude que não participa (JNP). Desse modo, foi encontrado entre eles, semelhanças e diferenças que versam contribuir para uma melhor compreensão da consciência política. Aponta-se que, no final de cada dimensão fez-se uma breve descrição daquilo que aproxima e diferencia as distintas juventudes que participam do Bekoo das Pretas. Assim, as dimensões investigadas foram:

Quadro 03 – Dimensões da Consciência Política

Dimensões da Consciência Política	
Identidade coletiva	4.4.1 Quem nós somos?
Crenças, valores e expectativas sociais	4.4.2 Luta pela mudança social?
Interesses coletivos (antagônicos e adversários)	4.4.3 Nós somos diferentes ou iguais; e quem são os outros?
Eficácia política	4.4.4 Afetamos e somos afetadas(os)?
Sentimentos com respeito aos adversários (ênfase justiça e injustiça)	4.4.5 É ação política ou mimimi?
Vontade de agir coletivamente	4.4.6 Eu estou aqui, e quero estar lá?
Metas e repertórios de ações	4.4.7 Chegaremos em algum lugar?

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Para que se consiga transitar por esta etapa da dissertação, parte do “evento”, é necessário atentar novamente aos leitores que, as dimensões adotadas para análise não são hierárquicas, elas interagem entre si, e que o marco teórico de consciência política se inicia pela consciência individual contribuindo para a compreensão da consciência coletiva dos sujeitos que participam (ou não) de ações coletivas e/ou movimentos sociais. Assim, perfazem como “notas musicais” de uma canção, que ao ser utilizada pela (o) autora (or) da fala, aqui a juventude negra entrevistada, age com intenções que podem indicar uma dimensão, e ao mesmo tempo, articular-se com outra (s). Nesse sentido, inspirado por Silva (2002), interpreta-se as dimensões à luz do processo dialético. E por Palassi (2011) que sinaliza observá-las pelas emoções, conceituada por sentimentos, dentre eles: tristeza; alegria; raiva; medo; hostilidade; gratidão, frustração; desespero; culpa e felicidade. A seguir, analisa-se os dados com base nas dimensões apresentadas, não explicando-as, pois estas já foram discutidas na revisão de literatura.

Depois de ter chegado até aqui, não precisa descer até o chão-chão-chão. Atentar-se aos sentimentos já é suficiente.

4.4.1 Quem nós somos?

O começo (pausa) “(...) *O Bekoo é um espaço para a gente se ver, se conhecer e ser*” (palavras de Gâmbia, 2020). “(...) *Como que é bom estar num ambiente confortável onde não tem assédio, onde me sinto respeitada. Eu acho que os jovens quando saem do Bekoo alguns conseguem sim, ter esta visão*” (palavras de Quênia, 2020). “(...) *O que mais me motiva e seguir indo ao Bekoo é a valorização do lazer e das atividades voltadas ao público negro. Priorizo muito a negritude, então isso me traz motivação de*

ir ao Bekoo” (palavras de Angola, 2020). “(...) *Ah! eu acho que é isso que eu te falei. Eu acho que para mim me traz um conforto. Eu acho que eu consigo ver pessoas que me representam ali que são parecidos comigo, entendeu?*” (palavras de Benin, 2020).

Um mix de expressões que se referem aos sentimentos de: felicidade; surpresa; prazer; admiração; e empoderamento, foi avaliado pela juventude negra ao expressarem quando alcançam um terreno fértil para participar que os permitem viver e experienciar o espaço do seu modo, com a possibilidade de reconhecer no outro, aquilo que existe também em si: é assim no Bekoo das Pretas. E também, compreender que determinadas diferenças são essenciais para um espaço existir, estabelecendo o sentimento de identidade coletiva representado, pela categoria: Quem nós somos, seja estas diferenças pela perspectiva, por exemplo, de raça, gênero, política e religião.

Os gestos, o modo de vestir-se, os sorrisos grandes, os narizes largos, os lábios grossos, os cabelos blacks, as manas, as monas e as minas! Esta paleta de participantes é a chamada família Bekoniana – nome atribuído pela organização do Bekoo das Pretas aos participantes do evento. Eles são apreciadores também da história e do trabalho realizado pelo Instituto Das Pretas (IDP), que em profundidade, destacaram reconhecer os projetos realizados. As ações e projetos são aquelas que financiam e propõem alterar o percurso e condições de vida de outras (os) negras (os) do estado que, “(...) Sim, me identifico muito. Tanto pela questão da necessidade da promoção de diversão para juventude negra quanto pro objetivo que geram recursos para causas sociais” (palavras de Angola, 2020); ou “(...) *É muito bom, eu me identifico muito com a proposta do Bekoo, um lugar que enaltece a galera preta e valoriza a Nossa Cultura*” (palavras de Quênia, 2020) que foi documentado nesta pesquisa, na revisão de literatura, no tópico: “participação políticas de negros (as) do Brasil: um parêntese da nossa History”, em razão das mazelas históricas.

A identificação com o evento incorporado através das crenças, valores e expectativas societais, de certa maneira, representam aquilo que é compartilhado pela juventude negra em seu cotidiano real, por situações diversas de exclusão, de terem carência de participação na esfera institucional, de ter o “acesso” às políticas universais com dificuldade, de ter a carência de espaços que acolhem mais as diferenças. Nos depoimentos de Togo (2020), Ruanda (2020), Quênia (2020) e Gâmbia (2020) surgem esta compreensão,

“(...) E aí talvez esse, é um passo importante para trazer e conhecer né? as mulheres pra dentro da política, política no sentido de Congresso, Congresso dos

Deputados e vereadores. E sim, a gente se discute. E aí, a gente consegue perceber uma maior movimentação das mulheres negras nesses espaços públicos. Porque até então, a gente tem mulheres negras em cargos, dentro dos Congressos, enfim. Mas a visibilidade é muito pouca, então uma coisa muito importante que o Bekoo faz, é trazer essa visibilidade né? da mulher negra, e aí tipo trazer esta visibilidade, já é um começo para trazer para mídia, e aí quando a gente traz para mídia esta visibilidade, isso acaba sendo discutido”. (JNP TOGO, 2020)

“(…) então, acho que sim, acho que é um espaço de resistência e esse é o papel mesmo do Bekoo né fazer esse tensionamento ao estado conservador as pessoas conservadoras da elite brasileira, a família tradicional brasileira, porque não só pessoas pretas, mas pessoas LGBT, mais mulheres pretas se expressa em diversas formas nesse só isso né então acho que é isso”. (JP RUANDA, 2020)

“(…) eu me identifico muito com o evento (...) por pessoas semelhantes a mim traz uma sensação muito boa é um ambiente acolhedor da liberdade para você se expressar como quiser. E por ser um evento que não tolera racismo, machismo homofobia e um evento organizado por mulheres pretas eu me sinto em casa quando eu estou no Bekoo. Eu danço, como dança em casa eu me sinto à vontade para isso porque é um ambiente que eu tenho a liberdade que não vai ter ninguém, um homem atrapalhando meu momento, é um ambiente que eu vou está segura né, para não correr algum tipo de assédio pelo fato da opção vestindo ou pelo jeito que eu tô dançando”. (JNP QUÊNIA, 2020)

“(…) é um espaço para nós da Juventude não ser marginalizada é um espaço onde a gente se identifique para ser livre que hoje a gente não se sente livre a maioria dos locais a gente frequenta. Lá, é um espaço que era para ser né é um espaço que ainda existe só não tá atendendo né devido a situações, mas é um espaço para a gente se sentir a gente todo o poder que a gente pode ter e tentar a partir dali”. (JP GÂMBIA, 2020)

Os relatos formulados pelos jovens, recuperaram, por exemplo, a formação ideológica sobre como eles percebem sua relação com as instituições/Estado, e como estas agem a seu favor. Neste caso analisado, contra os jovens entrevistados. Percebe-se um laço de identificação do jovem com o Bekoo, na medida em que ele surge agindo contra os padrões sociais que os excluem. Os jovens possuem esta identificação, pois acreditam que no evento ele irá “militar” por algo, este algo que no seu cotidiano, os prejudicam. Ao olhar para o comportamento dos (as) outros (as) jovens, ao que parece, há uma integração entre as juventudes, ao destacarem ser importante um movimento livre onde no evento, as pessoas podem ser o que quiserem.

Destaca-se que, quanto aos objetivos que o evento tem e propõe, percebe-se que há diferentes compreensões sobre ele. Ao serem questionados se concordam (ou não) com os objetivos do evento, nas falas a seguir, os seguintes relatos foram ditos,

“Pois é, antes precisaria estabelecer os objetivos do Bekoo né? porque é sinônimo de concordo diretamente, de algum post, de alguma coisa assim o Bekoo tal finalidade. Mas assim, com as falas que acontecem, nos eventos foi percebendo né? Nem para dizer que é forte por exemplo. Mas assim, o prin-

cipal da festa é o povo negro né, não só, em relação à produção do evento, mas também como forma de emancipação da mulher negra né?” (JNP TOGO, 2020)

“Assim com teoricamente né? com que o evento tenha nos proporcionar e o que nos faz sentido me identifico muito apesar de um período para cá o evento ter questão de pessoas mesmo né algumas pessoas assim não condizentes com o ambiente. Porque as primeiras edições eu me sentia muito mais a vontade de ser eu (...) o evento em si a idealização dele é muito bacana muito mesmo”. (JP GÂMBIA, 2020)

“Sim, mas assim o que o evento Das Pretas promove para mim é questão da visibilidade Negra (...) Eu super apoio porque nós temos que ocupar mais lugares para que esse preconceito e racismo ele deixa de existir apesar de estar muito enraizado dentro de nossa sociedade”. (JNP SENEGAL, 2020)

“Eu me identifico muito com o evento, Só de chegar está reunido quando era preta pessoas semelhantes a mim traz uma sensação muito boa. É um ambiente acolhedor da liberdade para você se expressar como quiser e por ser um evento que não tolera racismo machismo homofobia e um evento organizado por mulheres pretas eu me sinto em casa”. (JNP QUÊNIA, 2020)

Entre os diferentes jovens constata-se que, eles apresentam pouca e/ou diferentes compreensões sobre os objetivos do evento, e o avaliam, por existir aspectos mais identitários socializados por todas (os), seja pela luta social ou identidade social, dessa forma, cada um irá embalar-se de sua maneira. Entretanto, ao serem questionados sobre a concordância destes objetivos (que eles ao menos conhecem em sua totalidade), todos os jovens entrevistados, de sua maneira, afirmam sem hesitação que sim (destacado pelos grifos do autor), eles concordam, e demonstram confiança no Bekoo.

Contudo, segundo eles, apesar de concordarem com os objetivos, parte dos jovens contaram que nos últimos Bekoo's o público vem mudando. Isso ocorre, pois, a inserção do evento no mercado de modo mais profissional, faz com que novos sujeitos, os jovens não negros de classe média da grande Vitória (ES), tenham olhado para o Bekoo com maior interesse, o que, para uma parcela da juventude negra, isso é visto como um problema. Neste momento, verificou-se o sentimento de angústia, quando os jovens assumem ser indispensável não perder este lugar, pois parte deles defendem ser os participantes legítimos, a ponto de que, muitos deles relataram que por este motivo, alguns amigos não participam mais.

Com isso, os jovens também apresentam limites quando se referem a compreensão das “diferenças” destes novos sujeitos que participam do mesmo espaço. Nas palavras de Ruanda (2020): “(...) *muitas pessoas brancas ‘escrotas’ começaram a fazer parte também da festa, aí eu acho que tirou muito assim o acolhimento a pessoas pretas*”. Ao longo das entrevistas decorreram outros relatos similares a este, que demonstram

diferentes sentimentos de interesses antagônicos e adversários, explicados mais adiante. Como, o dito por Ruanda (2020) “(...) *é com certeza, pessoas brancas falando individualmente no sentido de pessoas brancas que não fazem parte da nossa luta antirracista né? pessoas brancas racistas em alguns casos e também outras entidades né?*” (RUANDA, 2020. Para endossar a discussão segue outro trecho,

“(...) um outro apontamento acho que, por exemplo, quando eu frequentava a festa do BEKOO em algum dado momento nas últimas edições que eu fui, tinha muita gente branca, muitas pessoas brancas e eu nesses espaços porque elas achavam legal bacana. É tipo, não que não seja um espaço para pessoas brancas, mas não pode ser um espaço voltado só para pessoas brancas então se a organização não tiver uma postura uma postura de dá estes desentendimentos esse espaço ele pode ser cada vez que acontecer qualquer espaço majoritariamente de pessoas negras ele pode acontecer de as pessoas brancas elas irem se apropriando”. (JP CHADE, 2020)

De maneira breve, avalia-se que, os jovens nomeiam exatamente estes sujeitos como um dos seus adversários, que estão logo ali – aos poucos ganhando o “seu” espaço, uma discussão que será retomada nas demais dimensões.

Com base nas entrevistas e na pesquisa documental, pode-se analisar que nos slogans, trajetória e composição da equipe do evento, há uma mensagem explícita do protagonismo negro, em especial, na descrição dos eventos nas páginas sociais (ver ANEXOS I, II, III e VI) e que assim, os jovens negros se identificam com esta proposta. O que isso quer dizer? Os jovens revelam que para haver identidade coletiva pelo evento, deverá existir nos jovens que participam, as mesmas crenças, valores e expectativas sociais, compatíveis com o evento, estas baseadas na luta pela mudança social.

Desse modo, a identidade coletiva é identificada também no evento, pelos discursos divulgados nas redes sociais contra as diversas violências a citar: o racismo; machismo; homofobia; e transfobia, aprofundados na próxima categoria (ver ANEXOS II, III e VII). E por outros discursos socializados durante o evento, o que permite “a menina”, por exemplo, experienciar sua participação sem preocupar-se com assédios (uma fala mais impessoal, uma mão boba, um beijo sem consentimento) (RUANDA, 2020). E também, o que fundamenta as ações do IDP – luta pela justiça social, o que chama atenção, para outros símbolos que remetem evidenciar a importância do “(...) povo preto” (palavra de Togo, 2020) como ator principal, o que encaminha a/o leitora/or, a recuar na história do IDP e do Bekoo (Ver capítulo 4, item 4.1).

Das conclusões achadas até aqui, ao se analisar o sentimento de identidade coletiva para o Bekoo, é que, segundo a juventude, para o evento existir, este deve basear-se naquilo que é trazido pela Luta pela mudança social. Porém, o que será do Bekoo se ele seguir um movimento oposto? ou seja, adotando um formato mais cool – comendo o lugar seletivo das grandes marcas de bebidas e patrocinadores, que pela perspectiva de imersão a novas arenas (mercado) vem adotando um modo mais profissional, atraindo um outro público: os jovens não negros (as) de classe média da Grande Vitória (ES)? Contudo, será que este novo público, possui as mesmas perspectivas de crenças, valores e expectativas sociais (luta pela mudança social), ao passo de permanecerem fiéis (participarem de modo frequente) similar aos jovens negros (as) analisados aqui? Para responder esta pergunta, a sugestão é que se realize outra investigação. Não obstante, constata-se que, para uma parcela da juventude entrevistada, ela avalia certos limites na aceitação das diferenças – nem todas (os) são bem vistos e quistos no evento. Assim, avalia-se que, a organização precisará dirigir suas ações de modo que esta parcela da juventude entenda que a necessidade de imersão a novos espaços, traz como condições, a presença de novos participantes (estes não negros). Cabe ao IDP desenvolver esta mensagem, para que esta parcela juvenil entenda.

Revela-se uma identidade coletiva compartilhada entre a juventude que não participa (JNP), na medida que ela permite que os jovens não negros compartilhem do evento e não veem problema da entrada deste novo grupo; e outra identidade coletiva em construção da juventude que participa (JP), pois a inserção em novo campo (mercado) feito pelo Bekoo, obriga uma inter-relação com outros grupos que participam. Porém, para o grupo da JP, pelo aspecto trazido da memória política e das crenças, valores e expectativas sociais (Luta pela mudança social) demonstram integrar-se e identificar-se pouco com eles (jovens não negros), uma inter-relação que acontece com desconfiança. Em suma, a JP e JNP em relação ao evento, revelam diferentes sentimentos como: respeito; felicidade; harmonia; confortável; caloroso; acolhedor; liberdade; pluralidade; desconfiança, lar. É importante destacar que, não só os sentimentos positivos foram enumerados, isso demonstra o quanto essa identidade é complexa.

Nesta dimensão, que se trata do sentimento de pertença, constatou-se que existem dois fatores que são semelhantes entre os jovens, a JP e JNP: o primeiro, a luta pela injustiça social que o evento propõe discutir; e segundo, o processo de identificação social, a capacidade que o evento possui em representar diferentes identidades políticas,

a exemplo, da mulher negra. Verifica-se que, mesmo havendo identificação com o Bekoo, e sentimento de pertença, que constrói essa identidade coletiva, isso não significa que o grupo seja singular.

Para a JNP, a identidade coletiva é tida como um valor que integra diferentes sujeitos – identidade compartilhada, dado que para este grupo, o evento se consolida como uma das primeiras experiências de participação política. Para a JP, apesar de concordarem com os objetivos do evento e comportamentos dos demais jovens (não negros), ela se expressa com o sentimento de desconfiança – identidade em construção, em especial, ao se manifestar ao novo rumo que o evento vem adotando de inserção a novos mercados, com vistas apenas para uma tendência a lacração (Ver a dimensão de sentimentos com respeito aos adversários). Isso indica que, os JNP se assentam melhor ao novo formato adotado pelo evento do que os JP, pois ficou evidente que a JP, atribui críticas, tendo a inserção de novos sujeitos, fato que faz ela olhar de modo refinado para o evento.

4.4.2 Luta pela mudança social?

A construção das trajetórias de vida e participação política dos jovens entrevistados, influenciaram na configuração do que eles abordam e analisam marcados fenômenos sociais, sejam estes, guiados por diferentes esferas da sociedade. Crer, valorizar e criar expectativas para um lugar enseja um processo, que se dá em relação, uma relação contínua e processual, ocasionada por estas diferentes experiências, sendo elas, influenciadas também por aspectos individuais. Nesta pesquisa, alguns aspectos trazidos pelos jovens foram: a raça, gênero e escolaridade, que demarcam o seu lugar social (identidade social). Verificou-se que, esta identidade social ao jovem variou, em especial, por uns estarem inseridos em espaços participativos e outros não, e influenciou também nas suas crenças, valores e expectativas sobre a sociedade. Posto isso, conforme complexa são as juventudes em termos plurais, a depender deste lugar social, sua avaliação sobre o mundo se altera. Analisa-se aqui, os relatos captados que se destacaram, e se repetiram ao longo das entrevistas pela juventude.

Embora Sandoval e Silva (2016) descrevem que nesta dimensão, as crenças, valores e expectativas sobre a sociedade sejam representados por aspectos individuais, aqui percebe-se que, alguns destes aspectos foram similares, por exemplo, na maneira

como o jovem negro percebe o evento, sobretudo, por ter um importante papel de representação política, diante do contexto brasileiro frente a pautas raciais e de gênero. Por isso, entendido aqui, por Luta pela mudança social. Neste momento, os jovens apresentaram sentimentos de esperança e valorização por terem no Bekoo, a garantia, mesmo que “de forma mínima”, das discussões de pautas sociais que envolvem problemáticas do seu contexto. Benin (2020) relata, “(...) *eu acho que o Bekoo no cenário assim atual, acho que ele quebra muitas a questão do racismo, entende? É o que eu mais vejo. Inclusive tem acontecido muitos casos, né? se você for olhar no geral (...) e eu acho que lá quebrou essa questão*”.

Neste relato, a jovem confere ao evento um papel social de representá-la na promoção de um debate cívico sobre o fenômeno social do racismo. De tal modo, verifica-se um pensamento similar do jovem Togo (2020) quando ele aponta o seguinte, “(...) *acho que, tem essa questão do empoderamento feminino né? que reconhecer a mulher, como mulher negra, que pode ser empresária, que pode ser DJ, que pode ser administradora*”. Nesta última fala existe uma identidade bem definida, a da mulher negra, faz-se ao sentimento já estabelecido de identidade coletiva. Ou seja, nesta fala existe uma crença de que o evento irá dar conta de representar os desafios que atravessam esta identidade social. Constata-se também, o sentimento de solidariedade entre as diferentes identidades, pois Togo (2020) se autodeclara negro, gay e cis, e assim, reconhece as mazelas que não só o alcança, mas atinge também, outras identidades como, a da mulher negra.

Para explicar o uso das palavras “*de forma mínima*”, empregado no parágrafo anterior, o extrato da entrevista com Senegal (2020) pode apresentar uma melhor compreensão ao uso do termo. O contexto que seguia, era justamente no momento da entrevista em que ele foi questionado sobre o lugar do evento perante o contexto atual brasileiro. O detalhe é que neste extrato, o sentimento de identidade coletiva novamente surge, expressado quando o jovem se refere, às pessoas que conhecem (ou não), do que é tratado no Bekoo. O jovem descreveu assim,

“(...) o evento apesar da pessoa ir lá para **curtir**, sabe o que o evento tá lá para promover uma visibilidade negra e não simplesmente para todo mundo curtir. Então, acho que meio termo. Eu acho que ele tipo para quem é, não conhece sobre o assunto, eu acho que não agregue nada para pessoa porque não é debatido explicitamente essas questões lá né? Mas para quem já sabe desse cenário já tá compreendendo o objetivo do evento, eu acho que faz a diferença assim”. (JNP SENEGAL, 2020, grifo do autor)

Senegal (2020) reconhece que o evento espelha a “visibilidade negra” (palavras de Senegal, 2020), entretanto, avalia ser importante a quem participa, haver outros envolvimento preditores aos cenários (imersão, proposta política) que o Bekoo propõe. Por exemplo, no caso Rafael Braga, descrito no capítulo anterior desta pesquisa, na autoetnografia. Lá em 2017, na Edição Força Preta, foi possível analisar que o Bekoo ao propor tal temática problematizou a prisão do jovem Braga, sendo este fato ilustrado por cartazes e palavras de ordem, representando as tensões sociais da sociedade brasileira vivida naquele momento. Senegal (2020) revela esta importância ao descrever ter ido (por vezes) no evento, em busca de outros objetivos. Ele disse,

“Então eu vou ser sincero quanto a isso em muitas das vezes que eu fui para pro Bekoo foi mais para **diversão** mesmo, não vou falar que eu fui lá para lutar por alguma coisa, porque eu realmente não fui, porque eu já tinha essa consciência de como que era o ambiente lá dentro desse evento (...) Então conforme eu havia dito anteriormente as pessoas que frequentam o beco eu falo de todas as minhas todas as pessoas mesmo acabam indo com o intuito de curtir de beijar na boca (...) Então, os meus valores que mantêm a minha presença no evento estão muito relacionados ao meu descontentamento com o atual cenário de marginalização de direitos. Busco estar em ambientes que prezam esse mesmo objetivo”. (JNP SENEGAL, 2020, grifo do autor)

Para Senegal (2020), ao participante que ingressa no evento sem ter o conhecimento prévio do caso (neste caso ilustrado do Rafael Braga), o Bekoo torna-se apenas uma festa de entretenimento. Senegal (2020) complementa: “(...) eu creio que não para todo mundo porque tem pessoas que tem a consciência de classe tem a consciência racial que compreende o cenário que a gente tem no nosso país”. Assim, segundo ele, o participante precisa também se responsabilizar diante do contexto atual brasileiro, a resolução dos seus problemas. Para ele, o contexto modificaria se não houvesse apenas como responsável, as organizações atuantes em defesa dos jovens.

Ainda com Senegal (2020), ele revela a existência do sentimento antagônico em relação a outros jovens que participam, que não possuem esta consciência. Por isso, aposta que, “de forma mínima” numa crença de que, o Bekoo poderá representar o grupo diante de algumas demandas, não pela incapacidade de sua gestão em conduzir esta representação, mas pela naturalização dos sujeitos em conferir um lugar, como único e exclusivo para a resolução dos seus problemas do cotidiano. Senegal (2020) ainda problematiza que, é necessário haver o envolvimento também, em outros espaços participativos para esta compreensão. Nas palavras de Senegal (2020),

“Para mim, nossos valores são criados desde o momento em que nascemos e a cultura e a forma que a nossa família se organiza influencia nessas ques-

tões. Então nesse sentido é muito mais do que um jeito de ser ou um desejo de um jeito de ser. Mas está ligado a questões que nos fazem ser incluídos dentro de um grupo específico”. (JNP SENEGAL, 2020)

Os jovens apresentaram também suas expectativas, relacionadas ao sentimento de identidade coletiva, de como se sentem pertencentes ao Bekoo. Estas expectativas revelam que, o Bekoo diante do contexto promove o resgate da cultura negra, se tornando um espaço que motiva a juventude a caminhar a partir dele, e também para outros espaços, “(...) *a gente tem o nosso primeiro espaço e tentar a partir dele criar outros espaços né? para que a gente possa ser o que a gente quer, para que a gente possa ser quem a gente é*” (palavras de Gâmbia, 2020). Verifica-se o sentimento de esperança, quando o evento é capaz de constituir na juventude perspectivas de tentar alçar novos espaços, e de lutar. E a jovem continua dizendo, “(...) *como eu vou dizer, o Bekoo esse é um ambiente que nos faz acreditar que dá para mudar as coisas, que as coisas evoluem e que podem continuar nesse caminho ao nosso favor*” (palavras de Gâmbia, 2020). Essa perspectiva é confirmada quando em outra entrevista, Ruanda (2020, grifo do autor) admite que a juventude tem dificuldade de inserção política em outros espaços, no seguinte trecho, “(...) *com certeza o Bekoo, ele tem muito esse papel né? De tanto estimular em quem não tem tanto acesso assim aos **movimentos** né? estimular essa participação e estimular esses ideais, simular essa resistência*”.

De modo geral, esta expectativa confirma o que a revisão de literatura nas pesquisas de Sobrinho (2012); Perondi (2013); Santos (2015); Vigentin (2016); Oliveira (2016b) Araújo (2016); Junior e Junior (2017) trazem sobre a participação da juventude negra, ao apontarem que, os jovens negros (as) possuem dificuldades de inserção em outros espaços de participação política institucionais. E revelam que, participar do Bekoo significa almejar estar em outros lugares de participação (após-participação para outros espaços) ou requer estar em outros processos deliberativos para entender melhor a imersão que o evento propõe ao participante (pré-participação de outros espaços). Resta saber se o local auferido pela juventude será: os espaços institucionais ou não institucionais? Portanto, pode-se explicar a importância destes espaços para a juventude negra, que contra todas as dificuldades de inserção nos espaços políticos – um contexto realista, significa construir expectativas num lugar que possuem de certa maneira laços identitários, como problematizado, nas palavras acima de Senegal (2020).

Ao abordar os valores que os unem a participar do evento, os jovens de maneira bem pragmática pronunciaram emotivos os seguintes sentimentos: honestidade; humil-

dade; respeito; alívio; esperança; fúria; resistência preta; afrontamento; solidariedade de classe; solidariedade de coletivização; empatia; acolhimento e visibilidade. Como em alguns relatos a seguir,

“De mais visibilidade para grupos marginalizados. Empatia, respeito, honestidade e dignidade sem dúvidas. Mas para mim valores são muito mais do que um jeito de ser. Envolve muitas questões relacionadas ao ambiente em que vivemos. Como valores são questões muito abrangentes, irei dizer como que eles são estabelecidos”. (JNP SENEGAL, 2020)

“(…) e que a gente tem esperança então assim é uma festa de esperança pelo menos para mim. O que mais me motiva e seguir indo ao Bekoo é a valorização do lazer e das atividades voltadas ao público negro. Priorizo muito a negritude então isso me traz motivação de ir ao Bekoo”. (JP ANGOLA, 2020)

“O respeito, principalmente o respeito, a tudo assim, não eu como outras pessoas também, os amigos que realmente a gente se sente respeitada, se sente acolhido, não tem? Assim que não vai ser um ambiente, que a gente vai encontrar pessoas escrotas assim pelo menos né? que pensa mesmo, que tem as mesmas ideias que você, do que eu acho que só de estar no evento ali então, algumas pessoas assim você sabe que tem mais pensamento que você não são todas, não é qualquer pessoa que vai se sentir confortável no Bekoo. Ainda mais quando a Priscila enfatiza: Se tiver algum machismo, racismo! Então é uma coisa que me incomoda quem se identifica né?”. (JNP QUÊNIA, 2020)

“Acho que sim o Bekoo é um espaço de resistência preta né então você conseguir reunir várias pessoas pretas que se expressam de diversas formas e é uma afronta né ao conservadorismo. Então, acho que sim, acho que é um espaço de resistência e esse é o papel mesmo do Bekoo né fazer esse tensionamento ao estado conservador, as pessoas conservadoras da elite brasileira (...), mas eu acho que não sei se são considerados valores. Mas eu acho que a solidariedade de classe e raça que sustentam a participação, sustentaram coletividade a coletivização né? das opressões e das resistências e das alegrias se podemos dizer assim das pessoas pretas e acho que essas duas coisas solidariedade coletivização não sei se isso é considerado valores”. (JP RUANDA, 2020)

As passagens destes sentimentos revelam de onde são, se sentem pertencentes e/ou não pertencentes, estes, resultados de suas interações sociais. O momento foi conduzido pela seguinte pergunta: “34. *Quais são os valores que sustentam sua participação no Bekoo das Pretas?*” Por sugestão da juventude, que por repetidas vezes indagavam dificuldade de compreensão, o campo requereu que ela fosse reformulada e conduzida de duas maneiras: “*O que te faz ter vontade de frequentar o evento?*”; e por outro momento: “*Por que você gosta de frequentar o evento?*”. Com esta questão reformulada, sem danos a compreensão, alguns contextos dos valores desencadearam outras experiências de vida.

Sobre o valor significado pelo respeito, os jovens revelam que ele surge, pois, a organização do Bekoo desde sua concepção: da venda de ingressos (realizada pelos co-

missários e bilheteria); abordagem na entrada (equipe de segurança); e dentro do evento (vendas nos bares) os jovens se sentem respeitados. Sobre o significativo de honestidade, este se relaciona novamente pelos aspectos discursivos comandados nas redes sociais, ou aqueles narrados por Priscila Gama no microfone contra o racismo, machismo e outras violências (ver descrição dos eventos nos ANEXOS IV e V). Os jovens relacionam o sentido da humildade ao Bekoo, ao fato da organização se posicionar, corrigir-se, pedir desculpas em público. Em outras palavras, a organização reconhece seus erros com humildade. O mesmo sentido de humildade se relaciona ao sentimento de justiça, aos episódios que são reconhecidos como “erros” que podem não ser originados pela equipe do evento, mas por algum participante que ultrapassa o sentimento de solidariedade, infringindo as regras, como: assédios; homofobia; transfobia, num espaço que preza a convivência das diferenças. Logo, quando isso ocorre, a Priscila Gama avalia tais posturas punindo literalmente com a expulsão, pois estes que infringem as regras, não são bem vindos(as) no Bekoo.

Nesta dimensão verificou-se que, a construção adversa do cotidiano trazido pelo ideário fragmentado esperados dos sujeitos quando opinam sobre algum fenômeno, dito por Heller (2001) e retomado por Sandoval e Silva (2016) descrito como senso comum e/ou espontaneidade, foi constatado, em contraste, aqui nos relatos da juventude. No que se refere a participação no evento, eles não apresentaram de modo pragmático suas respostas, pelo contrário, foram além ao remeterem apenas como “a organização de uma festa”, eles elaboraram suas respostas com reflexão. Percebe-se que, mesmo alguns sendo inseridos em rotinas de trabalho, estudos e outros deles participando de espaços políticos, avaliaram o Bekoo de modo acurado. O que parece ser um rompimento do pensamento superficial (SANDOVAL, 1994). O fato curioso é que, isso ocorreu com todos os jovens, inclusive aqueles que não participam de nenhum movimento – formando uma identidade compartilhada entre eles. O que não aconteceu no momento do aquecimento (parte introdutória da entrevista), quando o grupo sem envolvimento político se apresentou bastante flutuante em relação a alguns assuntos e posicionamentos. Um fato importante desta pesquisa, foi quando se tratou de assuntos que atravessam todos a juventude entrevistada, verificou-se que existiu uma semelhança, mesmo com alguns deles que tem experiências em ações e/ou movimentos sociais, e outros ou não.

Aqui, verificou-se que para ambas, a JP e JNP, o evento ofereceu diferentes elementos para refletir sobre os desafios do cotidiano, provocando uma ruptura do senso

comum e/ou espontaneidade. Como os usos de diferentes recursos (linguagens, imagens, músicas) acessíveis para compreender casos de injustiça social, o contato com outras identidades políticas, a explicação de fenômenos sociais, como: machismo e racismo. Ou seja, ambos os grupos acreditam que o evento promove o resgate da cultura negra e pode representá-los, fato que, se constatou pelo forte sentimento de comunidade remetendo ao pertencimento, entre as diferentes identidades que participam.

Em contrapartida, identificou-se diferentes valores. Para a JP, os valores estavam mais relacionados a um evento que seria construído para além das 5h da manhã, momento que finda o evento. Por isso, os valores de resistência preta, respeito, acolhimento, foram citados ligando para uma perspectiva de futuro. Agora a JNP, os valores voltaram-se ao aspecto mais individuais e imediatos, como: afrontamento; visibilidade; confronto, razões que estão mais alinhadas a uma proposta comercial, que por vezes, pode ser apenas uma tendência para acompanhar um mercado promissor momentâneo. Nesta dimensão, percebe-se que as crenças, valores e expectativas societais da JP, se aproximam mais com as expectativas societais do Bekoo, pois elas não se baseiam em valores espontâneos, e se alinham numa visão coletiva e de futuro.

4.4.3 Nós somos diferentes ou iguais; e quem são os outros?

Um dos traços centrais que se destacou nesta dimensão, foi a profunda relação com os sentimentos de: identidade coletiva (quem nós somos); e crenças, valores e expectativas (luta pela mudança social). Sobretudo, os relatos carregam o descaso trazido pelas instituições públicas e saturam denúncias de suas mobilizações originadas por pautas de luta social, em especial, as lutas de raça. Como isso se explica? Essa associação entre ambas as dimensões, se elucida pelo fato de qual lugar almejam ocupar estes jovens – em perspectiva do presente e futuro; e que parte desta avaliação, irá agir sob influência de sua ideologia, memória política, e desejo de mudança social. Ou seja, os interesses coletivos, estão localizados com base no que os jovens acreditam, e no que eles entendem enquanto conjunto de ideias perante o seu lugar social. Aqui também, constatou-se um pensamento instrumental atribuído, para uma parcela dos grupos apontados como “adversários”, que não se alinha aos objetivos do Bekoo. Não é uma crítica a juventude entrevistada, será explicada mais adiante. Porém, se não houver a localização do real adversário, aquele que estruturalmente moldam as condutas sociais, esta

divergência poderá incorporar efeitos nefastos ao grupo (SILVA, 2007). No entanto, que interesses coletivos justificam esta participação?

Os interesses dos jovens iniciam-se pela identidade coletiva. Constatou-se ser ela capaz de desenvolver a vontade de participar, de identificar-se com os objetivos do evento, interesses e comportamento dos outros jovens negros (as). Nas palavras de Togo (2020) quando questionado sobre os interesses, ele disse: *“(...) aí para mim tem sim é a questão da unificação do povo preto independente se é de movimento se não é de movimento se é de partido se não é de partido”*. Em outro momento, disse Senegal (2020), *“(...) é a necessidade de pertencimento a um grupo (...) a todo momento nós estamos buscando identificar com algum grupo, então acho que essa noção de pertencimento, acho que pode ser também um interesse coletivo”*. Os relatos demonstram situações que remetem tanto aos comportamentos de outros jovens; e sua identificação com o evento. Um ponto importante que justifica o interesse foi destacado pela jovem Gâmbia (2020) ao expor que para ela o interesse se justifica pelo sentimento de amizade e pela possibilidade de desenvolver network. Nas palavras de Gâmbia (2020), *“(...) é a necessidade de pertencimento a um grupo o fato do conhecimento ou muito pela network também questão de amizade e investimento”*.

Na dimensão de crenças, valores e expectativas (luta pela mudança social) avaliou-se que, a base para esta construção paira naquilo que os jovens esperam e desejam do Bekoo, enquanto possível responsável, a ser um dos espaços sociais, que acreditam promover, discutir, solucionar, chamar atenção para fenômenos sociais, como: o racismo, machismo, transfobia, desemprego, por exemplo. Tais compreensões os fazem participar do evento. Como alguns relatos a seguir,

“(...) É um lugar que toca música de preto para a gente dançar né? se expressar, um ambiente que traz diversão né? É muito bom, eu me identifico muito com a proposta do Bekoo, um lugar que enaltece a galera preta e valoriza a nossa cultura. Acho muito legal, acho que olhar os jovens interessante para dançar, beber em roda acho bem interessante”. (JNP QUÊNIA, 2020)

“(...) Assim, eu acredito que participar do Bekoo no contexto social, tem muito a ver com o resgatar um pouco da identidade negra né? isso assim para todo mundo que participa da festa e que vai para participar também” (JNP TOGO, 2020).

“(...) quando você tem uma mulher uma mulher preta empreendendo você tira uma família sabe da miséria na maioria das vezes você tira uma família de passar fome você consegue fazer com que essa mulher negra crescer e tenha mais possa contratar outras mulheres negras, ela possa oferecer serviço para essa comunidade sabe? Então eu acho muito importante. Agora no contexto do Brasil, eu acho de extrema importante porque a gente tá passando por um

cenário onde o apagamento cada vez mais da mulher negra na sociedade principalmente na sociedade brasileira por que não se tem política pública sabe? o que se tem na verdade é corte e cada vez menos direitos né? E é a mulher negra também, principalmente a mulher negra. Então, quando você tem um projeto como esse Das Pretas né? Usando exemplo bem curto, para você ter a festa do Bekoo você tem pessoas lá dentro vendendo comida né? Mulheres lá dentro fazendo comida, você tem pessoas trabalhando no bar, você tem pessoas trabalhando como comissário, pessoas trabalhando na venda de ingresso lá fora de atendimento, você tem pessoas trabalham dentro da organização isso tudo gera emprego sabe gera renda gera distribuição dessa renda gera oportunidade para essas pessoas né?”. (JNP CHADE, 2020)

“(…) mas como eu havia dito anteriormente cada pessoa vai para lá com intuito eu acho que pensando de modo geral eu acho que essa luta pela diversidade e contra o racismo eu acho que pode ser sim o interesse coletivo. Mais um outro que ele também pode ser, é a necessidade de pertencimento a um grupo porque nós somos seres sociais e a todo momento nós estamos buscando identificar com algum grupo então acho que essa noção de pertencimento, acho que pode ser também um interesse coletivo”. (JNP SENEGAL, 2020)

De fato, o sentimento de pertença ao grupo se confirma, assim como, em profundidade, se verifica um antagonismo dos interesses dos participantes em relação ao que propõe a organização do Bekoo para a manutenção do evento. Neste caso, ao atribuírem quem são os adversários (pessoas, instituições públicas ou privadas e outros grupos) que podem prejudicar a existência do Bekoo, os jovens apontam os seguintes adversários: 1. o Estado (Prefeitura, órgãos públicos e a “política branca”); 2. grupos comerciais (empresas de bebidas, bares e boates); 3. Associação de moradores e igrejas; 4. Grupos políticos de extrema direita. E uma parcela dos jovens citaram identificar também como adversários, o grupo 5. os próprios frequentadores (outros participantes) do evento – jovens não negros de classe média da grande Vitória (ES). Neste caso, identifica-se interesses comuns; e interesses contrários dos jovens versus daquilo que propõe o Bekoo, no que tange a manutenção do evento, em que se espera, e a quem deva participar (ou não), por exemplo, no grupo 5, listado por uma parcela da juventude entrevistada.

Os motivos para eleger estes outros grupos como adversários são os mais diversos. Para o grupo 1: apontam que, estes atores podem criar mecanismos institucionais como licenças e/ou baculejos, este último inclusive, já ocorrem nos bailes de comunidade; no grupo 2: visto que o Bekoo é um evento que atrai muitos públicos, os outros espaços comerciais se sentindo prejudicados, podem utilizar para atrair o público, as promoções de bebidas e/ou a gratuidade da entrada de suas casas noturnas; no grupo 3: a preocupação se daria, pois como o Bekoo atrai muitas jovens que por terem comportamentos não aceitáveis (atraindo o comércio ilegal de substâncias recreativas) contrário

ao pensamento mais conservador e religioso, por exemplo, o uso de bebidas alcoólicas e outras substâncias podem condenar o evento, e por meio da associação de moradores pode haver uma movimentação para ele não aconteça; no grupo 4: os outros grupos poderiam atacar pelas redes sociais do Bekoo (*haters*) com discursos de ódio aos jovens que participam. E utilizando-se também de aliados lotados em partidos políticos de extrema direita, pois estes, são desfavoráveis ao projeto de luta antirracista e gênero.

No 5 grupo, a justificativa para sobre a possível perda de mais um espaço de socialização, para uma movimentação não negra que, nas últimas edições têm chegado em maior número no evento. O caráter de tomada deste espaço pelos frequentadores não negros, foi levantado por aspectos que envolvam uma preocupação de mudança da socialização dos comportamentos de quem participam do evento, para aquela similar que ocorrem em outras casas noturnas da grande Vitória (ES). Ou seja, para a perda da afetividade negra, valorização dos aspectos estéticos, linguagens (gírias, gestos, saudações) e esvaziamentos dos diversos “bondes” que participam. E também, por medo da apropriação cultural deste espaço. Os jovens negros atribuem aos jovens não negros, um sentimento de indiferença. Visto que para a juventude entrevistada, eles não são ativos na luta antirracista. E com a presença deles, o evento não alcança ser um espaço de acolhimento para as juventudes pretas.

Retoma-se aqui uma reflexão que revela um sentimento antagônico da juventude negra ao avaliar os próprios frequentadores (participantes do evento – jovens não negros de classe média da Grande Vitória) como adversários, o que pode ser prejudicial para a existência do evento. Na pesquisa documental (Ver capítulo 4, item 4.1, 4.2 e 4.3), ficou evidente o protagonismo negro (a) nos projetos e ações do Instituto Das Pretas (IDP)/Bekoo, o que confirma ser uma instituição/evento com uma perspectiva de sociedade bem preta. Nos slogans socializados em todos os eventos: “Racistas, machistas, LGBTfóbicos não são bem vindos(as)” (Ver descrição do evento, ANEXO III), ele traz minimamente o comportamento esperado para todos os participantes que desejam socializar-se neste espaço, seja ele (a) negro (a) ou não. Tal fato, se confirma, na medida em que, quando um sujeito ultrapassa os limites desta convivência é convidado(a) a se retirar do evento, seja ele (a) negro (a) ou não.

A repetição nestas últimas palavras no final da frase do parágrafo anterior, foi empregada de maneira intencional para alertar que, quem possui o comportamento racista, machista, LGBTfóbicos, não será bem-vindo a participar do Bekoo, seja negro ou

não. Primeiro, as bases contidas nas crenças, valores e expectativas da juventude negra confirmam ser o autor das desigualdades o sujeito tido como o universal “branco, cis, hetero, classe média”. Segundo, com base nas situações de convivência articuladas no Bekoo, em especial, daquilo que se espera dos sujeitos (slogam), não é possível afirmar que eles (jovens não negros) são os verdadeiros adversários, pois se fossem, eles nem iriam estar por lá, pois o slogam é explícito ao prestar o recado. E mais, esta ocasião contraria os interesses do evento, pois não ficou constatado que eles (jovens não negros) não são bem vindos, mas somente aqueles que estão descritos no slogam. O que se constata ser um pensamento instrumental atribuído na identificação para este “adversário”.

Os jovens também sugeriram, num diferente momento, nomear outros adversários, este com maior probabilidade de impactar a vida da juventude negra: o Estado e a política. Eles partiram de contextos pragmáticos, como a atuação da prefeitura local – em especial, citaram a recém gestão eleita em 2021, na capital Vitória (ES). A jovem Quênia (2020) disse: “(...) *ainda mais agora né? e esse resultado agora das eleições de Vitória né? não sei como é que vai ser no futuro daqui para frente né? das festas*”. A jovem refere-se às abordagens truculentas que alguns bailes funk (de comunidade) já estão tendo, pelo aumento da frequência policial (que ocorrem mesmo no período da pandemia). Ruanda (2020) sustenta ser prejudicial à política de direita, ao dizer: “(...) *como partidos políticos conservadores da extrema-direita e da direita né que não corroboram com os objetivos do Beco falo de partidos políticos nesse sentido de que o beco tá tomando uma dimensão muito grande né?*”

Em estreita relação a este pensamento, e de modo mais qualificado, Senegal (2020) estrutura em sua fala aquilo que Sandoval e Silva (2016) nomeiam ser a percepção da classe dominante. Ele foi direto ao ponto,

“(...) visto que o que é retratado no evento são questões de políticas públicas de direitos, então grupos políticos que são desfavoráveis à igualdade racial podem inibir todo esse projeto. Então, eu acho que esses grupos políticos de direita podem atrapalhar no desenvolvimento desse projeto porque normalmente os grupos políticos de direita defendem o autoritarismo né?”. (JNP SENEGAL, 2020)

Tratar-se-ia, de uma reflexão que identifica a assimilação de interesses comuns entre um participante (JNP) e o evento, baseando-se nas crenças, valores e expectativas que se identificam no IDP/Bekoo. Porém, verifica-se os mesmos interesses coletivos

visto que estão baseados na identidade coletiva (quem nós somos) e crenças, valores e expectativas (luta pela mudança social).

Nesta dimensão verificou-se que, ambos a JP e JNP, reconhecem a carência que as instituições públicas possuem no trato com as denúncias advindas das pautas sociais, como as lutas de raça. Identificou-se que a ameaça e os adversários visíveis são todos aqueles (grupos, sujeitos ou instituições) que agem na tentativa de ceifar este projeto coletivo. Neste ponto, os JP indicam ser como adversários, o Estado, a política de direita, e são unânimes em apontar, os jovens não negros. Já a JNP, aguçam ser, os grupos comerciais, associação de moradores e igrejas. Revela-se uma predisposição parcial alinhada dos JP com os objetivos do Bekoo, ao passo de nomearam também, os outros participantes (jovens não negros) do evento como adversários – menor identidade coletiva. Em contrapartida, a JNP apontou adversários mais óbvios, aqueles restritos que podem prejudicar o funcionamento comercial do evento – maior identidade coletiva. Sobre os interesses coletivos para a JP, estes voltam-se para a manutenção dos seus grupos de pertença, enquanto para os JNP, ela parte de aspectos individuais, desde uma investida afetiva ou obter no Bekoo inspiração para sua atividade profissional.

Em suma, constata-se que os interesses coletivos têm origem na identidade social e possuem forte relação com as crenças, valores e expectativas sociais. Porém, o caráter universalista de um “adversário” específico, pode enfraquecer o interior deste evento – pois existem interesses contrários dos membros em relação ao Bekoo no que se refere a um “adversário” específico. Enquanto isso, o outro adversário – o Estado, permanece intacto reproduzindo tecnologias de opressão de excelência.

4.4.4 Afetamos e somos afetadas (os)?

É importante destacar novamente que alguns destes jovens entrevistados estão engajados numa ação coletiva e/ou movimento social e outros não. Desta forma, o sentimento de intervir será distinto a cada um deles. Porém, no lócus analisado constatou-se que todos eles estão envolvidos em conflitos sociais, já discutido na dimensão: Luta pela mudança social, os aproxima, trazido por aspectos da: raça; gênero; região, que constrói sua identidade social, o que motivam suas diferentes maneiras de intervir (ou não) em algo. Com isso, como os jovens avaliam sua capacidade de intervir em mudanças sociais? O Bekoo possui a capacidade de conscientizar a juventude? Estas foram as

questões que nortearam o diálogo nesta dimensão, descrita como: Afetamos e somos afetadas (os). Menção, que problematiza e remete a maneira que o jovem avalia como ele intervém (afeta); e/ou podem ser influenciados (afetados) por algum espaço, diante de algum contexto político e/ou social.

Neste caminho, percebe-se que a dimensão de eficácia política esteve muito atrelada a dimensão de crenças, valores e expectativas societais, ou seja, a dimensão Luta pela mudança social, foi relacionada a maneira que os jovens afetam e são afetados (as). Pois, justamente o que se baseia na pauta social (conflitos sociais envolvidos) trazida pelos aspectos individuais irão determinar como este jovem entende sua eficácia de alterar o seu percurso; e/ou como eles reconhecem diante destes problemas sociais, a importância do engajamento em algum espaço político, como o analisado.

No aspecto da intervenção do sujeito, constatou-se que os jovens conferem a promoção das ações coletivas como forma de mudanças macro sociais. Porém, acreditam que as micro ações, aquelas que Sandoval e Silva (2016, p. 41) apontam como “soluções individuais”, são capazes de alterar também os seus cotidianos. Nas palavras de alguns jovens, “(...) talvez a sociedade talvez as pessoas próximas não possam mudar opiniões. Talvez as pessoas que estão próximas a mim eu poderia conseguir mudar algum pensamento, não um grupo grande de pessoas” (palavras de Quênia, 2020). Ou “Então, penso que eu sozinho não consigo fazer mudança. Mas eu posso dentro da conscientização das pessoas fazer algo, mas a mudança em si, só depende de cada um de nós, né? não depende só de uma pessoa” (palavras de Senegal, 2020).

Verifica-se que estes relatos, ocorrem pois os jovens não se conformam, e tentam iniciar uma modificação imediatista no seu espaço, como nos relatos no parágrafo seguinte. Ao que conferem a organização, os jovens afirmam com convicção que o Bekoo pode alterar, ou como eles disseram dar o “*gatilho*” (palavras de Togo (2020) e ser uma “*sementinha*” (palavras de Ruanda, 2020) plantada no interior dos corações de cada jovem para que eles possam buscar novas formas de aprendizagem política. Nos relatos a seguir, acompanha a parte referida na íntegra dita pelos jovens citados acima,

“E aí tipo quando eu falo para muita relação da pessoa não é só o Bekoo que proporcionam, e isso só com vai depender do que a pessoa quer também entendeu? Conhecer mais sobre a história dela, e aí a partir dessa posição da pessoa. Aí eu quero conhecer mais a minha história, eu quero entender como aconteceu, eu quero entender como isso acontece, como influencia hoje em todos os âmbitos sociais. E aí talvez o **gatilho** do Bekoo pode funcionar, pode ajudar assim na perspectiva de um **gatilho**. Como se sabe aquele vídeo que é o dia que eu me descobri negro. Engraçado, mas acho que pode estudar en-

tender. O que eu tô querendo dizer porque não é só pode funcionar como um gatilho para você começar (...) aí talvez o beco pode ajudar nessa parte de dar o gatilho”. (JNP TOGO, 2020, grifos do autor)

“(...) eu acho que eu Bekoo tem essa capacidade de plantar **sementinha** de fazer trazer algumas reflexões que esse jovem então com certeza é uma ferramenta de transformação sim na vida dos jovens. Principalmente quando jovem vai mais de uma vez né que aí ele consegue compreender de forma mais efetiva”. (JP RUANDA, 2020, grifo do autor)

Discutindo ainda a capacidade de eficácia política, dois relatos chamam atenção, sendo os seguintes, “(...) *é preciso de ter em mente de que uma pessoa sozinha ela não consegue mudar um cenário (...) principalmente quando se trata de uma questão racial quando se trata de uma questão de preconceito de uma questão de desigualdade sabe?*” (palavras de Chade, 2020). Assim como fala Benin (2020), “(...) *eu acredito que eu tento, mas você pode dar um exemplo, eu consigo conversar com bastante gente e algumas vezes sei lá tipo uma fala racista uma coisa que talvez não concorde (...) eu tento mudar o pensamento da pessoa*”. Verifica-se que, estas situações derivam das mesmas crenças, valores e expectativas (luta pela mudança social), trazida pelo aspecto da raça, e dispõem de eficácia para a resolução. Contudo, a forma de intervir para solucionar é traçada de maneiras diferentes, uma parte pelo aspecto coletivo; e outra pelo modo individual.

Observa-se também que a eficácia traçada pela juventude busca tentar resolver ou modificar uma situação coletiva, mesmo a eficácia sendo individual, há interesse em priorizar e/ou solucionar um problema coletivo e estrutural – como “uma fala racista” (palavras de Chade, 2020). Ao ser questionada sobre sua capacidade de mudança social, a fala de Ruanda (2020) desponta como ela avalia sua ação para resolver qualquer coisa, dizendo o seguinte: “(...) *óbvio que não, né? a nossa voz só é ecoa quando a gente tá em várias pessoas né? o coletivo é extremamente importante para fazer esse tensionamento, uma pessoa sozinha é lida como uma demanda só né?*” Neste contexto, fica evidente que ela confere ao coletivo uma capacidade superior para deliberar sobre algo.

Os jovens também, ao observarem a capacidade de influência do Bekoo, destaca ser importante a identificação de crenças, valores e expectativas, perfazendo aquela mesma lógica que Senegal (2020) aponta na dimensão de Luta pela mudança social, revelando a existência do sentimento antagônico em relação aos diferentes jovens que participam do evento. Diz Senegal (2020) que, a depender dos jovens que participam, eles podem apresentar/avaliar diferentes concepções da intervenção que o Bekoo pode

ter. Angola (2020) diz, “(...) *tem dois perfis, tem tanto perfil que já tá mais ligado na questão política vai para se divertir, mas vai também para se conectar politicamente como que tá acontecendo e tenho perfil que só vai para se divertir*”. Complementando esta fala, Senegal (2020) articula, “(...) *quando a pessoa vai só para curtidão acho muito difícil porque simplesmente ignora as questões que a Priscila fala e só foca na curtidão*”. E Ruanda (2020) complementa, “(...) *não é imediatamente que o jovem foi na festa e já saí de lá transformado assim criticamente falando né? mas o veículo tem a capacidade de plantar aquelas sementinhas da reflexão sobre algumas coisas né tanto nas falas como na festa em geral*”. Ambos os jovens asseguram que, o evento é capaz de produzir eficácia, e não só, é capaz de oferecer ao jovem elementos para reflexão.

Confirmando esta ideia, Benin (2020) relata a experiência de um amigo que compareceu ao evento pela primeira vez. Ela descreveu o seguinte episódio,

“(...) ele nunca tinha participado do Bekoo. De uma festa tipo assim ele já tinha escutado falar, mas ele nunca teve oportunidade de ir. E aí, eu acho que foi o encontro assim para ele até porque ele mesmo talvez não se reconhecia como uma pessoa preta e periférica entendeu o despertar que ele ficou na festa várias vezes me questionando sobre várias coisas nossa que bacana esse espaço eu nunca tinha visto (...) quero voltar mais vezes. Eu acho que é uma boa oportunidade para quem não tem dimensão de como que é, de onde que ela se encontra com uma pessoa na sociedade também. Acho que mudei bastante este meu amigo a forma dele pensar, acho que aos pouquinhos mesmo”. (JNP BENIN, 2020)

Destacam-se os aspectos afetivos de acolhimento que o jovem teve ao participar pela primeira vez do evento. Tendo ele percorrido sua primeira visita, houve elementos que significasse a sua importância naquele espaço, para que ele refletisse sobre aspectos de sua identidade social, que por alguma razão, ele ainda não reconhecia. Contudo, a entrevista com Chade (2020) aponta para um alerta, sinalizando que em algum momento este processo não possa se concretizar. Ela aponta o seguinte relato,

“(...) eu acredito que sim, mas eu acredito que assim nas últimas edições que eu fui no Bekoo a Priscila não falava muito sobre empoderamento negro ela falava mais assim frases tipo de efeito para de curtidão (...) se organizar todo mundo transa não sei o que todo mundo dá um jeito diferente. Por isso e acaba que era uma coisa que todo mundo reclamava (...) eu acredito que é muito vago dos eu acho que é importante eu acho que ela poderia sem falar algumas coisas tipo sobre empoderamento negro”. (JP CHADE, 2020, grifo do autor)

Aqui, volta-se na discussão posta na dimensão de identidade coletiva (quem nós somos), sobre a perspectiva de mudanças de crenças, valores e expectativas, que o

Bekoo vem praticando para o ingresso em novas arenas (mercado), o que pode prejudicar a capacidade do jovem em avaliar também a eficácia do Bekoo na solução de problemas sociais.

Diante disso, constata-se que, os jovens acreditam não serem capazes de modificar sozinhos sua luta social, sendo que eles apresentam confiança nos espaços coletivos. Com isso, elencam que o Bekoo é fundamental neste processo, por conscientizar os jovens de maneira lúdica, acolhedora, transformadora e afetiva. Contudo, julga-se ser fundamental o Bekoo atentar-se novamente, para uma “possível mudança” de suas crenças, valores e expectativas, pois elas podem influenciar na maneira como o jovem avalia a eficácia deste evento, e conseqüentemente influenciar na sua forma de conscientizar-se.

Ao fim, nesta dimensão, para ambos, a JP e JNP, o Bekoo legitima suas pautas sendo capaz de representá-los diante de problemas sociais. Aqui, localiza-se, em qual lócus os jovens afirmam ser instrumento eficaz para promover a mudança com base na Teoria da atribuição de Hewstone (1989), estando relacionado a terceiro lócus desta casualidade. Destacou-se respostas que mostram a capacidade de mobilização, de diferentes maneiras das juventudes, que chama atenção da sociedade capixaba abordando contextos que atravessam a juventude negra, e destaca-se a influência com os usos das redes sociais. Porém, quando perguntados sobre a capacidade do Bekoo em promover mudanças às juventudes que participam do evento, a JP foi unânime em afirmar que, com certeza, eles acreditam não ser de maneira imediata, se constituindo de um processo. Porém, apontam críticas, dizendo que para isso, o evento precisa se apresentar mais enfático neste sentido, pois nas últimas edições, as palavras que remetiam as lutas sociais e empoderamento negro, foram trocadas por dizeres de impacto, efeito ou curtição.

Em contraste, a JNP foi imparcial em sua avaliação, parte deles disseram que não, pode ser um gatilho para a mudança, mas avalia que o caráter da “curtição” prevalece entre eles. E outra parcela afirmou que sim, mas não souberam explicar com profundidade o porquê. Ao analisar a capacidade individual de mudanças sociais, a JP reconhece não ser capaz de individualmente alterar o percurso social de um coletivo ou grupo de pessoas. Neste momento, adotam que fatores como raça e ausência de recursos, são fundamentais para esta compreensão. Por isso, apostam diretamente no poder dos coletivos ou organizações para intervir.

Já a JNP sempre inicia do aspecto individual, e avaliam ser capazes de mudar as pessoas próximas, com o processo de conscientização. Mas reconhecem ter no coletivo uma resposta mais eficaz. Então, a JP, tem maior sentimento de confiança no evento e analisam ser o coletivo como agente de mudança. E a JNP tem baixo sentimento de confiança, e cogitam propor as mudanças inicialmente por aspectos individuais.

4.4.5 É ação política ou mimimi?

O que a juventude negra considera injusto na sociedade brasileira? De que lugar derivam tais injustiças? O Bekoo é capaz de diminuir este sentimento de injustiça? (caso constatem esta existência). Norteados por estas questões, o diálogo apresentou relatos pessoais que foram recorrentes entre os jovens negros (os), que analisados com outra abordagem poderiam ser considerados certamente um mimimi³³. Por outro ângulo, a ação política empregada pelo Bekoo funcionaria como uma rede de fortalecimento afetivo ligando aqueles que são atingidos por tais injustiças a compreendê-las? Nesta lógica, questiona-se com a dimensão: É ação política ou mimimi, analisar como tais jovens compreendem estes fenômenos.

Aqui, constatou-se a relação desta dimensão, com outras duas. A primeira, a dimensão de crenças, valores e expectativas (Luta pela mudança social), contribuiu para que o jovem identificasse determinadas injustiças; e segunda, identidade coletiva (Quem nós somos) corroborou na avaliação da capacidade do Bekoo em diminuir tais injustiças sociais. Ambas as dimensões determinam para a constatação da violação dos direitos sociais trazidos pelos jovens, e advém daquilo que Sandoval e Silva (2016, p. 42) afirmam ser, os “processos sócio-históricos complexos” que influenciam na constituição de uma identidade coletiva e se relacionam as crenças, valores e expectativas que os sujeitos analisam ter o espaço de participação perante os problemas sociais. Entretanto, que problemas são estes? A jovem Chade (2020) relata, “(...) ninguém precisa de me gritar na rua: sua macaca! De me gritar na rua e falar que eu sou preta. Mas eu sei porque, essas pequenas coisas, sabe? elas continuam acontecendo e vão continuar. Então assim, eu tenho muito medo”.

³³ Na gíria popular socializado pelos usuários, especialmente das redes sociais, o termo mimimi surge nos anos 2000, num programa humorístico. Por isso, sua ênfase recai para uma linguagem informal de humor e/ou piada. O mimimi é um título dado aos sujeitos que reclamam demais sobre determinado assunto. O termo também é utilizado para tirar sarro, fazer piadas e dar origem às brigas sobre o assunto “reclamado”. O seu uso serve também para cessar uma discussão (DICIONÁRIO POPULAR, 2017).

Se algo se repete por diversas vezes a um grupo de pessoas, de forma a acessar os sentimentos e emoções de: medo, descaso e opressão, isso explica, quando houve um rompimento do equilíbrio da reciprocidade entre os sujeitos entrevistados e seus adversários. Assim como na dimensão anterior, constatou-se que os relatos de injustiça social estão relacionados a aspectos trazidos pela: raça e gênero. Nesta dimensão, verificou-se que, eles ocorrem nas diversas esferas do cotidiano, se destacando nas organizações – lojas, supermercados, shopping, escola, empresa, condomínio. Em todos estes locais, os jovens afirmaram não serem recebidos com um tratamento adequado, um olhar gentil, uma fala com respeito e com espírito de solidariedade, por apenas uma fração de momento. Nestas experiências, a ação de injustiça não precisou ser dita, ela estava implícita, como valor compartilhado daquele espaço. Acessando o seu baú da memória, Quênia (2020) mergulhou na sua caixinha de infância abrindo-a num episódio que experienciou no ensino fundamental, quando lá, por ser uma estudante bolsista numa escola de elite particular, não poderia sequer ousar ser protagonista de algo. Relatando a seguinte experiência,

“(...) desde pequena quando era criança. (...) a gente tava ali na escola, mas a gente assim a gente era bolsista. Então, a gente não podia já dar muita opinião. No caso, algumas coisas para participar, como vai ter grupo de tal coisa, ah quero ser líder? a não você não pode. Não podia ter, não aparecer, ter essa coisa de liderança na escola, ou ser sempre a primeira a dar iniciativa das coisas. Não tem uma coisa já tinha estava ali, mas tinha o seu lugar de fato né?”. (JNP QUÊNIA, 2020)

Que “*lugar de fato*” (palavras de Quênia, 2020) seria este contextualizado? Constatou-se que, o espaço de protagonista sequer ela poderia contestar. Mas que outro lugar estaria reservado e pronto para recebê-la? Há um oceano de injustiças furioso contra estes jovens, mesmo quando eles superam determinadas condições materiais. A jovem Gâmbia (2020) ao entrar numa loja de um grande shopping da grande Vitória (ES), com dinheiro em mãos determinada a comprar um vestido para ir numa festa, queria apenas ser dignamente atendida. Pois é, segue o relato da jovem,

“(...) é, uma vez quando eu era mais nova tinha uns 19, 20 anos eu ia ser madrinha de casamento né? E eu tava com dinheiro que eu tinha guardado. Aí eu fui no shopping o maior do estado na grande Vitória. Entrei numa loja que tinha tanto vestido de festa com blusa macacão. Enfim, eu entrei na loja eu olhei os vestidos olhei toda arara e ninguém me atendeu”. (JP GÂMBIA, 2020)

A história narra que as vendedoras recusaram o atendimento a ela. Foi neste momento da entrevista, que a jovem questionou: “*Questão de injustiça ou preconceito?*” O pesquisador disse: “(...) *aponte o que você avalia o que originou esta injustiça, seja a partir de qualquer fenômeno do seu contexto: como o preconceito, racismo, por exemplo*”. Então, ela respondeu: “(...) *atenderam outras pessoas me olharam, mas eu não fui atendida não. Eu ia comprar, eu ia pagar à vista no dinheiro. Foi até que então, que eu me saquei o pelo motivo de não ter sido atendida né?*” Naquele momento ela decidiu que nunca mais entraria novamente naquela loja.

Outras experiências de injustiças trouxeram novamente as organizações como pano de fundo. A jovem Benin (2020, grifo do autor) conta, “(...) *quando eu entro em um restaurante, entendeu? já aconteceu muitas vezes. Assim, às vezes pelo fato de eu estar ‘mal vestida’, aos olhos de um estereótipo, porque para mim eu estava de boa, pelo fato de eu ser preta, por aparentar um pouco ser masculina*”. Outro destaque é dito por Senegal (2020) que vivenciou um mister de injustiça derivado tanto pela raça e orientação sexual,

“(...) já teve momentos em que me senti constrangido por ser tratado diferente por minha orientação sexual. Então aconteceu o estabelecimento de lojas de roupas aí tipo eu estava escolhendo e meio que a atendente me desmereceu que não me deu ideia eu acho que isso é mais por causa da minha sexualidade também pela minha raça”. (JNP SENEGAL, 2020)

Nestes relatos, as injustiças no primeiro caso, derivou do aspecto da raça; e em ambos os casos, verifica-se o aspecto de gênero. E nota-se que ambas se relacionam a dimensão de crenças, valores e expectativas, pois eles perceberam que alguns aspectos individuais de sua identidade social foram violados.

Com tais violações, os jovens com base na identidade coletiva (quem nós somos) conferem ao Bekoo reações contra estas injustiças, por justamente compartilhar sentimentos semelhantes, “(...) *você tá reunido com várias pessoas semelhantes a você que tem as mesmas ideias né. A maioria que passam ou passaram pela mesma situação algumas situações parecidas né?*” (palavras de Quênia, 2020). Verifica-se ser importante esta socialização dos sentimentos, pois além disso, a existência deste espaço pode criar expectativas e preparar a juventude a enfrentar o seu cotidiano real, estes narrados anteriormente, presenteando com formas e estratégias de sobreviver diante daquilo que os prejudica. Como relata as jovens Ruanda (2020) e Benin (2020),

“(...) você tá no momento para se divertir né? mas ao mesmo tempo é um espaço que te fortalece para lutar contra essas opressões essas injustiças né porque você sente fortalecido pelo espaço pelas pessoas que ocupam que eles passam. Então, você se sente se sente que você pode fazer mais em relação a essas opressões né? lutar mesmo, mas com certeza o espaço que diminui a sensação de impotência eu diria sim”. (JP RUANDA, 2020)

“Ah eu acho que pode sim é ele só acha que faz a pessoa pensar bastante. Enfim, eu acho que o fato de a Priscila sempre levar questionamentos no palco falar sobre alguma coisa que te faz pensar bastante sobre isso, acho que diminui você ver que ali naquele ambiente tem mais gente parece com você que vive a sua realidade entendeu a gente leva pensar bastante sobre isso e diminui talvez sentimento você ver que ali você não tá sozinho tipo umas pessoas na mesma situação que você”. (JNP BENIN, 2020)

Ao que parece, o Bekoo tornou-se um espaço para que o jovem recarregue “suas baterias” e volte a navegar num imenso oceano de desafios posto pelas organizações (o que ficou mais nítido nos relatos) que os excluem.

Nesta dimensão, os sentimentos identificados quando os jovens apontaram as injustiças foram: medo; descaso; opressão; injustiça; sofrimento; e temor. E quanto a capacidade do Bekoo em diminuir tais injustiças, os sentimentos citados seriam: proteção; renovação; felicidade; gratidão; esperança; alívio e coragem. De modo geral, verifica-se que, grande parte das injustiças sociais derivam das experiências pessoais, que se originam de conflitos sociais fruto de questões estruturais. Chama atenção a fala dita por Ruanda (2020),

“(...) eu acho que só quem não nunca na vida se sentir injustiçado nessa sociedade socialmente falando foi o homem branco hétero rico né? porque as outras pessoas todas já sentiram algum momento, como a mulher negra LGB-TIA+ e periférica. Então, várias questões a gente se sente injustiçado a todo momento né?”. (JP RUANDA, 2020)

A fala significativa da jovem Ruanda (2020) ao destacar ser, o homem branco, hétero e rico, como o único sujeito a ser isento de injustiças sociais, e que ela, como mulher negra é alvo de injustiças sociais, comprova a desigualdade no tratamento entre ela e outro sujeito. Desse modo, tal constatação dela, equaciona ainda mais o sentimento de injustiça.

Neste contexto, em profundidade, certificou-se que, todos os JP e JNP se sentem injustiçados socialmente, e compartilham mutuamente este sentimento. Entretanto, as descrições mais apuradas sobre de que lugar se origina estas situações foram desenvolvidas pela JP. Eles reconhecem partir dos fenômenos estruturais como: o racismo; machismo; homofobia, que irão determinar normas e comportamentos, aos lugares que eles

não estarão incluídos. Tais fenômenos alcançam os aspectos psicossociais de forma a potencializar inseguranças e contribuir com a baixa autoestima desta juventude. Ao olhar para o racismo, foi descrito situações, quando este fenômeno determinou: a) o segurança seguir uma jovem negra no supermercado que entrou apenas para comprar pão; e b) normatizou o julgamento de uma atendente quando negou o atendimento a uma jovem negra, ao entrar numa loja do shopping da capital. Para eles, na sociedade brasileira, o único isento de tais injustiças, seria o homem branco, cis, hétero e detentor de bens.

Por outro lado, a construção dada pela juventude ao Bekoo em ser capaz de diminuir o sentimento de injustiça, foi um momento com diferentes olhares. Releva-se que a JNP analisa com dúvidas se o evento é capaz desta mudança, mas frisaram ser importantes os posicionamentos de Priscila Gama, ao explicitar realidades similares entre os jovens durante o evento, um momento que diminui este sentimento. Contrário a eles, a JP observou que sim, por ser um evento cultural, lúdico e capaz de oferecer elementos para entender os fenômenos estruturais. E citaram também, que o processo de identificação social com a equipe que trabalha, causam a eles, o sentimento de esperança. Sobretudo, ao verem mulheres negras desenvolvendo um trabalho relevante na cena cultural capixaba e bem sucedidas.

4.4.6 Eu estou aqui, e quero estar lá?

Para Sandoval (2001) as pessoas estão mais dispostas a não participar. Desta maneira os sujeitos avaliam de modo instrumental, por quais motivos irão estar num determinado lugar, trazido por três aspectos: 1. custos/benefícios perante o olhar de outros membros do grupo; 2. ganho ou perda de bens materiais; 3. riscos físicos (SANDOVAL; SILVA, 2016). Para estes autores, tais significações se relacionam com as dimensões apontadas anteriormente, a citar: identidade coletiva; crenças, valores e expectativas sociais; interesses coletivos (antagônicos e adversários); eficácia política; e sentimentos com respeito aos adversários (ênfase justiça e injustiça). Nisso, verificou-se nestas dimensões que elementos, que envolvem o valor do ingresso, preço das bebidas, sentimento de segurança dentro do evento, são preponderantes para que os jovens negros (as) frequentem este espaço, como será explicado adiante. Contudo, aqui interessou avaliar também se, aquilo descrito por Sandoval e Silva (2016, p. 44) por “fruto de esco-

lhas informadas ou significadas” se podem (ou não) afetar sua estadia em outros espaços ou conduzir para uma nova imersão política. Por isso a dimensão: Eu estou aqui, e quero estar lá.

Os jovens foram incisivos ao dizer que se sentem respeitados quando o tema é valor de acesso ao evento, e com a forma que a venda do ingresso é conduzida pelo Bekoo. Este tipo de afirmação reforça a identidade coletiva do evento, que em seu grande público, é contido jovens negros de periferias, que possuindo reduzido recursos conseguem adentrar no evento. E não só adentrar, a socialização dentro do evento é tida pelo acesso a bebidas alcoólicas, um dos motores da interação, que acontece porque os preços no evento são acessíveis a eles. Togo (2020, grifos do autor) diz, “(...) *eu me sinto respeitado em todos os momentos, desde a compra do ingresso (...) no bar e nas filas acho esta é um dos primeiros valores*”. Isso significa que, ele considera os custos razoáveis, não sendo impedimento para a participação.

As crenças, valores e expectativas sobre a sociedade, foi avaliada na medida que, mesmo os jovens permanecendo em outros espaços na Grande Vitória (ES) não percebem o mesmo sentimento de alegria, amparo e generosidade de quando estão no Bekoo. Avalia-se esta questão, pois além do acesso a estes espaços envolver altos custos (transporte, acesso a entrada, consumo mínimo de bebidas) mesmo superando esta barreira, eles não se sentem parte do lugar. Sobre isso Gâmbia (2020, grifo do autor) diz o seguinte, “(...) *bares na praia do canto não me sinto bem. Eu mil vezes eu prefiro estar no Bekoo*”. E “(...) *assim como eu acredito que outras pessoas também pensam assim. Então, esses espaços vão perder gente sim para ir no Beco. Sempre que tem estarei lá*”. Este fragmento foi originado quando se discutia a dimensão interesses coletivos (antagônicos e adversários), no momento em que a jovem apontava como adversários, outros espaços comerciais da grande Vitória (ES). O grifo acima se deu, por Praia do Canto se referir-se a um bairro da Grande Vitória (ES) da dita “elite” capixaba, portadora de um alto padrão econômico e costumes sociais, que aos finais de semana é point de jovens, em grande maioria da classe média alta, que se divertem nas casas de eventos e shows – visto por uma parcela da juventude entrevistada, como adversários.

Estes adversários se formam pelo seguinte motivo, “(...) *pelo fato de estar perdendo o público porque muita gente, eu, falo por mim, eu não me sinto bem em outros espaços*” (palavras de Gâmbia, 2020). Com isso, o Bekoo retira a “clientela” destes lugares podendo ser visto como uma ameaça a eles. Constata-se que, mesmo com o

acesso, eles não encontram os mesmos interesses nestes outros locais, o que se confirma, quando a jovem Benin (2020, grifos do autor) diz, “(...) *eu acho que não é não é a mesma coisa que tá numa festa, por exemplo, da **Bolt** ou da **Fluente** eu acho que as pessoas não se comportam lá é, dessa forma*”. O comportamento dito por Benin (2020), é aquele que o jovem manifesta sua verdadeira identidade, pois segundo ela nestes espaços, Bolt e Fluente – duas casas noturnas localizadas no bairro de classe média, existe reduzida expressão da identidade social do ser negro (a) por justamente poucos negros(as) estarem por lá.

Pondera-se que, a vontade de agir coletivamente influencia a maneira que os jovens agenciam estar num espaço que os recebam dignamente, e que possui as mesmas crenças, valores e expectativas societais, o que eles descrevem que não há em outros eventos. Este sentimento é essencial para subsidiar a vontade de estar no Bekoo, assim como, estabelece aproximar os jovens a querer permanecer num lugar em detrimento de outro. Porém, participar do Bekoo impede a socialização em outros espaços políticos? O olhar de outros membros dos grupos de pertença sobre a pauta social (dos jovens que estão inseridos em ações/movimentos sociais) é similar ao do Bekoo? A partir do evento existe o contato com outras identidades? A política partidária é um interesse dos jovens que participam do evento?

Em resposta a estas questões, o formato do evento garante que os jovens possam acessá-los sem prejudicar sua participação em outros espaços, pois o Bekoo ocorre sempre aos finais de semana – aos sábados. Também ficou evidente que, as crenças, valores e expectativas que o Bekoo contém, não impede que o jovem negro (a) componente (a) de outra ação política e/ou movimento social, seja alvo de críticas sociais e perdas perante aos pares. Ruanda (2020) descreve o contrário, participar do evento é sinônimo de conexão com as pautas do seu movimento. Ela diz, “(...) *no geral, assim é sobre a defesa do SUS eu acho que corrobora no sentido de que o Bekoo de certa forma também luta pela garantia dos direitos das pessoas pretas né?*” (RUANDA, 2020). A vinculação retoma novamente a ideia da raça, quando ela complementa, “(...) *E se a gente for analisar é quem acessa majoritariamente os espaços de saúde né? os serviços de saúde pública como SUS, são as pessoas pretas*” (RUANDA, 2020). Reitera-se que, esta visão entre ambos os espaços (daqueles jovens que participam versus da organização do Bekoo) são unidos pelo aspecto da raça, do ponto de vista levado por esta jovem.

Ou seja, o jovem negro (a) leva suas demandas para outros espaços – institucionais, no caso de Ruanda (2020), que já compõe os espaços dos Conselhos.

Se referindo a intenção da juventude negra ocupar espaços institucionais, como filiar-se a partidos políticos ou se candidatar a eleições, nesta pesquisa, os jovens apresentaram baixa intenção em participar nestas instâncias, os motivos cercearam a ausência de sentimento de identidade coletiva, identificada na fala de Quênia (2020), “(...) talvez porque eu nunca me identifiquei muito em um, para eu ter essa vontade mesmo”. E, na fala de Benin (2020), “(...) eu não me senti representada até hoje por nenhum partido político”. Ou também, por não existir crenças, valores e expectativas, visto na fala de Senegal (2020), “(...) nem tem a pretensão de me candidatar a algum cargo político porque eu não sei eu não eu não sinto vontade apesar de ficar descontente com a situação em que vivemos”. O que pode atrasar o ingresso de pautas e lutas sociais para estas instâncias. No entanto, os jovens influenciados por pessoas próximas veem nos partidos de esquerda uma coerência em seus projetos. Eles citaram os quais poderiam se filiar: o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e Partido dos Trabalhadores (PT). Entretanto, e no Bekoo eles teriam contato com outras identidades?

No Bekoo, a juventude negra interage constantemente. Constatou-se assim como visto na dimensão de crenças, valores e expectativas sociais (Luta pela mudança social), que participar do evento promove almejar estar em outros processos deliberativos. Aqui foi descoberto que, apesar dos jovens já conhecerem outras identidades políticas (feministas, indígenas, pan-africanismo, quilombolas), caso fossem avaliar pela primeira vez um determinado movimento social, os usos das redes sociais, seria um destes primeiros contatos de interação. Para contextualizar, Ruanda (2020) descreve que iria, “(...) pesquisar mais sobre perguntar e pelas redes sociais também seguir mais pessoas que falam sobre tal tema”. A vontade de agir coletivamente, se valeria de uma avaliação total das fronteiras que se quer participar.

Com tudo isso, identificou-se um posicionamento quase alinhado entre os JP e JNP, de não terem num cenário futuro o propósito filiar-se a partidos políticos, e de não haver também, a perspectiva de se candidatar a cargos eletivos. Descreve-se o “quase”, pois dentre ambos os grupos, apenas um jovem da JP, provavelmente pretende se filiar. Este jovem aponta que dentre erros e acertos, se identifica com as pautas do PT, e descreve se este partido é o mais adequado e de melhor alcance para mobilização no Brasil. Isso é um fato curioso, pois até mesmo uma das jovens da JP, que possuem em seu lar,

familiares envolvidos diretamente na atuação institucional, não portou o mesmo interesse.

A JP foi perguntada também se estar no Bekoo afetaria sua participação em outras atividades políticas. A resposta apresentada por todos eles, foi que não, pelo evento ocorrer a noite e por não terem perante ao seu grupo político (de pertença) nenhum empecilho. Ou seja, o Bekoo diante destes outros grupos políticos tem boa reputação. Ao comparar qual a influência que o Bekoo proporciona as juventudes quando lá se deparam com outras identidades políticas, a resposta tida foram que, para a JP, todos afirmaram que sim, em especial, as identidades feministas, travestis, drag's, o que surge o interesse em compreender as questões de gênero e sexualidade. Entre a JNP, apenas um jovem apontou que não, o que levanta a questão para se pensar se estes espaços que discutem raça, estão se localizando numa discussão que ampliam outras pautas, e carregam consigo outras preocupações, como das mulheres negras travestis e transexuais, uma crítica que Oliveira (2020) levanta, em não perceber nos movimentos negros esta abordagem. Destaca-se em ambos, os usos das redes sociais como instrumento desta socialização, e para conhecer (acessar) as demais identidades.

4.4.7 Chegaremos em algum lugar?

Os jovens avaliam que o Bekoo, como se organiza, demonstra ser um evento que corresponde aos objetivos que eles procuram. Verificou-se, aqui, alguns aspectos como: estética da organização; uso da linguagem; protagonismo das mulheres pretas; estratégias dos projetos; e slogan, foram trazidos como elementos simbólicos que atrelam os jovens ao evento. E outros como: o contexto histórico do IDP; função social e política, ao que parece, estão vinculadas às suas ideologias. Todavia, algumas preocupações pairam na consciência da juventude sobre este espaço de participação política, sobretudo aquelas que possam aperfeiçoar o arranjo do evento; e a perda de lugar para um possível “adversário”. Ou seja, o modo como estas apreensões se colocam podem influenciar na maneira que os outros sentimentos, como os interesses coletivos (Nós somos diferentes ou iguais; e quem são os outros), sentimentos de eficácia política (Afetamos e somos afetadas(os) e sentimentos com respeito aos adversários (É ação política ou mimimi) irão interagir entre si, auxiliando no modo que o sujeito esteja predisposto a estar ali, ou

se veem no futuro neste lugar. Por isso, denominou-se como dimensão: chegaremos em algum lugar.

Em suma, os jovens concordam parcialmente com as metas que o evento tem promovido, não veem problema algum com a organização, custos envolvidos na participação, e a proposta do protagonismo das mulheres pretas que o evento propõe. Nas palavras de alguns jovens segue tais constatações,

“Eu concordo com as metas do Bekoo né? que é ser uma festa de preto. E assim, porque primeiro que eu entendo essa necessidade de valorizar o que tem feito por nós, e também os tanto querendo não de uma empresa né que organiza o evento e tal e tem estas duas perspectivas”. (JNP TOGO, 2020)

“Eu concordo Sim só que a princípio ou aonde até onde eu sei né? o Bekoo era uma festa de mulheres negras para o povo preto só que até as últimas edições tá ficando evento muito embranquecido né eu entendo que isso não depende exclusivamente não depende da organização isso é algo assim que querendo ou não foge um pouco do controle né?”. (JP GÂMBIA, 2020)

“Sim eu concordo com as metas e com as ações que vem sendo promovidas até agora é extremamente importante as mulheres pretas serem protagonistas e serem empreendedoras extremamente importante as mulheres pretas ocupar em todos os espaços possíveis e os que ainda não são possíveis de serem ocupados lutarem para que ocupem os espaços também porque a mulher preta é a estrutura né dessa sociedade é a base da sociedade e extremamente importante”. (JP RUANDA, 2020)

“Acho que sim, assim vai chegar para mais pessoas né? e ainda não conhece muitas pessoas negras aqui no estado ele que não conhece o evento e não sabe né do tipo assim do evento. Já ouvi falar, mas não sabe muito bem que quer ou tem não tem uma impressão. Assim, a nossa acho que não é minha cara expandir. Mas acho que assim é muito bom”. (JNP QUÊNIA)

Verifica-se uma concordância com as metas do Bekoo. Porém, eles implicam atribuir outras condições que afine internamente a participação das juventudes, estas mais voltadas para aspectos instrumentais in loco do evento como: a forma de organização; proposta das atrações; e articulação com outros movimentos sociais da Grande Vitória. Quando por exemplo, Quênia (2020) diz, “(...) *uma ação poderia tornar o Koo Battle (batalha de coo) poderia ser mais organizado*” ou “(...) *na abertura de lugar para as pessoas que estão presentes no evento para compartilhar uma história para mostrar alguns talentos algo que remete a cultura né?*” (palavras de Senegal, 2020). Verifica-se que, há uma atenção para os repertórios que o Bekoo vem constituindo ao longo do seu trajeto. No entanto, os jovens reconhecem que tais ações já ocorrem em outros espaços promovidos pelo Instituto Das Pretas – como, o Encontro Das Pretas.

Outras ações voltam-se a estratégias de articular o evento, a outros movimentos sociais, o que segundo a juventude causaria maior predisposição à participação deles. A

grande visibilidade do evento faz com que as juventudes de diferentes regiões da grande Vitória (ES) queiram participar, contudo segundo eles, as outras regiões também precisam ser ocupadas. Na avaliação da juventude, o evento precisa se expandir, dois relatos se complementam, Chade (2020) aponta, “(...) *essa extensão do Bekoo para outra cidade da Grande Vitória, né? de fazer uma edição na Serra, de fazer uma edição Cariacica. E eu acredito que seja muito importante porque a maioria dessas pessoas frequentam Bekoo*”. A migração do evento para outros espaços, não é apenas por ele ser importante, aqui objetiva anunciar outro recado a sociedade, “(...) *também eu acho que ele tem que passar por outras também para mostrar que o espaço que você vive é um espaço que condições para uma festa para um momento de alegria*” (palavras de Benin, 2020). Para os jovens, este espaço que proporciona o momento de alegria, deve ser ao menos experienciado, por muitos outros. O resultado de tanta violência é ressignificado com esta fração de sentimento de felicidade.

E segue, as sugestões para os repertórios do evento, Togo (2020) diz, “(...) *que a gente pudesse constituir o Bekoo em outros espaços para além da festa, no sentido de trazer, ou promover discussões sacô?*”. Aqui, constata-se que, os jovens negros querem discutir, ir para além da estruturação de um evento. No entanto, eles não sabem como exatamente organizar isso no arranjo (dentro) do evento. Porém, eles almejam este formato. Benin (2020) conta, “(...) *não sei como puxar apresentação, mas eu acho que falta*”. A apresentação dita pela jovem, são ocasiões culturais levadas pelos diferentes jovens que participam. Eles apontam querer maior protagonismo durante o evento, porém sem exatidão de como cumprir este formato. De fato, outras ambições também são alinhadas por eles, estas com uma proposta, o maior envolvimento do Bekoo com outros movimentos sociais da Grande Vitória (ES).

Sem dúvida a identificação social dos jovens com o evento é algo que influencia no entendimento de seu repertório de agir. De modo recorrente retoma-se ao aspecto ideológico ao associar o evento a pauta identitária, como a valorização do protagonismo negro e feminino, e como um espaço que fortalece o empreendedorismo negro. Na fala de Ruanda (2020), “(...) *extremamente importante as mulheres pretas ocupar em todos os espaços possíveis e os que ainda não são possíveis de serem ocupados lutarem*” (palavras de Ruanda, 2020). Ainda assim, segundo eles, é necessário maior articulação, com o movimento LGBTQIA+, quando Senegal (2020 grifo do autor) desabafa, “(...) *uma questão que eu acho que poderia ser acrescentado é da lugar para ativista do mo-*

vimento negro LGBT que possam dar uma palestra em meio a aquela festa nossa né?” Destaca-se o grifo, “nossa” pois segundo ele, o evento é um espaço frequentado por muitas pessoas LGBTQIA+, e no ajuizamento do jovem, não existe um posicionamento acentuado da organização sobre isso, apesar de eles comporem o espaço em maior número. E Ruanda (2020) complementa, o que sente ausente do evento dizendo, “(...) articulação com os movimentos sociais do movimento preto aqui do Estado, uma articulação maior tanto o Bekoo dentro desses movimentos, quanto esses movimentos dentro do Bekoo, sabe uma dialética?”. Observa-se que, as metas partem de múltiplos aspectos, e advém de diferentes lutas sociais, contra um rival e oponente que nem sempre é fácil de identificar, pelo fato dele surgir de micro ou macro ações e envolver neste processo toda a estrutura social.

Como discutido na dimensão de interesses coletivos (Nós somos diferentes ou iguais; e quem são os outros), retoma-se aqui uma preocupação que pode determinar para uma ausência do jovem acreditar na capacidade do evento de liderar seus desafios (crenças, valores e expectativas), a ideia de nomear o jovem não negro (a) que participa, como um “adversário”. A seguir alguns relatos, Gâmbia (2020, grifo do autor) diz: “(...) só que até as últimas edições tá ficando evento muito embranquecido né, eu entendo que isso não depende exclusivamente, não depende da organização, isso é algo assim que querendo ou não foge um pouco do controle né?”. Ou outro relato, “(...) acredito que o Bekoo poderia se voltar novamente ao público negro como principal objetivo de alcance, promovendo o evento em grupos e eventos majoritariamente negros” (palavras de Angola, 2020, grifo do autor).

A base da discussão da dimensão de interesses coletivos somando a revisão de literatura, no tópico: “participação políticas de negros no Brasil: um parêntese da nossa History”, subsidia o leitor tais preocupações da juventude analisada. Em razão das mazelas históricas, a perda de mais um espaço, diante de tantos outros já apresentados, é ilustrado como ameaçador, elegendo os jovens não negros (as), como um dos “adversários”. Assim, percebemos o porquê das demandas apresentadas anteriormente, como ingressar de forma mais profunda, a espaços mais periféricos, pela razão de que lá, a participação de sujeitos como eles, serão mais numerosas.

Diante disso, constatou-se que, ambas a JP e JNP concordam com as metas e ações do evento, porém, eles reconhecem que podem haver melhorias no evento. Percebeu-se que as metas e/ou ações que deveriam existir sugeridas pela JNP articulam-se

com aspectos de performance para o mercado, por exemplo, a compra de novas marcas de bebidas, melhor organização na entrada do evento. E da JP, volta-se a restrição de outros jovens não negros e articulação com outros movimentos negros da grande Vitória (ES), ampliando o aspecto da militância. Verifica-se que, a vontade de agir da JP, se inicia pelo aspecto coletivo, e da JNP pelo individual. Contudo, nota-se que as estratégias e metas sugeridas pela JP se desarticulam com os objetivos do evento.

Nesta dimensão, vimos que, para desenvolver a vontade política dentro de um evento, é algo bastante complexo, se tratando de um público plural como o analisado. Chama atenção alguns repertórios que fazem os jovens perderem seus interesses, questões menos complexas, como: as organizativas do evento; formas de elaborar a apresentação das atrações, e outras mais elaboradas, a exemplo, a articulação com outros movimentos que pautam diferentes lutas sociais ou similares. Uma meta que merece ênfase, base na discussão de interesses coletivos, seria o Bekoo das Pretas elucidar a JP que, a aproximação dos outros jovens não negros (as), tidos como “adversários”, não os farão figurantes do evento, ajustando estas metas o evento poderá caminhar com a identificação de toda a juventude negra. Para auxiliar esta compreensão, descreve-se no Quadro 03- Resumo das dimensões da consciência política da Juventude Negra.

Quadro 04- Resumo das dimensões da consciência política da Juventude Negra

Dimensões	Configuração das dimensões	Sentimentos revelados
Quem nós somos?	A juventude negra é plural, ela compartilha metas, crenças, valores e expectativas sociais, com base nas lutas sociais de raça, comuns a todos eles. São antagônicos entre si, quando não identificam aspectos subjetivos dos espaços alcançados para alguma luta. Possui identidade coletiva compartilhada entre os jovens negros que participam; e outra identidade coletiva em construção, na medida em que são compelidos para uma inter-relação com outros grupos que integram recentemente o evento Bekoo das Pretas.	Respeito, felicidade, harmonia, fúria, acolhimento, liberdade.
Luta pela mudança social?	O Bekoo das Pretas pauta lutas históricas que atravessam todas as juventudes negras. Ela confere um papel social ao Bekoo por representá-la diante das lutas sociais contra o racismo, machismo e outras violências. Se tornou, um dos locais que, no contexto capixaba, resgata a cultura preta. Os jovens têm expectativa de encontrar no evento, o protagonista. E por manter no seu interior, os debates contra a injustiça social. Eles possuem sentimento de esperança na medida que contribui para a juventude negra deliberar e encontrar outros espaços participa-	Empoderamento, respeito, honestidade, humildade, senso de justiça, alívio, diversão, esperança, motivação, conforto, resistência preta, conexão, solidariedade de classe, solidariedade de raça, empatia, dignidade.

	tivos.	
Nós somos diferentes ou iguais; e quem são os outros?	A juventude negra é distinta entre si. Porém apresenta-se unida pelo sentimento de identidade coletiva. Por isso que, respeitam o comportamento dos demais sujeitos que participam. Apontam como os adversários o Estado; Estado informal; grupos comerciais; órgãos públicos; os próprios frequentadores (jovens não negros). Com isso, verifica-se interesses comuns e contrários entre a organização e os jovens analisados, a quem deve frequentar o evento. O que faz com que o espaço seja enfraquecido, caso não seja definido pela organização os reais adversários a todos.	Amizade, chacota, ódio, felicidade, agressividade.
Afetamos ou somos afetadas(os)?	A juventude negra ajuíza ser capaz de afetar individualmente pequenos grupos de forma instantânea. Mas acredita ser eficaz para solucionar os problemas, os modelos coletivos. Embora ambos sentimentos de eficácia, tenham como objetivos resolver problemas estruturais. A juventude negra é afetada pelo Bekoo por recebê-los de modo acolhedor; e socializar de maneira afetiva seus conflitos sociais.	Ansioso, engraçado, justiça, animado, curtição, empoderamento negro, mudança, mudança, aconchego, respeito, entendido.
É ação política ou mimimi?	Verifica-se o evento como ação política. O Bekoo é um importante espaço de ação política onde a juventude negra compartilha sentimentos semelhantes, contra processos que atravessam cotidianamente os jovens que participam, como a ausência de políticas públicas para seus territórios, violência física e simbólica do Estado com o uso de aparelhos, como a PM. O evento é capaz de ofertar expectativas para um mundo sem injustiças sociais e prepará-los para enfrentar o cotidiano real.	Injustiça, mimimi, descaso, proteção, renovação, medo, sofrimento, felicidade, alívio, gratidão, esperança, vibe positiva, opressão, fortalecido.
Eu estou aqui, e quero estar lá?	A juventude negra confere ao valor do ingresso, preço das bebidas, a segurança dentro do evento, a socialização com outros bondes, como importantes para que ela possa participar do evento. E verifica-se que, a partir do Bekoo, eles almejam estar em outros processos deliberativos, se utilizando para isso encontrar o contato com outras identidades políticas, se destaca os usos das redes sociais Facebook como instrumento de socialização.	Amizade, respeito, anseio, opressão.
Chegaremos em algum lugar?	A juventude negra avalia que o Bekoo corresponde aos objetivos que eles procuram. Seja por aspectos simbólicos, como: estética da organização; uso da linguagem; protagonismo da mulher negra; e ideológico, como: o contexto histórico do IDP; função social e política. Entretanto, para se chegar em algum lugar, será necessário antes elucidar os jovens, quem são os verdadeiros adversários do evento.	Valorização, crença, alegria, fúria, felicidade.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Os jovens que participaram desta pesquisa representam, em termos qualitativos, a juventude negra que participa do Bekoo das Pretas. Eles apresentam traços de seme-

lhanças nos seguintes aspectos: a) raça/cor; b) agrupamento etário; c) escolaridade; d) lutas sociais; e) baixa predisposição em candidatar-se a eleições; f) são injustiçados socialmente; g) pendor musical. E diferenças em outros: h) identidade coletiva; i) grupos adversários; j) crença no Bekoo em promover mudanças ao jovem negro; l) sentimento de eficácia no Bekoo, justamente por alguns estarem em outros ações e/ou movimentos de participação política, a Juventude que participa (JP), seguindo daqueles que não estão, a Juventude que não participa (JNP). Possuem consciências políticas, com engajamento coletivo (JP) e individual (JNP), das quais partem de estratégias distintas para a manutenção do mesmo lugar.

As configurações da consciência política encontradas são: a) **a juventude da lacração** - a JNP, por ser aquela suscetível a mudanças e estarem envoltas a eventos que se inscrevem em novas tendências de mercado, estão sempre prontas (os) para um evento; e b) **a juventude da tradição** - a JP, por estarem vinculados aos ritos com mais significados do passado (memória da cultura negra) e voltados estritamente aos jovens negros. Revela-se uma identidade coletiva compartilhada, entre a juventude que não participa (JNP); e outra identidade coletiva em construção, da juventude que participa (JP), na medida em que – a inserção em novo campo (mercado) feito pelo Bekoo, obriga uma inter-relação com outros grupos que participam.

A juventude que não participa (JNP), a juventude da lacração, têm uma consciência suscetível a mudanças e maior sentimento de identidade coletiva com o Bekoo, pois apresenta-se mais integrada aos objetivos do evento. Ao mesmo tempo são voláteis, pois tem menos crença na capacidade do evento de promover mudanças ao jovens negros que participam do Bekoo, e partem inicialmente numa intervenção (eficácia política) individual que prioriza solucionar um problema coletivo e/ou estrutural, mesmo reconhecendo ser a ação coletiva, a capaz de promover mudanças sociais. Não estão envolvidos em ações e/ou movimentos, porém, predispostos a participar. E por isso, seus interesses coletivos se voltam para aspectos individuais, desde uma investida afetiva ou obter no Bekoo inspiração para sua atividade profissional. Constatou-se também, um interesse e conhecimento profundo sobre importantes lutas sociais (raça, gênero) tendo os grupos online (Facebook) contribuído para este alcance.

Em contraste, a juventude que participa (JP), a juventude da tradição, têm consciência política mais predisposta à participação, pois mesmo inseridos em seus grupos de pertença, e diante dificuldades materiais de acesso aos bens materiais e culturais, que

fazem eles: estudar e trabalhar, para superar estas barreiras, estão preocupados com outras mobilizações, e não só, partem da perspectiva de integrá-las. Por estarem envolvidos em outros espaços políticos, possuem um repertório de ação maior, o que faz observar o Bekoo com outro olhar, sobretudo, na escolha dos adversários, resultando num baixo sentimento de identidade coletiva, por avaliarem que alguns dos objetivos traçados contribuem para a perda de mais um espaço político. Possuem maior desconfiança na maneira integrar-se e identificar-se pouco com os jovens não negros. Contudo, por não acreditar numa mudança que parte de uma ação individual, mas pelos interesses coletivos, se voltam para a manutenção dos seus grupos de pertença, e possuem no Bekoo um maior sentimento de eficácia política frente aos problemas do cotidiano. Percebe-se que a visão ideológica da JP, mais se aproxima com as expectativas sociais do Bekoo, pois elas não se baseiam em valores espontâneos, e se alinha numa visão coletiva e de futuro.

Considerando tais caminhos, e diante de tantas questões, aí estão os desafios do Bekoo das Pretas e para as organizações similares. A seguir, apresenta-se a discussão dos resultados encontrados, que objetiva confrontar de forma breve, as questões levantadas ao longo da revisão de literatura, e atribuir os resultados desta pesquisa à literatura.

4.5 O EVENTO AINDA NÃO ACABOU: UMA BREVE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com foco na segunda abordagem dos estudos da participação política das juventudes (BADARÓ, et. al., 2011), baseado em Abramo (1997) na ideia do protagonismo juvenil, e utilizando o marco teórico de Sandoval e Silva (2016), tendo em vista que juntas, a consciência política e a participação política da juventude negra, ainda não foi estudada, analisou-se, a participação política da juventude negra num espaço não institucional no estado do Espírito Santo (ES).

Esta abordagem aponta para estudos cujo a participação se deriva por ativismos, manifestações ou ações coletivas (BAQUERO; BORBA, 2008). O contexto trazido pela exclusão da população negra (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010; SANTOS, 2014; SOUZA, 2017), desencadeia também hoje para a juventude negra, inclusive pelos espaços deliberativos formais atuar dificultando o seu acesso (SILVA; MACEDO, 2016).

Assim, as juventudes buscam coletivos (PERONDI, 2013) projetos sociais de ações afirmativas (SILVA, 2015) projetos populares (ARAÚJO, 2016; VALLE, 2017) e se unem a fim de superar estas barreiras estruturais.

Com base nesta análise, os resultados alcançados demonstraram que, conforme aponta Pizzorno (1966) o evento Bekoo das Pretas, organização que surge de um coletivo, se estabelece pela identificação afetiva dos sujeitos formando uma cultura, tendo ele princípios e projetos bem definidos visando integrar grupos socialmente excluídos, tendo destaque no evento, o protagonismo da juventude negra. Como, Hope e Spencer (2017) e Araújo (2016), o evento não se resume apenas em encontros recreativos, ele oferta as juventudes repertórios trazidos por uma linguagem específica, pelo uso do funk, hip-hop e redes sociais, sobre o mundo político, e desperta desejo aos jovens de alcançar outros espaços políticos (MALONE; MARTINEZ, 2010).

Sobre as juventudes, conforme o estudo de Pinheiro, Esteves e Neto (2017) verifica-se que no evento, há uma nova paleta de identidades políticas que participam. Em nosso caso, parte delas (a JNP) demonstraram estar dispersa e flutuante em relação a temas que não estejam relacionados diretamente a seus desafios cotidianos. Porém, ambas, as juventudes que participam do evento localizada em outras ações e/ou movimentos sociais (JP) e as juventudes que não participam de outras ações e/ou movimentos sociais (JNP), ao serem questionadas sobre assuntos que os atravessam, por exemplo, atuação da juventude negra capixaba, inclusive para aqueles que não participam de nenhum movimento, eles demonstraram interesse, e formaram uma identidade compartilhada entre eles, o que contraria Bueno (2012), indicando ser a raça um fator determinante que desperta interesse da juventude negra, porém os alcances teóricos nos limitam ir além desta verificação.

Constata-se que a JP, superam as barreiras materiais, e avaliam de forma crítica sua forma de adaptar-se a novos espaços políticos. Verifica-se uma rigidez nos processos de adaptação a novos sujeitos que participam, que de forma desconfiada agem por colisão no modo de integrar-se com os jovens não negros, por influência dos seu grupo de pertença, podendo ser explicado pelo conceito de condição juvenil trazido por Abramo (2005) ao analisar as diferentes juventudes. No estudo de Waiselfisz (2013), os autores dizem que, diante de tantas violências, a citar no relatório Homicídios e Juventude no Brasil, constata-se que, a juventude negra compreende que para ela, as instituições selecionam um tratamento diferenciado, que resultam em genocídios, homicídios, vio-

lências, extermínios e diversas formas de discriminação, conforme aponta as pesquisas de Badaró, et al. (2011), Donato (2012), Ramos (2014), Prado (2017) e Valle (2017).

Contudo, a JNP, mostra-se mais adepta a novas tendências, sobretudo ao avaliar os espaços políticos pela perspectiva da integração. Deste ponto de vista ressalta-se dois resultados: a) uma juventude com este perfil pode ser a mais atraente, por acompanhar os novos caminhos e modelos de mercado que o evento aprofunda-se em adotar; e b) apesar de alinhar-se aos objetivos do evento, verifica-se a presença de valores espontâneos e individuais, e que apesar do interesse pela participação ao evento, nota-se uma predisposição a frequentar outros espaços, podendo rapidamente perder seu vínculo com outros adversário citados – casas comerciais.

De certo das limitações teóricas e mudanças no percurso metodológico ao longo desta pesquisa, aprofundados nas considerações finais, o conjunto de análises indicam que, para as organizações que promovem evento neste formato, para ele existir, este deve basear-se nos significados que a juventude negra acredita, espera e almeja alcançar: um mundo livre do racismo e sem opressões. Assim, ele se aproxima do que conclui Araújo (2016) ao dizer que, os aspectos subjetivos se materializam na realidade objetiva. Porém, empregam desafios, por exemplo, em como sustentar este caminho por estradas que foram construídas pela linguagem do homem não negro, pelo viés do empreendedorismo econômico. Com isso, o formato causa certa desordem na consciência de parcela dos jovens negras (os), ao avaliar certos limites na aceitação “das diferenças” no evento, por não compreender que determinadas ações visam também a permanência num mercado que se mostra competitivo.

Por outro lado, mesmo neste caminho desafiador conclui-se que, o espaço se constitui essencial, sobretudo ao constituir no jovem negro (a) o desejo de encaminhar-se a outros espaços políticos e almejar estar em outros processos deliberativos (pós-participação para outros espaços) ou requer estar em outros processos deliberativos para entender melhor a imersão que o evento propõe ao participante (pré-participação de outros espaços). Pela perspectiva psicossocial, enfatiza-se dizer também, que mesmo a juventude negra superando as barreiras econômicas e compondo por vezes, outros espaços de socialização, por constatar uma ausência de laços identitários nestes outros lugares, não significam sentir parte daquele lugar.

Por isso, diante de um horizonte de exclusão dos ambientes institucionais representativos da juventude (SILVA; MACEDO, 2016), entende-se que a participação polí-

tica da juventude negra no Bekoo é significativa, visto que, contribui ao jovem na medida em que, tanto para JP e JNP, constatou-se de alguma maneira um envolvimento afetivo, e conforme o evento é organizado, contribuindo para que rompa o pensamento superficial trazido pelo senso comum e/ou espontaneidade, ao analisar as situações do seu cotidiano (SANDOVAL; SILVA, 2016) o que consolida munir a juventude negra a “enfrentar” outro adversário, este mais potente, (re)produtor de desigualdades, o Estado. Assim como, ficou evidente que, o evento aproxima, em especial, os JP a outras identidades políticas, sobretudo as identidades trans e travestis. O que nos leva a refletir se nos espaços dos movimentos negros, o porque a presença destas identidades ainda é tão reduzida.

Embora as pesquisas internacionais, como de Hope e Spencer (2017) e Malone e Martinez (2010) apontarem que, os espaços culturais são centrais ao processo de conscientização política das juventudes negra, considera-se com os achados desta pesquisa que, o trânsito da juventude negra nesses espaços irá fomentar sua passagem para outros espaços (institucionais ou não) o que revela uma atuação organizada ao modo que, aquilo que é socializado (mensagens, ideias, histórias) nos espaços culturais, calham a ter significados mais sólidos tendo a juventude negra, o interesse de embrenhar-se de modo apurado. O estudo de Castañon, Rank e Barreto (2011) que tinha como interesse entender a influência da internet no comportamento político das minorias utilizadas para fins políticos, acabou indicando que, nos Estados Unidos as minorias nas últimas eleições, estariam sendo alvo de busca a ida às urnas por diversos partidos políticos. Nesta pesquisa, com outros objetivos, acabou-se por constatar também que, o interesse para agir na política institucional por parte dos jovens é mínimo, o que revela um descontentamento da outra parcela com o sistema político.

Desse modo, apesar dos avanços no contexto brasileiro, como: a Política Nacional de Participação Nacional (PNPS); o Sistema Nacional de Participação Social (SNPS); a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), instâncias voltadas para as juventudes. E após 10 de anos, o Estatuto da Juventude (EJ), instituído em 2013, verifica-se ações isoladas ou órgão com pouca representatividade das próprias juventudes, como apontou o estudo de Macedo e Silva (2016) ao evidenciar que entre 2012 e 2016, as características sociais dos conselheiros do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) não se aproximavam ou representavam o perfil da juventude brasileira.

De forma breve, os resultados alcançados nesta pesquisa se aproximam com os resultados das pesquisas encontradas na revisão inter e nacional, por evidenciar que aspectos de exclusão, violências, desigualdades incidem sobre as juventudes negras em diferentes américas, seja do Norte e/ou Sul. Entretanto, aqui direcionado a perspectiva do protagonismo juvenil, elenca-se de modo não romantizado, que ações protagonizadas para alterar o percurso diante deste panorama são organizadas por elas, as juventudes negras. Diga-se não, romantizado, pois naturalizar-se com as exclusões, de certa maneira é contribuir para que um ciclo vicioso continue. Assim, não se exclui da responsabilidade o Estado que, assume a função da proteção das juventudes, tendo na Constituição Federal de 1988, admitindo este compromisso. Na carta magna, o Estado possui dentre outros deveres, o de propor políticas adequadas para a manutenção de todas as juventudes, diga-se de todas, elas. Enquanto tais práticas não se apresentam materialmente para todas as juventudes, uma grande parcela delas, caminham em busca dos seus direitos.

5 FINALIZANDO O EVENTO

“Presentemente eu posso me
considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço
Me sinto são, e salvo, e forte
(...)

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir

Tenho sangrado demais (Falei!)
Tenho chorado pra cachorro
(Belo é o sol que invade a cela)
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
(Liberdade, irmão!)

Tenho sangrado demais (Demais)
Tenho chorado pra cachorro
(Mais importante que nunca)
Ano passado eu morri (Mas e aí?)
Mas esse ano eu não morro”

(Rapper *Emicida*, com participação de Majur e Pablló Vittar³⁴)

Frente a ausência de estudos psicossociais que visam compreender a consciência e participação política da juventude negra em espaços de participação política, e tendo em vista que, as produções acadêmicas acerca da participação política da juventude é apontada como assunto na última década, tendo a juventude negra um maior interesse em mecanismos de participação não institucionais, aqui, analisou-se um evento, baseado na ideia trazida por Abramo (2005) denominada de protagonismo juvenil. Assim, o objetivo desta dissertação foi compreender como se configura a consciência política e participação de jovens negros (as) no evento Bekoo das Pretas, lócus desta pesquisa, vincu-

³⁴ Trecho da canção AmarElo (Sample: sujeito de sorte – Belchior) (Volume 1) lançada em 2019, pelo rapper e compositor Emicida com participação especiais das cantoras Majur e Pablló Vittar. O *single* é um símbolo da diversidade e resistência negra. Um fio condutor a reflexão de um Brasil de hoje (2021).

lado ao Instituto Das Pretas (IDP), Organização de Economia Mista Criativa Afrocentrada, localizada na capital do estado do Espírito Santo, Vitória (ES).

Desse modo, adotou-se como marco teórico, o Modelo Analítico de Consciência Política para a Compreensão da Participação em Ações Coletivas de Salvador e Silva (2016), composto por sete dimensões: identidade coletiva; crenças, valores e expectativas sociais; interesses coletivos; eficácia política; sentimentos com respeito aos adversários; vontade de agir coletivamente; e metas e repertórios de ações, para nortear as discussões (SALVADOR; SILVA, 2016).

Esta pesquisa, possui uma abordagem qualitativa de caráter descritiva exploratória (CRESWELL, 2010) onde optou-se pelo estudo de caso (GODOY, 2006). A produção dos dados se deu a partir da: 1. pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009); 2. autoetnografia (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019; TULLIS, 2019; SANTOS, 2017; TULLIS, 2019); 3. o diário de campo (MINAYO, 1993); 4. entrevista com roteiro semiestruturado (GASKELL, 2002). As dimensões da consciência política de Sandoval e Silva (2016) foram utilizadas como macrocategorias de análise, submetidos ao método de 5. análise de conteúdo, de Bardin (2006).

Em função da representatividade (THIOLLENT, 2005), os jovens que participaram desta pesquisa, em termos qualitativos, se aproximam da juventude negra que participa do Bekoo das Pretas, evento organizado pelo Instituto Das Pretas (IDP). São 8 jovens, todos autodeclarados pretos, na faixa etária de 18 a 29 anos, sendo a Juventude que participa (JP), seguindo daquela que não participa (JNP). Os resultados revelaram duas configurações da consciência: a) **a juventude da lacração** - a JNP, por ser aquela suscetível a mudanças e estarem envoltas a eventos que se inscrevem em novas tendências de mercado, sempre prontas (os) para um evento; e b) **a juventude da tradição** - a JP, por estarem vinculados aos ritos com mais significados do passado (memória da cultura negra) e voltados estritamente aos jovens negros (as). Revela-se uma identidade coletiva compartilhada, entre a juventude que não participa (JNP); e outra identidade coletiva em construção, da juventude que participa (JP), na medida em que a inserção em novo campo (mercado) feito pelo Bekoo das Pretas, obriga uma inter-relação com outros jovens que participam (os jovens não negros).

Na dimensão de **identidade coletiva**, que se trata do sentimento de pertença, constatou-se que existem dois fatores semelhantes entre os jovens, JP e JNP: as lutas pela injustiça social que o evento propõe em discutir; e o processo de identificação soci-

al, na capacidade que o evento possui em representar diferentes sujeitos, a exemplo, da mulher negra. Porém, a forma de expressar essa identidade se singulariza. Para a JNP, a identidade coletiva é tida como um valor que integra os diferentes sujeitos, dado que para este grupo, o evento se consolida como uma das primeiras experiências políticas. Já para a JP, apesar de ela concordar com os objetivos do evento e comportamentos dos demais jovens, se expressa com o sentimento de desconfiança, em especial, ao se manifestar ao novo rumo que o evento vem adotando de inserção a novos mercados, com vistas apenas para uma tendência a lacração. Isso indica que os JNP, se assentam melhor no novo formato adotado do evento do que os JP, por não atribuírem críticas, visto que, com a ausência de experiência participativa, os conflitos de pautas sociais não estão amadurecidos. Fato que faz a JP, olhar com refinamento para este espaço.

Na dimensão de **crenças, valores e expectativas sociais** verificou-se que para ambos, os JP e JNP, o evento ofereceu diferentes elementos para refletir sobre os desafios do cotidiano, provocando uma ruptura do senso comum e/ou espontaneidade. Como os usos de diferentes recursos (linguagens, imagens, músicas) acessíveis para compreender casos de injustiça social, o contato com outras identidades políticas, a explicação de fenômenos, como: machismo e racismo. Ou seja, ambos acreditam que o evento promove o resgate da cultura negra e pode representá-los, fato que se constatou pelo forte sentimento de solidariedade, entre as diferentes identidades que participam, a exemplo, da bicha preta com a mulher negra. Em contrapartida, identificou-se diferentes valores. Para a JP, os valores estavam mais relacionados a um projeto político que seria construído para além das 5h da manhã, momento que finda o evento, por isso, os valores de resistência preta, respeito, acolhimento, foram citados ligando a uma perspectiva de futuro. Agora, a JNP, os valores voltaram-se aos aspectos mais individuais e imediatos, como: afrontamento; visibilidade; confronto, razões que estão mais alinhadas a uma proposta comercial, que por vezes, pode ser apenas uma tendência para acompanhar um mercado promissor momentâneo. Nesta dimensão, percebe-se que a visão ideológica da JP, mais se aproxima com as expectativas sociais do Bekoo da Pretas, pois elas não se baseiam em valores espontâneos, e se alinham numa visão coletiva, mas de afro-futuro.

Na dimensão de **interesses coletivos**, verificou-se que, os JP e JNP ambos reconhecem a carência que as instituições públicas possuem no trato com as denúncias advindas das pautas sociais, como as lutas de raça. Identificou-se que a ameaça e os adversários visíveis são todos aqueles (grupos, sujeitos ou instituições) que agem na tentativa

de ceifar qualquer projeto coletivo que ousou confrontar as normas sociais hegemônicas. Revela-se, uma relativa predisposição alinhada dos JP com os objetivos do Bekoo, ao passo de nomearam também, os outros participantes do evento como adversários. Neste ponto, eles indicam ser como adversários, o Estado, a política de direita, e são unânimes em apontar, os jovens não negros. Em contrapartida, a JNP apontou adversários mais óbvios, aqueles restritos ao funcionamento comercial do evento. Aguçam ser, os grupos comerciais, associação de moradores e a igreja. Sobre os interesses coletivos, para a JP estes voltam-se para a manutenção dos seus grupos de pertença, enquanto para os JNP, direcionam para aspectos individuais, desde uma investida afetiva ou inspiração no Bekoo para sua atividade profissional.

Na dimensão de **eficácia política**, constatou-se que para ambos os JP e JNP, o Bekoo das Pretas legitima suas pautas, sendo capaz de representá-los diante de problemas sociais. Destacou-se respostas que mostraram como o Bekoo tem a capacidade de mobilizar de diferentes maneiras, as juventudes, e chamar atenção da sociedade capixaba abordando contextos que atravessam a juventude negra, destaca-se a influência com os usos das redes sociais (Facebook e Instagram). Porém, quando perguntados sobre a capacidade do Bekoo em promover mudanças à juventude negra que participa do evento, a JP foi unânime em afirmar que, com certeza, eles acreditam não ser de maneira imediata, se constituindo em um processo. Mas apontam críticas, dizendo que para isso, o evento precisa se apresentar mais enfático neste sentido, pois nas últimas edições, as palavras que remetiam as lutas sociais e empoderamento negro, foram substituídas por dizeres de impacto, efeito ou curtição. Em contraste, a JNP foi imparcial em sua avaliação, avaliam que não, pode ser um gatilho para a mudança, mas avalia que o caráter da “curtição” prevalece aos jovens negros, mas não souberam explicar com profundidade o porquê. Ao analisar a capacidade individual de mudanças sociais, a JP reconhece não ser capaz de individualmente alterar o percurso social de um coletivo ou grupo de pessoas. Neste momento, reconhecem que fatores como raça e ausência de recursos, são fundamentais para esta compreensão. Por isso, apostam diretamente no poder dos coletivos ou organizações para intervir. Já a JNP, parte inicialmente do aspecto individual, e avaliam ser capazes de mudar as pessoas próximas, com o processo de conscientização. Mas reconhecem ter no coletivo uma resposta mais eficaz. Verifica-se então, que a JP tem maior sentimento de confiança no evento e analisam ser o coletivo como o melhor

caminho para a mudança social. E a JNP tem baixo sentimento de confiança, e cogitam propor as mudanças inicialmente por aspectos individuais.

Nos sentimentos com **respeito aos adversários**, em profundidade, certificou-se que todos os JP e JNP, se sentem injustiçados socialmente, e compartilham mutuamente este sentimento. Entretanto, as descrições mais apuradas sobre de que lugar se origina estas situações foram desenvolvidas pela JP. Eles reconhecem partir dos fenômenos sociais, como: o racismo; machismo; e homofobia, que irão determinar a normas e comportamentos, aos lugares que eles não estão incluídos. Tais fenômenos alcançam os aspectos psicossociais de forma a potencializar inseguranças e contribuir com a baixa autoestima desta juventude. Ao olhar para o racismo, foram apontadas situações, quando este fenômeno determinou: a) a segurança seguir uma jovem negra no supermercado que entrou apenas para comprar pães; e b) normatizou o julgamento de uma atendente quando negou o atendimento a uma jovem negra, numa loja do shopping da capital. Para eles, na sociedade brasileira, o único isento de tais injustiças sociais, seria o homem branco, cis, hétero e detentor de bens (materiais e socioculturais).

Por outro lado, a construção dada pela juventude ao Bekoo das Pretas em ser capaz de diminuir o sentimento de injustiça, foi um momento com diferentes pontos de vista. Releva-se que a JNP analisa com dúvidas se o evento é capaz desta mudança, mas frisaram ser importantes os posicionamentos de Priscila Gama que explicita realidades similares entre os jovens durante o evento, que pode ser um momento que diminui este sentimento. Contrário a eles, a JP observou que sim, por ser um evento cultural, lúdico e capaz de oferecer elementos para entender os fenômenos estruturais. E citaram também, que o processo de identificação social com a equipe que trabalha, gera o sentimento de esperança, sobretudo, ao verem mulheres pretas bem sucedidas.

Em metas e **repertório de ações**, identificou-se um posicionamento quase alinhado entre a JP e JNP, de não terem num cenário futuro o propósito de filiar-se a partidos políticos, e não haver também, a perspectiva de se candidatar a cargos eletivos. Tanto a JP, quanto a JNP, apenas um jovem “provavelmente” pretende se filiar. Este jovem aponta que dentre erros e acertos, se identifica com as pautas do Partido dos Trabalhadores (PT), e considera ser este partido, o mais adequado e de melhor alcance para mobilização no Brasil. Isso é um fato curioso pois até mesmo os JP, que possuem em seu lar, familiares envolvidos diretamente na atuação institucional, não portam este interesse. A JP, foi perguntado também se estar no Bekoo afetou sua participação em outras

atividades políticas. A resposta apresentada por todos eles, foi que não, pelo evento ocorrer a noite e por não terem perante ao seu grupo político nenhum empecilho, eles participam. Ou seja, o Bekoo das Pretas diante destes outros grupos políticos tem boa reputação. Ao comparar a influência que o Bekoo das Pretas proporciona ao jovem quando lá se deparar (ou não) com outras identidades políticas, a JP todos afirmaram que sim, em especial, grupos feministas, travestis, drag's, o que surge o interesse em compreender temas, como: gênero e sexualidade. Entre a JNP, apenas um apontou que não, o que levanta a questão para se pensar se estes espaços que discutem raça, estão se localizando numa discussão que ampliem o debate carregando consigo outras preocupações, como das mulheres travestis e transexuais, uma crítica que Oliveira (2020) levanta, em não perceber nos movimentos negros esta abordagem. Destaca-se em ambos, os usos das redes sociais como instrumento desta socialização para conhecer as demais identidades.

Na dimensão de **vontade de agir coletivamente**, se constatou que ambos, JP e JNP, concordam com as metas e ações do evento, porém, eles reconhecem que podem haver melhorias no evento. Percebeu-se que as metas e/ou ações que deveriam existir sugerida pela JNP articula-se com aspectos de performance para o mercado, e da JP volta-se a restrição de outros jovens não negros e articulação com outros movimentos. Verifica-se em ambos que, a vontade de agir se dá pelo aspecto coletivo. Contudo, nota-se que as estratégias e metas sugeridas pela JP se desarticulam com os objetivos do evento.

Conclui-se que, o lócus da pesquisa (Bekoo das Pretas) é um evento respeitado perante a demais ações/coletivos sociais que a JP íntegra. O evento se constitui essencial, ao estabelecer na juventude negra, o desejo de encaminhar-se a outros espaços políticos e almejar parcialmente estar em outros processos deliberativos. Assim, a participação política da juventude negra no Bekoo das Pretas é significativa, contribuindo para que, tanto JP e JNP, rompam o pensamento superficial trazido pelo senso comum e/ou espontaneidade, ao analisar as situações do seu cotidiano (SANDOVAL; SILVA, 2016) o que consolida munir a juventude negra a enfrentar um adversário mais potente, este (re) produtor das desigualdades, o Estado. E não só, constatou-se ainda que, o evento ao se constituir por laços identitários é capaz de representar as diferentes juventudes, e ofertar a ela, elementos de construção para o jovem identificar-se enquanto um sujeito negro (a) detentor de direitos sociais, como: informações sobre a negritude; encontro

com diferentes identidades políticas; re-conhecer movimentos da história do povo negro.

Visando ampliar ou aprofundar este trabalho, sugere-se **futuras pesquisas** sobre a consciência política. As possibilidades de investigações, seriam: 1) analisar a consciência política e participação dos jovens não negros (jovens brancos) que buscam eventos culturais negros, afim de entender as causas desta integração. 2) Outra proposta de pesquisa, seria explorar mais a fundo a consciência política dos organizadores, os empreendedores culturais, que celebram os aspectos das identidades negras em meios urbanos, que são organizadas pela e/ou para a juventude negra. E assim, entender suas diversas configurações da consciência, suas relações sociais, desafios e modos de sobrevivência, posto por um modelo já formatado trazido pelo mercado empreendedor. 3) Investigar com mais afinco o percurso de inserção dos novos espaços políticos que almejam ocupar as juventudes (institucionais ou não) a partir do evento cultural.

Diante deste panorama, sugere-se algumas **possíveis contribuições** que possam fornecer a revisão de literatura, outras ideias e olhares, a citar: 1) descobriu-se que, a proposição da análise psicopolítica aos estudos das juventudes, podem explicar fatores mais particulares dos sujeitos, em realidades onde o panorama é universalizado, a citar diferentes percursos que o mesmo grupamento etário possui ao longo de suas experiências políticas; 2) identificou-se que, ao analisar o contexto e grupos com marcadores sociais singulares no Brasil, como a juventude negra, pelo ponto de vista psicossocial sem considerar ao menos dois ou mais marcos teóricos, ofereceria ao pesquisador certa autonomia de nomear e/ou ampliar o debate tensionando para outros fenômenos sociais, como: o racismo; homofobia; machismo, o que a abordagem interseccional, já vem realizando. 3) A organização, sugere-se utilizar como estratégia para explicar melhor a juventude negra os objetivos do evento, e também, suas táticas de inserção em novo mercado (que hoje ocorre de maneira mais profissional), com os diversos recursos das redes sociais, de forma a aproximar ainda mais a Juventude que participa (JP) a identificar-se com o evento. Além disso, pelo evento se constituir um lugar de inclusão para todas as pessoas que se identificam com as lutas sociais que propõe discutir o evento, o resultado contribui aos sujeitos da pesquisa, para refletir sobre a possibilidade que os espaços de participação política culturais, como o Bekoo das Pretas, seja também, um mecanismo de aprendizagem e de contato com pautas e lutas sociais para os jovens não negros. E que, a interação que objetiva o Bekoo das Pretas, demais ativismos e movi-

mentos negros com diferentes grupos, demonstrado na revisão de literatura, seja preciso, fato que pode contribuir para o combate a fenômenos sociais de exclusão, como o racismo.

De certo das **limitações teóricas e metodológicas**, a de citar que, o desenvolvimento desta pesquisa ocorreu no contexto da pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, em que, as medidas de distanciamento social atribuídas pelos órgãos sanitários alteraram as dinâmicas sociais, inclusive, os caminhos pensados inicialmente para esta pesquisa, o que causou limitações em relação às técnicas de produção de dados de jornada ao campo. No que tange, ao marco teórico de Salvador e Silva (2016), por se tratar de uma pesquisa que utiliza o modelo de consciência política atualizado de 2016, com sentimentos e emoções, cita-se a dificuldade de encontrar mais documentos que discutem a dimensão inserida recentemente, a de interesses coletivos, que ficou pouco sistematizada.

Neste contexto, muito embora as pesquisas internacionais, como de Hope e Spencer (2017) e Malone e Martinez (2010) apontarem que, os espaços culturais são importantes no processo de conscientização política das juventudes negra, considera-se com os achados desta pesquisa, a passagem da juventude negra nesses espaços fomenta sua abertura para outros espaços (institucionais ou não), o que revela uma atuação organizada ao modo que, aquilo que é socializado (mensagens, ideias, histórias) nos espaços culturais, calham a ter significados mais sólidos, tendo a juventude negra, o interesse de embrenhar-se de modo apurado. O estudo de Castañon, Rank e Barreto (2011) que trazia como interesse entender a influência da internet no comportamento político para fins políticos, acabou indicando que, nos Estados Unidos, as minorias nas últimas eleições, estariam sendo alvo de busca a ida às urnas por diversos partidos políticos. Assim, como nesta pesquisa, tendo outros objetivos, constatou-se também que, o interesse para agir na política institucional por parte da juventude negra é bastante reduzido (apenas 1 jovem apontou interesse), o que revela um descontentamento deste grupamento analisado, com o sistema político institucional.

Por fim, aqui não se pretende encerrar as discussões sobre o tema, mas pelo contrário, se atenta abrir novos caminhos sobre estudos que buscam compreender as juventudes, em suas diversas manifestações de identidades, a citar: as negras; indígenas; quilombolas; LGBTQIA+; deficientes; ciganas; sem terras; camponesas; imigrantes; e outras, seus desafios e consciências políticas. Almeja-se aqui, mesmo com as limitações

apontadas, ter preenchido a lacuna encontrada sobre a consciência política da juventude negra. E espera-se também que, as lacunas identificadas nos estudos organizacionais possam contribuir para que “novos sons” sejam produzidos. Pois, não basta apenas convidar a juventude negra a participar dos eventos (ter o convite). É preciso deixá-las também descer até o chão-chão-chão (convidar para a dança). **Diante de tudo isso, façam um ELO de escutar todas as juventudes, pois elas importam. É sobre isso.**

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. BRANCO, Paulo. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: Abramo, H.; Branco, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED. Nº5, mai/jun/jul/ago; nº6, set/out/nov/dez, p.25-36, 1997.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ser jovem no brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira**. Cadernos Adenauer XVI. São Paulo, n. 1, p.13-25, 2015.

AGAZETA. **Primeiro caso de coronavírus no ES ocorreu na Quarta-feira de Cinzas**. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/primeiro-caso-de-coronavirus-no-es-ocorreu-na-quarta-feira-de-cinzas-0520>. Acesso em: 29 jul. 2020a.

AGAZETA. **Erro em dados registra primeiro caso de Covid-19 no ES em 15 de fevereiro**. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/erro-em-dados-registra-primeiro-caso-de-covid-19-no-es-em-15-de-fevereiro-0520>. Acesso em: 29 jul. 2020b.

ALBUQUERQUE, E. M. de. Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 99p., 2009.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
ALONSO, A. O abolicionismo como movimento social. Novos estudos - CE-BRAP [online]. 2014.

GILBERTO GIL. Gege Produções Artísticas. **Youtube**. Andar com fé. 01 jan. 1982. 3min20s. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=QddyErzc9ig>. Acesso em: 08 fev. 2021.

ANSARA, S. Memória política: construindo um novo referencial teórico na Psicologia Política. **Psicologia Política**, v. 8, n. 15, p. 31-56, jan./jun., 2008.

ANSARA, S. **Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil**. Paraná: Editora Juruá, 2009.

ARAÚJO, J. dos S. Juventude, participação e projeto popular: a experiência político-organizativa do Movimento "Levante Popular da Juventude". Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 119p., 2016.

BACHMANN, I.; KAUFHOLD, K.; LEWIS, S.C.; ZUÑIGA, H.G. **News platform preference: advancing the effects of age and media consumption on political participation.** International Journal of internet Science, 5 (1), p. 34-47, 2010.

BADARÓ, J.; MARÇAL, M. M.; AGUILLAR, N.; FREITAS, R. V.; LINO, T.R. **Juventude negra, participação e Movimento Hip Hop: nas fronteiras do político.** I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade. Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2019/09/JUVENTUDE-NEGRA-E-HIP-HOP.pdf>. Acesso em: 08 set. 2019.

BAQUERO, M.; BORBA, J. A (re)valorização dos partidos políticos no Brasil via capital social. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, Brasília, v. 2, n. 1, jan./jun. 2008.

BARROS, J. P. P.; BENÍCIO, L. F. S. de. **Eles nascem para morrer:** uma análise psicossocial da problemática dos homicídios de jovens em Fortaleza. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 34-43, jul./dez. 2017.

BARROS, J. P. P.; COSTA, E. A. G. A.; CAVALCANTE, C. O. B.; SOUSA, I.S. Quanto importa cada vida? Problematizações éticas sobre violência contra populações infanto juvenis no Ceará. **In:** R.C.F. (Org). JUVENTUDES, LINGUAGENS E DIREITOS. Brasil: Fortaleza: Imprensa Universitária, p. 19-52. 2019.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. **Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária.** In: X Congresso Nacional de Educação - Educere. Curitiba, 2011.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. 3. Ed. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARNES, S.H.; KAASE, M (org.). Political action: Mass participation in five Western democracies. Beverly Hills: Sage, 1979.

BAUMAN, Z. "Between us, the generations", in J. Larrosa (ed), On generations. On coexistence between generations, Barcelona: Fundació Viure i Conviure, pp. 365-376, 2007.

BAÚ VIAJANTE. **Primeira sede do Instituto Das Pretas.** Disponível em: <http://www.obaudoviajante.com.br/das-pretas-empoderamento-negro>. Acesso em: 21 out. 2020.

BECO CULTURAL DAS PULGAS. **Flyer de divulgação do Beco das Pulgas.** Facebook, 17, ago., 2014. Disponível em: Disponível em: <https://fb.me/e/3G0wIW4d5>. Acesso em: 20 out. 2020.

BEKOO DAS PRETAS. **Bem vinda(o) ao Bekoo das Pretas.** Facebook, 19, ago., 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/bekoodaspretas/photos/a.1061937373923530/3099228903527690/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

BEKOO DAS PRETAS. **Arraiá do Beco**. Facebook. Publicado em: 6 jul. 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/events/640253153108778?active_tab=about. Acesso em: 21 out. 2020.

DAS PRETAS. **Baile Clack Boom**. Facebook. Publicado em: 05 dez. 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/events/1947263885498728/?active_tab=about. Acesso em: 22 fev. 2021.

BEKOO DAS PRETAS. **Edição Chama na Chama**. Facebook. Publicado em: 9 jun. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/376383429514402/>. Acesso em: 21 out. 2020.

BEKOO DAS PRETAS. **Edição Ano Novo 2019**. Facebook. Publicado em: 12 jan. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/272940203394360/>. Acesso em: 22 out. 2020.

BEKOO DAS PRETAS. **Edição Força Preta**. Facebook. Publicado em: 8 jul. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/events/140981173142001/?active_tab=about. Acesso em: 21 out. 2020.

BEKOO DAS PRETAS. **Edição 10**. Facebook. Publicado em: 9 set. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/events/1503664789714264/?active_tab=about. Acesso em: 22 out. 2020.

BEYONCÉ. Formation. **Youtube**. 23 abril. de 2019. 3min26s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sj9q5ve6bh0> Acesso em: 25 abr. 2020.

BORBA, J. **Participação política: uma revisão dos modelos de classificação**. Revista Sociedade e Estado. Vol. 27, nº 2, p. 263-288, 2012a.

BORBA, J. **Participação política: a centralidade dos repertórios**. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v.6, n.1, p.123-147, jan.-abr. 2012b.

BORBA, J.; RIBEIRO, E. A. Participação convencional e não convencional na América Latina. In: BAQUERO, M. (Org.). Cultura(s) políticas(s) e democracia no século XXI na América Latina. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

BONIFÁCIO, R. **A Participação política no Brasil**. Revista Em Debate, Belo Horizonte, vol. 4, nº 6, p. 34-45, set., 2012.

BORGES, J. **Participação Política, internet e competências infocomunicacionais: estudo com organizações da sociedade civil de Salvador**. (2011) 364f. (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BORDENAVE, J. E. D. O que é participação. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUENO, N. S. **Raça e Comportamento Político: participação, ativismo e recursos em Belo Horizonte**. Lua Nova, 85, p.187-226, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=673/67323263006>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 292p., 1988.

BRASIL. **Emenda Constitucional n. 65 de 13 de julho de 2010**. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc65.htm Acessado em 16/11/2019> Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. **Decreto Estadual n. 4599-R, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19) em diferentes áreas, e dá outras providências. Espírito Santo, ES. Disponível em: <http://ioes.dio.es.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/4753/#/p:10/e:4753>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto Estadual n. 4600-R, de 18 de março de 2020**. Dispõe sobre medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19), e dá outras providências. Espírito Santo, ES. Disponível em: <http://ioes.dio.es.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/4755/#/p:9/e:4755>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto Estadual n. 4601-R, de 18 de março de 2020**. dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19) de prevenção e de redução de circulação e aglomeração de pessoas nos órgãos e entidades do Poder Executivo Estadual e dá outras providências. Espírito Santo, ES. Disponível em: <http://ioes.dio.es.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/4755/#/p:9/e:4755>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 8.243, de 23 de maio de 2014**. Institui a Política Nacional de Participação Social e o Sistema Nacional de Participação Social SNPS, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Decreto/D8243.htm. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. **Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação reconhecimento, a delimitação, a demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%204.887%2C%20DE%202020,Ato%20das%20Disposi%C3%A7%C3%B5es%20Constitucionais%20Transit%C3%B3rias. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 9.759, de 11 de abril de 2019**. Extingue e estabelece diretrizes, regras e limitações para colegiados da administração pública federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9759.htm Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. **Decreto n. 4593, de 13 de março de 2020.** Dispõe sobre o estado de emergência em saúde pública no Estado do Espírito Santo e estabelece medidas sanitárias e administrativas para prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos decorrentes do surto de novo coronavírus (COVID-19) e dá outras providências. Espírito Santo, ES. Disponível em:

<http://ioes.dio.es.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/4750/#/p:24/e:4750>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 4597-R, de 16 de março de 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19) na área da educação, e dá outras providências. Espírito Santo, ES. Disponível em:

<http://ioes.dio.es.gov.br/portal/visualizacoes/html/4751/#e:4751>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** 12. ed. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 241 p, 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/legislacao-2/legislacao-pdf/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente> Acesso em: 02 jun. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.504, de 30 de setembro de 1997.** Estabelece normas para as eleições. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19504.htm. Acesso em: 16 jul. 2020.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 10 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. **Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado: 30 nov. de 2019. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. **Lei n. 12.990, de 09 de junho de 2014.** Dispõe sobre a reserva de negros na Administração Pública Federal. Brasília, DF. Recuperado em 06 out. de 2016, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011---2014/2014/Lei/L12990.htm. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. **Lei n. 11.129, de 30 de junho de 2015.** Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis nº s 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429,

de 24 de abril de 2002; e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. **Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010**. Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília: Congresso Nacional, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. **Portaria n. 188, 3 de fevereiro de 2020a**. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Brasília, DF. <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. **Portaria n. 356, 11 de março de 2020b**. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19) Brasília, DF. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acesso em: 24 jul. 2020.

BRASIL. **Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2019.

CABRALDOS SANTOS, L. I.; HAJIME YAMAMOTO, O. **Juventude brasileira em pauta: analisando as conferências e o estatuto da juventude**. Rev.latioam.cienc.soc.niñez juv, Manizales , v. 16, n. 2, p. 657-668, Dec. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2018000200657&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 mar. 2020. <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.16201>.

CAMARA MUNICIPAL DE VITORIA. **Colônia de Férias “Quilombinho 2019” será realizada no Museu do Negro**. Publicada: 14 jan. 2019. Vitória/ES. Disponível em: <http://www2.cmv.es.gov.br/controladoria/noticia/ler/9090/colnia-de-frias-quilombinho-2019-ser-realizada-no-museu-do-negro> Acesso em: 02 fev. 2020.

CARRANO, P. **Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência**. Revista Teias v. 12, n. 26, 07-22, set./dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

CARNEIRO, G. M.; GOMES, I. M. A corporeidades “Das Pretas”: identidade e consumo nas estratégias políticas de empoderamento em um coletivo de mulheres negras na cidade de Vitória. **Revista Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 1063-1076, jan. 2019. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/75059>. Acesso em: 08 abr. 2020.

CARNEIRO, G.M.C. **Corporeidade, consumo e identidades políticas:** estratégias de empoderamento feminino negro realizadas pelo coletivo das pretas na cidade de Vitória/ES. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e desportos. Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, 132 p., 2017.

CARMO, M, J.do; LIMA, N. **Interdiscursividade e crítica social: análise do discurso aplicado à letra afrentamento – Tássia Reis.** Revista Gestão Universitária, dez. 2017. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/interdiscursividade-e-critica-social-analise-do-discurso-aplicada-a-letra-afrentamento-tassia-reis>. Acesso em: 29 jan. de 2021.

CASTILHO, S. D. Q. de. Quilombo Contemporâneo: educação, família e culturas, Cuiabá, EDUFMT, 2011.

CASTAÑON, M. G.; RANK, A. D.; BARRETO, M. A. Plugged in or toured out? youth, race, and internet usage in the 2008 election. *Journal of Political Marketing* 10 (1-2), 115-138, 2011.

CDV. Centro terá Corredor Criativo Nestor Gomes. Disponível em: <https://cdvitoria.com.br/cdv2/centro-tera-corredor-criativo-nestor-gomes/>. Acesso em 21. set. 2020.

COLBARI, A. A Análise de conteúdo e pesquisa empírica qualitativa. In: SOUZA, E. M. (Org.) **Metodologias e análíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual.** Vitória: EDUFES, 296p., p. 241-272, 2014.

CONCEIÇÃO, E. B. da. **Programa de Promoção da Igualdade de Oportunidade para Todos:** experiências de ação afirmativa do Ministério Público do Trabalho (2003-2012). Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. São Paulo, FGV, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE (CONJUVE). **Pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus.** Relatório de resultados, junho, 2020. Disponível em: https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618_41b201dbab994b44b00aabca41f971bb.pdf. Acesso em: 18 jan. 2021.

CORREA LAGES, S. R. **Jovens universitários num terreiro de umbanda e as narrativas sobre as religiões afro-brasileiras.** Revista Brasileira De História Das Religiões, 11(33), p. 209-231, 2018.

CORONAVÍRUS BRASIL. **Painel Coronavírus.** Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado em: 26 jul. 2020.

CORONAVIRUSES. **Painel COVID-19 do Espírito Santo.** Disponível em: <https://coronavirus.es.gov.br/painel-covid-19-es>. Acesso em: 27 de jul. 2020.

COSTA, D. R. **Institucionalização da participação política no Estado:** história e defesa de direitos e interesses. Brasil e Chile em perspectiva. Tese (Doutorado em Ciên-

cias Sociais) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas – CEPPAC, Universidade de Brasília. Brasília, 298 p., 2016.

COSTA, G. P. **Um estudo sobre cidadania e políticas públicas em Porto Alegre**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 3, n. 4, p. 75-103, nov., 2007.

CIDINHO E DOCA. Eu só quero é ser feliz. Funk das Antigas. **Youtube**. 21 dez. de 2015. 5min8s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w3HssAzkdS4>. Acesso em: 08 fev. 2021.

CLASTRES, P. **Do etnocídio**. In: CLASTRES, P. Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, p. 55-63, 2004.

CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DALTON, R. The good citizen: how a younger generation is reshaping american politics. Washington, DC: Congressional Quarterly, 2009.

DALTON, R; SICKLE, V.A.; WELDON, S. The individual-institutional nexus of protest. British Journal of Political Science, n. 40, p. 51-73, 2009.

DOMINGOS, J. P.; NOGUEIRA, M. A. F. de. Geração tombamento e mercado: a popularização do jovem negro na cultura do consumo. Artigo (Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), Volta Redonda- RJ, 2017. Disponível em: acesso em: 02. abr. 2020.

DONATO, C. R. Hip Hop e feminismo negro nos processos de participação de jovens negras. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 226 p., 2012.

DAS PRETAS. Afetiva 2020. Disponível em: <https://www.daspretas.com.br/afetiiva/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DAS PRETAS. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/daspretas.org/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

DAS PRETAS. Fortalece 2020. Disponível em: <https://www.daspretas.com.br/fortalece/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DAS PRETAS. **Cópia o que fazemos 2020**. Disponível em: <https://www.daspretas.com.br/c%C3%B3pia-o-que-fazemos/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DAS PRETAS. **Segunda Sede do Instituto Das Pretas**. Facebook, 18, set., 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/daspretas.org/photos/a.687966974667413/1147887275342045>. Acesso em: 21 out. 2020.

DICIONÁRIO POPULAR. Qual o significado do Mimimi? Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/significado-mimimi/>. Acesso em: 21 de abr. 2021.

ELLIS, C.; ADAMS, T.E.; BOCHNER, A.P. Autoetnografía: un panorama In: CALVA, S. M. B. (Org). Autoetnografía: una metodología cualitativa. México: Universidad Autónoma de Aguascalientes, p. 17-43, 2019. Disponível em: https://editorial.uaa.mx/catalogo/ccsh_autoetnografia_9786078652891.html Acesso em: 13 set. 2020.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: research as subject. In.: NORMAN, D.; LINCOLN, Y. Handbook of qualitative research. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2000.

EL PAÍS. **A inocência póstuma por um vídeo gravado pelo celular**. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/27/politica/1425067518_532711.html. Acesso em: 28 jan. 2021.

EL PAÍS. **Júri declara ex-policial Derek Chauvin culpado pela morte de George Floyd**. 2021. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-20/policial-que-matou-george-floyd-e-declarado-culpado-pelo-juri-em-minneapolis.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

ELLIOT, S. Explaining the Empty Booth: An Experiment in Candidate Traits and their Predictive Power on Youth Voter Turnout. CUREJ – College Undergraduate Research Electronic Journal. University of Pennsylvania. 2017. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/curej/208/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

EMICIDA. Emicida. **Youtube**. AmerELO (Sample Belchior – Sujeito de Sorte). 01 nov. 2019. 5min21s. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=uJcJV6g5mV8&list=PL_N6VL1gm0aLlr0HQ6yl2lRXdSfluxMt-s&index=9 . Acesso em: 13 jun. 2021.

ENERGIZE. O que é Energizze? 2020. Disponível em: <https://energizze.com/o-que-e-energizze/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FELIX, J.B.F.de. **Chik Show e Zimbabwe e a Construção da Identidade nos bailes Black Paulistanos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 202 p., 2010.

FERRAZ, C.B.R. **Devir-criança e infantilização pela rua sete em Vitória (ES): narrativas para a ilha rever**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal da Bahia, Bahia, 344p., 2019. Disponível em: https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/camilabenezath_2019_2.pdf. Acesso em: 21 ago. 2020.

FORDE, G.H. A; FORDE, R. P. **Impactos da COVID-19 na população negra capixaba: breve análise capixaba: breve análise comparada à luz da categoria raça/cor**. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/jspui/bitstream/10/11478/1/ARTIGO_covid-19_e_populacao_negra_capixaba.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.

GAMSON, W. A. Talking politics. Cambridge University Press, 1992.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, c. 3, p.64- 89, 2002.

GARCIA, M. H. Jovens trabalhadores e o movimento sindical: percepções e participação sindical. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 122p., 2018.

GAZETA. **Bekoo das Pretas: Cresce e se firma na noite capixaba**. 2017. Disponível em : <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2017/07/bekoo-das-pretas-cresce-e-se-firma-na-noite-capixaba-1014074376.html>. Acesso em: 16. out. 2019.

GELEDÉS. **A morte de Cláudia e a luta das Mulheres por Direitos**. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-moerte-de-claudia-e-a-luta-das-mulheres-por-direitos/>. Acesso em: 28. jan. 2021.

GELEDÉS. **Lacração, empoderamento e luta: conheça a geração tombamento**. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lacracao-empoderamento-e-luta-conheca-geracao-tombamento/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

GODOY, A.S. Estudo de caso qualitativo **In**: GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; BARBOSA DA SILVA, A. (Org.). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, p. 115-146, 2006.

GOFFMAN, E. Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience. Nova York: Harper and Row, 1986.

GOODWIN, J.; JASPER, J. M.; POLETTA, F. Passionate politics: emotions and social movements. Chicado: University of Chicago Press, 2001.

GOOGLE, INC. **Google Maps**. Disponível em: <https://goo.gl/maps/A7QHEB8EBw9PGXP97>. Acesso em: 21 out. 2020.

GOMES, L.F. **Políticas Públicas para a Juventude: a participação do jovem em sua construção**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-graduandos em Serviço Social. São Paulo, 119 p., 2012.

GOVERNOES. **Secretaria da Saúde confirma primeiro caso do novo coronavírus no Espírito Santo**. Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/secretaria-da-saude-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus-no-espírito-santo>. Acesso em: 29 jul. 2020.

GLORIA GROOVE. Bumbum de ouro. Gloria Groove. **Youtube**. 2min47s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWaOGMntBIY>. Acesso em: 02. fev. 2021,

GUIMARÃES, A.S.A. A questão racial na política brasileira (os últimos 15 anos). *Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo*, 13(2): 121-142, nov. 2001.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HEMPHILL, P.R. *Rebel Without a Pause: Discovering the Relationship between Rap Music and the Political Attitudes and Participation of Black Youth*. 2015, 199p. Tese (Doctor of Philosophy), University of Michigan, Michigan, 2015.

HEWSTONE, M. *Causal Attribution: from Cognitive Process to Collective Beliefs*. Londres: Basil Blackwell, 1989.

HOPE, E.C.; SPENCER, M.B. Civic Engagement as an Adaptive Coping Response to Conditions of Inequality: An Application of Phenomenological Variant of Ecological Systems Theory (PVEST). In: Cabrera N., Leyendecker B. (eds) *Handbook on Positive Development of Minority Children and Youth*. Springer, Cham, 2017.

HUNTINGTON, S.; NELSON, J. M. *No easy choice: political participation in developing countries*. Cambridge, Harvard University Press, 1977.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Desigualdades Sociais Por Cor ou Raça no Brasil*. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

IPEA- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Brasil em desenvolvimento 2010: Estado, Planejamento e Políticas Públicas*. Brasília: IPEA, Capítulo 25. "Métodos qualitativos de Avaliação e suas contribuições para o aprimoramento de Políticas Públicas" p. 661-687, Volume III, 2010.

IPEA- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Atlas da Violência 2017*. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em: 16 out. 2019. Acesso em: 16 out. 2019.

IPEA- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Juventude levada em conta - Demografia*. Brasília: Ipea. 2013. Disponível em <http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Juventude-Levada-em-Conta.pdf>. Acesso em: 16 out. 2019.

IJSN- INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. *Perfil da juventude e políticas públicas no Espírito Santo PNAD 2012*. 3.ed., Vitória, ES, 2014.

JACKSON, M. *The Don't Car About Us*. Nova York: Epic Records: [1995]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-OPJ2d86kE&feature=youtu.be>. Acesso em: 11 jul. 2020.

JASPER, J.M. **The art of moral protest: culture, biography and creativity in social movements**. Chicago: University of Chicago press, 1977.

- JOHNSON, R. E. **Making history, gendering youth : Young women and South Africa's liberation struggles after 1976**. PhD thesis, University of Sheffield, 2010.
- JUNIOR, J.S.C.; JUNIOR, R.C.B. Jovens como esperança na transformação: a campanha Juventude Partipa! em Campina Grande (PB 2009-2011). *Revista Discente Ofícios de Clio*, Pelotas, vol. 2, n°03, ago./dez. 2017.
- KAROL Conka -Tombei feat. Tropkillaz (Kondzila). Canal Kondzilla. TropKillaz. **Youtube**. 3min28s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LfL4H0e5-Js>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- KLANDERMANS, B. *The psychology of social protest*. Londres: Blackwell, 1997.
- LACOS; FAESA. **Bekoo das Pretas: conheça essa iniciativa que vai muito além de uma festa**. Portal 12 de julho de 2017, Vitória/ES. Disponível em: <https://faesadigital.com/2017/07/12/bekoo-das-pretas-conheca-essa-iniciativa-que-vai-muito-alem-de-uma-festa/> Acesso em: 2 fev. 2020.
- LAMOUNIER, B. Raça e classe na política brasileira. *Cadernos Brasileiros*, p. 39-50, 1968.
- LAVALLE, A. G.; BULLOW, M. V. Sociedade civil e institucionalização da intermediação: Brokers diferentes, dilemas semelhantes. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 125-165, 2014.
- LAVALLE, A. G. Participação: Valor, Utilidade, Efeitos e causa. In: PIRES, R. R. C. (Org.). *Instituições Participativas e seus possíveis efeitos: O que podemos esperar e avaliar?* Brasília: Ipea, p. 33-42, 2011.
- LATTARI, M.C.G. **Experiências sociais no espaço escolar**: os usos da escola por jovens das camadas populares no ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Ciências da Educação. Universidade Federal de São João Del Rei, 182p., São João Del Rei, 2011.
- LEMONDE DIPLOMATIC. **Mulheres e participação política internacional**. 2020. Disponível: <https://diplomatique.org.br/mulheres-e-participacao-politica-internacional/>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- LINN DA QUEBRADA. Bixa Preta (Ao vivo). Showlivre. **Youtube**. 19 set. de 2018. 7min27s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pKRpcv9hfUg>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- LOPES, I. L. **Estratégia de busca na recuperação da informação**: revisão da literatura. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 60-71, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652002000200007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 09 mar. 2020.
- OLIVEIRA, A. R. de A. **A participação juvenil**: uma análise das experiências de jovens na Rede de Jovens do Nordeste/PB. 2016. 123 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016b.

OLIVEIRA, M. R. G. de. **O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 190 p., 2017.

OLIVEIRA, O.M. **O Projeto político do território negro de Retiro e suas lutas pela titulação de terras.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, 410pSanta Catarina, 2005.

OLIVEIRA, I.A. Black Rio 40 anos: o movimento negro na ditadura militar. **Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 44-59. 2016a.

MALONE, C.; MARTINEZ, G. The Organic Globalizer: The Political Development of Hip-Hop and the Prospects for Global Transformation, *New Political Science*, 32:4, 531-545, 2010.

MAPA CULTURAL. Beco das Pulgas. Disponível em: <http://mapas.cultura.gov.br/historico/144209/>. Acesso em 21 set. 2020.

MARILAC. L. PAPO com Erika Hilton: uma das vereadoras mais votadas de São Paulo promete representatividade. Luisa Marilac. **Youtube**. 01 de jan. de 2021. 37min16s. Disponível em: <https://youtu.be/Tpcgbmbd7G0> Acesso em: 02 fev. 2021.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, agosto de 2004.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.5/6, p. 5-14, 1997.

MELUCCI, A. *Challenging Codes: Collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MELUCCI. A. *A Invenção do Presente. Movimentos sociais nas sociedades complexas*. Tradução: Maria C. A. Bomfim. Petrópolis. RJ: Vozes, 2001.

MENDES, J. M. O. de. **Perguntar e observar não basta, é preciso analisar:** algumas reflexões metodológicas. Universidade de Coimbra, p. 1-27, 2003.

MC MARCINHO. Glamurosa. Mc Marcinho. **Youtube**. 17 fev. 2016. 3min57s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BiuxHS66T2E>. Acesso em: 02. fev. 2021.

MILBRATH, L.W. *Political Participation*. Chicago: RandMcNally, 1965.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed., São Paulo: Hucitec, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletins Epidemiológicos**. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/boletins-epidemiologicos>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MONTEIRO, P.M.; ANJOS, J.L.dos. **Corpo, educação física e temáticas étnico-raciais: o estado da arte nas revistas brasileiras de Educação Física**. Disponível em: https://www.copenesudeste2019.abpn.org.br/resources/anais/14/copenesudeste19/1563245826_ARQUIVO_092c0f9638d133b37a008b28f88719ed.pdf. Acesso em: 21 ago. 2020.

MOORE, B. Injustiça: a base social da obediência e revolta. São Paulo: Cortez, 1987.

NASCIMENTO, A. M. R. do. **O hip hop como experiência estética: apropriações e ressignificações por jovens do ensino médio privado**. 2011. 110 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação—Universidade de Brasília, Brasília, 110p., 2011.

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO BRASILEIROS- NEAB/UFES. **Lugar de vivência e difusão da cultura negra Vitória-ES**. Disponível em: <http://www.neab.ufes.br/conteudo/lugares-de-viv%C3%Aancia-e-difus%C3%A3o-da-cultura-negra-vit%C3%B3ria-es> Acesso em: 02 fev. 2020.

NOGUEIRA, S. Intolerância Religiosa. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

NORRIS, P. “Political activism: new challenges, new opportunities”. In: BOIX & STOKES, D. The oxford handbook of comparative politics. Oxford: Oxford University Press, p. 628-652, 2007. Disponível em <http://ksghome.harvard.edu/~pnorris/Acrobat/Boix&stokes-chap26.pdf>. Acesso em fev. de 2020.

OLIVEIRA, A. R. de. **A participação política juvenil: uma análise das experiências de jovens na Rede de Jovens do Nordeste/PB**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 123p., 2016b.

OLIVEIRA, F. DE; ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e "paparicação". **Revista Educação** [online], vol.26, n.2, pp. 209-226, 2010.

OLSON, M. A lógica da ação coletiva. São Paulo: Edusp. 1999.

ONUKEIOWA, Ann. Youth and Conflict in Africa. September, 2014. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3018900. Acesso em: 10 fev. 2020.

OPAS BRASIL. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. 24 de jul. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 24 jul. 2020.

PALASSI. M.P. Ações coletivas e consciência política no mundo do trabalho: Dilemas Subjetivos da Participação nos Processos de Privatização. Curitiba: Juruá, 2011.

PALASSI, M.P; MARTINS, G.F.; PAES DE PAULA, A. P. Consciência política e participação cidadã de estudantes de Administração: um estudo exploratório em 16 uma universidade pública no Brasil. **Revista de Administração Eletrônica**, vol. 85 – N° 3 – set./dez., 2016.

PASSOS, J.C; NOGUEIRA, J.C. **Movimento negro, ação política e as transformações sociais no Brasil contemporâneo.** Revista Política e Sociedade, Florianópolis/SC, n. 28, p. 105-124, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n28p105/28902> Acesso em: 10 ago. 2019.

PAZ, D.T. **Aspectos constitutivos do engajamento e participação de jovens em coletivos socioambientais na região metropolitana de Manaus/AM.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 78p., 2017.

PINHEIRO, D.; ESTEVES, L.C.G.; NETO, M.F. **Políticas públicas de educação: o que pensam os jovens ativistas políticos brasileiros.** Revista de Estudios Brasileños, I semestre, Volume 4, nº 6, 2017.

PINTEREST. **Beco das Pulgas - Centro de Vitória (ES).** Disponível em:

<https://br.pinterest.com/pin/270145677627048646/?lp=true>. Acesso em: 22 out. 2020.

PIZZORNO, A. Condizioni della partecipazione política. In: Pizzorno, A. Le radici della politica assoluta. Milano, Feltrinell, 1966.

PERONDI, M. **Narrativas de jovens:** experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 260 p., 2013.

PRADO, I. A. D. A. **Batalha Mina: websérie sobre as batalhas femininas de rap do Distrito Federal.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 73p., 2017.

PRADO. M.A.I. **Da mobilidade social à constituição da identidade política:** reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 59-71, jun. 2002.

QUAPPER, K. D. ¿Juventud o juventudes? Acerca de cómo mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. In: BURAK, S. D. (Org.). Adolescencia y Juventud en América Latina. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001.

RAMOS, P.C. **Contrariando a estatística:** a tematização dos homicídios pelos jovens negros no Brasil. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 199 p., 2014.

RECK, J. **A Consciência Política dos Cooperados do MST:** o caso do COOPAC– Campo Verde/MT. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas: Unicamp, 2005.

RIBEIRO, E.A.; BORBA, J. **Participação e cultura política:** Rendimentos subjetivos da experiência do orçamento participativo. Revista Debates, Porto Alegre, v.5, n.1, p.67-87, jan.-jun., 2011a.

RIBEIRO, E. A.; BORBA, J. **Protesto político na América Latina:** bases individuais e estruturais. Texto apresentado no XXVIII Congresso da Alas. Recife (mimeo.), 2011b.

ROCHA, V.O. **Juventude e a reinvenção da ação política na universidade:** entrelace de culturas, histórias e projetos em formação. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1313030245_ARQUIVO_Juventude_eareinvencaodaacaopoliticanauiversidadereformuladofinal10agos.pdf Acesso em: 31 de mar. 2020.

ROSA, L.A. **Participação política:** diálogos entre consciência política e práxis política. Revista Psicologia Política, v. 15, n. 33, p. 391-403, 2015.

RIHANNA. Work. **Youtube.** 2016. 7min34s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HL1UzIK-flA>. Acesso em: 23 abr. 2021.

RUA, M. G. **As políticas públicas e a juventude dos anos 90.** Em: CNPD. Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas. Brasília: CNPD, 1998.

SÁ-SILVA, J.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Rev. Bras. de História & Ciências Sociais**, v. I, n. 1, p. 1-14, 2009.

SANDOVAL, A. M.S. Algumas reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil. **In:** SPINK, Mary Jane Paris (org.), A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, p. 59-74, 1994.

SANDOVAL, S. A. M. **Emoções nos movimentos sociais [Trabalho apresentado na mesa-redonda Emoções, Engajamento e Movimentos Sociais].** In: Encontro Nacional da Abrapso, Belo Horizonte, 13º, 2005. Anais... São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2005.

SANDOVAL, A.M.S. The Crisis of the Brazilian of labor movement and the emergence of alternatives of working-class contention in the 1990s. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v.1, p. 173-195, jan./jul, 2001.

SANDOVAL, A. M.S.; SILVA, A. S. O Modelo de Análise de Consciência Política como contribuição para a Psicologia Política dos Movimentos Sociais. In: UHNHUR, D.; LACERDA Jr., F. (Orgs.). **Psicologia, Políticas e Movimentos Sociais.** São Paulo: Vozes, p. 25-57, 2016.

SANTANA, J. V. J.; MORAES, J. O. **História do negro na educação:** indagações sobre currículo e diversidade cultural. Revista Espaço Acadêmico, Maringá/PR, n. 103, dez, 2009.

SANTOS, S.M.A. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica:** atores, perspectivas e desafios. PLURAL, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214241. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972/133158>. Acesso em: 13 set. 2020.

SANTOS, S. P. DOS. **Os ‘intrusos’ e os ‘outros’ quebrando o aquário e mudando os horizontes:** as relações de raça e classe na implementação das cotas sociais no processo

seletivo para cursos de graduação da UFES 2006-2012. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 390p., 2014.

SANTOS, L. M.R. **Políticas de Educação superior e ações afirmativas: o projeto negraeva no estado de Mato Grosso do Sul (2002-2004)**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 181 p., 2015.

SAVIANI, D. **Política e educação no Brasil: O papel do Congresso Nacional na legislação de ensino**. Campinas/SP: Autores Associados, 1999.

SEYFERT, G. As ciências sociais no Brasil e a questão racial. **In: SILVA, J. da.; BIRMAN, P.; WANDERLEY, R. (Org.)**. *Cativeiro e liberdade*. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, p.11-13,1989.

SEBRAE- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Os donos de negócio no Brasil: análise por raça/cor (2001-2014)**. Brasília: Sebrae, 2016. Disponível em: <http://observatorio.sebraego.com.br/midias/downloads/08032017145129.pdf> Acesso em: 20 abr. 2020.

SCAFF, Lawrence A. Two Concepts of Political Participation. *The Western Political Quaterly*, v.28 n.3 pp.447-462 Sep, 1975.

SILVA. A.S. **Acampados no “Carlos Marighela”**: um estudo sobre a formação da consciência políticas entre famílias do Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Paranapanema, [Dissertação de mestrado], PUC-SP, São Paulo, 2002.

SILVA. A.S. **Consciência e participação política: uma abordagem psicopolítica**. *Interações*, 6 (12), p. 69-90, Universidade São Marcos, 2001.

SILVA, A. S. **Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos movimentos e paradas do orgulho LGBT**. 1.ed. Curitiba: Juruá, v.1.514p., 2008.

SILVA, A. S. A identificação de adversários, de sentimentos antagônicos e de (in) eficácia política na formação da consciência política no MST Paulista. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 105-126, abr., 2007.

SILVA, A.S. **A Psicologia Política no Brasil: lembranças e percursos sobre a constituição de um campo interdisciplinar**. *Psicologia Política*. v. 12, n. 25, p. 409-425, 2012.

SILVA, E. R. A. **Participação social e conferências nacionais de políticas públicas: reflexões sobre avanços e desafios no período 2003-2006**. Brasília: Ipea, 2009.

SILVA, E.R.A. da; MACEDO, D.M.B, de. **O conselho nacional de juventude e participação social dos jovens no ciclo de políticas públicas**. In: SILVA, E.R.A. da; BOTELHO, R.U (Org.). *Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas* - Brasília: Ipea, p. 17-58, 2016.

SOARES, C.G. **Raça, classe e ação afirmativa na trajetória política de militante negros de esquerda.** Revista Política e Sociedade, vol. 11, nº 22, p. 41-74, 2012.

SOBRINHO, A.L.S. **Jovens de projetos nas ongs:** olhares e vivências entre o engajamento político e o trabalho social. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 115p., 2012.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P.de; A análise do discurso em estudos organizacionais. **In:** SOUZA, E.M (org.). Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional [recurso eletrônico]: uma abordagem teórico-conceitual- Vitória: EDUFES, p. 13-40, 2014.

SOUZA, J. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, L. V. S.; PALASSI, M. P.; SILVEIRA, R. Z.; SILVA, A. R. L. Aprendizado Político no Conselho do Orçamento Participativo em Cachoeiro de Itapemirim – Espírito Santo – Brasil. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, v. 24, n. 79, p. 1-17, 2019.

SOUZA, A. **Raça e política no Brasil urbano.** Revista de Administração de Empresas, vol. 11, no 4, p. 61-70, 1971.

TAJFEL. H. **Grupos humanos e categorias sociais:** categorização social, identidade social e comparação social. Lisboa: Livros Horizonte. Vol. 2, pp. 289-303, 1981.

TARROW, S. **Power in moviment:** social movements and contentious politics. Cambridge University Press, (1994, 1998) 2011.

TATAGIBA, L. 1984, 1992 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 35-62, set./dez. 2014.

TAYLOR, K.Y. O surgimento do movimento #vidasnegrasimportam. **Lutas Sociais**, v. 22, n. 40, p. 108-123, 2018.

TEORELL, J., TORCAL, M.; MONTERO, J. R. **Political participation:** Mapping the terrain. In: Van Deth, Montero, J. R. & Westholm, A (eds.), Citizenship and involvement in european democracies: a comparative analysis. London: Routledge, p. 334-357, 2007.

TILLY, C. From mobilization to revolution. Nova York: McGraw-Hill, 1978.

TILLY, C. Schedule for students of social movements. Cambridge University Press: 2003.

TIM MAIA. Imunização Racional (Que Beleza). **Youtube**. 5min07s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GB-14MXDlas>. Acesso em: 15 jul. 2020.

TOURAINÉ, A. La conscience ouvrière. Paris: Seuil, 1966.

TULLIS, J.A. Yo y los otros. La ética en la investigación autoetnográfica. In: CALVA, S. M. B. (Org). Autoetnografía: una metodología cualitativa. México: Universidad Au-

tónoma de Aguascalientes, p. 157-182, 2019. Disponível em:
https://editorial.uaa.mx/catalogo/ccsh_autoetnografia_9786078652891.htm.
Acesso em: 13 set. 2020.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 14º ed. São Paulo: Cortez, 2005.

UNIDADE NEGRA CAPIXABA. Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/unidadenegracapixaba>. Acesso em: 06 mai. 2021.

UN WOMEM. Women's leadership and political Participation. 2017. Disponível em:
<https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2013/12/un%20womenlgt%20hembriefuswebrev2%20pdf.pdf?la=en>. Acesso em: 16 jul. 2020.

VALADÃO, C.C. **A gente não quer só comida:** Políticas Públicas para a Juventude no Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo, 125p., 2013.

VALLE, L. P. **Rede Juventude Viva do RN:** enfrentamento ao genocídio da juventude. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 149p., 2017.

VELOZO, A. C. L. **A cultura rap e hip hop como ferramenta de contra-formação social para juventude.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Fluminense, 33p., 2018.

VERBA, S., SCHLOZMAN, K.L.; BRADY, H.E. Voice and equality. Civic voluntarism in American politics. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.

VIGENTIN, R. **Experiências e sentido da participação juvenil na contemporaneidade:** um estudo do Levante Popular da Juventude na cidade de Sorocaba-SP. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 115p., 2016.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2013:** homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO, 2013.

WARREN, S.I. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 13-34, set./dez. 2014.

ANEXOS

ANEXO I – DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO FORÇA PRETA (2017)



 Público · Qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook

Está chegando mais um Bekoo Das Pretas, a melhor festa de preto que você respeita. E já que se a coisa ta preta, a coisa ta boa, a próxima edição é de Resistência&Orgulho, é de Força Preta.

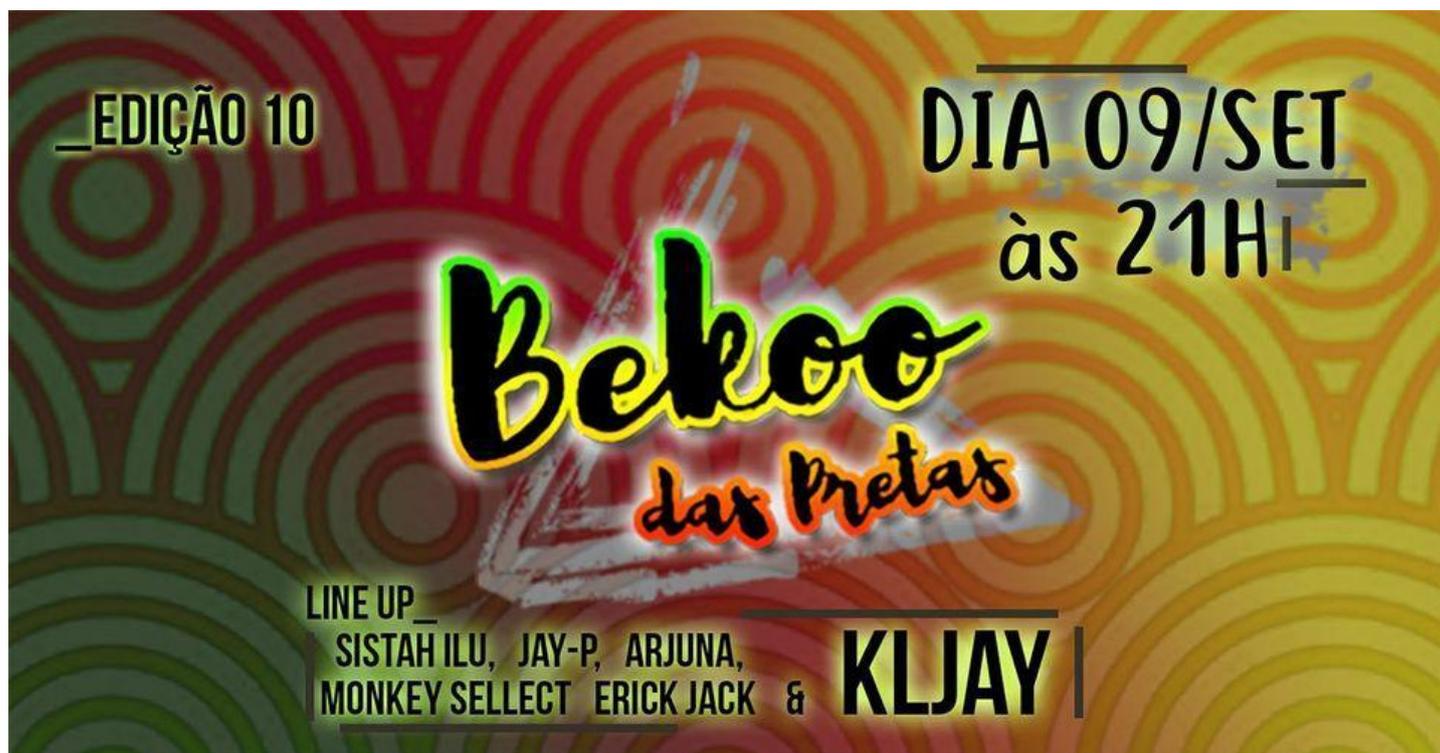
Para nos concentramos em outros projetos institucionais, e tirarmos férias merecidas, queremos festejar esse próximo evento com vocês. Mais uma festa afrontosa e lacrativa realizada e produzida pelo Instituto Das Pretas como meio de fortalecer a cultura negra capixaba.

ORGULHO + CONSCIÊNCIA + RESISTÊNCIA EM BLACK POWER

CHARME . RAP . TRAP . DUB . RAGGATON . AFROBEATS . FUNK .
DANCEHALL . KUDURO + TOMBAMENTO + RESPEITO + AMOR

Fonte: https://www.facebook.com/events/140981173142001/?active_tab=about

ANEXO II- DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO 10 (2017)



 Público · Qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook

Vocês acharam que a gente ia ficar muito tempo sem mexer a raba? Claro que não.

Vem aí a 10ª EDIÇÃO da MELHOR FESTA DE PRETO QUE VOCÊ RESPEITA.

Curtimos férias merecidas, mas aproveitamos pra planejar um novo ciclo para a festa mais afroespetacular de Vitória. Então, pega a visão que as manas só trabalham com sucesso.

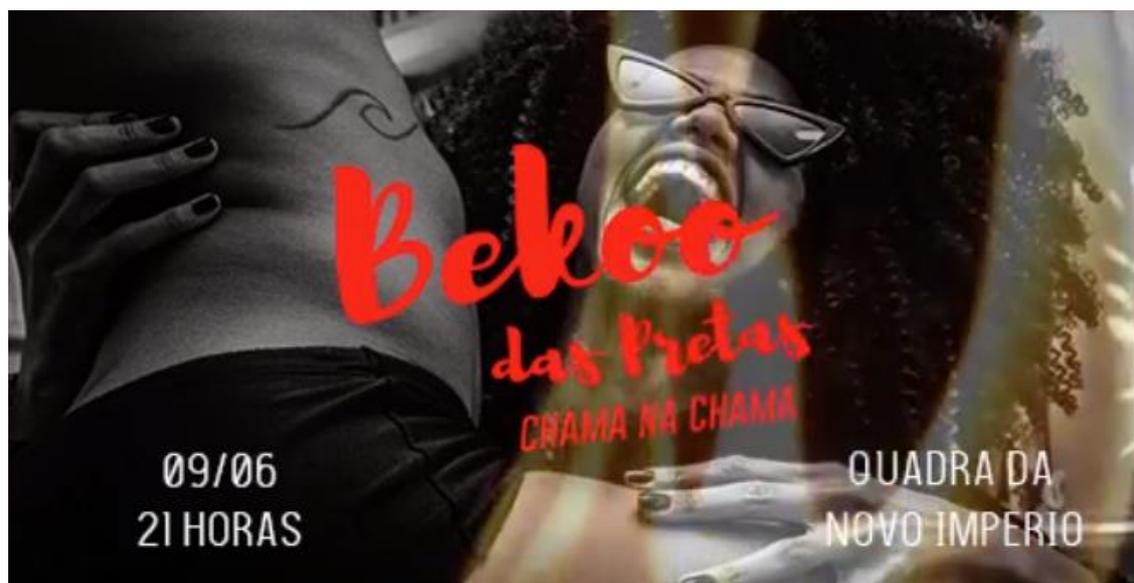
Mais uma festa realizada e produzida pelo Instituto Das Pretas como meio de fortalecer a cultura negra capixaba e o protagonismo das mulheres pretas.

ORGULHO + CONSCIÊNCIA + RESISTÊNCIA EM BLACK POWER

CHARME . RAP . TRAP . DUB . RAGGATON . AFROBEATS . FUNK . DANCEHALL . KUDURO + TOMBAMENTO + RESPEITO + AMOR

Fonte: https://www.facebook.com/events/1503664789714264/?active_tab=about

ANEXO III- DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO CHAMA NA CHAMA (2018)



🌐 Público · Qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook

VOCÊS ACHARAM QUE A GENTE IA DEIXAR JUNHO PASSAR BATIDO? JUSTAMENTE O MÊS MAIS SARRATIVO E ROMANTIQUINHO DO ANO? Claro que não.

A gente quer mais é aproveitar a proximidade com o dia dos namorados e botar fogo no seu parquinho.

A GENTE CHAMA NA CHAMA.
E VOCÊ? TÁ PREPARADO PRA EDIÇÃO MAIS HOT DELÍCIA DA MELHOR FESTA DE PRETO QUE VOCÊ RESPEITA?

TAMO TE AGUARDANDO BEM DISPOSTE....

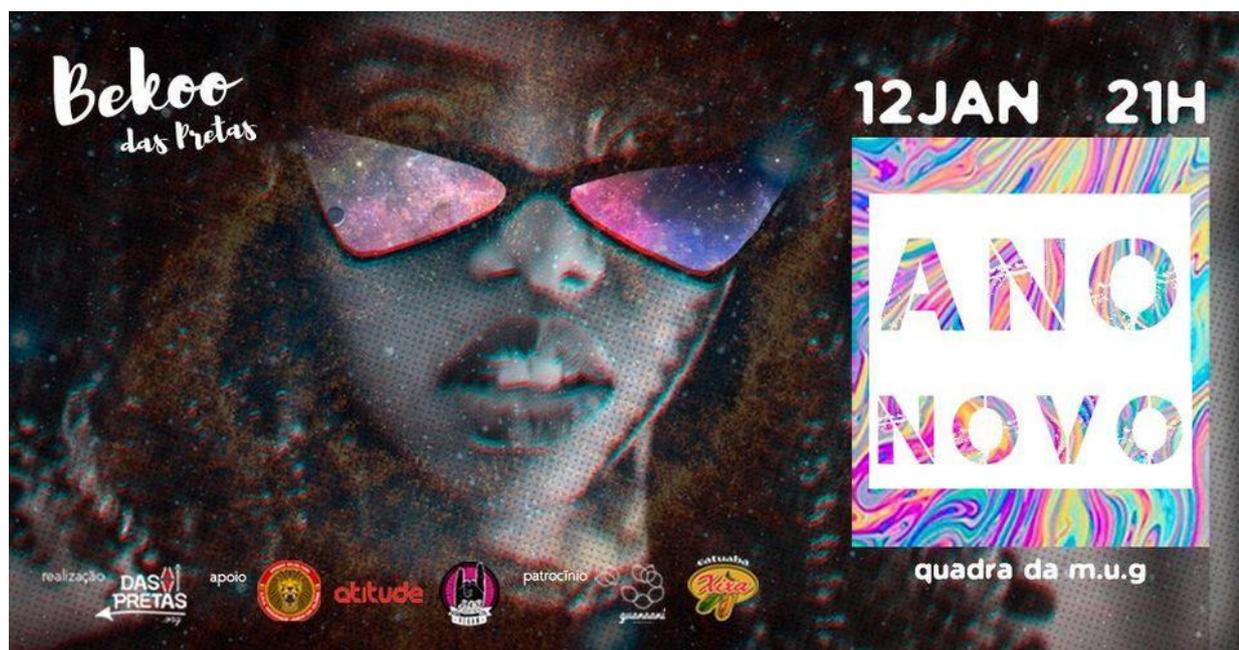
Uma festa afrontosa e lacrativa realizada e produzida pelo Instituto Das Pretas como meio de fortalecer a cultura negra capixaba e arrecadar fundos pros projetos de ação afirmativa da Organização.
www.daspretas.org

ORGULHO + CONSCIÊNCIA + RESISTÊNCIA EM BLACK POWER

CHARME . RAP . TRAP . AFROBEATS . KUDURO . DANCEHALL . FUNK .
TOMBAMENTOS + RESPEITO + AMOR

Fonte: <https://www.facebook.com/events/376383429514402/>

ANEXO IV – DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO BEKOO ANO NOVO (2019)



🌐 Público · Qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook

2K19 tá aí e a gente não pode miguelar, né!?

Então bora festejar no melhor estilo bekooniano, com muito branco, muito brilho, muito close e muito respeito – que quando a luz bater, só vai dar noizzz p.i.x.c.a.n.u.

Vem que vai tá melhor que Reveillhonn

((NÃO QUEBRA A CORRENTE E VEM DE BRANCO))

#bekoo2k19

Data: 12/01

Hora: 21hs

Local: Quadra da MUG (Glória/Vila Velha)

TOCA MUSICA DE PRETO - RAP | AFROBEATS | POP PRETO | DANCEHALL | VOGUE | TRAP | FUNK E TAMBORZÕES PERIFERICOS 🔥

LINE BRILHATE

MASKBEATS | SOULZA | THAÍS APOLINÁRIO | HANNA | MIRIAM ALVES (SP) | MURIEL FALCÃO

Fonte: <https://www.facebook.com/events/272940203394360/>

ANEXO V - DESCRIÇÃO DO EVENTO EDIÇÃO BEKOO JULINO (2019)



🌐 Público · Qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook

OLHA A COBRAAAAAAAAAA! é verdade rs

OLHA A PPK! é verdade rs

OLHA O BOZU! é MENTIRA rs

**

O baile vai até o sol RAÍÁ! Lá vem O ARRAÍÁ DO BEKOO pra botar todo mundo pra arrasta o pé, o koo e tudo mais. O caminho da roça todo mundo já sabe, dançar quadrilha? Não sabe? Num tem problema neim, cê fica na barraca do beijo. Num é porque estamos no clima de anariê que vamos deixar de fazer nossa feixinha com a misturinha do jeitinho que noix goxta...

**

LINE BALANCÊ BALANCÊ

🔥 Sistah Ilú |

🔥 Toró |

🔥 AlôPrando |

🔥 Gegeo |

... LOADING ...

Fonte: https://www.facebook.com/events/640253153108778?active_tab=about

**ANEXO VI - DESCRIÇÃO DA OFICINA INCUBA_NÓS IDP EM PARCERIA
COM O SEBRAE/ES (2019)**



CHEGOU A HORA DE FALAR DE DINHEIROS!!!

Alô mulherada!!!

Chegou a hora de juntarmos nossos saberes, ansiedades e planejamentos na gestão de nossos negócios para falarmos de DINHEIRO. E nesse Ciclo 3 do INCUBA_NÓS, nós faremos uma caminhada coletiva sensacional para sabermos mais sobre o assunto. Dia 31/08 a gente abre essa nova turma com uma imersão maravilhosa que vai te ajudar a organizar as suas idéias à sua imagem e à imagem do seu negócio - isso com as Deusas Ana Lima e Priscila Gama

....

Todos os nossos encontros acontecerão do SEBRAE/ES.

Se liguem na nossa programação:

31/08 - 08:30 IMERSÃO "Das idéias à Imagem" - Carga Horária: 8 horas; Custo: Gratuito

05/09 - 18:30 OFICINA "Controles Financeiros Melhorando a Gestão Financeira do seu Negócio" - Carga Horária: 4 horas; Custo: Gratuito.

10/09 - 18:30 - OFICINA "Orientações de Acesso ao Crédito" - Carga Horária: 4 horas; Custo: Gratuito.

28/09 - 08:00 - OFICINA "Canvas de Finanças" - Carga Horária: 8 horas; Custo: Gratuito

Objetivos: Desenvolver mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade social, fomentando o empreendedorismo como oportunidade de geração de trabalho e renda; Transformar a vida de mulheres que desejam ser protagonistas de sua própria história, realizando sonhos através da inclusão social.

Público-alvo: Empreendedoras; Em situação de rua; Idosas (60+); Imigrantes; Negras; Indígenas; Mulheres com deficiência; Reeducandas (em situação de reclusão); Refugiadas; Transgêneras; Vítimas de violência. **Ver menos**

Fonte: https://www.facebook.com/events/388348551876639/?active_tab=about

ANEXO VII - DESCRIÇÃO DO ENCONTRO DAS PRETA POTÊNCIA



Em sua quinta edição, o Encontro das Pretas ocupa de forma afirmativa o Parque Botânico da Vale no domingo do dia 08 de julho. O evento que tem o propósito de promover e resgatar a identidade da mulher negra, vai contar com atividades durante o dia inteiro, começando a partir das 9 horas da manhã.

O nome "Encontro das Pretas Potência - Epicentrando os Movimentos" surge da ideia de criar um "terremoto" de orgulho preto. O objetivo é unir conhecimento e fortalecer os variados movimentos da comunidade, num estado que possui índices extremamente altos de violência contra esses corpos negros. "Abrir caminho para uma sociedade melhor, onde mulheres negras não sofram tantas violências e que essa comunidade esteja de fato incluída e seja respeitada"

Teremos "Ônibus da Gratidão" saindo de Carapina e da Praça do Papa. Vai funcionar assim:

CARAPINA (entrada da Vale): 8h30 até 15h (30 em 30 minutos) / 17h30 até 19h (30 em 30 minutos)

PRAÇA DO PAPA: 8h20 até 15h (20 em 20 minutos) / 17h20 até 19h (20 em 20 minutos) Ver menos

Fonte: https://www.facebook.com/events/220627288762853/?active_tab=about

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO



Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Programa de Pós-graduação em Administração
 Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário - Goiabeiras
 CEP 29075-910 - Brasil - Telefax. (27) 4009-7712

Olá, o (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da Pesquisa com o título: A Juventude Negra Participando descendo até o Chão, Chão, Chão: Consciência Política ao som do Bekoo das Pretas.

Nome do(a) pesquisador: Marcos Sales Bezerra

Contatos Telefone/E-mail para dúvidas e esclarecimentos: (27) mbezerra.adm@gmail.com

Objetivos da Pesquisa: Nesta pesquisa pretende-se compreender como se configura a consciência política e participação desses jovens no evento Bekoo das Pretas.

Justificativa: não há estudo que analisa a consciência e a participação política de jovens negros (as) utilizando o modelo adotado nesta pesquisa no Espírito Santo (ES).

Sobre a participação na pesquisa: ao participar deste estudo o(a) Sr.(a) permitirá que o pesquisador utilize os dados coletados para fins de divulgação científica. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS n. 510 de 07 de abril de 2016. Sua participação consistirá em fornecer informações através de uma entrevista semiestruturada, participação de no máximo três grupos nominais com data e local previamente informados, meses estimados (novembro/dezembro 2020). Quanto ao uso da informação, todos os dados são estritamente confidenciais, sendo os nomes substituídos por nomes fictícios para manter a privacidade dos sujeitos da pesquisa, tendo a sua identidade preservada. Somente o(a) pesquisador e a orientadora terão conhecimento dos dados coletados, e os arquivos das transcrições das entrevistas e anotações gerais. Todo material resultante será guardado sob o poder do pesquisador durante 05 (cinco) anos, sendo então destruídos. A participação é voluntária e o(a) Sr.(a) pode a qualquer momento se recusar a responder qualquer pergunta ou desistir de participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. O(a) Sr.(a) receberá uma cópia deste termo com os dados do(a) pesquisador(a) podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Benefícios da participação: a participação possibilitará entender a conjunção das ações políticas de modelos de organizações, como o Bekoo das Pretas e esclarecer questionamentos sociais que, grande parcela da sociedade ainda se tem sobre importância para jovens negros (as) da conquista de espaços políticos, como este a ser analisado.

Sobre ressarcimentos, despesas, complicações legais e indenizações: você irá participar sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para a discussão do tema da pesquisa. Você não terá nenhum tipo de despesa, bem como nada lhe será pago por sua participação; entretanto, caso haja alguma despesa com a participação na pesquisa, haverá ressarcimento. Ressalta-se que a participação nesta pesquisa não traz complicações legais, pois apenas será solicitado o relato voluntário de suas percepções, crenças, valores e expectativas no que tange a participação política em mecanismos socioculturais, bem como experiências de ativismos e movimentos sociais. A sua participação poderá envolver riscos mínimos, como os seguintes: conflitos entre o que pensa e o que imagina que deve ser respondido; retorno a momentos que pode considerar triste; desconforto por ser perguntado sobre assuntos que podem lhe gerar certo constrangimento; despertar de memórias afetivas desconfortáveis; experiências políticas, a citar políticas de protestos. Para amenizar tais riscos, os objetivos desta pesquisa serão esclarecidos pelo pesquisador antes de iniciar a sua participação. Ao concordar em participar, você tem a liberdade de se recusar a continuar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Percebida qualquer possibilidade de danos emocionais, legais, asseguro que interromperei a produção de dados, e as medidas cabíveis serão discutidas, incluindo o informe ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e à Coordenação Nacional de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CO-NEP).

Denúncias, ocorrências, complicações legais ou consultas desta pesquisa: entre em contato com o comitê de ética pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO



Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Programa de Pós-graduação em Administração
 Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário - Goiabeiras
 CEP 29075-910 - Brasil - Telefax. (27) 4009-7712

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu: _____, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa, como participante da pesquisa. Fui suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim. Eu tirei todas as dúvidas com o(a) pesquisador: Marcos Sales Bezerra pelo e-mail: [REDACTED] e/ou telefone: [REDACTED]. Ficaram definidos para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou definido também, que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento antes ou durante a pesquisa sem qualquer penalidade.

Participante da pesquisa: _____
 Vitória/ES, _____ de _____ de 2020.

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa “**A JUVENTUDE NEGRA PARTICIPA DESCENDO ATÉ O CHÃO, CHÃO, CHÃO: CONSCIÊNCIA POLÍTICA AO SOM DO BEKOO DAS PRETAS**”, eu, MARCOS SALES BEZERRA, declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV.3 e IV.4 da Resolução CNS N. 510/2016, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Este termo será redigido em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas por ambos (pesquisador e participante) e o participante receberá uma delas.**

Pesquisador(a) (nome completo): _____
 Vitória/ES, _____ de _____ de 2020.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

I. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA ENTREVISTA:

1. Local da Entrevista: _____ 2. Município: _____
 3. Data: ____/____/____ 4. Horário de Início: ____/____/____ 5. Horário do Término: ____/____/____
 6. Tipo de Residência: _____ 7. Possui Internet: _____

II. CARACTERIZAÇÃO DO (A) JOVEM NEGRO (A):

8. Nome social: _____
 9. Gênero: _____ 10. Idade: _____ 11. Cor/Raça: _____ 12. Nº de filhos: _____
 12. Bairro: _____ 13. Município: _____
 14. Atividade política: _____ 15. Tempo desta atividade: _____
 16. Atuação Profissional: _____ 17. Renda familiar (per capita): _____
 18. Escolaridade: _____
 19. E-mail: _____ 20. Telefone: _____

III. QUESTÕES INTRODUTÓRIAS (TRAJETÓRIA DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA)

- | | |
|---|--|
| <p>21. Faça um breve histórico de sua vida.</p> <p>22. O que você entende por participação política?</p> <p>23. Se tiver grupo político. Faça um breve histórico de sua trajetória no seu grupo político.</p> <p>24. Se tiver grupo político. Neste grupo político, qual o papel que você exerce?</p> <p>25. Dentro deste grupo, você consegue apontar algum desafio?</p> | <p>26. Em caso afirmativo, que ações estão sendo desenvolvidas para resolvê-lo?</p> <p>27. Seu grupo político desenvolve atividades culturais para jovens negros (as)? Explique.</p> <p>28. O que você acha da participação política da juventude negra no estado do Espírito Santo? Explique.</p> <p>29. Se hoje você fosse participar de um evento, como o Bekoo das Pretas, que música não poderia faltar? Por que?</p> |
|---|--|

IV. QUESTÕES PARA ANÁLISE DO MODELO (CONSCIÊNCIA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA)

Identidade Coletiva:

30. Você se identifica com os objetivos do Bekoo das Pretas? Explique.
31. Você concorda com os comportamentos dos jovens negros (as) que participam do Bekoo das Pretas?

Crenças, Valores e Expectativas sobre a Sociedade:

32. Diante dos objetivos do Bekoo das Pretas, que expectativas você possui em relação ao contexto brasileiro atual?
33. Quais suas expectativas sociais que sustentam sua participação no Bekoo das Pretas?
34. Quais são os valores que sustentam sua participação no Bekoo das Pretas? (O que te faz ter vontade de frequentar o evento? Ou Por que você gosta de frequentar o evento?)

Interesses Coletivos (antagônicos e adversários):

35. O Bekoo das Pretas se tornou um evento de grande público na Grande Vitória. Na sua opinião, que outros grupos (público, privados, estado informal) podem prejudicar a sua realização?
36. Quais são os interesses coletivos que justificam a participação no Bekoo?

Eficácia Política:

37. Para você, o Bekoo das Pretas é capaz de promover mudanças ao jovem, ao modo dele analisar a situação história da participação política de negros?
38. Como você analisa a sua capacidade cotidiana de intervir em mudanças sociais? Explique.

Sentimentos com Respeito aos Adversários (justiça e injustiça):

39. Você já se sentiu injustiçado (a) socialmente? Explique.
40. Participar do Bekoo das Pretas diminui este sentimento de injustiça? Explique.

Vontade de Agir Coletivamente:

41. Estar no Bekoo das Pretas afetou sua participação em outras atividades políticas? Explique.
42. Você é filiado a algum partido político? Porque? Pretende se filiar e se candidatar em eleições?
43. Em algum Bekoo das Pretas você teve contato com outras identidades políticas (feministas, indígenas, pan-africanismo, quilombolas). Se sim, houve interesse em participar de suas ações coletivas ou movimentos sociais. Explique.

Metas e Repertórios de Ações:

44. Você concorda com as metas e ações do Bekoo das Pretas? Por que? Explique.
45. Se sim ou não. Quais metas ou ações deveriam ter e não tem? Explique.

APÊNDICE C – CRONOGRAMA DA PESQUISA

Objetivo: Identificar e organizar uma sequência de ações para a conclusão da dissertação

Ações	2019/2					2020/1						
	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Tarefa 1- Revisão Literatura			X	X	X							
Tarefa 2- Redação do projeto qualificação						X	X	X				
Tarefa 3- Revisão do projeto de revisão								X	X			
Tarefa 4- Qualificação										X		
Tarefa 5- Revisão projeto pós-banca (ajustes)										X	X	
Tarefa 6- Organização dos instrumentos para a produção dos dados											X	X
Ações	2020/2							2021/1				
	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Tarefa 7- Produção dos dados				X	X							
Tarefa 8- Análise dos dados						X	X					
Tarefa 9- Redação dos resultados (considerações)							X					
Tarefa 10-Revisão final (orientadora)								X				
Tarefa 11- Depósito da dissertação.								X				
Tarefa 12- Defesa da Dissertação.									X			

APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA DA PESQUISA

Objetivo: Permissão para realização de pesquisa junto ao Instituto Das Pretas (IDP)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO



Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Programa de Pós-graduação em Administração
 Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário - Goiabeiras
 CEP 29075-910 - Brasil - Telefax: (27) 4009-7712

CARTA DE ANUÊNCIA

Vitória (ES), 17 de agosto de 2020.

Senhor (a) presidente (a) do Instituto das Pretas (IDP) inscrito no CNPJ / MF sob o n. [REDACTED], venho por meio deste solicitar a permissão para realização da pesquisa intitulada: “A juventude negra participa descendo até o chão, chão, chão: consciência política ao som do Bekoo das Pretas”, sob responsabilidade do mestrando Marcos Sales Bezerra do Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, e sob orientação da Prof.^a Dra. Márcia Prezotti Palassi, docente da Universidade Federal do Espírito Santo.

Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada no período de agosto a dezembro de 2020, utilizando como fontes: documentos e entrevistas com base nos dados do IDP, que organiza o evento Bekoo das Pretas. Todos os atos estarão de acordo com a Resolução n°. CNS n°. 510 de 07 de abril de 2016. Os participantes da pesquisa receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Apêndice A, para que seja autorizada a entrevista. A fim de preservar a identidade dos entrevistados lhes serão atribuídos códigos ou nomes fictícios, conforme a resolução citada.

Solicito deferimento,

Mestrando – Marcos Sales Bezerra

Orientadora – Dra. Márcia Prezotti Palassi:

Deferimento atendido por: Priscila Gama de Oliveira – Diretora Presidente do Instituto Das Pretas.Org, Em, 20 de agosto de 2020.

APÊNDICE E – TERMO DE SIGILO DAS GRAVAÇÕES

Objetivo: Garantir o sigilo de cada informação pessoal, valiosa ao projeto respeitando a honra a imagem das pessoas como um cumprimento de dever legal.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO



Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Programa de Pós-graduação em Administração
 Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário - Goiabeiras
 CEP 29075-910 - Brasil - Telefax. (27) 4009-7712

Eu, Marcos Sales Bezerra, nacionalidade brasileira, CPF [REDACTED], assumo o compromisso de manter sigilo sobre todas as gravações de entrevista relacionadas ao projeto de pesquisa intitulado: “A juventude negra participa descendo até o chão, chão, chão: consciência política ao som do Bekoo das Pretas”, desenvolvido em parceria com o Instituto Das Pretas (IDP), mais especificamente com os jovens que frequentam o evento Bekoo das Pretas.

Por este Termo de Sigilo comprometo-me:

A devolver os resultados da pesquisa ao participante entrevistado e manter confidencialidade até que a pesquisa seja finalizada;

A não divulgar o nome ou qualquer informação que indique participação do sujeito da pesquisa sem a sua permissão;

A não identificar o participante da entrevista em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa

A manter sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos os dados obtidos pela entrevista e após esse período destruí-los, garantindo sua utilização somente para esta pesquisa;

Pelo não cumprimento do presente Termo de Sigilo, fica o responsável ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Aluno/Executante: Marcos Sales Bezerra, 06 de outubro de 2020.

Assinatura:

Marcos Sales Bezerra

APÊNDICE F – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A juventude negra participa descendo até o chão, chão chão: consciência política ao som do Bekoo das Pretas

Pesquisador: MARCOS SALES BEZERRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 39136620.9.0000.5542

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Administração da UFES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.371.962

Apresentação do Projeto:

No Brasil, o protagonismo negro da participação política sempre foi presente ao longo da história visto também antes do processo de redemocratização. No contexto atual, os mecanismos de participação da juventude são apontados como assunto de empenho dos últimos 10 anos das produções acerca do tema juventude na sociedade. Dentre os diversos grupos juvenis, o interesse da participação política da juventude negra, assume novos formatos, com maior ênfase, a partir de espaços não institucionais, sendo: ações culturais, religiosas, esportivas, organizações não governamentais e não condicionam nenhuma relação com o. Neste contexto, identificou-se no Estado do Espírito Santo (ES) um destes espaços protagonizados por jovens negras (as) que junto da ação entrelaçam objetivos políticos. Diante do que foi apresentado, propõem-se a realização de uma pesquisa exploratória utilizando um marco teórico da Psicologia Política. Neste caminho, se pretende analisar pela perspectiva psicopolítica, a participação política de jovens negros (as), no contexto instituído democrático, com o seguinte objetivo geral: Compreender a consciência política e participação de jovens negros (as) no evento Bekoo das Pretas. Quanto ao percurso metodológico, tem-se o que segue: 1. Analisar o evento Bekoo das Pretas; 2. Analisar a trajetória de participação política dos jovens negros (as) no Bekoo das Pretas e em outras ações coletivas relativas à raça; 3. Analisar as dimensões da consciência política para compreender a participação política dos jovens negros (as) no Bekoo das Pretas. Utiliza-se para analisar, a Análise de Conteúdo sob as entrevistas orientadas por roteiro, por meio de categorias a priori dimensionadas de sete

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



**UFES - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO - CAMPUS GOIABEIRA**



Continuação do Parecer: 4.371.962

"Dimensões Analíticas da Consciência Política para Compreensão da Participação em Ações Coletivas".

A investigação pretende alcançar três contribuições teórico-metodológicas a partir da pesquisa: (1) aos estudos sobre consciência política e participação política; (2) para os estudos organizacionais, ao aperfeiçoamento do Modelo Analítico de Consciência Política de Sandoval e Silva (2016); (3) e ao Bekoo das Pretas e modelos de organizações políticas similares, como processo de garantia da manutenção deste espaço.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender a consciência política e participação de jovens negros (as) no evento Bekoo das Pretas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Analisar o evento Bekoo das Pretas;
2. Analisar a trajetória de participação política dos jovens negros (as) no Bekoo das Pretas e em outras ações coletivas relativas à raça;
3. Analisar as dimensões da consciência política para compreender a participação política dos jovens negros (as) no Bekoo das Pretas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa possui caráter qualitativo e os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa é classificada como risco mínimo, não oferecendo em nenhum dos procedimentos usados riscos físicos ou morais, exceto algum desconforto psicológico, salvaguardado o sigilo dos dados coletados e respeito aos atores da instituição investigada.

O pesquisador descreve no TCLE os Benefícios e Riscos associados à participação no Projeto, quais sejam:

(I) Riscos:

A participação poderá envolver riscos mínimos, como os seguintes: conflitos entre o que pensa e o que imagina que deve ser respondido; retorno a momentos que pode considerar triste; desconforto por ser perguntado sobre assuntos que podem lhe gerar certo constrangimento; despertar de memórias afetivas desconfortáveis; experiências políticas, a citar políticas de protestos. Para amenizar tais riscos, os objetivos desta pesquisa serão esclarecidos pelo pesquisador antes de iniciar a sua participação. O participante tem a liberdade de se recusar a

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



**UFES - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO - CAMPUS GOIABEIRA**



Continuação do Parecer: 4.371.962

continuar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Percebida qualquer possibilidade de danos emocionais, poderá interromper a produção de dados, e as medidas cabíveis serão discutidas, incluindo o informe ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e à Coordenação Nacional de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CONEP).

(II) Benefícios:

Analisar o evento atrelado a uma organização sem fins lucrativos é benéfico pois, este lócus possui estreita relação aos novos modelos de ativismos e movimentos sociais. Em especial, quando trata-se da juventude brasileira, verifica-se que ela vem adotando estes mecanismos ao contestar a participação política para o alcance das políticas sociais. Um dos benefícios da relevância social se estabelece em fornecer elementos ao Bekoo das Pretas, ou modelos de organizações similares, aos quais, possam entender melhor a conjunção das ações políticas praticadas pelos jovens negros (as) sob a dimensão psicopolítica, como um dos processos de garantia da manutenção destes espaços. E não só entender, mas esclarecer questionamentos sociais que grande parcela da sociedade ainda se tem sobre importância para jovens negros (as) da conquista de espaços políticos, como este a ser analisado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O pesquisador se utilizará de entrevista com roteiro com até três grupos nominais de 10 participantes, entre novembro e dezembro de 2020, tendo como critérios de INCLUSÃO: jovens e negros (as); maiores de 18 anos; que residam no estado do Espírito Santo (ES); que tenha participado do Bekoo das Pretas por no mínimo 3 edições até outubro de 2020; e que tenha a disponibilidade de conceder uma entrevista individual com roteiro semiestruturado de modo online e participar de grupo nominal com horário e local acordado utilizando um dos recursos da modalidade remota (a critério do participante). Terá os seguintes critérios de EXCLUSÃO: estarão excluídos da seleção aqueles jovens negros (as) cuja participação no evento tenha ocorrido na função de colaborador (remunerada) em qualquer uma das 3 edições. Este critério de exclusão dos jovens negros (as) que colaboram de maneira remunerada, pois entende-se que, nesta condição, o motivo da participação está posto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta o TCLE, esclarecendo os possíveis riscos e benefícios aos participantes, mencionando que a qualquer momento da pesquisa poderão desistir e retirar seu consentimento dado. Também está destacado no TCLE o compromisso da preservação da identidade e do

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



**UFES - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO - CAMPUS GOIABEIRA**



Continuação do Parecer: 4.371.962

resguardo da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa; o acesso ao projeto de pesquisa e aos resultados; a cobertura e ressarcimento de eventuais despesas informadas e comprovadas; a garantia do direito facultado a busca da indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa. O cronograma está atualizado e estruturado adequadamente e distribuído de modo a atender os objetivos elencados para a pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa atende todos os requisitos necessários para sua aplicação em campo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado pelo Colegiado do CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1633091.pdf	12/10/2020 16:28:38		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Marcos_Bezerra.pdf	12/10/2020 16:27:58	MARCOS SALES BEZERRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	APENDICE_A_Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	09/10/2020 19:40:11	MARCOS SALES BEZERRA	Aceito
Cronograma	APENDICE_C_Cronograma_da_Pesquisa.pdf	09/10/2020 17:46:06	MARCOS SALES BEZERRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Comite_de_Etica_Marcos.pdf	09/10/2020 17:30:23	MARCOS SALES BEZERRA	Aceito
Outros	APENDICE_B_Roteiro_de_Entrevista_Semi_Estruturada.pdf	30/09/2020 16:51:42	MARCOS SALES BEZERRA	Aceito
Outros	APENDICE_E_Termo_de_Sigilo_de_Gravaracoes.pdf	30/09/2020 16:50:58	MARCOS SALES BEZERRA	Aceito
Outros	APENDICE_D_Carta_de_Anuencia_da_Pesquisa.pdf	30/09/2020 16:50:06	MARCOS SALES BEZERRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.371.962

VITORIA, 30 de Outubro de 2020

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com